TIPOGRAFIA
«VITÓRIA»
BARCELOS

PORTUGAL

BARCELOS

PORTUGAL

BARCELOS

BARCELOS

BARCELOS

BARCELOS

A Igreja do Bom Jesus da Cruz iluminada

BARCELOS

Traje Regional de Barcelos

Apontamentos complementares

para a

Historia de Barcélos

(Coisas dispersas que se relacionam com a mesma)

Coligidos por

Francisco Gomes de Silva

Tomo II.º

II.º Volume

1947

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 26793

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º

Barcelliana

A MOÇOILA VESTIDA COM O TRAJE REGIONAL OSTENTA VAIDOSA O EX-LIBRIS DA CIDADE

Um conselho e um pedido de desculpa:

Tudo quanto se encontra exarado nos meus "Apontamentos para a História de Barcellos", de cujos trabalhos foi parte este 4º volume, (e último) foi por mim, com muita paciência, ponderação e critério, reunido para servir de elemento de consulta a quem quiza escrever a "História de Barcellos" – "A Rainha do Cavado", – esclarecendo-a nos pontos em que ela está deturpada, porque, na verdade, muito trabalhada tem sido ela.

Este último volume destes meus atuados trabalhos constitue o complemento do que nos anteriores havia dito.

O Predecessor, pois, não pôde esperar de recolher aqui mais do que isto.

Deve relevar tudo que a anthurie, amor a boa caligrafia e má redação, porque são apontamentos.

Em apontamentos, tudo é permitido.

E... quem dá o que tem, não é mais obrigado.

Barcellos – 1947.

Francisco Coelho e Silva

Dem.ª Lisboa

Torre de Menagem —

Indice

Assuntos	Páginas
Freguesias do Concelho de Barcellos que a investigação historica aponta como dignas de menção	8
Abbadias	14
As invasões francezas em Barcellos	23
O Pintor barcellense Manuel Luiz Pereira	29
A Igreja de Vilar de Frades	36
O Convento de Bastuço	54
Abade de Neiva	57
Manhente	64
Nossa Senhora de Faxo – Litania de Boiz e Cruzeiro da Independencia	72
Balugães – Nossa Senhora Aparecida	89
Apontamentos diversos colhidos, "á fôa", da imprensa local	97
Barcellos é a Rainha do Cavado ou é a Dona do Cavado?	112
Supplemento para servir á Memoria Historica de Barcellos – Barcellinhos e Famalicão pelo P.e Domingos Joaquim Pereira – Abade de Lamas – (1867)	124
Costumes e trajes antigos (Vide pag. 214 do 3.º Volume)	157

Assuntos

	Páginas
Ciclones e outras tempestades e desastres	169
Curiosidades históricas – Mexicanas do passado barcelense – O Alferes Barcelense e outras	174
Epigrafia barcelense	181
Monumentos medievaes	191
O Alferes Barcelense	175
Posto Médico das Caixas de Previdencia	195

Assuntos	Páginas

Assuntos	Páginas

Assuntos

Paginas

Assuntos

Página

BARCELOS

Brazão de Barcelos

Traje Regional de Barcelos

8

Freguesias do concelho de Barcelos que a investigação histórica aponta como dignas de menção

(Capelas, nichos, cruzeiros e alfaias do culto católico)

e Alminhas

Freguesia de Aguiar – Capela de Santo António – Todos os assentos são evocadores, sugestivos e atraentes! Impõem-se estas adoráveis explosões fortíssimas de alma e coração, de alfenduadas agasalhadoras, fundamentalmente cristãs, com a deliciosíssima higienidade, mor, inebriante, das que se constroem actualmente nas outras aldeias, nada dizendo da função eleva da a que se destinam.

As alminhas espiritualizam ao máximo seu conjunto tão harmonioso!

– (Da Resenha Histórica de Barcelos – de J. Manuel Sampaio) –

9

= Freguesias do concelho de Barcelos que a investigação histórica aponta como dignas de menção =.

= Aguiar =

No alto da serra desta freguesia existem os alicerces arruinados de uma torre que se chamou de "Aguiar de Neiva".

Esse foral foi-lhe dado D. Afonso III em 12 de Julho de 1258 e foi reformado por D. Manuel a 4 de Março de 1512 em Lisboa.

Era abadia da Casa de Abreiro.

×

= Airó =

Na parte em que termina a freguesia de S. Tiago de Airó, ao sul, está a Casa em praça de Airó, ou de Vilas Boas, antigo solar da família deste apelido.

Ainda ali se vêem as ruínas da torre em que viveu Diogo Fernandes Vilas Boas, valoroso português que servindo nas guerras contra Castela, em 1328, no reinado de D. Afonso IV, arvorou na mais alta torre do seu castelo em sinal de festa, a bandeira que vestiu em Aljubarrota, cumprindo assim o voto que havia feito a S. Tiago apóstolo.

Os Vilas Boas são da primeira fidalguia de Portugal, e a residência do ramo primogénito desta família de antiga e notável heráldica, Br. António de Vilas Boas Sampaio, antes de ser intimada "Nobiliarquia Portuguesa".

×

= Alvelos =.

Esta freguesia é solar dos Alveles, donde procedem os antigos senhores de Esposende, por varonia do Pai de Leiro, por Lopo Anes de Alvelos, filho de Fernão Martins Salgo, neto do mordomo Martim Moniz, filho de D. Egas Moniz, que morreu intrépido e gloriosamente atravessado na ponte do castelo de Leiria (sic.) quando D. Afonso Henriques tomou esta cidade aos mouros em 1144.

Cambezes

Foi Couto privilegiado da Freguesia Cambezes da Sé de Braga.

Teve Juiz ordinario e ermanos por eleição dos moradores e obrigados pelo dizimo da Sé de Braga, que era o auditor desta Couto.

Gozava a Freguesia esses privilegios por isso correr a Sé de Braga, todos os sabados.

Foram concedidos por D. Sancho e D. Teresa a D. Fernando Ramires.

Carapeços

Existe nesta Freguesia a Quinta da Madureira, de que foi Proprietario o infante D. Pedro, conde de Barcellos que a deu a Pedro Bedes, um dos assassinos da Formosa D. Ines de Castro.

Querendo el-Rei D. Pedro I, cruelmente ferido pela morte da esposa idolatrada, mandou confiscar todos os bens dos tres assassinos de D. Ines de Castro, foi esta Quinta comprehendida n'esse acto de vingança ou menos justificavel.

Sendo comprada pelo Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, passou depois aos descendentes dos Viscondes de Chaves.

Bastuços

Querem se dirigir ao Mar onde está a capella de S. Sebastião, e virem sobre ele, verificará que ali houve edificações em remotissima epoca, taboas romanas, taboas arabes.

As navios validos desta freguesia tinham por obrigação a defeza da praça e do porto de Leixões em circumstancias de guerra.

Santa Locadia de Pedra Furada

(Por Maria Augusta da Camara)

A sete quilometros de Barbacena, na estrada que liga as Vertentes, fica a pequena freguesia de Santa Locadia de Pedra Furada, cuja população é constituida por lavradores proprietarios e por assalariados que vivem do trabalho da terra alheia e cuja unica ambição é ganhar o salario e a ceia diaria.

Aos domingos é luxo o prato de arroz e pela semana adeante, é maxima aspiração juntar algumas coisas para "dicitar figura" nas romarias dos arredores: - Prainha, Ressaquinha, Tanquinho e Cruzes, esta em Barbacena.

A bomba arrebatadora, abrigando o banquete de meia posta de carne regada com cerveja de verde, as voltas e reviravoltas da dança, ao som da viola e de harmonio, constituem essa diversão para o povo inteiro.

Segundo a tradição Santa Locadia teria sido entregue viva e um milagre teria livrado os seus malditos algozes a sua santidade.

Diz a lenda que a Santa se libertou da sua opressão jogando com a cabeça a rija pedra de granito que a oprimia.

Essa pedra ainda hoje é venerada no adro da igreja paroquial.

No dia da festa de Santa Locadia de Pedra Furada é devoção das moças casadoiras saltarem sobre a pedra sem meterem os pés pelo negativo humano.....

É pratica que lhes facilita o casamento, pensam elas.

Se a moça tem começado certo, este desembaraça-a na cerimonia com o intuito de remediar a desordem que o salto possa causar aos seus vestidos.

Um pouco ao norte da freguesia de Santa Leocadia, nas faldas do Monte da Franqueira, onde se encontram as ruínas do celebre Castelo de Faria, ergue-se a Ermida de Nossa Senhora das Brotas, sobre a escarpa da falcadia.

Diz a lenda que a nove fontes de agua fresca e saborosa que ali tinham nascente e cuja agua o povo attribuia um poder de S. João e para dava para ter feito um adequado remedio para os seus achaques.

A Senhora das Brotas é ainda a protectora do gado que os devotos ali conduzem no dia da romaria, ficando-se á volta da ermida uma autentica feira.

As relações do povo com a Santinha são tambem de ordem material, pois lhe confere uma funcção no bom da vinda dos bois e recebe dos donos a retribuição respectiva — offerta que lhe é feita em dinheiro ou grão.

A oitheira é vendida em leilão no adro, e a Missa do dia tem o nome de "Missa da oitheira".

Mailhares

Feira dos Fuzos e das Bóias

O amor, o grão e o caldo...

Combinado e ajustado o casamento, os pais dos noivos comprometem-se a fornecer-lhes mobilia e o caldo durante um ano, ficando o novo casal obrigado a pensar a panella e grão para cada refeição.

A residencia dos noivos, pouco luxuosa e resignada..., era já de ha poucos espaçosa para comportar os que lá viviam; mas, com um pouco de boa vontade, trocou-se arranjou.

Levantam-se e ajustam-se algumas taboas e assoalhos, compram-se umas duzias de telhas e, n'um

instante, se improvisam os abraçamentos pessoais de reencontrados.

Alguns meses decorridos, nasce a primeira filha e os avós, predilectos de uma pobre mãe que Deus lhe dera, reformam, voluntariamente, aquele contrato familiar, transformando-o em "pensão vitalícia".

As raparigas preferem, quasi sempre, os rapazes da sua aldeia, os seus, que dizem, "dão pelas vacas da sua ignorância e que sabem do viés"... — isto é, estão já bem especimentados nos usos e costumes em que elas cresceram e se educaram.

Se, por acaso, o noivo é de outra freguesia, bem depressa ele se habituará ao ambiente da família da sua mulher, confundindo-se com a espiritosa moral daquele velho rifão que, em Minhagens, proclama ser aplicado com justa simplicidade: — Cada terra com seu uso, cada vaca com seu fuso". ...

(Do jornal "A Barcelense")

× × ×

Carapeços

Quinta da Madureira

Na freguesia de S. Tiago de Carapeços, obra conselho de Barcelos está a antiga Casa e Quinta da Madureira — Quinta de Carapeços — (de que trata o Conde D. Pedro em seu nobiliário, liv. 2º, fl. 154), que hoje se chama da Madureira, com muitas fagendas, matas, montes e baldios.

Dela foi senhor João de Carapeços, casado com D. Maria Martins de Carvalho, dos Carvalhos da Terra de Barcelos e depois de viúvo D. Pedro, Conde de Barcelos, que a deu a seu neto Pedro Coelho, aquele meirinho-mór, grande valido e do conselho de D. Afonso V, a quem seu pai el-rei D. Duarte I mandou tirar o coração, estando vivo, por assassinar D. Gonçalo de Castro e confessando-lhe com mais dores. Foi confessada pelo arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, seu tio dela falecido, em cuja presença entregaram os Espíritos

reitor da Chaves, que a frequentaram depois.

×

A Casa e Quinta da Madureira - Campanhã

(Do "Aquem Cavado" - por Pinheiro da Fonseca)

A Casa e Quinta da Madureira, andaram ultimamente nos Abagados da Casa da Lixa, da freguesia da Lixa, do concelho de Baltar, foi dotada pela Snra. D. Maria Antonia de Sousa da Casa Abagado na Lixa do Arcebispo de Braga D. Manoel Vieira de Matos, para ali estabelecer uma casa de repouso para os alunos do Seminario d'aquela cidade.

As ortas que algumas casas dão!...

Vide pag. 282 do 2.º Volume e Paginas 260 do 3.º Volume

×

Quintiães

Em fins de Maio Santa Maria, ha a romaria da Nossa Senhora da Expectação ou Nossa Senhora do Ó.

Em uma vigairaria da apresentação do Convento de Cavoeiro.

A Igreja Parochial, esta situada em logar de Abrente.

Em meados do século XVIII teve grandes obras, ou foi fachada, bem trabalhada em granito, estilo renascença (com D. João V muito junto).

Á direita:

Sentence dentro d'uma capella existe na Igreja Parochial

~~~ × ~~~
~~~

12

Quintiães

Cruzeiro Paroquial do Século XVII

Depara-se ao viajante distante da Igreja Matriz, mas retanto mesmo.

Assenta em um pequeno patamar formado por três ordens de escadas, com ochava guarda-pedra, encimada por capitel jónico e cruz simples.

Na base, na face da frente vê-se um escudo enquadrado de cinco escudetes com as Quinas de Portugal e cercado por sete castelos; na face do lado direito tem gravado em alto relevo uma Cruz de Malta; na face de trás dois leões batalhantes; e na do lado esquerdo a figura, provável, do seu Cáfado.

×

Palme

Tem por orago Santo André. Era uma vigairaria da apresentação do Abade do Mosteiro beneditino desta freguesia.

O mosteiro de Palme é de fundação anterior à da nacionalidade portuguesa.

A edificação do convento e grande cêrca, documentada nos seus cabeceiros e sinalizando nos seus Brasões, foram ordenadas pela família Moniz de Bivar.

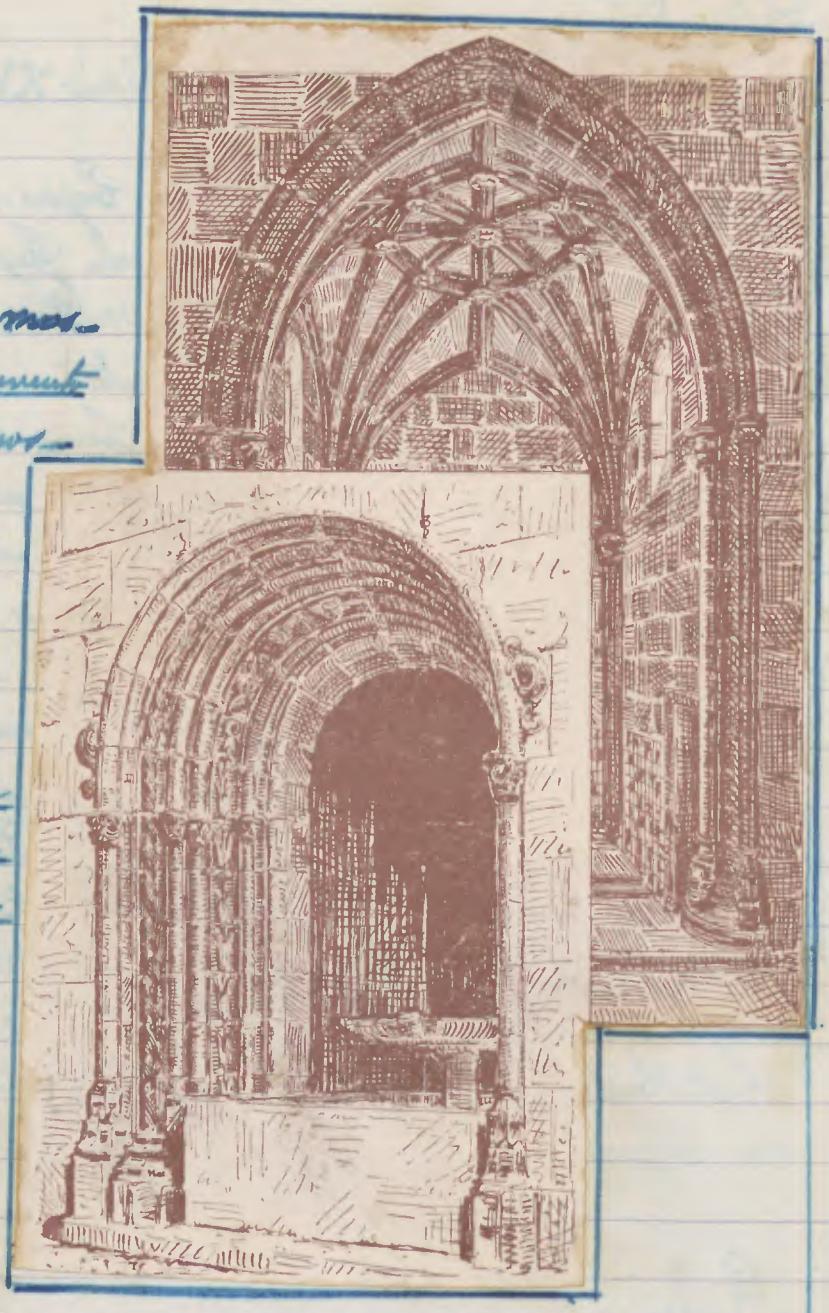
A edificação do convento nova-se durante o século XVIII.

Existiam neste convento ainda muito poucos anos a seu.

Palme!

A' direita!

Capella-mór do mosteiro do antigo Convento de Santo André, mostrando a linda abobadado do ultimo periodo Gótico e o portico da mesma egreja, hoje destruido, servindo como de supporte a umas escadas.



A' direita

Martim

Egreja de Santo Antonio

Martim, tem por orago Santa Maria tem a invocação de Nossa Senhora da Expectação ou das Dores. A capella de S. Antonio pela sua architectura primeva deve ser do sec. XVIII. Ainda que mais estejam bem conservadas é uma linda templosinha correspondente ao mesmo periodo Gothico Portuguez.

Nesta freguesia um sitio onde se reservam a Mãe

13

mor Santo, que deve ser esta pessoa aqui mandada depois da conhecida da estátua, no geral, corre na tradição que tinha por devoção da imagem de seu patrono a tão célebre e decantada invocação:

ST.º ANTONIO. DE. PADVA. NATVRAL. DE. LISBOA.
ORA. RESIDENTE. EM. MARTIM. MANOEL.
LVIZ. PEREIRA. O. FEZ. EM. BARCELOS.

Esta inscrição foi com certeza apagada entre os restauros de 1912.

Não há dúvida que esta inscrição existiu, pois os pessoas que ajudaram a levantar a estátua afirmam-no e não custa acreditar na sua existência, pois a pintura que a acompanha tinha a evidente função de evitar que as suas palavras dizeres ficassem totalmente apagadas.

"Esta obra foy por devocação no anno da peste de mil e quinhentos e sessenta annos."

Alvorim -
Espécie que tem por nome São Martinho.
Era vigário do Convento da Conceição.

Á esquerda:

Cruzeiro de S. Sebastião
É com grande pesar profundamente impenitente!
A consciência domina-a na sinceridade da sua escultura, impregna-a duma misteriosa paz.
Para que haja perfeita harmonia entre o modesto conjunto até aqui descrito e as grandes proporções do horizonte circunstante.

Fragôas

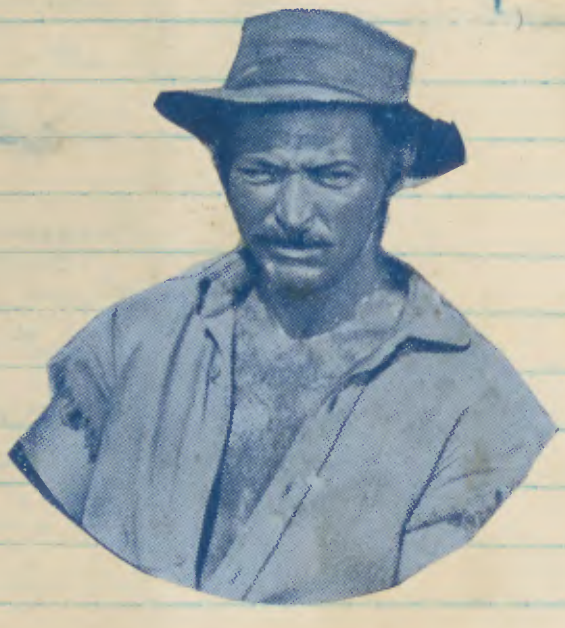
Quinta da Torre

À direita:

Pedestal colocado à entrada da Capela da Casa.

As esculturas parecem revelar a influencia francesa da época ogival.

Foi entanto o deficiente estado de conservação, as molduras da base e ainda a indumentaria das figuras, a disposição dos cabelos, da sua este pedestal, denunciam o renascimento do séc. XVI.

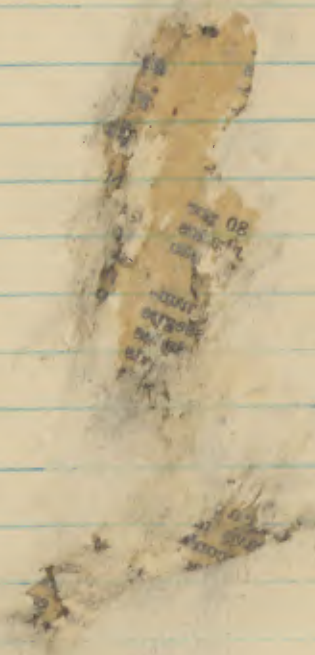


Alminhas

"Alminhas" em Vilar de Frades – Concelho de Barcelos –

As Alminhas espiritualizam ao máximo um conjunto tão harmonioso!

(Da Revista Histórica de Barcelos por J. Manuel Sampaio)



Alminhas

(Publicação feita n'"O Comercio do Porto" de 24-6º-949)

Os caminhos são almas vivas. Muitos passam e não os compreendem. E, todavia, dizem-nos coisas, constantemente. Nós é que não ouvimos. Ali, à esquerda, ha uma oliveira onde se ouviu, ha tempos, um desgraçado. Ha pouco silveiral mais denso, aceitam-se os melros, ha sécolos. Naquele velho pontão de pedra, sentaram-se namorados que já morreram. O moinho e a casa deserta estão perto do rio. Foram o ninho de várias gerações. Depois, dispersaram-se. Uns emigraram para longes terras e não voltaram. Outros dormem lá em cima, no cemiterio da aldeia, debaixo da sombra dos ciprestes. A mão do tempo foi destruindo tudo e só restam cinzas e destroços. E não ha nada mais horrivel que a contemplação dos mortos, na sua imobilidade, no seu silencio augusto e na grandeza do seu mistério estarrecedor. Não compreendemos a significação daquilo, não aceitamos a realidade medonha, não nos conformamos de sastre imposto á nossa miseravel condição. Só nos resta orar e rezar. A Igreja nunca se esqueceu desta verdade. A sua intuição maravilhosa soube ensinar-lo, com livros e com piédosas. O culto dos mortos é tão velho como o Mundo.

É o grito da terra gritando a beleza da eternidade, a transigencia da fraqueza gritando a duvida do destino, a oração trágica da carne sob o império da ignorancia, do medo, da impotencia e do infortunio. As alminhas são saudades vivas dos imortais, altares em madeira e pedra, onde imaginarios e pintores são poetas incolores e desconhecidos, saudades dolorosas que teem voz, e gestos e lamentos, e lagrimas, mas poetas nos traços e nas encruzilhadas, no recolhimento funebre

das ajoias. Vejo-as, aqui e além, nos pontos vagos da paisagem, perto dos córregos, nas ladeiras ingremes dos pinheiraes, nos cerros penhascosos das altitudes, nos arvoredos dos desertos das montanhas inóspitas e negras, nos calvarios alemtejos dos precipicios. Vejo-as perto das levadas, junto das aribanas, á beira de páteos e cómoros, por onde passam rebanhos e voam ápuias, por onde volteiam abelhas e borboletas, e pirilampos e praintas, junto das aguas cantantes de cascatas e em covas fundas e tenerosas que parecem sepulcros. Gravo na memoria todas as alminhas que encontrei em Arouca, em Penacova, em Coimbra nos arredores de Coimbra, desde S. Marcos ao pinhal de Marrocos, desde o Senhor da Serra a Miranda do Corvo e a Penela, de Assafarge, Nazaré da Ribeira, S. Martinho, S. João do Campo e Conraria. Algumas são toscas de fabrica impenna e simples, com os pucadores no Purgatorio, tambem por chamas vermelhas implorando a misericordia do céu; são como certos retabulos primitivos destinados a capelinhas de aragens bohemicas das romarias. Outras assemelham-se a maravas gevoleiras, esculpidas em granito, com a sua cruz, as inscripções em portuguez antigo, muitas vezes em latim, postadas como sentinellas tristes do passado, como estranhas esfinges de civilizações desapparecidas. Todas elas com a Pedra Bruta, Ave-Maria classica, emmolduradas em muros de pedra solta, nos troncos das arvores seculares, nos silvados ermos onde as aves fazem ninho. Em certas aldeias, parecem uma via-sacra de amor, de ternura e de intensa emoção dramatica. Quem ali passa, leva, instintivamente, a mão ao chapéu e vae andando, com agulha supti-

ca doce e generosa nos ouvidos, sem receio de pre-sentimentos maus e confiante no bom presságio da jornada. Adorei sempre, desde a infancia, todas estas alminhas piedosas e tristes, andando comigo nas peregrinações de rapaziada e conversando com elas, minhas companheiras do meu espirito, claridade e sonho nas horas ermiantes de duas fés, nas crises de tédio, de pavor e alucinação. Vejo-as sempre com o seu ar tranquilo, carinhoso, acolhedor, como uma escola aos pobres que rapaziam, como um sorriso cristão às vidas transviadas. ___ U. A. ___

× × ×

= Inha-Almas - Reflexos de Sombras =

(D'A Borboleta de 22 de Maio de 1948 - Jan F.C. e Silva - Sto. d'Inf.ª - 'U.')

Ha muito tempo que ando na disposição de nesta humilde secção, pedir aos dignos frades do nosso convento, para fazerem reviver a veneração pelas minhas das "Alminhas" que a ponto das aldeias ainda mantinham como tradição sagrada desde a fundação de Afamado da Fonte. tendo-se deixado alcançar em todos os lugares, pelos habitantes pelo pior mais obscuros que fossem, prova eloquente afirmar a fé de um povo peninsularmente católico.

N'outro dia - (Sob emoção) - "A Correio da Beira" provocou-me a vontade de tornar efectiva a ideia com que alimentava durante o antigo referente às "Alminhas da Ponte", da cidade da Ponte: - Deixem passar pelos caminhos tranquilos das aldeias, dominados de pinheiros e carvalhos, de piso revolto e difícil, encontra a cada passo, fincada em cruz de pau a assistir diga a assinalar o local onde houve morte com risca sanguenta ou traiçoeira espera ou desgraça, sob característicos alfenim com minas alminhas como o povo lhes chama na sua linguagem singela.

Em regra, a pintura é primitiva, de cores esmaecidas pelo tempo, mas ainda visíveis no vermelho ateado das labaredas calcantes envolvendo figuras de réprobos, de mãos espalmadas, a boca torcida num esgar de dor sentindo prematuramente nas carnes todo o fogo dos infernos, em castigo das faltas de que se tor-

naram enlpados na sua passagem por este mundo.

Ha ali, na arte primitiva e ingenua dos pintores da aldeia que acumulam, em regra, com a arte de pintura de predios e fachadas; mas ha tambem um pouco de crença simples e cheia de fé, de gente dos campos, que reza todos os dias, a Nossa Mãe e vae à missa ao domingo, em dia de festa lavar os seus peccados!"

Aqui fomos a Fonte, não só pelas estradas, mas tambem pelos caminhos vicinaes, e por estes principalmente, se encontram muitos padrões de fé que os antepassados crentes deixaram aos vindouros a assignalar uma perfeituidade immemorial de um culto que tem alma de fé juvenil.

Ha tambem muitas casas pelas aldeias, que ao lado das suas portas teem as suas "Marminhas" aonde os pobresinhos, depois de receberem um naco de pão como esmola, rezam commovida e agradecidamente pelas almas mais queridas dos que lhes acabam de matar a fome.

Todas as "Marminhas" teem o seu cunho de santidade e religiosidade, rezar porque todos nós devemos conseguir com que o povo volte de novo a consagrar-lhe a veneração que os nossos antepassados lhe dispensavam e já que não é possivel fazer brilhar dentro dos seus nichos as suas lampadinas de azeite que se lhe prendam flores perpetuas dos campos até flores da urze ou do mato, pelas quaes se veja que as mãos das almas crentes voltam de novo a cuidar religiosamente por todos estes padrões de fé, embora se diga que eram de lendas ou tradições populares mantidas por gerações desde ha seculos.

Que todos os dignos parochos me dêem e recommendem este assumpto nos differentes organismos catholicos das suas freguesias, principalmente nos das juventudes, são os meus desejos para que de novo veja fulgir o respeito e a veneração pelas "Marminhas" do nosso concelho. - Z. -

O Nicho

d'As Alminhas

convida-nos a rezar pelos mortos

Podemos orar em qualquer parte e a qualquer hora.

= Pai Nosso, que estaes no Céu. =

Vou hoje, cara leitora, falar num assumpto bastante pesado.

É sobre a prece.

Assim disse Jesus:

"Quando orardes, não façais como os hypocritas, que gostam de orar em pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos dos homens.

E em verdade vos digo que elles já receberam a sua recompensa; mas quando quizer orar, entrae em vosso aposento, e, fechada a porta, orae a vosso Pai em secreto; e o vosso Pai que vê o que se passa em secreto vos dará a propria.

E quando orardes, não falleis muito como os gentios que cuidam que pelo seu muito falar serão ouvidos.

Não queiraes, portanto, parecer-vos com elles, porque o vosso Pai sabe o que vos é necessario primeiro que lhe peçaes". (S. Mateus cap. VI. vv. 5 a 8.)

É facil comprehender que o valor da prece está no pensamento.

Não depende nem do logar em que estamos, nem das palavras da occasião.

Podemos orar em qualquer parte e a qualquer hora. O que exige a prece, é uma profunda meditação.

Se tentarmos lêr as palavras que pronunciamos, formando imagens claras de todas as frases, é que a nossa oração será ouvida.

Muitos de nós pensamos que não vale a pena rezar pelos mortos, porque, só duas alternativas para elles existem; ou Deus lhes perdoa as faltas, ou está condemnado ás penas eternas; e em qualquer dos casos, é inutil rezar.

Admittido sem discutir, o facto de haver um inferno eterno para os que morreram no peccado, ainda assim, cara leitora, ainda assim a prece era uma caridade.

Essas orações apesar de não lhes poderem tirar as penas que teriam de sofrer, não iriam diminuir-lhes o martírio, ao se verem lembrados na Terra por alguem?

E não será essa prece, uma prova de piedade? Assim, sejam quais forem as vossas crenças, orae.

Orae pelos suicidas, por aquele que morreram desamparados, orae por todos os que agonizam ou que sofrem nos hospitaes, orae por aquele que não puderam tocados ainda pela bondade de Deus, orae pelos perversos e pelos vossos inimigos.

O vosso pensamento sincero e puro, irá até eles, e se transformará em lenção para os enfermos e luz para os que vivem na treva.

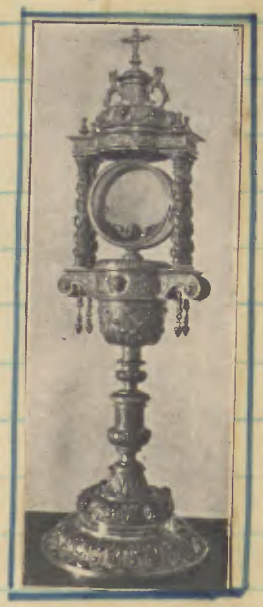
E o vosso Pai que está no Céu, vos recompensará.

~~~ x ~~~
~~~

-Gilmonde-

-Aguiar-

-Fegosa-



-Custódias e Cruz processional, em prata, do século XVII.-

×

Parece não é isso em anniversaria com cunho acentuadamente artístico, sendo vulgares as custódias ano a de Fegosa.

-Serzedo-

-Cruz processional-

×

= Freguezia de Areias (S. Vicente) =

= Inauguração do "Busto" ao Conselheiro Pe. Domingos José de Souza, Prto-Notario de Sua Santidade =

Foi solenemente inaugurado um Busto, dente grande Benfeitor não só desta sua Freguesia como de muitas casas de Caridade de Barcelos.

Esta grandiosa homenagem postuma foi efectuada no dia 1 (domingo) de Outubro de 1950, com a assistencia de todas as Autoridades civis e militares de Barcelos a que se associaram muitas milhares de pessoas forasteiras que tomaram aos festejos na Freguesia de Areias (S. Vicente), com entusiasmo, uma banda de Musica e muitos foguetes.

Este Busto foi colocado e inaugurado na Largo da Igreja Paroquial.

Esta iniciativa deve-se ao Pastor da Freguesia Pe. Francisco Castilho que Paroquiava a mesma ha mais de dez anos, nesta altura.

22

23

As invasões francezas em Barcellos

Um sacrificado

Bernardo Limpo da Fonseca, filho do dr. João Nepomuceno

- 1809 -

A invasão francesa em Barcelos

O Pétain Português

Chamou-se João Nepomuceno Pereira da Fonseca e Silva Veloso

(Publicação feita no jornal "Diário do Norte" de 5ª feira 16 de Agosto de 1917 - Porto - sob o pseudonimo P.A. — (nº 1748 - Ano III)

I

O Solar da Torre de Moldes

No fundo do Campo da Feira, a nobre Casa da Bagoeira dos Faias, onde, muitas vezes, estive hospedado do Visconde de Moura Telles.

Da Família da Casa da Bagoeira, um dos mais ilustres armadores foi D. Gaspar de Faia, que exerceu o episcopado em Braga do Maranhão.

Com o Marechal Pétain, recentemente falecido na ilha de Yeu, ficou a Humanidade conhecendo uma das vítimas (mais uma) da ingratidão dos povos em relação aos que bem os servem e defendem da morte a que outros fogem — exactamente aquele que, mais tendo beneficiado de tais actos de dedicação e abnegação, mais e mais mais impunemente esqueceu e beneficio recebido para, apenas, se lembrarem de que não deve esquecer - se de acompanhar os detractores atirando às vítimas as pedradas ingratas da sua ingratidão covarde.

Em cada pátria pode haver um Pétain — ponto é que haja alguém com a noção de dever na turbamulta de inconscientes que apenas sabem exigir honras que a outros pertencem por direito e sacrifício.

Cumpre a cada um da pátria com honra os deveres de gratidão.

O Pétain Português

No século passado, Portugal teve, também, o seu Pétain .... em Vichy.

Em 1807, as tropas francesas do comando de Junot, invadiam Portugal, pelo Norte, atingindo Braga em 20 de Março.

Bali, seguia sobre Barreiros uma divisão comandada pelo general Lorges, que lá chegou no dia 22, uma quarta-feira.

Vivia, então, em Barreiros, o Desembargador e Corregedor dr. João Severiano Pereira da Fonseca Velho e Silva, irmão do dr. João Valério Pereira da Fonseca Juiz em Castelo Rodrigo.

Filho e neto de fidalgos, o dr. João Severiano nascido no Solar da Torre de Moncorvo, na freguesia de Felgueiras, do concelho de Barreiros, em 21 de Julho de 1750, foi juiz preste de Alfândega (Alentejo), onde casou com D. Francisca Maria Isabel Limpo de Brito Guerreiro de Abreu, senhora da melhor fidalguia alentejana, filha de João Abreu Pereira Guerreiro, de Alfândega.

De Alentejo, transferiu-se o dr. João Severiano com para Barreiros onde passou a exercer as funções de Corregedor.

O resistente

Quando da invasão de Soult, o dr. João Severiano entregou-se afincadamente, em sua casa e juntamente com sua mulher, filhos e criados, em fabrico, durante a noite, de munições que, depois, distribuia aos patriotas que se empenhavam na defesa de sua pátria.

Após o avanço das águias napoleónicas, juiz e Desembargador organizou uma resistência efectiva, que se batesse até final.

Quis, mas não pôde — e ali começou a sua tragédia.

A medida que via aumentar a dificuldade de obtenção de homens válidos e a regimentação de armas, verificava também o crescente número de fugidos a que se juntava o contínuo miserável de mulheres e crianças.

A resistência pelas armas era, porém,

25

portuguesa, a não ser como símbolo.

Houve então manifestações bem a favor, pois ouviu-se o dr. João Resende em voz alta a catastrofe do assalto e do saque, do incendio e da violação, entendendo-se com o invasor no sentido de lhe expor os inimigos.

No entretanto, Lopes chegava já, ao lado da Varanda, arrabaldes de Barcelinhos, onde o ajuntamento das autoridades.

Acompanhado de Oficiais da Justiça, o dr. João Resende foi esperá-lo, pedindo que os soldados respeitassem os habitantes e não fraternizassem com a retaguarda.

Com firmeza, promessa fornecem-lhes abastecimento, na Calçada da Feira.

O inimigo acedeu, cumprindo em parte o que prometera, e Lopes estabeleceu quartel-general na Casa da Bagoeira, propriedade da Família dos Leites, e ficando as tropas acampadas no Campo da Feira, no Campo de S. José, na Ponte do Couto e nos Outeiros da Senhora de Ó e da Granja.

Para a guarda de avanço, entrincheiraram-se Cêrca do Cemitério dos Frades Capuchos. (hoje Cêrca do Hospital).

O solar da Torre de Moldes, residência de Pelaio português e, agora, propriedade de uma família

Ao fim e do Campo da Feira, a nobre Casa da Bagoeira, dos Farias, onde Lorges instalou o seu quartel-general

II

(Diário do Norte nº 7748 de 19 de Agosto de 1957)

— A vítima — Reabilitação —

Não sei se os franceses, quando por cá passaram fazendo troça à custa de tropelias, alguém dia ouviram aquele conhecidíssimo ditado ensinando que "não ha bem que sempre dure, nem mal que nunca acabe".

Ouvissem ou não o certo é que lhe experimentaram a verdade.

Assim é que, pouco após, foram desalojados as tropas de Soult e tiveram em retirada.

Sentindo-se de cargo que desempenhara, o Sr. João Fernandes recolheu-se ao seu solar da Torre de Moles, meditando na ingratidão daqueles a quem salvara a vida com honra.

26

Atingido por processo contra ele movido por traição à Pátria, nunca mais saiu de sua casa, mergulhando em sua horror e dor de fantasmas incompreendido e consolando-se, apenas, com a tranquilidade de sua consciência e o amor de sua mulher e filhos.

Até que, uma noite, bateu-lhe à porta pesadamente de ordenanças aqui aquartelada, conduzindo o capitão José Bernardo Maciel, do "Conto de Capoeiras" que o prendeu e o levou amarrado sobre uma mula, para Vila do Castelo e daí para o Arraial de Valdevez onde tinha estabelecido sede provisória o marechal de campo José Antonio Botelho.

Organizado um processo rapidíssimo, em Conselho de Guerra presidido pelo general Botelho com todas as ilegalidades inerentes, falta de testemunhas e articulação, como prova, de infames cartas anônimas acusando o Traidor, Tiradentes foi condenado à morte e fuzilado na vila de Aires, na madrugada do dia 7 de Abril de 1809, proferindo, corajosa e altivamente que lhe não reconhecessem os juízes e juntantes de a sua sentença: — "Não fui traidor".

Foi assim gritando que caiu varado pelas balas executor.

Nesse dia, o capelão-mor Jerônimo José Barbosa escreveu no livro dos assentos do óbito: —

"Jaz Tiradentes que foi desembargador e corregedor da Bahia, foi esquartejado e morto em Terreiro do Capinha Santa desta vila, na presença do exército que comandava o general Botelho, segundo o resultado do Conselho de Guerra a que presidiu o dito general."

— Revisão e reabilitação —

Em data seguinte, a viúva do dr. Joaquim Tiradentes e seus filhos — Bernardo Limpo da Fonseca, de 8 anos, Diogo Pereira da Fonseca e dr. José Antonio Pe-

reira Guerreiro, Juiz em S. Braga da Cruz — tra-
tando de obter a revisão do processo e a reabilita-
ção do sacrificado à fúria da inemputação
e da dólia mesquinha, pedindo ainda, em carta
régia a Conselho de Guerra que o julgara como traidor.

Diz assim a Sentença dada pelo Presidente
e Juízes da Alçada do Porto, em que se julgou a
inocência do defunto Desembargador Corregedor de
Barcelos, João Nepomuceno Pereira da Fonseca, das
infames imputações que lhe irrogou o Conselho de
Guerra, que sinceramente lhe mandou forjar
o Marechal Botelho.

Acordão em Relação ordinária da Alçada, etc.
vistos os Autos, Petição dos suplicantes Viúva e Filhos
do Desembargador João Nepomuceno Pereira da Fonseca
que foi Corregedor da Comarca de Barcelos, na qual
implorão a Real clemência e indefectível Justiça
do mesmo Senhor contra a Sentença que na Vila dos
Arcos proferiram e divulgou da vida do dito Desem-
bargador seu Marido e Pai, em fundamento de
ser traidor ao seu Soberano e Pátria, não só pela
injúria que se irroga à memória do seu varonil
Pai e distinto, como pela infâmia, que tanto mancha
os que descendem, de traidores tanto mais sendo
os suplicantes, quanto era o reconhecimento pu-
blico dos serviços com que o seu defunto Marido
e Pai se avantajara na Real Presença do mesmo
Senhor, que gradualmente o promovera aos distintos e
honrosos lugares e cargos que ocupava, em que jus-
tos foram remettidos a esta Alçada em Outros de
25 de Junho, 14 e 16 de Agosto do ano proximo, pas-
sado de oitenta e dois. "

= "Ilegalidade do processo, nulidade e injustiça da decisão =

O documento que vimos transcrevendo, incorpora-
"Acordão — de ter sido preso o dito Desembar-

27

gador na dita Quinta do Remedio, junto á vila de Barreiro, por grande Esquife de Ordenanças, em ja dita Lancha o capitão José Bernardo Maria do Canto do Capoeiro e levado como fascinoroso á vila de Viana, da cuja cadeia foi transferido para a dos Reos, ordem do achava o Quartel General do Marechal de Campo José Antonio Botelho, servindo de corpo de delito os presos, que ele lhe mandou formar, a Carta Official dirigida pelo dito Desembargador ao Juiz de Fora de Melgaço em 23 de Março com as Proclamações Francezas, que estão no Documento Nº 1 e a Carta do Antonio José Viana ao mesmo Marechal de 28 do dito mez, que forma o documento Nº 2.

São visiveis as illegalidades daquele Processo, a nullidade e a injustiça da decisão; não só por se haver faltado á forma imperterivel estabelecida nas Leis Patrias, como por se ter procedido sem exame de Testemunhas, requerido pelo Reo Ensaio José de Barros e Mendonça sobre a imputação, que resulta da Carta do dito Documento Nº 2, mas que do Nº 1 se faz visivel não só a nullidade e deligencia com que foi dirigida a Carta Official, mas a coação e premura do Tenente inimigo que a ordenou, como o mesmo Desembargador reprovadas as interrogatorios que se lhe figuram e assistem a fls. 1 e no Requerimento fls. 18 que tão juridicamente abona a sua Justiça, repetindo a applicação do Real Decreto de 20 do dito mez de Março, que com tanta ignorancia se adoptou para justificar a nullidade daquele Processo.

—Sacrificio do bem publico—

Continua a sentença:

Mostra-se de todo o summario de testemunhas maiores de toda a excepção a fls. 29 que a Rainha

Pai dos defendentes não só fora um Magistrado de ambrecida integridade, hinfeza de mãos, aborto e zelozo do bem publico, mas um verdadeiro fiel servidor legitimo d'herança, a quem era reconhecido e justo; amigo da sua Nação e Patria, que de esforço tal vez por apenas ouvir que subsistia a tranquilidade e a humilhação deveroza em falta de forças e de conjuntos autorizados que as dirigissem; como fazem, salvando a vida do sagrado da tropa inimiga e trovam as testemunhas; e seu adiantamento de terem em culpa inculcada tão gravemente no Juizo ameaçam fl. 26; verificando as mesmas testemunhas e dividido em frente do dito Desembargador, para que não faltassem ás Ordenanças do seu Distrito, na marcha á defesa da Praça, os fornecimentos de viveres, que ele mesmo ambos obrigando e fazendo empregar como declara a testemunha fl. 34, que produzio a original volume fl. 44; mandando á Defensão a testemunha fl. 39 a examinar autorias do inimigo e a animar aquelles Povos com a Proclamação patriotica por ele feita e que foi estampada na Corunha; fazendo finalmente trabalhar em cartuxames seu proprio filho de pouca idade como diz a testemunha presencial fl. 40; concluindo toda a calunia e falsidade dos fatos acumulados no dito Juizo ameaçam com razão cabal, que a caracteriza inatendivel, como deveria ser considerado ao tempo da sua apresentação na vista dos Reais Ordenanças timultuarias, que declara o dito Marechal na carta apensada a fl. 25."

= Justiça e desagravo =

Nada se provava contra o dr. João Ferreira com:

"Ser tonto e de mais dos Autos, depois á Petição fl. 14 em confirmidade das Reais

Ordens, disfarçou o dito Desembargador Joaõ Rapozo
mandou Ferreira da Fonseca sem culpa alguma
que lhe desse cazionou-lhe a morte que tão injusta-
mente lhe foi imposta por aquela sentença
e que elle foi, além de Traidor gratificando o dis-
tinto filho e Reo verdadeiro do dito Senhor, amante de
sua Patria, sem culpa alguma em contrario de
obediencia ao Partido inimigo que jurado seja
e como tal sem infamia de Traição, que por fal-
sos meios forão obstar á conservação do Throno
direito em que os hão por reintegrado e mais fi-
zas que a Real Beneficencia se dignou confiar-lhe
restituida assim a memoria e Fama de seu Av-
ô e Pai.

Pagou as custas.

Porto 15 de Março de 1840. (a a) Ferreira - Faria -
Lisboa - Carneiro - Fonseca - Paiva.

Na Imprensa Regia. Com licença da Meza
do Desembargo do Paço."

Justiça tardia embora, mas por isso devia
de o ser, assim fiando completamente absol-
vida e desagravada a memoria do Patriota Jor-
ge Pipino, o homem que salvou Barcelos dos
horrores da guerra e do seu cortejo de miserias
quando da 2ª Invasão Franceza. - V. B.

Segundo Centenario

Custodio José Gomes de Vilas-Boas

Completou-se hoje, dois seculos, sobre a data do nascimento, na
freguesia de Alheda, concelho de Barcellos de um official de Engenharia dis-
tincto de extraordinarias qualidades, o tenente coronel Custodio José Gomes
de Vilas-Boas. Para além dos conhecimentos tecnicos da especialidade
de que o distinguiam, revelou-se como apaixonado cultor das
sciencias economicas e n'esse particular, foi um inovador, de-
dicando-se á preoccupação das cousas que estorvam a ordem
dos males de que padecia o povo portuguez, particularmente do meio

dores da província de Entre-Douro e Minho e fardamento dos exércitos. Uns remédios, já n'uma conversão, aquilo que diz respeito á lavoura já na intervenção do fomento do trabalho agrícola ainda que obediente este último a processos antiquados.

Custodio José Gomes de Vilas-Boas foi vitima dos tristes acontecimentos que assinalaram a marcha das tropas napoleónicas do comando de Soult, quando da invasão de 1809. As balas traiçoeiras abateram-no a tiro no Campo de Santana, na cidade de Braga a 17 de Março tombando aí ao lado do General do exercito incumbido da defeza das nossas fronteiras.

Os trabalhos da sua autoria foram objecto de um recente estudo, de autoria do prof. dr. Antonio Cruz n'um volume especialmente consagrado á analise do vasto e ambicioso plano geografico e economico de Custodio José Gomes de Vilas-Boas, ora manifestando-se) elaborado para a sua obra magna que seria destinada á provincia interamente. Mas tambem n'outro dominio da da cartografia, ha testemunho dos vastos conhecimentos e do labor de Custodio José Gomes de Vilas-Boas, manifestando-se aí de igual maneira, a sua viva inteligencia ao serviço de uma cultura ampla e profunda. Será esse labor objecto de um novo estudo, já em preparação. O segundo centenário do seu nascimento vae ser comemorado pela Faculdade de Letras do Porto na corrente ano lectivo destinado á apreciação de trabalhos da sua autoria, especialmente de cartografia. Um seu mapa da provincia de Entre-Douro-e-Minho, Este facto tornou-se possivel á boa colaboração do Instituto Geografico e Cadastral e do Gabinete de estudos historicos da Direcção da Arma de Engenharia.

(Publicação feita pelo jornal "O Comercio do Porto" de 12 de Abril de 1971)

29

O Pintor barcelense Manoel Luiz Pereira

À esquerda:

Uma fotografia de um dos grandes pintadores Joaquim Manoel Luiz Pereira, na sala do quadro da freguesia de Fonte Boa, Concelho de Esposende.

O Pintor barcelense Manuel Luiz Pereira

(D'O Comercio de Barcellos - anno 11º - nº 52 de 22 de Junho de 1900 - "Cartas d'Aldeia" - Vale de Tamel 19 de Junho) - !

("Historia da Instrucção Primaria do Valle Bom - A escola da Paes - Abade de Beiz") - Ao Investigador Regio -

Leu a apreciavel trabalho que é meu querido amigo Padre Roza deu publicou no "Comercio" - "Apontamentos para a historia da freguezia do Salvador de Fonte - Boa", lê-se:

"Agradam-nos entido um arcador, que adornam e embelezam o tecto d'uma sala do predio que as pinturas - as quatro estações do ano - devidas ao delicado pincel do apreciado e festejado artista Manuel Luiz Pereira"....

Isto é' em todo exacto a afirmação.

Eu fui, por duas vezes á residencia parochial de Fonte Boa: uma em o tempo do meu paraninfo e sempre lembrado amigo abade Joaquim de Figueiredo e outra já no tempo do meu velho amigo abade d'agora freguezia.

As pinturas a que se refere o meu amigo Padre Roza, são nas paredes e não em o tecto da sala de jantar.

Eu, apenas entrei na espaçosa sala de jantar do predio de Fonte Boa, admirei logo, de prompto o apreciavel trabalho da pintura, que embelleza as paredes não só pela valor da galeria d'onde data, como tambem por ter sido trabalho igual do distincto artista Manuel Luiz Pereira, nosso patricio.

Na sala de jantar do nosso velho e respeitavel amigo Padre Manuel José Nunes Redondo da Cruz ha quatro quadros pintados nas paredes a representar em as quatro estações do anno, obra do mesmo insigne artista, uma gloria da nossa terra.

Manuel Luiz Pereira foi perseguido pelos miguelistas em a tempos da guerra civil e foi refugiar-se em Santa Bra, porque o chefe de então, que eu não sei quem fosse, era miguelista, mas amigo do artista perseguido.

Ahi, para matar os dias de uma reclusão forçada Manuel Luiz Pereira lembrou-se, e em boa hora, de fazer aquele trabalho.

A pintura é em tela, e em escala muito maior, do que em casa do amigo Redondo.

Como a sala é muito espaçosa, Manuel Luiz, adicionou umas fantasias, grosseiras em que ele era de um grandissimo desastre; fóra em vista ao — "Santo Antonio de Padua, natural de Lisboa e hoje residente em Mantim, fez Manuel Luiz Pereira, Barcellos".

E em antiga sala de pintar da casa, que é hoje do meu estimado amigo dr. Salazar, pintou ele uma Ceia em cima de um fogão; e perguntaram-lhe: isto que é Manuel Luiz? — É uma Ceia trabalhada mui demente sobre este fogão! Hade-de concordar, que não — ha nada assim!

É certo que a sua paleta era de primeira ordem, a viveza do colorido, a firmeza das tintas e a conveniencia do desenho dão-lhe um logar distincto entre os mais distinctos pintores do seu tempo.

Muitas grandes bibliças, que estão no Bom Jesus da Cruz, são obra d'aquele artista insigne que eu ainda conheci.

O meu querido Abade Joaquim Duarte Pinheiro, mandou lavar, e retirar as pinturas na sala do presbiterio de Santa Bra, trabalho que confiou ao nosso patricio João Crisostomo de é que me não esqueço....." Barcellos.

Nota:

Obtenção: — "Apontamentos para a historia

da freguesia do Salvador de Fonte-Boa – "O Commercio de Barcellos" nº 541 – ano 11º –:

"..... Segredou-nos contudo um amador que admirara e embelezara o texto d'uma carta de jogo-bilhete quatro luminosas pinturas – as quatro estações do ano – devido ao delicado pincel do aguarelista e festejado artista Manuel Luiz Pereira, falecido em Barcellos, aquela grande natureza, – Foi a Santa Antonio da Padua, natural de Lisboa, hoje residente em Fontinha! ....."

Z.

=(Publicação feita n'"O Barcellense" nº 2.114 de 13 de Outubro de 1951)=

×

As fotografias que adeante se encontram são a reprodução dos quadros pintados por Manuel Luiz Pereira pintor-barcellense na Residencia do Pároco da freguesia de Fonte Boa, concelho de Esposende.

Este medico hoje é pertença de "José" Joaquim Fernandes Filho da mesma freguesia. (Ano de 1952).

×

= Manuel Luiz Pereira, de Barcellos, pintor vagoard, vivem mts mea-dos do Século XIX =

= ("O Concelho de Barcellos - Apuem e Aldeia Cavado" - 1948 - Pertencia da Fonseca - da Associação dos Arqueologos Portugueses - II volume) =

Perseguido pelos miguelistas foi refugiar-se na Residencia Parochial da freguesia de Santa Eulalia, concelho de Esposende.

Nas suas vagas de sua fecunda inclinação pintou varios quadros, entre os quaes as quatro estações do anno, ainda existentes na sala de jantar d'aquella casa. Em um d'elles escreveu: - "Iste fecit ille Avbrit - Manuel Luiz Pereira anno 1833, querendo ter feito, mesmo em latim.

A sua obra foi grande pelo numero em numero. Eu me lembro, além dos já referidos, pintou quatro quadros representando as quatro estações do anno para a sala de jantar do Francisco José Alves Redondo da Cruz, commerciante em Barcellos, e os quadros bibliicos que estão no Templo do Bom Jesus da Cruz.

Na sala de jantar de uma casa junto ao Pr. Eduardo Salazar pintou de uma banda sobre um fogão!

A este pintor se refere eloquentemente o auctor dos "Cantos da Aldeia" quando "O Correio de Barcellos", em 22 de Junho de 1900.

×

32

33

34

= Manuel Luiz Pereira =

(Do livro O Concelho de Barcelos - Agrem a Alem Cavado - Portugal de Fraga
ano - 1948 - II volume) =

..... Na parede do mesmo lado direito da entrada principal do templo a Braga está uma nicho onde se via a imagem de Santo António.

Por baixo dessa imagem, pintada no mesmo fundo lê-se a seguinte inscrição:

"MANDOU RESTAURAR ESTE QUADRO DE ST.º ANTONIO A BEMFEITORA ANA JOAQUINA DA COSTA ANO DE 1923".

Havia nesta freguesia um nicho onde se venerava o mesmo Santo, que alem se está para aqui mandado depois da restauração da estrada, era geral, corre na tradição que tinha por baixo da imagem do seu fundo a tão celebre e decantada inscrição: ST.º ANTONIO DE PADVA, NATURAL DE LISBOA, ORA RESIDENTE EM MARTIM, MANOEL LUIZ PEREIRA O FEZ EM BARCELOS.

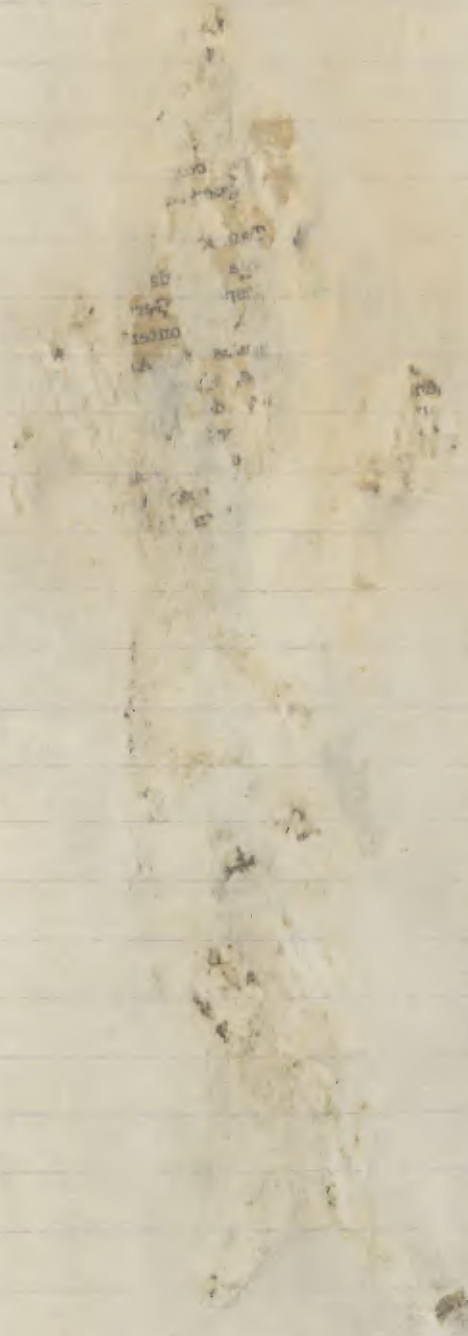
Esta inscrição foi com certeza apagada antes da restauração de 1923.

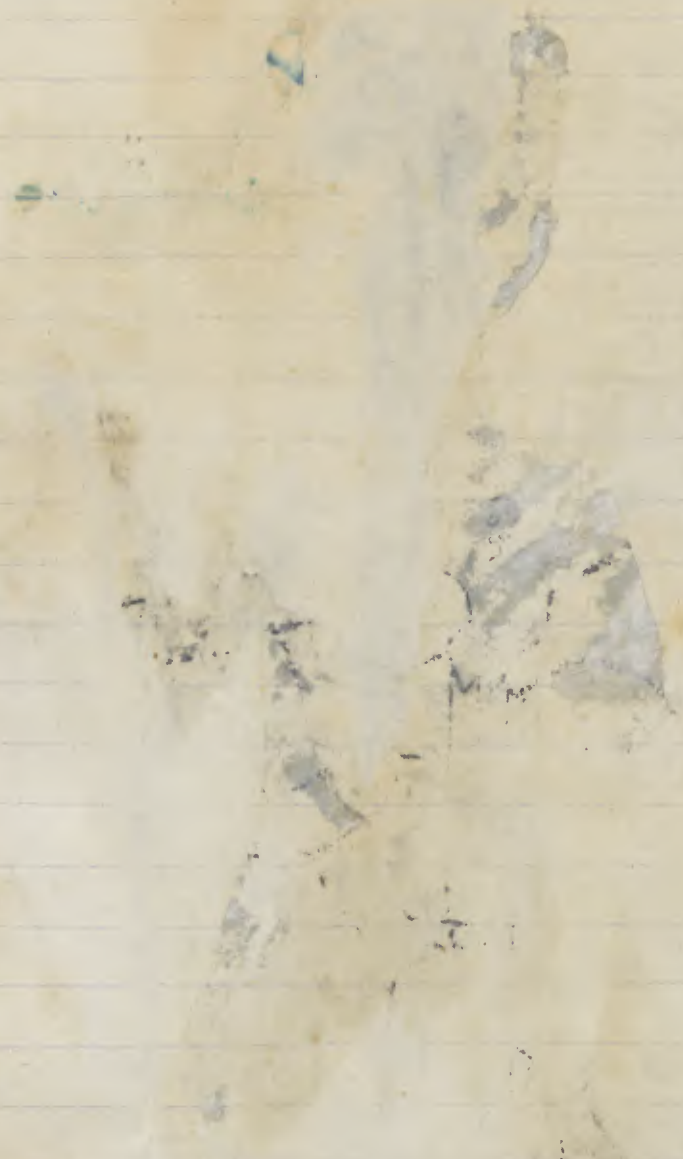
Não ha duvida que esta inscrição existiu, pois ha pessoas que afirmam tê-la visto e não tem razão de duvidar na sua existencia, pois a gente tem o costume de meter pelo meio das suas tradições dizeres almeidatorios das mesmas.

Haja em vista o seu parecer do Juiz Leigo na igreja de Santa Eugenia de Vila Cova e ainda outros.

X

35





Igreja de Vilar de Frades

(S. Salvador)

Chafariz dos princípios do séc. XVII que se vê no principal claustro do Convento.

É uma belíssima e rara fonte em granito, apresentando todo o estilo do seu período Renascença artística, especialmente pela sua originalidade e pureza.

Pertence ao distrito de Braga.

Vilar de Frades — A fachada que dá acesso ao adro e ao mosteiro, sob a qual passa a população da freguesia, escorada, vendo-se parte da muralha que há pouco desmoronou, com perigo evidente para o transeunte desprevenido

Fotografia tirada em Março de 1935

UMA EXCURSÃO A VILLAR

Segunda

Um grupo de individualidades barcelenses que foi passar de excursão foram a Vilar de Frades não só em recreio como de estudo do passado histórico do Município — Concelho considerado Monumento Nacional.

Igreja de Vilar de Frades – (S. Salvador)

(Pelo Sr. António Teixeira)

O Convento de S. Salvador de Vilar foi fundado por S. Martinho Dumiense, natural da Panonia (Hungria) quando veio para a península pregar a fé aos suevos.

S. Martinho foi bispo de Dume (550-570) e depois de Braga (570-580), e foi na sua entusiasta obra pelos beneditinos, fundando este convento no ano de 556, sobre a regra beneditina.

Pela invasão dos arabes, ficou o convento de Vilar inteiramente arruinado, até que em 1070 foi restaurado, em melhor, mandado de novo por D. Godinha Viegas filha de D. Egas Gonçalves e este 3.º neto de D. Arnaldo de Baião, progenitor dos senhores da Casa de Azevedo, na freguesia de S. Salvador da Lama.

A instancias de D. Pedro Sabariz, descendente de Godinha, el-rei D. Sancho 1.º confirmou o Convento de Vilar, por carta passada em Santarem a 3 de Janeiro de 1210, em cabendo-lhe muitas isenções e jurisdições.

Os senhores da Casa Solar de Azevedo foram sempre grandes protectores desse Convento e por tanto tiveram nele muitas regalias.

Ainda hoje se vêem duas cadeiras de pedra com as armas dos Azevedos, em que eles se sentavam quando o visitavam.

Com o decorrer do tempo, o Convento foi entrando em decadencia, até que foi abandonado.

Depois, foi feito, a abadia deanta, administrada por encommendatarios e provida pelo arcebispo de Braga.

No principio do seculo XV, o velho Convento beneditino achava-se em mesma ruina.

A igreja reduzida a um pequeno e pobre templo e os mosteiros a um pequeno casa e tudo em ruinas.

Vagando esta abadia em 1442 foi dada a arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra (1418-1467) – ao famoso medico e lente da Universidade de Lisboa, Dr. João Vicente, mais conhecido pelo nome de Mestre João, a quem foi feita em 26 de Fevereiro do mesmo ano. O D. João Vicente era natural de Lisboa onde nasceu

em 2 de Março de 1350, sendo seus pais Estevam Gonçalves e D. Maria Peres.

Foi medico d'el-rei D. Duarte, em cuja pessoa e casa D. Duarte e Leonor-mãi do reino.

A este sahir mediou, pertence a noticia de, aproveitando as ruinas do velho acanhado templo, fundar o novo convento de S. João Evangelista de Xabregas, que foi a primeira dos novos conventos que esta ampliação teve em Portugal.

Existem os fundamentos da fundação desta ordem monacal.

Ahi por 1462, viviam em Lisboa tres monges de grande illustração e raras virtudes.

Eram elles: o Dr. João Vicente de quem vamos nos occupar, Martim Lourenço doutor em theologia pela Universidade de Lisboa e D. Affonso Nogueira, doutor in utroque jure pela Universidade de Salamanca.

Costumavam elles reunir-se em casa de um d'elles ou de um amigo Lourenço Dias, prior de S. Julião de Lisboa, outr'ora conego de vida austera, ahi então se entretinham em seus colloquios de materias religiosas, mas commentavam sobre a desmoralisação da sociedade e especialmente da vida dos regrantes e escandalosa desse tempo.

Em baldado empenho de combater este desregramento de costumes resolveram um dia deixar os commodos e o burburinho da côrte e ir missionar pelo reino.

Foi o Dr. João Vicente o primeiro que se resolveu a deixar o mundo, vestindo o habito de S. Agostinho, no Convento da Penha; mas sem desistencia e abandonou, por ser seu intuito concorrer para a reformação do clero pela fundação de um novo instituto religioso.

Com este proposito, reuniu-se aos amigos Dr. Martim Lourenço, D. Affonso Nogueira e ao prior de S. Julião e foram para a freguesia de Vimeiro [illegible]

38

nhra dos Viras, nas proximidades de Lisboa, aqui foi
os recebeu com grande contentamento, oferecendo-
lhes a sua igreja e casa, onde se lhes associaram
mais alguns eclesiasticos de vida exemplar, como
Joane Joanes, João Rodrigues e, Afonso Lopes, Afon-
so Annes, Rodrigo Anes e Martim Joã.

Foi isto pelos anos de 1421.

Ahi se demoraram algum tempo, ensinando e doc-
trinando o povo, que os adorava, até que, por
divergencia com o Prior dos Viras foram obrigados
a abandonar a Freguesia.

O Prior de S. Julião regressou á sua igreja;
seu irmão Joane Joanes foi viver com os eremitas
da Serra d'Ossa e os restantes voltaram ás suas
occupações.

Era então bispo desta cidade D. Vasco, prelado
de grande virtude e autoridade, que os recebeu ca-
rinhosamente e lhes deu a igreja de Santa Maria de
Campanhan, onde se installaram e proseguiram
na vida de penitencia que tinham nos Viras.

Novas contrariedades, porém, agui os esperavam.
Sendo transferido pouco tempo depois o bispo
D. Vasco para a diocese de Evora, o prior de Cam-
panhan não os consentiu por mais tempo na
sua igreja, ordenando-lhes que se retirassem.

Foi grande o desgosto de D. João Vicente em
apartar-se dos seus amigos tanto intimos, como
Martim Lourenço e D. Afonso Migueis, embora an-
tes lhe promettessem voltar para a sua companhia
logo que se lhe deparasse morada mais
permanente.

Martim Lourenço retirou-se para uma ermi-
da nos arrabaldes do Porto e D. Afonso Migueis pa-
ra casa de sua familia.

Com o Dr. João Vicente ficou apenas João Rodrigues e ambos perseguidos por seu bom propósito, partiram para Braga, onde se apresentaram ao Arcebispo D. Fernando da Guerra, que os recebeu benignamente, louvando-os no seu justo fazer e prometendo-lhes protecção para a realização de seu intento.

Efectivamente, vagando nesse tempo a abadia de S. Salvador de Vilar, mandou o arcebispo que o Dr. João Vicente a fosse ver e que se lhe agradasse o local, nenhuma dúvida teria em fundá-la ali.

Partiu então o Mestre Vicente para Vilar; e não obstante o velho convento beneditino estar apenas uma pequena igreja e umas pobres casas, tudo em completa ruína e seu antigo rendimento mais que passado, agradou-se tanto do local, achou-o tão adequado ao fim a que se propusera que solicitou o benefício.

D. Fernando da Guerra deu-lhe então o velho convento e igreja, colando-o, como disse-mos no dia 25 de Fevereiro de 1425.

De posse da abadia de Vilar, o Dr. João Vicente deixou ali o seu companheiro e amigo João Rodrigues e partiu para Leiria a chamar os seus antigos companheiros. Pela segunda vez o seguiram D. Afonso Esgueira, Lourenço Eanes, Rodrigo Afonso, Martim Joanes, Afonso Pedro e Gonçalo João.

Aí reservaram todos os santos exercícios que tão decididamente e com tanta alegria haviam iniciado nos Olivais e em Coimbra.

Discorriam cantando, pregando e confessando pelas terras circunvizinhas, pranchas e pequenas, até Amiais Barreiro, Braga, Guimarães e Porto.

Visitavam as cadeias, confortando os presos e repartindo com eles tudo o que a fome lhes dava;

39

pregavam nas igrejas, nas praças, nos campos e em bar-
cos embelas e o povo corria em montão a ouvi-los principal-
mente quando pregava o Dr. Martim Lourenço, que era
orador distintissimo.

Tal era a fama de virtude que estes congregados ad-
quiriam dentro de breve tempo em toda a Província, que
as pessoas mais notaveis dela se ofereciam para os auxi-
liar na sua santa empreendimento, e foram muitos os
eclesiasticos notaveis que se lhe associaram, como Vasco
Rodrigues, chantre da Sé de Braga, Gonçalo Dias de Barros,
Abade de S. Pedro de Cabeda, João Afonso, Abade de S.
Paio de Merlães, Diogo Afonso, Abade de S.ta Maria de
Agrela e outros que reunindo seus haveres em comum
tr, pela de residirem com o que muito prejudicou a
nascente congregação de Vilar.

Os monges vestiam habito pobre de estamenha, fugiam
vicio de sobeja, castidade e obediencia, rezavam as
horas canonicas em côro e trabalhavam na granjeia
da cêrca e nas obras do convento.

A sua primitiva estatuto foi-lhes dado pelo Dr.
Vicente, que era seu prelado superior, e tais mo-
tivos foram as virtudes destes congregados que o povo
os designava pelo nome Bons Homens de Vilar.

Quando temos depois de mudança de Braga fomos
dados ao Rev. João Vicente a abadia de S. Salvador de
Vilar, onde, como dissemos, se instalou em comu-
dade religiosa com os referidos seus companheiros, foi
o famoso médico arcediago. Por el-rei D. João
I foram juntamente com o seu amigo Dr. Martim Lou-
renço acompanhar a Borgonha a infanta D. Isa-
bel que ia casar-se com Filipe II, o Bom, con-
de de Borgonha e conde de Flandres.

No mesmo tempo que a Armada real partia
de Lisboa com a Princeza e seu despozorio (1429)
partia tambem em viagem para a Italia, onde

companheiro do Dr. João Vicente e Dr. Afonso Furtado.

Celebrado o casamento na cidade de Bruges em 10 de Janeiro de 1430, com rara e extraordinária magnificência, instituindo o duque nesse dia a insigne ordem do Tosão d'ouro para assim perpetuar a data de tão auspiciosas bodas, partiram João Vicente e Martins Lamego para Roma afim de ali tratar do estabelecimento definitivo da sua congregação.

Presidia então à Curia romana o Cardeal de S. Clemente Gabriel Condulmero, a quem os dois portugueses apresentaram as cartas de recomendação sendo efectivamente recebidos, mormente quando lhe fizeram saber que o seu intento era instituir em Portugal a congregação de S. Jorge in Alga, que ele cardeal havia fundado pouco tempo antes (1404) em Alga, pequena ilha do mar Adriático a duas milhas da cidade de Veneza, sua pátria, com António Correcor, ambos oficiais da Santidade Gregório XII.

Apresentados em seguida ao Papa Martinho V. foi favoravelmente disposto ao sentido da pretensão do Dr. João Vicente e seu companheiro, permitindo-lhes abrir o seu regimento e levar a bula de confirmação da ordem tanto que de Portugal recebesse as informações que ia pedir ao Bispo de Viseu e a Frei Pedro de Alvelos, provincial da ordem de S. Jerónimo.

Partiu imediatamente de Roma Frei S. Salvador de Viseu e Dr. Martins Lamego trazendo a Bula Nova da feliz exito das negociações, e que muito alegrou os seus companheiros, ficando ainda n'aquela cidade o Dr. João Vicente por ter pendentes da Curia certos negócios que desejava ultimar.

Bem-se entre um acontecimento que produzia contrarias os bons desejos dos frades de Viseu, veio pelo contrario, favorece-los.

Foi a falecimento do Papa Martinho V, em 20 de Janeiro de 1431.

Quis, porém, a Providencia que a Pontificia eleito fosse o imperito Cardeal de S. Clemente, que, em 3 de Março d'aquelle anno subia ao sólio pontificio com o nome de Eugenio IV.

Tanto bastou para que o Dr. João Vicente não désse navegados todas as suas aspirações, mas fosse acommodado de favores de toda a ordem pelo seu amigo e protector.

Por este tempo e depois de demorada viagem pela Italia regressava á Abadia de Vilar o D. Abade de Moreira que tinha visitado em Veneza a congregação de S. Jorge, com que muito simpatisou, tomou como seus os seus estatutos ou constituições e o habito de que usavam os conegos seculares de S. Jorge.

De tal modo gostaram os seus companheiros de Vilar do instituto e do habito azul — celeste da Ordem que immediatamente escreveram para Roma ao seu superior e Prelado, pedindo-lhe insistantemente que obtivesse do Papa a regra e o habito dos congregados d'Alga, ao que o Dr. João Vicente, por ser esse costume o seu desejo, promptamente annuiu, conseguindo que Eugenio IV expedisse um breve confirmando a congregação de Vilar com o titulo de Conegos Seculares de S. Salvador de Vilar e conferindo-lhes o mesmo habito, a mesma regra e as mesmas graças, privilegios e indulgencias dos Congregados de S. Jorge e, para cumulo de gentileza, isentando-os da jurisdição de Braga, como immediatos á Santa Sé.

Vae contente ainda com tantos favores Eugenio IV nomeou tambem o Dr. João Vicente juiz da jurisdição da congregação, com poderes de Ordinario

aprestar-se em todas as questões que à ordem pertencessem, presentou-o por suas mãos com um balaio azul e prometeu-lhe um bispado de Lamego, que pouco tempo antes havia vagado.

Verdadeiramente confundido com tantas provas de apreço que a nova pátria lhe dispensava, recolheu-se o Dr. Frei Vicente ao seu convento de Viana, onde foi recebido pelos companheiros com as mais festivas demonstrações de gratidão e amizade.

Dentro em seguida as constituições foram-se tornando de reger, porquanto à eleição do novo juiz de 1 em 1836 partiu para a vera diocese de Lamego cessa administração, que durou oito anos, foi modular, findos os quais foi transferido para a de Viseu, onde faleceu santamente em 30 de Agosto de 1863, contando 83 anos de idade.

Constituída regularmente a nascente congregação de Viana pela bula de Setembro 76, que entre outras graças, lhe concedia a cara prerrogativa de isentar da jurisdição dos prelados maranenses, parecia que a sua existência estava de tal modo assegurada e garantida, que nada havia que receiar pelo seu futuro.

Pois não sucedeu assim.

Precisamente porque o Arcebispo D. Fernando da Guerra se julgou ofendido por os congregados haverem obtido de Roma a isenção da sua jurisdição, ele que tantos favores e benefícios a primeira hora havia dispensado, cedo cumprimento às suas promessas e tornou-se adverso à comunidade de Viana.

Procuraram os congregados por todos os meios conservar D. Fernando da Guerra de que tais graças lhes haviam sido espontaneamente concedidas pela Santa Sé, que nenhuma ofensa fora ele a quem tinham com o propósito de agravar a autoridade do Arcebispo.

E nada atendeu porém, e voluntariosa fechado

que, sentindo-se cada vez mais indisposto com a injustiça d'esses seus direitos jurisdicionaes, deliberou-se a ir pessoalmente, se fosse preciso, ordenar a sua expulsão da diocese.

Foi uma luta homerica, de alguns annos, em que de parte a parte se empenharam os melhores esforços; e como os empregados de mão sentissem em animo de abandonarem a sua querida armada, o archiepiscopo resolveu obriga-los á sua força.

"Valei-me Deus — diz um escriptor antigo n'esta conjunctura, a decidida protecção de D. Affonso, 1.º duque de Bragança, que então vivia em seu palacio de Barcellos e que os amava como filhos.

Não só tomou a seu cargo todas as despezas, e soldos que deviam ser, mas empenhou tambem todo o seu valimento em favor dos seus Bons-homens e em fim a prudente archiepiscopo.

Ensinou-lhe varias cartas explicando a duqueza com que tratava os seus negocios, e em uma entre outras vinas lhe disse: — que ao Pontifice e não a ele, cumpria resolver a pendencia, que era do proprio de um Prelado recorrer — se ao direito da força, e que, se persistisse em levar por deante as ameaças, ele duque lhe certificava que os habitantes do concelho de Vilar em peso, dispostos a perder a vida em defeza dos congregados.

O Archiepiscopo voltou, mas um bello dia voltou-se a marchar em tom de guerra pessoalmente com os seus Delegados, soldados e homens d'armas contra Vilar.

Prevenido o Duque D. Affonso, armou logo todos os seus vassallos e grande numero de varonia, arrecadou debaixo dos seus bons homens e apenas chegou ao conhecimento, mandou pedir ao Archiepiscopo que, se não voltasse immediatamente para Braga, lhe havia na cabeça em logar da mitra um capacete de ferro, ardendo em fogo, visto ele se fazer soldado sendo Archiepiscopo.

O Archiepiscopo retirou-se; depois veio a um accordo e

dispensou favores.

A Igreja deste Templo, é romanica e do Sec. XII.

×

— O Convento de Vilar de Frades —

É um maravilhoso templo manuelino.

A sua primitiva construção é toda romanica.

É Monumento Nacional.

Visita da Banda Filarmonica.

×

É um maravilhoso templo manuelino, com uma fachada inteiramente característica encravada entre varias ruas de primitiva construção romanica.

Tem um precioso fróter dos Séculos XVII e XVIII.

×

— O Convento de Vilar de Frades —

No dia 19 d'Agosto de 1908 (6ª feira) ao fim da tarde manifestou-se incendio n'este Convento.

Sabeu Deus o que foi exactamente do caso, mas do que foi averiguado absolutamente nada.

Compareceram os Bombeiros Voluntarios de Barcelos e de Braga e ainda os auxiliares e municipaes d'aquela cidade, limitando-se o serviço a apagar e resalvar com a pouca agua que difficilmente conseguiram.

A enorme claraõ sobre esta cidade é que deu conhecimento do incendio, avançando os Voluntarios sem outro auxilio e foram os frades a chegar ao local.

×

— Assentamento encontrado em algures, referente ao Convento de Vilar —

— Notas curiosas — " . . . . . Que a Abadessa pensaõ-sem fra assim pagarão por inteiro ainda que haja secas, fomes, guerras ou inundações que gastem os frutos e as

42

terras não produzam, o que Deus não permita.

Que serão obedientes e bem mandados a ele Reverendo Prior e seus Frades e seus curados agazalhados com o que poderem grangear por suas portas fazendo.»

— (1 de Janeiro de 1778 era Comento de Vilar de Frades, que é da Ordem de S. João Evangelistas.) —

× ×

Comento de Vilar de Frades

A primitiva fundação do Mosteiro de Vilar, data (segundo escreve Arnaldo Fama), segundo alguns, da segunda metade do século VI; mas foi somente desde os princípios do século XI que floresceu aos frades bragas, os quais, aproveitando-se das agoas Caldas, abrigo e abundância e magnificência dos edifícios que os beneditinos tinham abandonado, e magestosa edifício que ainda hoje se levanta n'aquele local.

Desta data a época tambem da sua celebridade.

Desde então o Mosteiro de Vilar foi sempre tido em conta de um dos mais famosos do Minho.

E com justiça o era, não só em razão da magestade do edifício e da fertilidade do sitio, mas e especialmente, em respeito das grandes riquezas que possuia, e das muitas abominias que senhoreava.

A reitoria do Mosteiro de Vilar, além de muitas outras pensões, era dentro do couto de Vilar e de Fiscal, e condes. mór e alcaide-mór dos mesmos coutos, onde nomeava a justiça civil.

O Mosteiro, sessenta abadias e curados, e as suas terras coutadas eram isentas de com seus moradores de impostos.

Em razão de donatário era tambem superintendente mór das ordenanças dos dois coutos.

Estes altos e poderosos cargos, por incompatíveis com a santa fraz e doçura dos habitos monasticos, eram

exercidos, em delegação, por esse ofício assistir a habilitação do reitor e dele dependente.

×

= O Convento de Vilar de Frades e a sua Igreja =

É o monumento arquitectónico mais importante existente nas freguesias rurais — é a Igreja do Convento de Vilar de Frades.

Tem uma fachada porta românica e a torre, abre-se o esplendido portão manuelino da igreja.

No interior impressiona o retábulo a magnífica abobada manuelina que a cobre em toda a sua extensão.

Das grandes habitações frontais restam apenas amarguras que, sistematicamente divididas em artigos, vão entregar-se aos foros do fisco.

Obra admiravel de arte, abandono e desleixo pela conservação.

É certamente do melhor que existe em Portugal.

×

A Abbadia ginasiarchia de Vilar de Frades foi mandada fazer pelo Arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa, atribuindo-se a sua traça a João de Castilho, de Guimarães.

BARCELOS — Páteo do Convento de Vilar de Frades

Igreja do Convento de Vilar de Frades

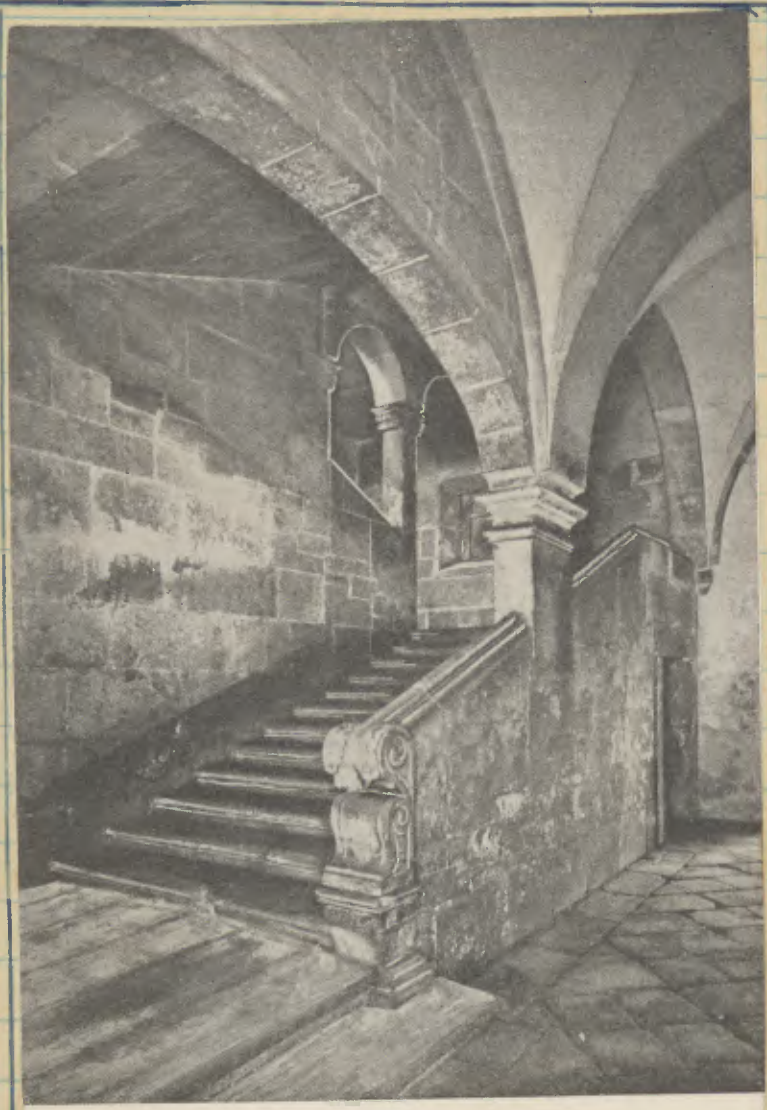
Hoje é igreja paroquial.
Pertenceu ao Mosteiro dos Loyos.

É uma igreja manuelina de abobada profusamente e contraforteada pelas capelas laterais.

Segundo meus apontamentos que possuo, esta igreja devia ter sido principiada a construir no começo do Séc. XV — (apontamentos extraidos d'entre os Dr. A. Lima, que me leigou que o P.e Dr. João Vicente, medico-chefe da Misericordia de Barcellos, fôra trabalhar na Abadia de S. Salvador de Vilar em 27 de Fevereiro de 1932 pelo Arcebispo D. Fernando de Guerra), mas o Dr. Manuel Monteiro distinto critico de arte diz que este mosteiro se começou a construir no principio do Séc. XVI, sendo Arcebispo de Braga, D. Diogo de Sousa.

As ogivas das capelas associadas aos Cruzeiros e Lavabos de 1512, e ainda uma rara janela manuelina de estilo gotico (obra do Séc. XVI em talhe do Séc. XV), que se compõe de duas faces ornamentadas com lavores em baixo relevo, ligadas entre si por um baixo rendilhado (em alguns pontos destruido), toda de cabo aviado, excepto o Cristo que é de fundição. Terminando as extremidades em flor de liz assentam sobre uma base hexagonal constituida por dois corpos abauladas em arco ogivais, separados por frisos lisos que terminam em agudos cornucheos.

X



BARCELOS — A escada nobre do Convento de Vilar de Frades
(Monumento nacional)

A Capela do Passarinho

Vilar de Frades

(Dr. P. Alexandre dos Santos, O. F. M.)

Passando em uma excursão em Vilar de Frades, não longe da Paroch, no Convento que foi congregação de S. João Evangelista, mais conhecida por Loios, e este dágui pela simpatica morada de Dona Thomas de Vilar, contemplava dessa janela do arruinado Mosteiro aquela extensa e magnifica cêrca, quando de repente me chamou a atenção, afastado uns sessenta metros mais ou menos, um sitio mais ou menos afastado.

— Vê acolá aquele entulho?

— Sim, vejo. Que é?

— Houve antigamente, no tempo dos frades, na-quele sitio uma ermidinha muito devota, e de que a gente d'agui, ouvi-lhes, ainda se lembram.

Quem a mandou demolir, não se sabe porquê, foi o Juizinho comprador desta finda, que é comum, a grande da extinção das Ordens religiosas pela Mata-frades em 1834.

Chamava-se a Capela do Passarinho.

Tem uma historia muito bonita que V. Rev.ª deve conhecer, porque é de frades.

Efectivamente conhecia-a de criança, me parece. Não sabia que era d'ali.....

A mesma tradição, consagrada igualmente com uma capelinha na mata, a foi encontrar no Mosteiro dos Cruzios em Ganfei, nos arredores de Valença do Minho, e que foi padrão de S. Geraldo, primeiro Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra;

— A Capelinha de Ganfei também já não existe.

A demorada historia, ou lenda, anda pelas esquinas e bicas espicitadas, infamadas, talvez com muita razão do que se propala, de falsidades.

Tratando-se de coisas atinentes a Egreja ou historia-dores, alguns, estão sempre com o mesmo espirito de suspeita

para fazerem descobertas sensacionais da verdade da Lenda Fradia.

Escaqueiram-se os ossos disparsos à mesma furna, juntamente com esses engolem-se loiça, de toda a tamanhos, mesmo que seja de da Vista Alegre.

E outros ossos respeitam encantados as fraldas das, que sabemos enlaçados.....

Isto, pois, a encantadora história ou lenda, mais ou menos inventada, entusiasta de saber maravilhoso — (conta-a como a D.ª Manuel Bernardes, e nós vamos transcrever a seguir) —

A Capela de Nossa Senhora do Socorro de Vilar

Se reconstruída recentemente, espera-se no cimo de um bem lançado escadório.

Na fachada da sua porta principal, até há pouco a seguinte inscrição: "S. M. SVCORRE. MISERIS".

Na frontaria corre um amplo alpendre de quatro colunas de ferro e a fazer um ângulo do lado direito espera-se um portão com dois vãos, tendo por cima de um a seguinte inscrição: — "Oferecido por Manuel da Boa Fortuna e sua esposa Ana d'Oliveira ano de 1900".

Em baixo no terreiro, que se estende desde o escadório até à estrada, está um engenho com inscrição e ao lado direito um marco das Terras do Convento que diz em uma das faces — "Vilar 1679"

Junto a esta Capela efectua-se todos os anos, no verão, (creio que no 1.º domingo d'agosto), uma romaria e feira muito concorridas de gente da visinhança.

×

Lendas atribuidas ao Convento de Vilar de Frades

Coisas históricas — lendas e lendas do Minho

O Frade e o Passarinho

Linda manhã de julho, primaveril, serena; o sol, despontando por cima dos cerdeiros anhegos do monte de Assis, punha tons puros de ouro na serra amadurecida, onde ginata pela verde encosta dos arredores e perfeita pelos vários pontos do Convento, que erria lá em fundo, era a descrição de um radiante dia de estio.

Na cerca do Convento de Vilar de Frades desabrochavam desde os primeiros alvores da manhã, e volta maior e abençoado de uma amiga benedictina, e tão elevado estava no seu profundo pensar que todas aquelas belezas simples e risonhas da natureza para ele passavam despercebidas.

Mesmo assim, nas amplas mangas da sua hábito cruzadas sobre o peito, olhos baixos, mãos unidas e seu costume caminhou até a pequena capela, dedicada ao seu santo Patrício, que distava entre os campos da quinta de um bem conhecido fidalgo, e ao lado que ficava à alta parede, que rodeava a cerca, onde murmurava um ténue fiozinho de água.

Na sua mente preparada constantemente para louvar os Deuses que cantava de cor em matinas ou ofícios: "Mil anos ao vista de Deus são como o dia de hontem, que já passou."

Frei Jordão empreendeu a fonte do amigo e abençoado Frades Pilhos.

Tendo-se bem em conhecido, passou a dedicar-se com empenho para dispor o seu sustento; a sua inteligência, porém, muito jovem abrangia a vida do tempo.

Cansado, porém, por fim, de tanto andar e de tanto

meditar, sentia-se atraído até ali ao melodioso gorgeio de uma avesinha, que em uma arvore perto pousára.

Distraidamente começou a ouvi-la; mas em breve, tal era a sua suavidade, atentamente passou a escuta-la.

A pequenina cantora então, saltando de ramo em ramo, de arvore em arvore, foi-se afastando do convento, e, ao ser seu leve bater de azas, parecia convidar a ir ao seu encontro.

Na esperança de continuar a ouvir tão harmonioso canto, tomou o nosso monge a direção que ella em tomára, e foi até um espesso bosque, que, para o lado do rio, pouco distaniava.

Chegado ali, a minuscula ave cessou de cantar e logo, interrompidos gorgeios e o monge, sentindo-se em um logar bonito, sossegado, poude-se ouvir-la.

Breves instantes durou aquele enlevo; pois a pequenina artista, emmudecendo, desappareceu e o frade, lembrando-se das suas obrigações, voltou apressado ao convento.

A vista d'este, um grande espanto teve, encontrou-o mudado; o edificio já não era o mesmo e até era habitado por frades de outra ordem.

Não menos admirados ficaram os nossos irmãos, que eram os "Pequeninos" ou "Bons Homens de Vilar" ao verem um monge benedictino dentro do convento, tendo introduzir-se na sua communidade.

Explicava este que havia poucas horas tinha saido em passeio pela villa e que lhe tinham desapparecido.

O espanto era geral de uns para os outros!

Foram consultados os Livros e os Padres mais graves da nossa Congregação e viram então que effectivamente, no Livro das Memorias desapparecidos misteriosamente, para cima de setenta annos, um monge do convento, quando este era ainda habitado pelos beneditinos, e desapparecido

com entrega ao aguele, que ali estava presente.

O Santo Abade com estes fados ficou muito ao
nhecido, com brevidade recebido, dentro em breve mor
reu e a seu corpo foi depositado no Mausoleu da
Igreja de Vitor de Flades.

No sitio onde se estava tanto tempo encantado
construiu-se uma ermidinha, que ficou sendo
conhecida pelo nome de "Capela do Passarinho" da qual
hoje nem vestigios existem, porque ter resistido
á furia devastadora do minuo proprietario Leiga do
Convento; tudo desapareceu, inesperadamente, sem
cahir a lagrima nos olhos das longas amigas de
sinem nas aldeias, contam ainda esta jun
digiosa lenda.

×

Lenda do passarinho

(Convento de Vilar)

Nos primeiros tempos da fundação do Convento de Vilar,
houve ali muito frades santos, bem contrario do que
succedeu nos ultimos.

Um deles andava um dia tão encantado em
pensamento de Deus, que se deixou guiar pelo
canto delicioso de uma ave que o foi chamando
para a cêrca do Convento onde a estive ouvindo
durante um bom pedaço.

Mas, oh espanto! Oh maravilha!
A hora de nosso frade, ao voltar ao convento,
nada reconhecia do que estava á vista de-lhe
meu a casa, nem os irmãos.

Pelas tradições correntes no convento veio a
verificar-se que este era um frade que ali
tinha falecido havia trezentos anos.

×

Lenda

O Grade de trezentos anos

(Pelo Sr. M. Bernardes)

Estando um monge em matinas com os outros religiosos do seu mosteiro, quando chegaram aquele tão pesado, onde se diz: Mil anos à vista de Deus são como o dia de hontem que já passou, admirou-se grandemente e começou a imaginar como aquilo podia ser.

Acabadas as matinas, ficou em oração, como tinha de costume, e pedia efectuamente a Nosso Senhor se servisse de lhe dar inteligencia d'aquele verso.

Apareceu-lhe ali no côro um passarinho, que, cantando suavissimamente, andava deante dele dando voltas de uma para outra parte e desta sorte foi levando-o para e para-o até um bosque, que estava junto do mosteiro e ali foi-se assentar sobre uma arvore e o servo de Deus se poz defronte delle a ouvir.

D'ali a um breve intervalo (conforme o monge julgou) tomou o vôo e desappareceu com grande magoa do servo de Deus, o qual disse comsigo:

— O' passarinho da minha alma, para onde te foste tão depressa?

Esperou; como viu que não tornava, recolheu-se para o mosteiro, pensando-lhe que n'aquela mesma madrugada depois de matinas tinha sahido d'ele.

Chegando ao Convento, achou fechada a porta que de antes costumava estar aberta outra de novo em outra parte.

Perguntou-lhe o Porteiro quem era e a quem buscava?

47

— Eu sou o Aparecido, que poucas horas ha saí de casa e agora torno e tudo acho mudado!

Perguntando também pelos nomes do Abade e do Prior e Procurador, ele lhos nomeou, admirando-se muito de que o não deixassem entrar no Convento e de que mostrava não se lembrar daquelles nomes.

Disse-lhe que o levasse ao abade e posto em sua presença, não se conheceram um ao outro, nem o bom monge sabia que dizer ou fizesse mais que estar confuso e maravilhado de tão grande novidade.

O Abade então illuminado por Deus, mandou vir os annaes e historias da ordem, onde buscando e achando os nomes, que o monge apontava, se veio a certificar com toda a clareza, que eram passados mais de trezentos annos, desde que o monge saira do mosteiro até que tornára para elle.

Então este contou o que lhe havia acontecido e os religiosos o acceitaram como a Deus foi de mesmo habito.

E ele, considerando na grandeza dos seus juizos e louvando a Deus por tão grande maravilha, poude os sacramentos e brevemente passou desta vida com grande paz em o Senhor.

8

Lenda do Areal de Vilar de Frades

Houve antigamente um homem muito rico e muito mau que possuia uma quinta junto ao Cavado, em Vilar de Frades.

Numa noite de Verão uma tempestade de raios e trovões rebentou sobre a quinta e, quando amanheceu, viu-se que uma grande parte dos seus campos estava coberta de areia.

O castigo de Deus por tão grande crime não se fez esperar: uma areia fina e grossa, que as águas, transbordando, arrastaram, inundou a fertilidade e enterrou-a debaixo de areia.

O sítio ocupado por aquela quinta fronteira aos montes é hoje conhecido por "Areal de Igaide".

Outra versão

(De "O Minho Pitoresco" – II Vol. – pag. 160 – de José Augusto Vieira – 1887)

..... É uma tradição popular abrigada de todos com o nome de "Campo dos Gatos", e explica a tradição este nome dizendo, que um fidalgo de Braga, morador nas Taipas, legara em testamento esse campo, outr'ora amaninhado pelo rio aos seus primeiros donos de Braga, para que depois da morte d'ele viessem á posse de tal rendimento.

Era isto tentar a Deus com uma manifestação de orgulho egoistico e, por isso, o castigo veio logo, sendo o Cavado o encarregado de executar a sentença divina, – que foi estabelecer para todo o sempre com uma almofada de areia o Alto Justiça e Rio, onde a fortuna devia, em vez dos netos do fidalgo, fornecer o alimento.

Até aqui a lenda, pois a verdadeira razão de se inundar de areias o "Campo de Igaide", foi terem os frades de Vilar mandado construir um

agudo elevado com ameadas e engenhos de passar com passo abaixo de Goide, desviando, por esta forma, o curso das aguas.

A' esquerda:

Portico romanico do seculo XII.

A' direita:

Pia baptismal.
Estilo gotico.

Kilan de Frades

A' esquerda:
Galilé do sec. XVII.

Legenda:

S. Pedro de Alcantara em estase
(altura 55 c/m)

Escultura de brastante merecimento, que se encontra na egreja conventual.

— Alcoentre —

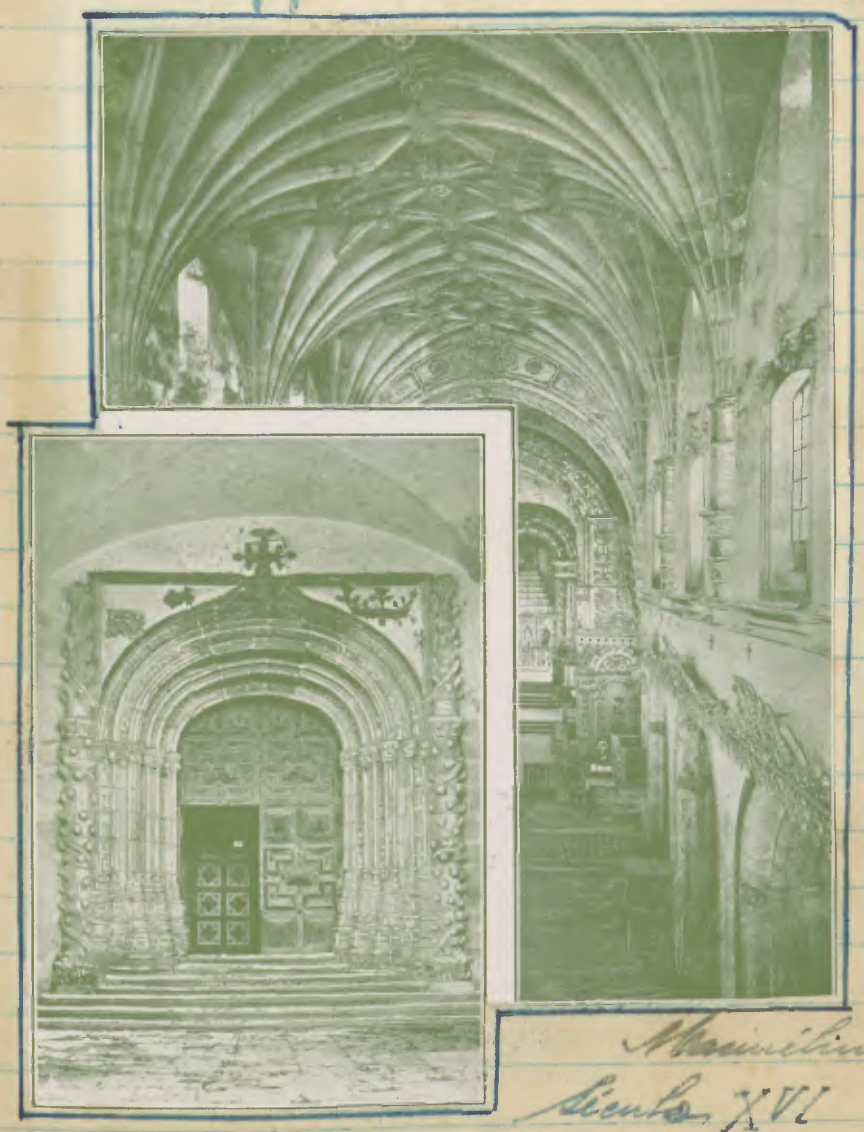
— Vilar de Frades —

Sem cinza: — Cruz processional em estilo do Século XIV.

Temos todas as cruzes processionais são modernas e banais.
Em Vilar de Frades encontra-se esta de gotico apurado.
A Pedido desta direcção levou-a para o Museu de Arte Sacra de Lé.

Vilar de Frades

— Interior da Igreja e Portico —



Renacimiento.
Siglo XVI

12

— Azulejos —

— Vilar de Frades —

Um dos painéis de azulejos, de muito bom valor, artisticos e datados de 1742, tidos em muita conta por varios artistas e criticos de arte, vestindo a parede duma das capelas laterais da igreja desta freguesia.

×

Agulejos

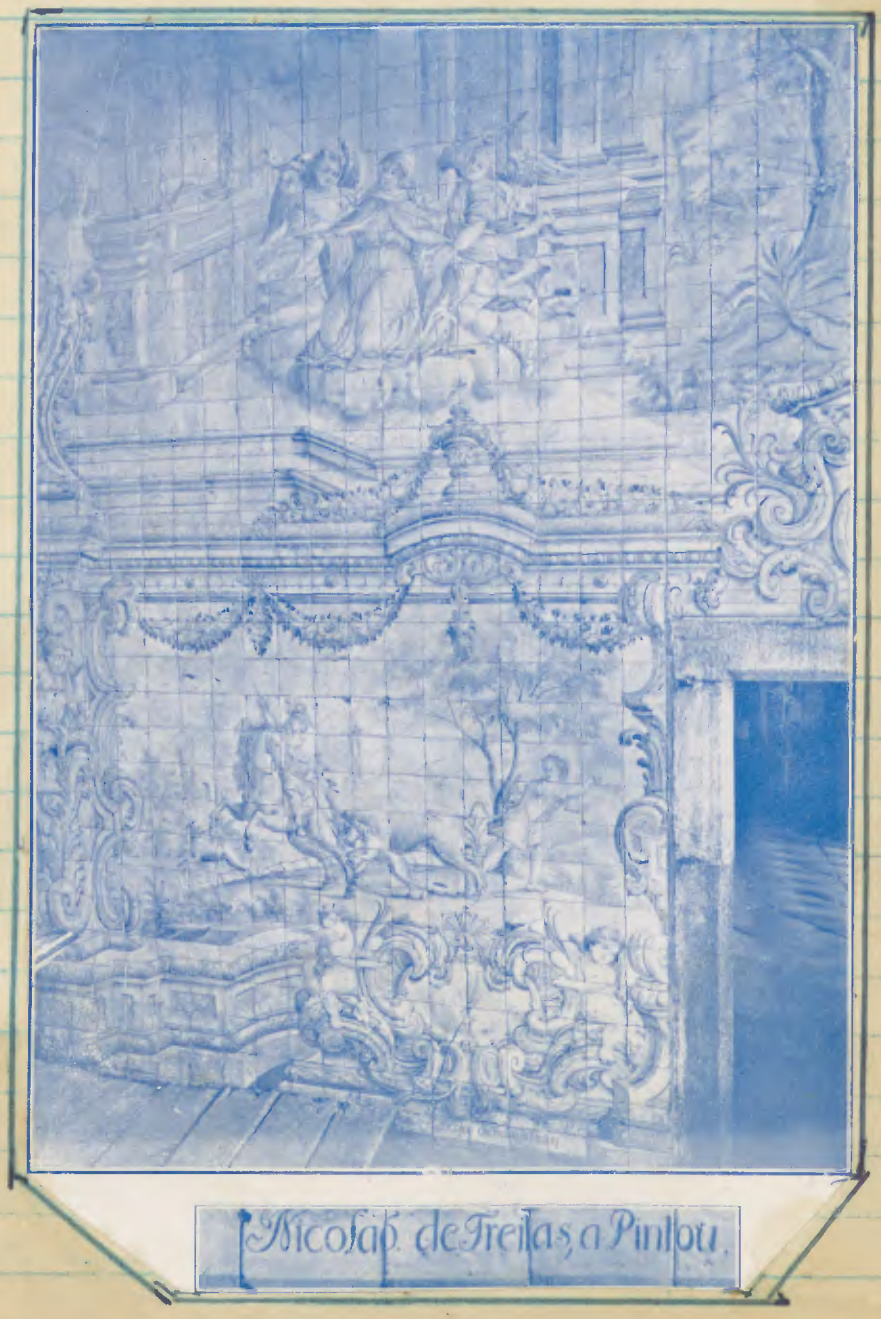
Vilar de Frades

Tauw de agulejos de Bartolomeu Antunes, fazendo "frendente" com demenhuns atiaz cobrindo nestes apontamentos.

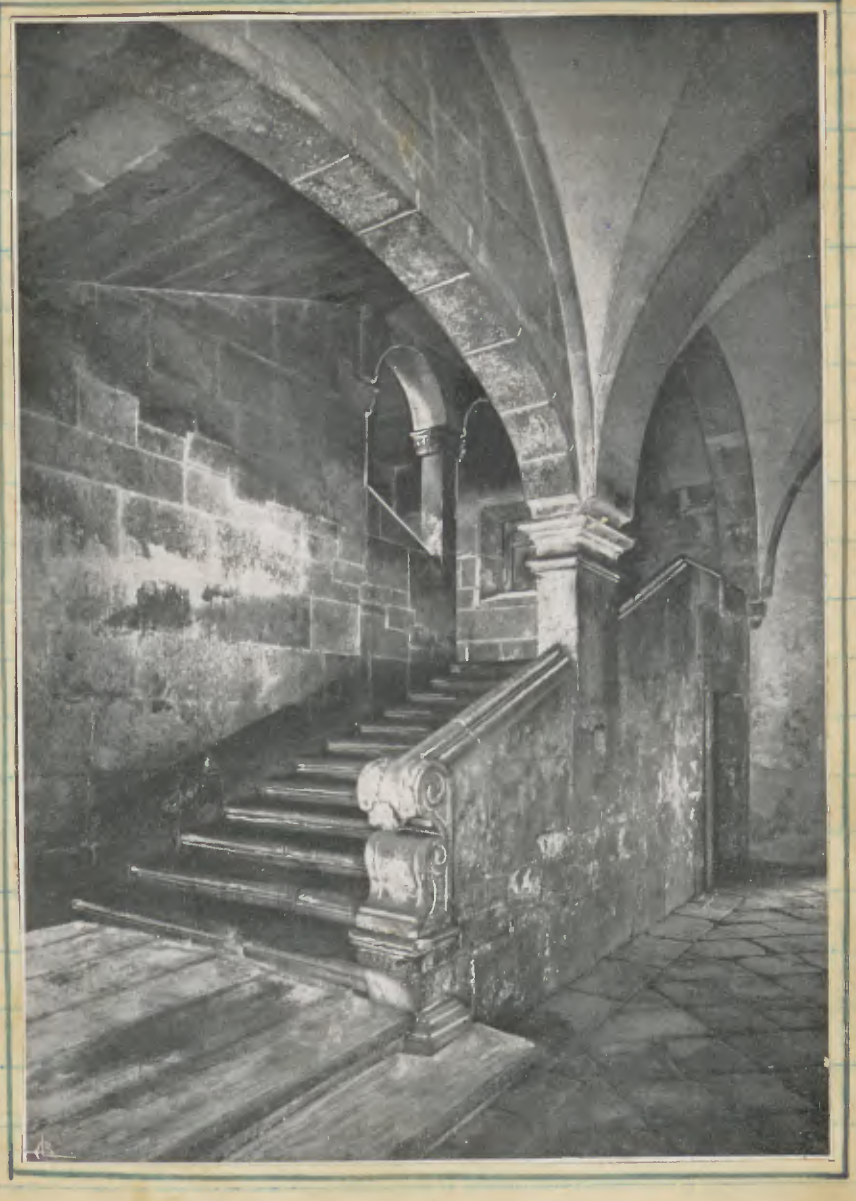
×

— Azulejos —

— Vilar de Frades —



Um esplendido painel mural de azulejos do século XVIII, ornamentando uma capela da igreja paroquial, da autoria do pintor Nicolau de Freitas.



Escada nobre

Tem magestade, imponencia, linhas arrogantes, altivas e até dominadoras!

É' bem o espirito catetico verdadeiramente Italiano!

— x —

Casa de S. Salvador de Vilar de Frades, Conegos regulares, seculares de S. João Evangelista: —

No tempo do bispo do Porto, D. Vasco II, mestre João Vicente, depois bispo de Lamego e Viseu, seguido de seus companheiros Martim Gomes, depois bispo de Coimbra e Lisboa, Afonso Nogueira e Lourenço Annes, seus de Lisboa, receberam da benfeitoria episcopal a Igreja de Cavramonha. Estes quatro sacerdotes eram pela sua vida honesta um protesto á indisciplina criminosa de muitos e instituiram-se fazer na ordem clerical uma reforma profunda acompanhando assim o pensamento reorganisador de D. João I na ordem política.

Porém, não foram felizes no Porto, pois que após a transferencia do bispo, o Abade de Cavramonha fez-lhes evacuar a Igreja, cedida por atenção ao bispo ausente.

D. Vasco, então em Evora, queixou-lhes agasalho mas eles preferiram Braga, onde o Arcebispo D. Fernando da Guerra lhes deu Vilar de Frades, no concelho de Barcellos.

— × — × —

J-2

O Convento de Banho

Abade de Neiva
(Igreja)

Manhente
(Igreja)

BARCELOS — Igreja e Tôrre de Manhente
(Monumento nacional)

O Convento de Bouro

(em Vila Cova)

Bouro, orago do Salvador, era uma reitoria, depois da extinção do convento, da apresentação dos arcebispos de Braga.

A fundação do mosteiro de S. Salvador de Bouro é de data anterior á da nossa nacionalidade, pois foi fundado entre os anos de 1067 e 1073, sendo bispo de Braga D. Pedro I.

Pertenceu este convento á Ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho (frades Eremitas), passando mais tarde a ser administrado por Comendatarios, até que no tempo do Cardeal D. Henrique, em 1566, foi reduzido a Comenda da Ordem de Christo e Reitoria secular.

"O Mosteiro de Bouro foi uma esplendida formosissima de architectura, romanica", diz o Snr. Dr. Bernardino dos Santos Portela, muito digno Juiz Aposentado da Apulia, em uma monographia publicada em fins do "Diario do Minho" de Braga.

"Conheci-o e visitei-o algumas vezes nos annos de 1870 e 1871" continua aquele erudito investigador.

"Conheci-o, tendo apenas abatida a abobada da Capella-mór o que succedeu pelos annos de 1865 ou 1866, produzindo memoravel estrondo, sentido nas povoações visinhas".

A imponente fronteira do mosteiro era voltada para o poente e era nesta mesma parte superior, terminada em frontão.

A portada era formada por dois arcos, com os seus capiteis e bases, sustentando uma archivolta historiada; havia aqui uma formosissima rosacea, especie de galilé, de abobada de pedra, encostada a outra empena que subia a toda a altura da igreja em que estava arrimada a cruz da fronteira e desta empena descia até ao telhado de pedra a empena recta, terminada a abobada da

galilé, que servia de côro, servido por uma escada interna; e recebendo a luz do corpo da igreja por uma frésta ogiva, e' alteada de pequeno côro da frente da empena, servido pela mesma escada.

Esta abobada, de que estava ornada a pia baptismal, era sustentada por oito cachorros esculpidos representavam abutres, aguias e feras devorando creanças; pregavam os preceitos e mysterios de dogma e a necessidade do baptismo.

A porta lateral do norte era tambem formada por oito arcos com os respectivos capiteis, encontrando-se uma cruz e outros feitios em timpano.

O Corpo da igreja era ornado de madeira e tinha tres ou quatro linhas de ferro.

Conta o cronista o que retem na memoria do que viu d'aquele outr'ora templo.

D'outras informações obtivemos que ao lado esquerdo da fachada se erguia a torre com os sinos e que esta igreja tinha tres altares: - o Mór e dois laterais.

Na capela-Mór existiam esculturas do Comendador João Fernandes Pacheco, com o escudo das Pachecos que foi roubado ao Museu Municipal e outra com lettreiro que dizia assim:-

AQUI.JAZ.MANOEL.PINTO.DA.FONSECA.
REITOR.DESTA.IGREJA.

Do outro cemiterio e templo de Bouro apenas restam desoladoras ruinas.

Aquelas pedras sagradas ficaram á mercê de quem delas quiz aproveitar, depois da extinção das Ordens religiosas.

A actual igreja de Vila Cova foi gratuitamente construida em 1887 com pedra vinda de Bouro.

A Junta de freguesia d'aquela freguesia, recom-

ando que tinha principiado com alvor em traçar uma antiguação a pedra das ruinas de Bauhe e tirando vantagens dos seus adversarios políticos, pedia para que aquelas ruinas fossem à praça, sendo então arrematadas por António José Fernandes Pereira, que, foi assim a ocasião de responsabilizado a fonte d'ali e vender muita pedra a diversos individuos.

Mais tarde aquele arrematante tirou as ruinas com a possessão da Cêrca de Bauhe por umas leiras, mas nem assim a demolição parou, pois ainda ha pouco anos veio muita pedra para a reconstrução da Igreja Matriz de Barcelos.

Das fotografias e gravuras publicadas em jornais e revistas no principio deste século, emparamos-as com o que actualmente resta, se vê quanto elas estão reduzidas. (1910-1949).

De abside apenas existem restos de pouca grossura, a porta central com duas ordens de arquivolta e respectivos arquivoltos na parte interior e anterior, os restos de dois gigantes que sustentavam a abobada e as duas portas laterais tambem com arquivoltos, incompletas.

De Bauhe foram recolhidos no Museu Municipal de Barcelos um fragmento romanico de pedra, representando o cordeiro pascal, restos arquitectonicos do seculo XII e XIII, timpano romanico e de cruz do dos Pachecos, antigo, seculo XVI.

No lado esquerdo deste templo, olhando deste pelo adro, ergue-se a Capelinha de Nossa Senhora da Luz, hoje completamente desaparecida.

No Monte de Bauhe, pequena elevação a sudoeste das ruinas, existe uma Cruzeira em pedra que é interessante.

Na base desta Cruzeira tem gravada uma cavidade com duas tibias em aspa.

Simples e singela, a cruz que a ensaina, é de haste

rectangulares.

Terminava aqui o Cabrão que vinha da igreja paroquial, da qual apenas existem sete hastes rectangulares, mutiladas, tendo desaparecido por completo as outras cruzes.

A freguesia de Barbosa, situada no prumo da de Vila Cova, confrontava do norte e nascente com a de Vila Cova, do poente com a de Palmeira de Faro, e sul com a de Gouveia, também de Lafões e a de Paderne.

A sua população no século XVII era de 32 vizinhos; no século XVIII era de 44 moradores e no século XIX era de 197 habitantes.

Esta freguesia foi anexada civilmente em 1840 à de Vila Cova, ficando desde então unidas com a denominação – Vila Cova e Barbosa.

×

— (Do "Barbosa-Revista" nº. 10 – 2º. ano – de 30 de Outubro de 1910.) —

"..... A antiga Irmandade de Barbosa, da qual aqui obtivemos três fotografias, floriu entre 1072 e 1096, e depois levantado pelos seus regentes da V.ª Apostólica que se uniu às Comendas da Ordem de Cristo.

Aqui vários varões ilustres se tinham empenhado para Deus que era nossa era civil foi fruição das escolas.

Formava parte nesta mansão a alma e terna mente Imaculada, a Santa Godinha, arcebispo de Braga, habitó que a liberdade de hoje mandou destruir e também S. Paio, individualidade inde fine em letras e virtudes.

Um dos priores da ordem havia sido mestre da infanta D. Catarina, filha do rei D. Duarte, D. Jorge da Costa, Cardeal de Alpedrinha, confessor de D. Afonso V, que morreu em Roma com 102 anos de idade, depois de ter sido bispo de Évora e Arcebispo de Lisboa.

×

Banho

Ruinas da Igreja romanica, do seculo XII

A' esquerda:

Restos da abside, deste bello monumento.

Em cima:

Dous capiteis ornamentados em memoria, na freguezia de Vila-Cha (Esposende), pelo erudito auctor do Padre Antonio Torrella, os quaes representam feras devorando gente. _____

Abade de Neiva

(Santa Maria)

A igreja paroquial da freguesia de Abade de Neiva, principiada a edificar pela Rainha D. Mafalda da alli por 1152 e a Torre que está fronteira principiada a construir por el-Rei D. Diniz alli por 1301.

Esta Torre serviu de cadeia para os condemnados pelo Couto de Tibães.

Em sitio elevado, na meia encosta de um monte, d'onde se descortina a bellissima Veiga de Barcellos e Vianna do Castello, está o vetusto e magestoso templo que foi sendo a Egreja Parochial desta freguesia.

Abade de Neiva é fundação da rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, no anno de 1152 da sua edade.

D. Mafalda quiz fundar aqui seu convento, dizem os de Freiras, e que não chegou por lhe haver vindo a morte.

Não concluiu a obra do mosteiro, mas o pouco que de fortificações guardadas, restaurou-nos ainda a Egreja Parochial actual, destinada a egreja do projectado mosteiro.

De estylo romanico, conserva exteriormente as linhas da sua primitiva architectura.

Vê-se uma fachada terminada em empena, em cujo vertice se ergue uma cruz de braços recthilineos, existe uma frizeira rosacea em tres circumferencias ornamentadas a entrelos em mosaicos e esphras.

Outra rosacea semelhante se vê por cima do arco e telhado da capella mór.

Abre-se o portico em quatro archivoltas de arco apontado, successivas e decrescentes, apoiadas em quatro pares de columnas de fustes lisos e capiteis lavrados.

Existia em Junto um cabido ou Capitulo que em 1732 se mandava aumentar, em acto de visita a esta igreja, de todo o que for necessario para que não chegue a arruinar-se, o que, ou por cahir em ruinas ou por mandado retirar d'ali, desappareceu.

As minas laterais da nave são cobertas por meias abobadas, decoradas em varias figuras e mais abaixo corre uma cornija em mísulas cavadas alternadamente para assento de caibros de um alpendre, que acompanhava a edificação de um lado e do outro.

Abre-se em cada uma das paredes laterais uma porta travessa; a do lado direito mais trabalhada e a do lado esquerdo muito simples e hoje tapada a pedra inteiramente, no seu dizer abrem-se nos altares.

As frentes deste lado ainda se acham intactas, ao passo que as do lado direito foram rasgadas em janellas para darem mais luz ao templo.

Na abside ou fundo ré-de-nave tem uma linda janella geminada e do lado direito exteriormente junto ao angulo da fachada um arco tumular cavado na parede.

Deste lado direito da fachada, adiantando-se uma frente a esta, ligada ao edificio por uma porta ogival, ergue-se a velha torre fortaleza, cuja fundação se attribue á Egreja de S. Braz.

Em 1734 mandava-se aumentar um sino e abrir nesta torre dois compartimentos para se lançarem dos sinos de cruzada em frente a Igreja.

De este templo conserva por fóra as linhas geraes da sua primitiva construcção, como atraz dissemos, não fazendo o mesmo inteiramente, devido ás varias obras ahi feitas successivamente.

A capella-mór é separada do corpo da egreja por um arco quebrado, sustentado por duas columnas

de feste lior e capitel coriutio.

A Tribuna é em bela talha renascença, os altares em madeira pintada com ouro e os outros com bustos de encarnação e os fundos esculpidos, com tintas até meio do século moderno.

No pavimento ainda se conservam as tres sepultura, tendo a do meio, fronteira, com lagoa a pagado e inscrição que já se não lê.

Tinha esta pequena mais de sepulturas de pessoas importantes; a tampa de uma delas está hoje a servir de degrau da porta de cima para o coro.

Ao lado direito da capela-mór está a sacristia pequena, sendo aumentada com um primeiro andar nas obras de fins do seculo passado.

A capela da igreja é forrada a estuque com obra em gesso e os painéis rebocados e caiados.

Tem quatro altares, os dois primeiros em bela talha antiga e os outros em talha moderna, muito pintada.

A balaustrada em granito direito, e pulpito e coro modernos.

Esta igreja, como é sabido, primitivamente não tinha coro.

Em 1734 a visitação "manda fazer um coro na igreja, pois é preciso e necessario para as decencias das festas dela e para as endoenças da Semana Santa, pois sendo uma igreja de tanto preço não é justo tenha o Santissimo Sacramento na capela-mór estando sem o referido coro para nele louvar a Deus e porque indecente estarem os sacerdotes e ministros fazendo o dito louvor na mesma capela-mór pois não tem outro lugar onde assistam e se achar a igreja com tudo o necessario para o culto divino e ter a area bastante para a dita obra".

Parece que o coro foi feito depois d'aquela data

e passados alguns anos, pois as entulhadas encarregadas das obras não dedicaram pontualmente às ordens dos visitadores.

Em 1744 manda-se juntar o teto da capela mór e rebocar e caiar as paredes da mesma, como também todo o corpo da igreja, em que se encontram algumas fendas tapadas com ferro, fôra nichanças nas portas e vão do arame por fora.

Em 1754 acha-se necessario que o altar mór seja alargado e os altares laterais juntados.

As pias d'agua benta estavam fóra das portas e manda-se entrar retira-las para dentro.

Em 1756 dizia-se que desde 1732 estão ajuntados sem ainda estarem feitas as obras seguintes:- fundir e dar grabado; fazer dois campanarios na torre; reformar as paredes da igreja; rebaixar o degrao do altar-mór e fazer uns degraosinhos para os laterais, manda-se entrar nos retalhos dantes, alargar a sacristia por ser muito pequena e fazer uma pia d'agua benta junto á porta travessa.

Na visita de 1778 condêna-se o costume de abrir na tribuna umas campainhas e tapa-las por meio de cordeis, grabado e tantissimo estava exposto.

Manda-se reformar as paredes do adro e vão-se que os enterramentos eram feitos n'este e na Igreja.

Em 1780 ementa-se a Igreja primorosamente acabada; em 1834, porém, acha-se já a Igreja, a Sacristia e Residencia em tal sinistralidade pela ruina que ameaça, que não dá logar a omitir e lembrar o mais necessario, etc.

Em 1802 manda-se terraplanar o adro para a conservação das sepulturas ali existentes e

fazer um pavimento de suporte para a frente superior onde também ha oliveiras.

Esta igreja foi visitada em 1904 pelo arcebispo D. Manuel Batista da Cunha e na respectiva pastoral mandou fazer obras de reconstituição na parte da frente que ameaça ruina, remover o soalho do corpo da igreja, etc.

Este templo é considerado hoje monumento nacional.

No fronteiro, ao lado do seu chão, junto ás escadas, uma peça d'armas abandonada, dizem ter pertencido em um museu.

Em frente, junto á capela-mór está a Residencia Paroquial, que é uma das melhores do concelho.

Do lado esquerdo a fazer com a fachada do templo e na parte mais alta do adro, está o cemiterio paroquial, tendo no seu portão gravada a data 1892 e a seguir, á entrada do mesmo adro, a Casa das Confrarias.

É murada esta casa com seu varandim de quatro colunas e escadas de pedra, terminado por uma cimeira com seu sino.

Era aqui que se fazia a distribuição pelos pobres de uma sardinha e uma fatia de pão em certo dia do ano a favor de algumas vigas, legado hoje extinto.

Esta freguesia não tem Cemiterio Paroquial. Esta freguesia com mais 2 é a da visita do arcediago de Neiva.

×

A igreja paroquial de Abade de Neiva é do XIV.

×

— Matriz de Abade de Neiva —

É do seculo XIII ou XIV. É Monumento Nacional.

A sua construcção romanica é de boa argamassa

gico notável, tendo ainda uma antiga torre.
Ponto de vista magnífico, distando de Barcelos apenas quatro quilómetros.

~ x ~

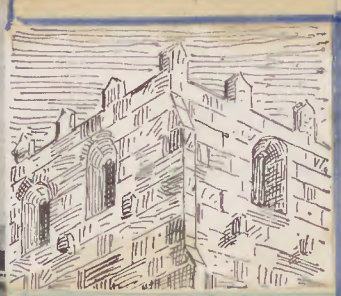
À direita:

Portico primeiro da Igreja de Abade de Neiva

~ x ~

= Abade de Neiva =

Igreja Matriz (Frontal)



~ x ~

~ x ~

60

Tradições de Abade de Neiva (Santa Maria)

Transcrevo abaixo um relato d'uma velha tradição que deixou de ser mantida em Abade de Neiva, a' qual muito gentil do Barroso assistia por ser interessante e muito entusiasmante:-

Recordando a festa da "Sardinha" em Abade de Neiva a que também lhe chamavam de "Calvário":

No 2.º domingo de outubro, de tarde, fazia-se a distribuição de pão e sardinhas a todas as pessoas que ali aparecessem.

O Juiz da Cruz era o encarregado d'essa missão. Recebia os legados de 20 legatários, em muitos, contribuição para essa despesa.

Ele Juiz, quando a sardinha era pouca, pequena e cara, recorria á Bolsa e Mordomias para arranjar boa sardinha.

No sabado, vespera do domingo da festa, assava-se as de muitos em fornada e juntava sardinha todo o dia.

No domingo, principiava a entrega de muitos com cêstos, levando as broas de pão e as bacias de sardinhas para a casa da confraria junto á Igreja.

×

Pelas 2 horas da tarde chegava o Juiz e os mordomos — que eram 10 — e principiavam a juntar em fatias todo aquele pão para logo ser distribuido por todos e pelos pobres, com distinção, que ali compareciam.

Enquanto se preparavam os cêstos com o pão e as sardinhas em bandejas grandes, mordomos levantava a Cruz, mesmo no adro, enquanto outro com um ramo de oliveira na mão, convidava os que estavam presentes, a rezarem pelos falecidos legatários que deixaram o legado para aquela tão simpatica e benemerita festa.

Finda a réza principiava a distribuição do

feijão e sardinhas.

Quando ela e o feijão sobrava, repetia-se a distribuição pelos mais pobresinhos.

No fim do mês, fazia-se a eleição do novo juiz, mas findava naquele dia o mandato do outro.

Como acabou esta festa com mais de seu século de existência?...

Em 1912 foram proibidos os choques que se faziam fóra da fazenda e com este pretexto o Dr. Abade Jaime aproveitou a ocasião para a tua, acabando, assim, com os legados, com as rêgas e com a festa da Candinha, que constituia uma interessante tradição do Abade de Keiva.

Mas..... tem que se manter.

(a) Miranda - Xistôvo

Manuel Luiz de Miranda, por alcunha o "Xistôvo", foi quem me forneceu este relato que atraiz transcrevo.

Barreto - Junho - 1948.

---x---

61

A Igreja de Santa Maria de Abade de Freiva

Publicação feita em "O Comercio do Porto" nº 328 - Ano XCVII - de 29 de Novembro de 1951 - por Joaquim Fonteira

No concelho de Barcelos, de cuja séde dista uns 5 quilometros, "Santa Maria de Cordeiro, Vade ou de Abade - diz-nos o padre Carvalho da Costa, na sua "Corografia" - ha tradição a fundou para Mosteiro a Rainha Dona Mafalda, mulher del Rey Dom Affonso Henriques, e tem huma letreira Gothica com esta conta 1170 que sendo era de Cesar, vem a ser anno de Christo 1132".

Extinta a rainha cinco annos passados, não se emprehendeu a construcção do mosteiro, que destinára a freiras mas, acaso, teria findo a tempo com a grandiosidade que a fundadora havia determinado.

As "Inquisitiones" ordenadas por D. Affonso III fazem menção á igreja de Santa Maria de Abade de Freiva, de que o rei era o padroeiro e em cuja freguezia tinha varios casaes entre elles os de Requenga de Cantaina, "dem os el Rey por sua carta, scilicet, a dom André et a Pedro Annes et a Dominicus Gelais et a dom Juliano, que li dem in cada anno pra festa Sancti Michaelis ij dous maravedis et dous capões cum XXXX ovos cada".

Mais tarde a mitra de D. Diniz deu o padroado da igreja, juntamente com o da capella de S. Vicente de Fragoso em terras de Freiva a mestre Martinho seu fisico e conego da Sé de Braga.

Informou o padre Luiz Cardoso no seu Dicionario Geographico que junto desta capella de S. Vicente havia uma nascente de agua que muitos dos seus fieis diziam ser milagrosa e curar muitos doentes que n'ella se banhassem na manhã de S. João.

No fundo do tanque diz-nos que terá

de cinco palmos de alto, está uma pedra com uma cruz que beijam de mergulho três vezes todos os doentes que nela se vão banhar e tem por fé que dentro em nove dias ou saram da sua enfermidade ou morrem".

Dada a alternativa pouco animadora, não pudemos deixar de considerar ou como desilusões da vida ou como hesitantes crentes os que assim tentavam pôr termo às suas maleitas.

Após estas breves notas sobre Santa Maria de Alhada de Feira - pois escasseiam ou não encontramos mais elementos para esta resenha histórica do monumento - passemos a uma descrição arquitectónica.

Precedida por um amplo terreno, ergue-se a modesta fachada deste templo, hoje, do seu lado meridional a uma atarracada torre sineira, coberta com chapitel de quatro águas e que embora não ameada, pela sua robustez parece teria tido a sua função de fortaleza em horas sombrias das vidas e haveres dos seus fregueses, pelo que a consideramos coeva do monumento religioso.

Na fachada principal deste, olhamos e frente, abre-se a portada desprovida de timpano ornamental por quatro arquivoltas, toreadas e em retrocesso, com arcos tanto mais nitidamente acentuados, quanto mais para o interior.

Entre a primeira arquivolta e a imediata corre uma fiada de quadrifólios e entre as duas últimas outra de flores de lis, o que faz pensar na data atribuída à construção deste monumento românico de transição que com mais certeza, cremos poder situar no primeiro quartel do século XIV, aproveitando-

62

de, embora, para tal, materiais doutra edificação mais antiga.

Entre estes estarão, por ventura, os oito capitéis historiados, quatro por banda, que, sob duplo ábaco corrido, rematam igualmente as colunas com fustes lisos e cilíndricos, que ladeiam o portico.

Partindo do lado esquerdo deste, esses capitéis representam: um leão rompente; um homúnculo com as mãos nos bolsos dos calções; duas aves afrontadas; um homem com um manual (?) na mão direita.

Do lado direito e de dentro para fóra, temos: duas aves descendendo-se no mesmo caule (?); uma dansarina com as mãos nos quadris, tendo á direita uma serpente, estante sobre a extremidade da cauda e parecendo segredar-lhe ao ouvido; um guerreiro apoiado sobre a sua acha de armas, á esquerda: um leão rompente.

Os oito colunas, algumas de mais recente feitura, assentam em bases áticas simplificadas.

Por cima do portico rompe a parede um oculo circular, emblemático, com moldura torcida e com motivos florais diversos nos intradorsos das aduelas.

Rematta a empêna uma cruz de pedra formada por quatro pequenas octogonaes, perfuradas nas suas alternadas.

Passando por uma pequena porta rasgada na parede que une a igreja com a torre, entra-se num pequeno passadiço que corre ao longo da sua fachada meridional.

Logo á esquerda, mesmo á entrada, um arco tôsco funerario, de volta redonda e com as

aduelas bem seguidas, recorda, pela posição e dimensões, o existente na visinha igreja de S. Martinho de Mamhente.

A sepultura subjacente ao arco foi já, como de costume, visitada por necrófilos profanigadores de tumulos.

Mais adiante abre-se uma porta lateral, de arco apontado, com um toro emoldurando e sobre o paramento, com capiteis na aresta, e com os socalmeis assentando em singelos ábacos, que se apoiam em simples pés direitos com as arestas truncadas.

IGREJA DE SANTA MARIA DE ABADE DO NEIVA — Interior da capela mór e arco triunfal

IGREJA DE SANTA MARIA DE ABADE DO NEIVA — Capiteis do lado esquerdo do pórtico principal

Por cima da porta avançam da parede alguns modilhões desadornados que serviram em tempos para suportar a verga duma alpendrada.

A todo o comprimento da fachada corre uma impreta servindo de lasrimal.

Duas janelas rectangulares abrem para este passadiço, sendo curiosa a cachorrada historiada que suporta a cornija do lado meridional.

O interior da abside, cuja planta é rectangular, nada apresenta de notavel, excepto do lado setentrional, em que uma fiada consecutiva de modilhões lisos, mas muito salientes

63

e bastante afastados do beiral do telhado, parece indicar que a parede foi altada.

A fachada setentrional na parte da nave, é atravessada duma extremo a outro por um barrinha identica ao da fachada oposta.

Da mesma forma, uma ecoberada sustenta a cornija deste lado.

Erguem-se a torre defensiva, mostra duas aberturas em cada face, rasgadas até ao telhado algumas servindo de seteiras e outras apenas de janelas.

Estreitas frestas, quais seteiras iluminam parcamente, o seu interior, no qual se desce sobre uma arruinada escada que conduz ao pavimento superior, cuja solidez não inspira muita confiança.

Entremos agora no templo. O seu interior, de feitoria rica, apenas apresenta dignos de menção a parede da cabeceira absidal em que se rasga o arco triunfal em ogiva equilátera, emoldurada, e cujos salmeis repousam por intermédio de ábacos simples sobre capiteis fortemente ornamentados com arguinhos e cabeleiras, tendo, como nota curiosa, o capitel do lado da Epistola uma pequena cabeça humana — possivelmente a do abade que, assim, desejou deixar perpetuada a sua passagem como artífice do monumento.

Por cima do arco triunfal abre-se um óculo, em nível já superior ao do telhado da abside, pelo qual os primeiros raios do sol matutino iluminam a nave desta modesta igreja, ora ao destinada pela sua fundadora — se a tradição não é apenas lenda — a ter uma função de maior valia.

x

64

Manhente (S. Martinho)

S. Martinho de Manhente — Aspecto geral da igreja e da torre defensiva

S. Martinho de Manhente — Pórtico principal

Manhente

BARCELOS — Igreja e Torre de Manhente
(Monumento nacional)

Manhente foi, depois da entrada dos mouros, um mosteiro, uma abadia da apresentação do Arcebispo de Braga, passando, depois da reunião a Vilar de Frades, a ser uma vigairaria da apresentação deste convento até 1834.

Diz o P.e António Gomes Pereira que Manhente vem do genitivo manienti, do nome latino manientus, o homem que usufruía da herança ou manio.

Manhente foi primitivamente mosteiro beneditino da fundação de São Martinho, bispo de Dume.

Depois da conquista árabe e restauração visigothica, foi este mosteiro reedificado por D. Rodrigo Afonso Davães, casado com D. Godinha, neta de D. Lucio Gondes da Varzea, fidalgo principal do seu tempo, filho de D. Gonçalo Arnaldes e neto de D. Arnaldo de Braga.

Pelos anos de 1403 o mosteiro de Manhente reduzia-se a abadia secular e pertencia aos duques de Bragança, por doação de D. Afonso V, que a tinha dado a seu tio D. Fernando, duque de Bragança, por morte do seu abade no convento de S. João Evangelista de Vilar de Frades, que lhe fizera voto de pobreza, mas depois foi casado.

Como aquele abade morresse na ocasião em que andava acesa luta entre o convento de Vilar de Frades e o arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, este não respeitou a ordem de sucessão, tomando a abadia de Manhente para seu sobrinho, dando-lhe assim, como sucedia muitas vezes, a violencia contra a justiça e a força contra o

a cazar, como diz o P.e Francisco de Santa Maria na sua "Historia das Sagradas Congregações" (Leir a historia na Terra) a pag. 400.

Por morte do dito Diogo Affonso, o Arcebispo D. Lourenço Vaz levou por boa a bula do papa e mandou a igreja de Manhente ao Convento de Villa de Frades, da qual tomou posse em 1480, tomando tambem posse na mesma occasião de S. Vicente de Aveias, como amena que era d'agoa.

Manhente, como mosteiro benedictino, tinha um couto.

D. Affonso Henriques, sendo ainda Infante e estando em Coimbra, por carta de 6 de Junho de 1126, na presença de sua mãe D. Thereza, que a confirmou, fez couto ao mosteiro de Manhente, dividindo por montes e balizas as terras que lhe cumpria.

Os limites deste couto eram os seguintes: =

"..... e o dicto tem facendia abaixo do monte aliaria pelo rio Cavado, que corre ao pé dele, termo de Braga, correndo primeiramente o dicto couto ao logar aonde a dicta Ribeira se chama Riveiro, por onde vai pela aria do monte de Poti até ao Moinho do Frade assim como vai por aguilha boga que parte o Villanimo de Real, e daqui pelo valle que se chama de Cattivos até ao escalladoiro assim como vai por Pedellas e daqui aguilha mamoginha que parte as villas d'Oneca do dicto Mosteiro, assim como a Villa de Sar Verissimo parte com a villa d'Oneca até ao ribeiro de Fontelo assim como entra em o Cavado, como vay pelo meio do mesmo Rio Cavado até ao logar onde primeiro começou".

Por força da antiga posse e confirmação dos reis D. Affonso IV e de alguns seus successores, a saber do Convento de Villa de Frades era superior mór, senhor com def.or mór e alcaide mór deste couto, para o que nomeava juizes em civel e crime que residiam em escrivania da villa de Frades, comarca e crime.

Este couto engrandecia esta freguezia de Manhente.

e parte das de S. Veríssimo de Fanel, Santa Maria de Galegos, e S. Vicente de Arcias.

Nas Inquirições de D. Afonso II de 1220 vem:-
"De Sancto Martino de Manenti de Monasterio" de Terra de Prado.

Vélas se diz:- quod Rex nullum habet ibi Regalengum; quod de ista collectione dantur de Jossadeira 16 denarios. Et de Monasterio dant quartam de collecta; quod Rex non est patronus et quod iste Monasterio habet bonas senarias et 27 casalia.

Nas Inquirições de D. Afonso III de 1258, 1ª Almeida, diz-se:- In Judicato de Prado - in Conto Sancti Martini de Reagnenle = Jure de Mosteiro de Manhente dam a el Rey quarta de colleita e San Veríssimo 20 moravedis.

A freguesia de Manhente foi incorporada em concelho de Barcelos pelas reformas administrativas do liberalismo.

A Igreja Paroquial desta freguesia fica em sitio desafogado em centro de um adro fechado por grande com uma entrada e respectivo portal.

Ao lado direito do templo, separada deste pela abside levanta-se a velha torre fortaleza, ameada, de três andares, rasgada de pequenas frestas ou seteiras que guarnecem os panos das faces.

Tem este corpo quatro pináculos e no angulo junto à fachada do templo uma porta gue franqueia dava comunicação com este.

Exteriormente ha naquela face indícios de estar ligada com a igreja e vestígios de outras construções hoje desaparecidas.

A templo é um edifício baixo, pequeno, tendo acima a cúpula. Foi reconstruído ha poucos anos.

Este edifício conserva ainda interiormente a feição primitiva, embora muito deturpada por obras posteriores.

Na sua fachada baixa, terminada em angulo e ameada por uma cruz florada, abre-se uma janela re-

tangula a substituir a antiga sotaca, mantendo-se porem ainda intacto o seu antigo portico romanico em quatro arquivoltas de arco redondo, successivamente decrescentes, apoiadas as duas interiores em duas columnas de capiteis historiados.

A lado esquerdo abre a porta, defendendo-a, um pequeno torreão para dois lados e do lado direito do portico, á altura de um homem, vê-se uma pedra, metida na parede, a seguinte inscripção:

MAGISTER. GVNDISALVS. FECIT. ERA. MC. 25V.
XOSLECTO.

1125

Do lado direito da fachada vê-se encravada na parede lateral uma cruz florida, sem symbolismo.

Diz-se que o arcaz romanico que está no Museu Archeologico de Braga era d'aqui.

Do lado esquerdo, por traz do torreão ergue-se a sacristia.

As antigas frestas foram substituidas por janellas rectangulares, vendo-se ainda sobre esta de uma na capella-mór lado sul e no fundo da abside, que é emmoldurada por uma cruz de Christo bem trabalhada, vê-se outra tapada a sul.

Nas proximidades desta igreja e até nas paredes que cercam o seu adro, ha muitas pedras lavradas que serviram com certeza nas antigas construcções desmolidas.

Dentro a capella-mór é forrada a estuque com ornatos em gesso e o pavimento é lageado tendo altar antigo com retabolo estilo renascença.

Entre a capella-mór e a igreja admira-se o bello arco ogival romanico em pedra bem trabalhada.

A corpo da igreja é forrado tambem a es-

67

tigua com arcatas em gesso, tendo por centro a
imagem de padroeiro - S. Baptista.

Tem dois altares laterais modernos em estilo
simples e pobre; são, Imaculada e Sagrado Coração
em granito antigo.

×

A portico desta igreja é romanico e do sec. XII.
A torre é medieval.
Visita de Barcelos e Guimarães.

×

Conto de Manhente

(Da Archeologia Cristã, de Alvaro Belino) —

A Conto de Manhente foi doado por D. Afonso Henriques (Afonso Filho de Henrique) no dia 6 de Junho de 1126, a que se refere a D. Antonio Gomes Pacio, no seu livro "Antiga Diocese" e mais tarde foi convento de Frades de S. Bento (Beneditinos), desde a época referida dita.

Depois foram anexos ao Convento Cristovão de Vitalonga extinto no ano de 1790.

×

Portico romanico

×

14

Igreja Paroquial de Manhente

Esta igreja antiguamente pertencia com outras ao Mosteiro de Rendufe, Barrosas e Vilar de Frades.

É uma das mais velhas do Minho e Portugal inteiro. Do lado direito da porta principal, na sua fachada ao poente, em letra gótica, lê-se a seguinte inscrição:

MAGISTER
GVNDISALVS. FECIT.
IN. ERA. M. C. L.
V. XOSLETO.

. . . . . .

Tradução:

Mestre Gonçalo fez esta igreja na era de 1120.ª

A última está incompreensível, mas parece ser esta inscrição.

Esta a igreja de Manhente na era de 1182, esta corresponde ao ano de Cristo de 1084. Porque naquela época eram Portugal com tanta frequência entrepenetrados e outras que assim tinham uma fortuna sobremaneira mais bem conservada.

Verifica-se que substituíram a roseta por uma fresta em janela ao fim de obterem mais luz franca e coroa de que foi um cunho.

A parede do adro foi construída com a fresta da roseta e sua cornija, assim de cunhos frestas janelas que ali se encontram com arabescos e desenhos antigos.

A igreja paroquial de Manhente, segundo reza a tradição, foi fundada por S. Martinho de Dume, apóstolo da Galiza suévica, com a sua capitala cristã na Bracara Augusta romana, reinando Charrarico (550) e seu filho Teodomiro (560) ambos arianos convertidos pelo mesmo santo apóstolo.

Esta igreja é consagrada a S. Martinho, bispo de

68

Tons (Espinho), que se julga tenha os anos até 11 de Novembro e que já foi dia santo e de guarda na freguesia até 14 de Junho de 1845, tendo sido abolido nesta data pelo Breve Decem Apostolici muneris da Santidade Gregório XVI.

Junto da igreja de Manhente houve um antigo Mosteiro de Religiosos Franciscos de S. Bento, que na minagem dos anos seguia a distinção entre o seu vizinho, na margem esquerda do Covelo, S. Salvador de Vilar de Farlos e mais além o de S. Salvador de Vargea, ambos da mesma Ordem Benedictina e fundação também, segundo a tradição, de S. Martinho de Dume.

Manhente reduziu-se a Abadia secular pelos anos de 1403 e assim permaneceu até ao reinado de D. Afonso V.

×

= A Igreja de Manhente =

É do século XII. É monumento Nacional.
Interessante pórtico românico e torre medieval.
Dista de Barcelos 6 quilómetros.

×

D. Afonso Henriques confirmou a carta de doação do juiz de Couto ao Mosteiro de S. Martinho de Manhente, existindo no Castelo de Faria, ainda infante, em 6 de Junho de 1126 (era 1164).

= Manhente (S. Martinho) 1126 =

Carta de couto, dada pelo infante D. Afonso, em cumprimento de D. Enega, a Gomes Romires, em 6 de junho de 1126; publica-se pela primeira vez uma cuidadosa leitura portuguesa, existente no Arquivo Distrital do Ministério das Finanças.

(Comunicação do seu Director J. M. de Carvalho Sarmento)

S. Martinho de Manhente — Capiteis do lado esquerdo do portico principal.

= Carta de doação feita por D. Afonso Henriques a Gomes Ramires, Abade do Mosteiro de S. Martinho de Manhente: =

Em nome da santíssima Trindade, Padre, Filho e Espírito Santo, Trindade indivisa, que nunca terá fim por todos os séculos dos séculos. Eu, o egrégio Infante D. Afonso neto da gloriosíssima Imperadora das Hespanhas e filho da Condessa D. Henrique e da Rainha D. Teuga e pela graça de Deus Príncipe de Vila a Jovenceia de Portugal sem ser constrangido de nenhuma necessidade, nem enganado de nenhuma perturbação, mas movido desta feita e minha vontade, a vós Gomes Ramires Juiz Curti Jana e Abbadessim do S. Martinho de Manhente, por remédio da minha alma e de meu Pai e Mãe, pela serviço que me tendes feito, e haveis de fazer, e também pela vossa e lealdade que me tendes.

A dito Mosteiro faz alhano do monte Maria pela mi Cavado que cobre no pé dele e começa pobricinamente a dito Cauto no lugar onde o dito rio se chama Rio Negro (1), e dali pela areia do monte de Boi (2) até ao moinho de Pinda (3), assim como vai dali pelo vale que se chama dos Fathy (4) até o Lamoeiro (5) assim como vai por Penelas e dali vigueira marcinha que jaz da Vila de Rojo do dito Mosteiro, assim como a Vila de S. Vicencinho jaz com a Vila de Rojo até ao ribeiro de Pontelo, assim como entra no Cavado, como vai pelo meio do mesmo rio Cavado até ao lugar onde primeiro começamos.

Vol-o dou e concedo a tempo em diante para ele ter e gozar de meu direito e dado e confirmado em vosso domínio. E se alguém, o que eu não creio, for violar e quebrar os termos do dito Couto, antes do meu, seja constrangido pelas justiças que tiverem poder real, a pagar 500 soldos ao Abade

do dito Mosteiro a quem chamar a sua voz. E esta
Carta será guardada sempre em todo seu tudo o dano que fi-
zer e seja apartado do grémio da Santa Madre Egre-
ja, e com Judas, que traiu o Senhor, perpetuamente
seja agastado com sentença d'anathema e excer-
mungado. Foi feita esta Carta (de doação e outorga-
mento) aos seis dias do mez de Junho do anno de
mil cento e oitenta e seis. E eu, sobredito D. Gomes,
de consentimento de minha Mãe, e em presença dela
e dos Gomes Ramires, de minha Confissão assim o assen-
e confirmo esta Carta em o Castello de Faria — Portu-
gal.

D. Pero, Archidiago de Braga - conf.
Egas Moniz, conf.
Hermigio Moniz, conf.
Pero Pais, conf.
Mendo Gonçalves, conf.
Diogo Gonçalves, vedor da Corte, conf.
Mendo, chanceler do Infante, a escreui
Lourenço
Mem Pais
Gonçalo de Braga
} test.

---

1) - A Canada tem este nome acima do Paço de Vilar.
2) - Este Monte separa a freguesia de S. Martinho de Galegos da de Areias de Vilar.
3) - Também chamado de Sant, o qual ainda existe.
4) - Regueiro vale entre dois outeiros, e que separa o lugar de Vilarinho do de Real, em S. Martinho.
5) - Hoje chama-se Esgueira.

×

Manhente

A Cópia da carta de Couto attraz transcripta foi feita com o maior esmero á face de um documento antigo, que existia no Archivo da Junta de Parochia da Freguezia de Manhente, do concelho de Barcellos.

O original era em latim e acompanhado de authentica, de sorte que a extracção da traducção não soffreu.

Do documento — Bibliotheca de Curiosidades — Couto de Manhente — editado por José da Silva Vieira, de Barcellos (1884), vem publicada na integra a carta de confirmação de el-rei D. Pedro II do referido Couto ao Padre Reitor do Convento de San Salvador da Villa da Feira, da Congregação de S. João Evangelista, e tem a data de 1º de Junho de 1706.

Ha nella referencias á doação de D. Affonso Henriques e ás confirmações dos monarcas D. Affonso IV, D. João I, D. Manoel, D. Sebastião, D. Filipe II e D. João IV.

Fr. Francisco de Sant'Iago cita este documento na Chronica da Soledade, vol. 1º pag. 280; Pinho Leal no Portugal Ant. e Mod. vol. 5º pag. 52; José Augusto Vieira, no Minho Pittoresco, vol. 2º pag. 175; e ficalmente vem citado no Dic. Portugal e na Encyclopedia Portugueza Illustrada, vol. 6º pag. 827.

Património Artístico Nacional

Igreja romanica de S. Martinho de Mouriente

(De "O Comercio do Porto" nº 82 (ano XCVII) de 24 de Março de 1952 - por Joaquim Fronteira)

A cerca desta pequena igreja, tratando das que se uniram ao convento de S. Salvador de Vilar, o frade Francisco de Santa Maria, que foi cronista da congregação dos conegos seculares de S. Jorge, em Alga de Veneza e de S. João Evangelista em Portugal, diz-nos em "O Ceu aberto na Terra": a duodecima (das que se uniram ao convento de Vilar) he a Igreja de S. Martinho de Mouriente, situada defronte de Vilar para a parte do Norte, & tem junto, que o rio Cavado fertiliza juntamente, de huã, & outra parte, os frutos de huã, & outra Igreja".

Foi seu fundador ainda pelo ano de 600 S. Martinho, primeiro bispo de Dume e depois de Braga, conforme escreveu Frei Bernardo, logo após a morte do santo bispo que além do mosteiro de Mouriente fundou ainda os de Vilar e da Vargea, todos juntos nos dias outros.

Segundo da evasão barroca, esta igreja sofreu a sorte de tantas outras, tendo sido sempre edificada depois da reconquista cristã. D. Pedro Afonso Perrães (ou Barrães) casado com D. Godinha (ou Gontinha), neta de D. Egas Moniz Godinho que foi segundo a "Historia do Conde D. Pedro" o reedificador do mosteiro de S. Bento da Vargea. Lendo uma inscrição (1) existente do lado direito da portada principal, a nova edificação teria sido erguida em 1155 - e não em 1125 como por engano foi gravado no lithar inferior, tendo-se tomado o "L" como (romano) pelo algarismo "2" (cada). Quanto a esta inscrição, que acusa dois lithares e que consideramos apócrifa ou, pelo menos, repetida com fundo emidado a igreja, ou melhor a sua obra de pedraria feita por mestre Gon-

Gaives (Gondicalves), no ano já indicado de 1155 conforme se verá que lê no Livro Preto.

No que lhe está sobreposto a leitura é já impossível, pois se encontram as letras quase por completo apagadas. Nele foi gravado, em época posterior a data 1125 que já vimos estar errada.

Quando ainda infante, D. Afonso Henriques estando no Castelo de Faria, cedeu o mosteiro de Tranhente, mandando delimitar com marcos e balizas as terras que assim lhe concedia. Por provisão de D. Afonso IV, confirmada pelos reis seguintes, o reitor do convento de Vilar, ao qual foi incorporado o de Tranhente, era o capitão-mor e senhor do couto a que vamos nos referindo pelo capitão-mór de Prado, pelo facto de o couto de Tranhente estar no termo da vila de Prado. Porém por sucessivas sentenças régias, foi sempre dada razão ao reitor de Vilar, no sentido de ser reconhecida a subordinação ao capitão-mór de Prado.

Cerca de três séculos a contar da data da recdificação se mantiveram a igreja e o mosteiro com abade próprio, até que, "pela instabilidade dos tempos se reduziu em Abadia sendo-lhe em 1463." Em 1448, a instâncias da Rainha D. Isabel, esposa de El "Africano" o Papa Nicolau V passou uma bula pela qual por morte do seu abade, o mosteiro e a Igreja de Tranhente se unissem ao mosteiro do Salvador de Vilar, depois Vilar de Frades.

Sucedendo morrer o abade de Tranhente, por ocasião de demandas entre os conegos regrais — os bons homens ou beguinos de Vilar, como eram então conhecidos — e o arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, "pleiteou este a causa da Igreja e prevaleu (como sucede muitas vezes) a violencia contra a justiça e a força contra a razão; e proveu na dita igreja a D. Diogo Afonso, criado da sua casa".

Mais tarde, por morte deste, o arcebispo D. Luiz Pires da Cunha deu a sua posse em 1480, ao prior

Santo, do mosteiro de Vilar, por o de Manhente "ter sido e não se poder guardar nele a observancia regular", segundo informa F. Leão de S. Tomás, na "Benedictina Lusitana".

O couto de Manhente que abrangia parte das freguesias de S. Veríssimo, Santa Maria de Sabroso e S. Vicente das Eiras, foi extinto em 1834.

Depois destas breves notas referentes ao mosteiro e à igreja de S. Martinho de Manhente, passemos à descrição da actual, que deverá ter sido sagrada, talvez, ainda no século XII. Poderá dizer-se que o pequeno templo sofreu tantas "temporias" de que foi vítima, como pelas intemperies de parte de oito centurias decorridas. À primeira vista se nota que a campanaria-fachada, existente de uma ilharga espanda, lhe foi imposta com o intuito de aumentar a grandiosidade exterior do templo e, para tal, vai de sobrepor-se à fachada reforçando-a para a parte norte, com um paredão de mais moderna feitoria. Com o objectivo de levar-lhe mais luz ao seu interior, foi rasgado por cima do portico principal, um janelão rectangular que, por certo, veio substituir a primitiva e habitual fresta ali existente. O portico é formado superiormente, por quatro arquivoltas de meio ponto, todas diversamente ornamentadas como se segue. Assim, de fora para dentro, a primeira apresenta uma série de fitas trifidas, dobradas em angulo recto, formando triangulos isósceles em um encadeamento; no seu intradorso tres fiadas de óculos cavados a furar, das quais a mais avançada forma a aresta respectiva. A segunda arquivolta adorna-se com uma série de medalhões de oito pétalas, sobre, com o botão fendido em cruz; quebrando-lhe a aresta tres fiadas de ternas de rolos ou bilhetes; no intradorso, medalhões quadrifolios. A terceira arquivolta é apenas decorada na face anterior, com um motivo ordinário formado de arcos quebrados e ligados entre si. A quarta na face anterior, mostra uma série de bonecas floridas. Os intradorsos destas duas arquivoltas são desprovidos de qual-

quer ornato. As três últimas arquivoltas correspondem outros tantos pares de colunas, com fustes cilíndricos, providos de capitéis ornamentados com motivos fitomórficos. Em cima destes e suportando as três arquivoltas, desenvolve-se um ábaco corrido, que se prolonga em imposta para ambos os lados do pórtico, tendo como ornamentação uma série de contas imersas, com ranhuras interrompidas, unidas duas a duas. As colunas que sustentam apenas pouco mais do que vestígios das primitivas bases, que as chuvas e as depredações quase por completo fizeram desaparecer. A primeira arquivolta, a mais, na parte subjacente à fenda, mostra nítidos indícios de abatida da curva ou arcada que tangia a moderna cimalha que, no seu acompanhamento, remata, outrora a cima da fachada, como empena a quase todas as pequenas igrejas românicas, aqui substituída por uma simples cruz de braços despovoados. Um corrimão de portadiz tinha remata a empena, de todo moderno. Passando entre a igreja e a torre de defensiva, que se ergue à sua direita, vemos a fachada lateral do templo, a qual apresenta só digno de nota um grande arco semicircular, actualmente vazio. O lintel de tijolos já desprovido da habitual cornija suportada por modilhões; as duas janelas rectangulares bordadas de modernas cantarias e a porta da mesma direita, são as únicas coisas dignas de que a reconstrução do edifício foi quase total. Depois de uma nova abside de planta rectangular, também desprovida de primitivos modilhões e com duas janelas também de moderna feitura. Na testeira da abside, virada a nascente, dois silhares salientes e fracamente graduados e superior ornato uma pequena cruz de braços iguais — provável ornamentação — sobre a porta à qual se vê uma pequena abertura semi-circular que deverá pertencer à primitiva igreja de planta de cruz latina; no silhar imediato que é de pedra mais clara, gravados e inscritos em círculos dois pentáculos e uma roseta com seis pétalas.

Tudo isto nos prova que a abside foi, totalmente reconstruída, e, exteriormente, mas vestígio algum notamos da fábrica românica do século XII. O mesmo sucede no seu interior onde coisa alguma nos recorda o seu passado venerando. Sequer o arco triunfal — que, com tanta frequência, é respeitado pelos restauradores — é o primitivo.

Cremos assim ter referido o que de interessante sob o aspecto arqueológico, nos mostra ainda esta pequena igreja de cuja primeira fundação não restam vestígios que, com segurança, se lhe possam atribuir. Também não foi poupada à reconstrução efectuada no século XII, pois dela apenas, pode dizer-se, resta incólume o pórtico principal.

Joaquim Fronteira

(*) Ficou sem resposta o pedido de informações que dirigimos ao rev. Augusto José Vieira, abade de Manhente, na intenção de melhor nos podermos documentar sobre esta igreja e, em especial, sobre a referida inscrição.

N.ª S.ª do Facho

e a Litania de Boriz e Cruzeiro da Independencia

A' direita:

A linda imagem de Nossa Senhora que se venera na sua formosa ermidinha no alto do Monte do Facho.

A' esquerda:

Linda imagem de Nossa Senhora do Facho.

Em cima:

Uma fotografia da capela de N. S.ª da Fátima, ainda em construcção, vendo-se já a escadaria e frente restaurativa à capela - mór até ao arco cruzeiro.

Fotografada por ocasião da Peregrinação que teve lugar no dia 6 de Julho de 1952.

À esquerda:

Fotografia tirada na mesma data, mas um pouco antes.

73

A Citania de Briz

(No alto do Monte do Facho)

(Da "Minha Terra," de J. A. Vieira – 2.º Vol. – 1887 – pag. 118)

..... Esta opinião, que suppõe Barreiros a antiga cidade romana de Aguas Celenas, do nome do deus Celeno ou Celando, que os arabes ainda teem mudado para a actual de Cavado – Ptolomeu já lhe chamava Cavus e é a que tem sido adoptada com mais facilidade, e a que passa por mais fantastica.

Todavia ha bastantes razões para suppôr, que não fosse inopinadamente Barreiros a cidade romana de Aguas Celenas, visto que os itinerarios antigos da Braga a Astorga marcam a Aguas Celenas 16 leguas, ou sejão 30 quilometros, quando a distancia é apenas de uns 16.

Nesta variabilidade de opiniões, não faço mais uma de mais ou de menos e por isso tambem me permito acudir com minha fé, que a primitiva Barcelos não foi no sitio actual, onde as investigações archeologicas nada teem apresentado, como parece, talvez?... no alto da Citania de Briz, monte que fica sobre a margem direita e a cavalleiro do Cavado, uma legua quando muito da villa, para oriente.

Neste monte, misterio de terra e granito, ainda por explorar, encontram-se evidentissimos vestigios de uma fortificação antiguissima, céltica ou romana, quem o sabe, talvez uma e outra coisa, como na Citania de Britaes, mas que em todo o caso deverá ser consideravel, attendendo á extensa area que esses vestigios occupam .....

Do alto da Citania descobre-se ainda, um pouco ao sul, a freguesia de S. Vicente de Arcias, em frente ao vasto areal de Galrido, intricada harmoniosamente o Cavado junto da sua margem direita justamente

por isso a area á freguesia de Arcas de Vilar.

×

= Citania de Boriz =

No domingo 27 de Julho de 1902 foram em diligencia á Citania de Boriz acompanhados pelos Snrs. Martins Lima, os Snrs. Ricardo Severo engenheiro e redactor da "Portugalia"; Rocha Peixoto publicista, professor Dr. Fortes e Bernardino Campos.

Todos estes senhores foram ali em prazivel de estudo.

×

Em cima: Uma fotografia de uma frente casas-circulares primitivas da grande Citania de Boriz, tirada em dia 6 de Julho de 1952. —

×

O Monte do Facho

É ponto de intercessão das freguesias de Beiz, a de Oliveira que se estende por nordeste, de Igreja (v. Mosteiro) que fica ao sul e da Lama, que está ora formam juntamente com a mencionada Oliveira e com S. Romão da Veiga, o extinto Couto de Agrelos, cuja séde era na Lama, hoje e solar dos Agrelos, que foram de D. Godinho Viegas, fundador do Mosteiro de Vilar de Frades.

O Monte de Beiz
ou O Monte do Facho
(Por ocasião de Geminas - 15.9.1933)

O Monte de Beiz também é conhecido por Monte do Facho e tem uma parte a que chamam Leira dos Mouros Monte dos cabeços ou cidade de Lembrança.

Esta parte é a que fica a sul e nordeste e é a que neste momento nos prende mais a atenção pelas suas riquezas históricas e arqueológicas.

Para não se perder tempo, transcreve-se o que disse o Snr. José Augusto Vieira em "A Minha Terra" 2ª ed. vol. pag. 160 e seguintes acerca do Monte do Facho e da cidade de Lembrança: - ("Citania de Beiz")

"..... Começarei assim a topografia do Monte de Beiz que vae-se ahi dar a luz sobre a materia arqueologica da misteriosa Lembrança, acerca da qual escreveu já um curioso artigo o malogrado Dr. Sá Coimbra; mas os de que elle se occupou foram a fugir e ninguem mais poude colher a competente prova para desvendar o mysterio que envolvia essa tão fallada nesse folheto de reputação.

"A que apenas uma rapida visita nos póde demonstrar, foi que devia ter sido consideravel essa povoação extincta, attendendo ao amplo que ainda os seus vestigios occupam; e serão muitos tambem, talvez mais elaborada hipotese, que se esteja

muito longe da verdade, acreditando que a civilização celta ou pré-celta surgiu, ou se intensificou no Alto da Bória a civilização romana, pois há provas de ocupação inequívocas, tais como as casas redondas e de planta oval, pré-romanas (celtas), uma cisterna de muralhas (castro romano), tendo numa espessura de três a quatro metros e os objetos que por ali se têm encontrado alguns dos quais estão em poder do Snr. Santos Júnior, e que atestam a duplicidade de civilizações.

"Apenhações graníticas há também, com uma ou duas pias redondas de trabalho dos homens, como foices e pias, havendo indícios gravados pelos celtas e durante as ocupações a que se procedeu por ocasião das minhas visitas, pudemos distinguir vestígios de suas analogias nos descobertos na Citânia de Briteiros.

Nessa curta exploração, além de fragmentos de cerâmica, mais ou menos artísticos, e que muito por isso a coleção do Snr. de Almeida, foi ainda encontrado um cilindro de granito perfurado no centro, medindo o seu eixo maior, sistema centímetros aproximadamente."

Sorria-me ainda hoje da faina, que os saxadores empregaram em pôr a descoberto e a luz a antiguidade com que tinham sido esquecidos, a ultima enchada, para descobrir aquela misteriosa que significava a entrada para toda a localidade em questão - de mais comodas vistas de um terreno bravio.

"Era o tesouro dos mouros - diziam os trabalhadores, à vinda da viagem, pois ia por fim satisfazer - de quanto dos seus olhos antegozos.

"E com efeito de cabana celta, é um instrumento de lapidação, é um objeto de culto, é com mais ou menos certeza, arriscaríamos nós - com a pressão com que sobe a area, cada vez mais funda e com os trabalhos interrompidos de Dezembro em frente da cisterna.

"E apinas o visinho apareceu da porta, e chamou fi' apal-
prado, e poucos rostos em diferentes direcções.
"— Prada, fula fralava nada!
"Já era estar em maré de fruicidades arquebugicas!
Santos Tenia, fracia, tam amavel investigador
como amphanhoia alegre, dou-vos, etc, etc...

— x —

"Em um cabeço desta fregueia, chamado Monte de Fa-
cho ou Leira Mouca, ha umas ruinas que depende
a tradição popular, são os restos da antiga cidade de
Tanhovane.
Pretendem eles, que esta fralavra é' corrupção
de Citania, antes que é de Tanhovane.
Parece mais provavel esta ultima versão.
"Estas ruinas são muito semelhantes ás da Ci-
tania de Briteiros e demonstram ser da mesma época.
"As casas que eram circulares, ovaes, semi-circu-
lares e quadrangulares, como em Citania; tres ou qua-
tro fileiras de circumvalação, completas, circuitavam
com diversos intervallos, a povoação.
"As entradas principaes pelo lado sul, davam
ingresso para esta povoação.
"Em diversos pontos existem pias quadrangulares,
abertas por mão de homem, e em algumas buracos re-
dondos destinados ao esgoto das mesmas e por estes fugidos,
ha um grande levantado e aqueno que os visinhos
chamam Pedra da Cavada, junto do qual se tem fei-
to grandes escavações em busca de thesouros que a fabu-
la ahi crê existentes; proximo fica a Leira dos Mouros,
largo espaço, cheio fragmentos em fórma de
pedra de esgueudas, um grande pergaminho levado d'ahi
para diversas obras pelos annuidos dos freguezias em roda.
"Por cima e junto mais elevado da povoação exis-
tem grandes penedos, e uma dama antiga nisthos,
cujo apoio de um lado já está tombado.

Ao lado norte d'esses fundos, em plano um pouco inferior, ha outros fundos, em que se vêem alguns pequenos fojos circulares, por cuja d'elles se acha a pedra rasgada em dois sitios, como que a fuzão do corpo da coelha ou carneiro e de novitho, ou veado de igual corpulencia; as pedras empregadas na construcção, são pequenas, em fiadas alternadas de uma a outras; descobriu-se uma das casas circulares medindo de diametro no sentido $2^{m},10$, de altura de fundo, desde o lageado, bem soalhado, exteriormente, de pedra (tabuz nua) até á superficie do solo $0^{m},85$, e de espessura da mesma parede $0^{m},33$; as maiores pedras empregadas n'esta casa mediam a maior $0^{m},30$ por $0^{m},35$; apareceu nas escavações d'aquella casa e em outras na chamada "Leira dos Mouros" muitos fragmentos de tijolo e objectos de barro, mais ou menos grosseiro e fornados como em Braga em cacos, mas chatos e um delles tinha uma roseta, como que marca de olaria; tambem appareceu uma pedra de amolar, fragmentos e escorias de ferro, pequenos pedaços de louça.

Na parte inferior da chamada "Leira dos Mouros", informam os visinhos do monte que havia, outr'ora, uma fuja de pedra donde vinham tiros mas cales tambem de pedra e que fez suppor, visto apparecerem os ditos fragmentos de carvão e como que escorias de ferro, ter sido ali alguma olaria donde aquella Leira destinada á téa e crescimento ou uso dos seus proprietarios.

Appareceram, ha annos, na base do monte, duas pequenas cabas de bronze, de que é actual possuidor o Snr. Domingos José dos Santos Ferreira, negociante em Barcellos.

X

As muralhas de circumvalação não teem uma disposição regular e uniforme.

Como o seu fim principal era defender a cidadella de ataques de inimigos, tinham forçosamente de

se adaptar às condições do terreno.

Desta forma podemos ver bem distintas, do lado do mar, onde o monte apresenta pouca declive, quatro ou cinco muralhas muito distanciadas umas das outras com três ou quatro metros de altura; do poente e do sul são também muito distanciadas; e do nascente, onde a encosta é muito ingreme, apenas duas, possuindo uma da outra, mas com mais de dez ou doze metros de altura em alguns sítios.

Estas duas a estarem apresentam nitidamente ao visitante, nas suas extremidades, as plantas de duas casas redondas que, estendendo uma em cada vertente dos dois cumes formadas pela última linha de muralhas do monte, do nascente e do sul, teriam servido de sólidos pontos de observação.

X

Se se mandasse proceder a escavações, não seria difícil encontrar grande quantidade de objectos de valor, principalmente em barro.

A telha, de cor muito rubra ou mesmo da de negro pelo mar, aparece fragmentada à superfície da terra sem ser preciso fazer escavações, notando-se nos pequenos fragmentos o rebordo com entalhe para sobreposição à junta.

Vem toda é cobrida ao sul, bem como certos fragmentos de tijolo que aparecem.

X

Há na descrição de Pinho Leal uma particularidade interessante a que não podemos deixar de nos referir: é a crença de haver em tesouros escondidos ao pé do período chamado de Idade do Cavalo.

A gente ignorante, por natureza supersticiosa, acondicionou n'um poder sobrenatural que

é a chave de todos os mistérios, mas poderia negar-se a autoridade em muitas intrigas e simpatias com das pelo feiticismo oriental que invadiu a Europa durante a Idade Media e que ha muitos decénios de anos foi vendido por bom preço aos ingenuos, por alguns burlões da humanidade, mas sendo, sem, da mais variada completamente entre nós.

A crença na existencia de tesouros no Monte de Roriz, tem origem n'um livro imundo e infame, ha muito conhecido, que alguns dos ditos exploradores se lembram de publicar com o titulo de "Livro de S. Cipriano", e que fala em mil e uma coisas sem tino, nem dom, nem principio algum de verdade.

Tal livro é d'uma prosa tão insulsa, tão falha de inteligencia, narrando só coisas simplesmente que repugna ao leitor consciente e amante da verdade.

Contudo, a simples titulo de curiosidade daremos conhecimento d'algumas lendas e tradições que a fama conserva na memoria e nos labios de uma ou outra idosa mistura de povo de uma Freguesia qualquer.....

X

Todos os que crêem na existencia de tesouros encantados no Monte de Roriz, teem ido abrir fossos e fazer buracos em volta do penedo da Pedra do Corvo; mas o fogo de ouro, as 640 forquilhas de ouro, as barras de ouro, de prata e de platina, os milhares de cruzados, todos os tesouros emfim de que fala o livro de S. Cipriano, ninguem os encontrou!

Depois de abrirem uma cova, sem resultados, toma o livro e empregam na localisação dos tesouros, cinco em direcção de cada meia abertura no

verdadeiro logar de encanto, e boa novamente a caminhada [illegible] até que dê em rocha firme . . . . . .

Desta forma vão os fortes andes alcançando longe aqui e além em obter melhores resultados.

Por fim, desanimados — mas não desiludidos — anoiteceu todos da mesma maneira:

— Temos nós que não saibamos desfazer o encantamento . . . . Podemos estar a cavar um dia inteiro encantado sempre pedra, e ser essa mesma pedra o amor que procuramos sem darmos por isso.

O amor encantado bade estar, bade estar transformado em alguma coisa e essa coisa pode muito bem ser a pedra que vemos.

Realmente, se tivéssemos esta forma de pensar para uma completa filosofia, não estaríamos desacertada de todo, porque a pedra, às vezes, é amor — e o amor de . . . . Pomos alemão, que é cruel . . . . .

Não é, porém, só na "Serra dos Mouros" que os castelos têem encantados tesouros.

No "Monte dos Cabrões" (1) em volta do penedo redondo a agrafana ainda tem dito maior.

É dessa dente penedo que o povo tem tecido maior número de lendas, pela forma estranha como ele se lhe apresenta.

Tal qual um ovo deitado horizontalmente, com oito metros de comprimento e quatro de largura aproximadamente — um monstro! — estando assente por muito pouco em cima de outro que já se lhe tinham alguns metros acima do seu chão, apoia-se numa coisa impossível, um cristal às pessoas, que desconhecem os apoios modeladores da superfície terrestre e a acção dos ventos e da chuva.

Só uma força sobrenatural, uma força desconhecida a podem prender ali! . . .

A imaginação lenda explica a existência do penedo através de dito, em cima de outro, quase isolado.

Fôra uma outra — disseram — do tempo dos mouros, que o levou á cabeça cá de baixo, do vale, lá para o alto do monte, em cima de uma rodilha de feno e ali o atearam.

— Como poderia ela com semelhante fôgo?...

Responderam: — Ia encantada, não sentiu nada.

Outras ha que dizem respeito ao seu desencantamento. De entre muitas outras lembro-me destas duas: —

— Um padre foi ter com um certo homem, afamado de entre todos, pois um dia ao pé d'ele para o desencantar. Levava consigo um livro de artes magicas e uma vara de marmeleiro.

O livro era para ler os exorcismos e as outras coisas com que se desfazem os encantos; a vara para dar pancadas no penedo a certo ponto de leitura.

Quando o padre estava a ler e deu a terceira pancada com a vara no penedo, abriu-se uma furna por onde deitam centenas de diabos em forma de abelhões que fizeram fugir atordoada toda a gente que estava em roda.

— Assim que todos fugiram, os diabos recolheram e o penedo fechou de novo.

Uma vez, outros individuos, querendo recolher o penedo com um tiro, subiram para cima d'ele e principiaram a abrir um furo com uma broca.

O penedo principiou a roncar com tanta velocidade que os estonteou, e os obrigou a voltar e a sahir em seguida.

×

Sabemos que no dia 9 do mez corrente (Outubro de 1933) um grupo de romeus de Barréla, acompanhados do Rev.^do de Sta Maria de Gralheira, de Manuel Miranda da Lixa, de Gouveias, de Antonio José da Costa de Lafi e de outras freguezias, visitou as ruinas da Citania de Briz e que todos retiraram de lá maravi-

tados não só com a grande extensão ocupada por estas ruinas, mas ainda mais com o deslumbramento da paisagem que se avista.

Este foi para nós motivo de grande satisfação, pois que é uma prova de que as nossas lindas e disputadas palavras alguem espírito tiveram acolhida.

Muitos sabiam já de ouvido, que em Penha existiam umas ruinas de casas antigas, umas grandes pedras — restos de um castro romano — ou coisa semelhante — e, embora lá fora contejo, diziam: — "Hei-de ir um dia ao Monte de Penha" — a verdade é que poucos lá se aventuraram .....

Informam-nos que no Porto que frades de Barcelos iam a dar. Silvestre Ribeiro, historiador, distrito e habil fotógrafo, que encontrou belos quadros de paisagens para a objectiva da sua maquina e alguns individuos do "Grupo Amigos de Famalicão".

Este sabemo-lo bem — que são homens que trabalham por bairrismo e amor á terra, mas por qualquer especie de interesses pessoais, representaram muito entusiasmados e dispostos, se as circunstancias monetarias o permitirem, a fazer no Monte de Penha o mesmo que fizeram no da Franqueira.

É-nos de veras simpatica e apreciavel a maneira como estes homens olham as coisas velhas a que muitos outros votam o maior desprezo e abandono.

Informam-nos tambem que desde então muitas pessoas tem ido visitar a Citania simplesmente por espirito de curiosidade.

Louvamos e aprovamos a razão; mas, a outros louvores ..... que para lá vão cavar á tira, com a esperança de encontrar o sempre desejado Ouro, estragando o que está e dos-

que não comprehendem nada, d'aqui predizer que
o não farão.

Não está lá' nenhuma niguem em prata, ouro
ou platina, figuem crentes d'isto.

Podem estar outras coisas que para mim não
teem valor real algum, e que para com muita
vontade cuido — mais que o ouro — e que V.
os que cavam aí' lá' podem estragar e destruir.

O Monte do Facho tem de altitude 334 metros.
O logar de Arrabalde, da freguesia de Poiz, tem de al-
titude 90 metros.

S. Miguel de Boriz

Uma lenda

Quando antigamente se dava algum caso que a gente na sua ignorancia, não podia explicar este recorria de tamanho mistério, que a fonte dentro de pouco tempo tornava a caracter de lenda e a tradição mal entoada. Ia de ir passando de geração em geração, durando até nossos dias.

Portugal, de norte a sul, está cheio destas lendas, algumas delas engraçadissimas.

As mais impressionantes e conhecidas de todas são as de mouras encantadas, que abundam principalmente no Algarve.

Boriz, como o Algarve e o Alentejo: também tem a sua lenda - da moura encantada - na qual a gente acredita com uma religiosidade cega.

No alto do monte existe uma Citania, não se sabe ao certo se do tempo dos célticos se dos romanos, a que chamam a "Cava dos mouros".

Em tempos longinquos lá viveu, na Citania uma moira muito linda que os seus irmãos deixaram abandonada quando foram expulsos do norte de Portugal pelos novos invasores.

A moira chamava-se Preciosa.

Era morena, comprida de rosto e bem feita de corpo; tinha o cabelo preto e os olhos, os olhos azues e meigos e a boca pequena, mas bem talhada, dizendo ver uns dentes alvissimos.

O seu peito bronzeado e rijo palpitava em ondulações ondulantes ah um encanto esse que a cobria dos homens até ai ainda.

Não convivia com ninguem, não conhecia ninguem, achava-se longe de todos e desprezada de todos.

Via-se lá só que nem mesmo os lobos de

dizeravam de a visitar, pois para lá tinham de escalar a serra inhóspita e a sua carne não era tão difícil forçada.

Alimentava-se do que lhe fazia uma ave do céu e da graça de Deus....

Um belo dia, um desherdado da sorte, como Jegréla, de nome Benedicto, que tinha sido desprezado em pequeno pelos membros da sua tribu por não ter habilidade para nada e que havia vivido longos anos nas extensas florestas e matagaes do Vale do Jamel, alimentando-se só de caça e da fructa que podia apanhar em suas arruadilhas, descobriu horisontes mais largos, sentiu aí Natureza quasi totalmente destruida e foi encontrar absorta e meditativa, sentada sobre uma pedra e com fronte curvada para a frente com as mãos cruzadas sobre os joelhos, Jegréla.

Aquela mulher ali sósinha, n'um logar tão ermo, fê-lo estremecer de espanto.

Quando se aproximou dela e a viu volver-lhe um olhar de meiguice, vago e piedoso, não poude deixar de lhe corresponder com um sorriso doce e amavel, embora tomado de grande surpreza.

As duas almas ingenuas e puras entenderam-se á primeira troca de olhares.

Ambos filhos da solidão - e do abandono!... Trocaram - de relações e os continuos estímulos fizeram-os mudar a antiga vida de tristeza e de saudade n'outra de encanto e de magia.

Amaram-se....

Por uma lei natural que os atraia, sem impedimentos, sem estorvos e sem muitas outras complicações... que ha hoje lançaram-se nos braços um do outro.

E no meio d'aquela rudeza escabrosa Jegréla

la e Benedicto viviam muito felizes!

A natureza, que por vezes nos é hostil, compadecia-se d'eles.

De inverno, quando a néve se estende como um lençol branco cobrindo toda a terra, o frio gelado e vivificador antes de comunicar a dura vida a todas as coisas vinha beijar-lhes a fronte e trazer-lhes o seu calor.

De verão, quando o mesmo sol tudo abraza não faltava a brisa fresca a acariciar-lhes o clima.

Quantas vezes não iam passear os dois de braço dado, pelas encostas da serra, disfrutando a grandeza da longa praia do Cavado e do Vale de Tamel, com as suas immensas searas de vegetação, de um verde negro mais carregado, que margeavam ribeiros e regatos?!

A'minha, depois de terem bebido inteiros, beijos de amor, vivendo no meio de tanta fartura como a mais antiga tradição, quantas vezes Negrêla não adormeceu balouçando-se nos braços de Benedicto?!

— X —

Uma madrugada em que Benedicto tinha ido ver se algum javali havia caido nas redes armadas no bosque, apareceu na Citania um Cavalleiro chegado dos Lados do Levante que surprehendeu Negrêla em oração a Alá.

Vendo o cavalleiro a bella moura, logo se enamorou da sua belleza e, querendo conquista-la, disse-lhe que só juraria eterno amor e que por Alá, por Buda ou por Christo se lhe entregasse.

Negrêla não acedeu. O cavalleiro, então redobrou as suas instancias e prometeu-lhe tudo; a sua espada, o seu cavallo, os seus thesouros de guerra, a sua vida, o céu e a terra. Por ela se batia com o mais for-

nível inimiga, fidem, arabe ou cristão; por ela aglomerava a mais exigente guerreira que sedimentava até aos confins do mundo.

Mas Regréla for nada se demovia.
Benedicto despunha com bizarria de seu coração que nenhum outro poderia substituir.
Era nele que pensava e por tanto repetia a morrer inteiro. A Cavaleira assim do extremo (que em alemão é feminino) elemento de conquista; tinha-lhe uma braça de enorme de arrecadas de ouro, feias com cristais, fivelas, fivelas, bracelete e Regréla, antes tanto pregava, cega pelo brilho do metal, festou os olhos e desgostou o amor jurado a Benedicto, rendendo-se ao cavaleiro desconhecido.....

— X —

Desde esse dia nunca mais Regréla teve uma hora de alegria, sossego e tranquilidade. O remorso do amor traído pagava-lhe mais que uma cruz. A imagem de Benedicto aparecia-lhe a todos os momentos. Lo fraca alívio e tranquilidade para recobrar-se que o novo cavaleiro fez em busca de Benedicto e o matasse.

O cavaleiro aceitou a resolução e cumpriu-a imediatamente, matando Benedicto.

Porém, as águas do deus Alá saíram sobre os céus. Um raio abriu das nuvens sobre o cavaleiro e matou-o. Ao mesmo tempo abriu-se um largo buraco no chão por onde se afundou Regréla com toda a riqueza, jóias e ouro ainda hoje dentro desse fosso mantido.
Muitos têm tentado desenterrá-la por causa da riqueza que têm consigo, mas ainda não o conseguiram.

No lugar onde foi morto Benedicto nasceu uma fonte que nunca mais secou e que tem apagado a sede a muitos viandantes.

— X —

Capelinha de Nossa Senhora do Facho

no "Monte do Facho"

As obras de pedreira para a construção desta Capelinha tiveram o seu começo nos fins do ano de 1940, e a planta é da autoria do Arquitecto José Vilaça, da Braga.

A Capelinha de Nossa Senhora do Facho, ainda em construção. Fotografada em meados de 1949.

Em cima:

Uma fotografia da Capelinha de N.ª S.ª do Facho ainda em construção, mas sendo-lhe já completa a Capela mor, tirada em 5 de Julho de 1952.

2

Nem Praiser:

Uma fotografia da Capela em construção tirada por ocasião da Peregrinação que se realizou no dia 6 de Julho de 1952. —

Nem cima:

Fotografia tirada em ocasião - romaria - do encerramento de Julho que foi inaugurado no dia 6 de Julho de 1952 por ocasião da Peregrinação que se realizou n'este dia.

= Nº Cruzeiro da Independencia =
no
= Monte do Facho =
= Lapida do Auto da sua inauguração =

No dia primeiro de Dezembro de mil nove centos e quarenta, "Ano Aureo" das Comemorações Centenarias, foi inaugurado em toda a solemidade este monumento, para perpetuar este centro de anos da Fundação da Nacionalidade Portugueza - (1140).

E 300 anos da Restauração (1640) em que Portugal, alguma vez perdido, ressurgiu mais forte e bela na eternidade da sua Independencia.

A Comissão do Cruzeiro que ideatizou e levou a cabo a sua erecção compoz-se pelo Padre Benjamim Ferreira de Souza, presidente; Padre José Vieira Gomes da Costa, tesoureiro; Padre João Alves Ferreira, secretario; e demais vogaes Padre Manuel Gomes da Costa; Padre Francisco Ferreira de Castilho e os senhores Manuel José Rodrigues, José Ribeiro - "Estrada" - José Ferreira de Souza e Antonio de Jesus de Souza - "Baldaya Bemfeito", em representação dos Povos das freguesias limitrofes, a saber: —

Alvoco, - Lama, - S. Romão da Serra, - S. Vicente de Arcas, - S. Martinho de Galegos, - Sta Maria de Galegos, - Boeiz, - e Oliveira, dá' publico testemunho desta solene inauguração do "Cruzeiro da Independencia" no Monte do Facho.

E considerando o alto significado desta acção que se previa e executa com fé e bairos pela presença das mais altissimas autoridades civis e eclesiasticas e do Povo das freguesias acima ditas, nomeou para constituir a Comissão de Honra, sua Excelencia o Governador Civil e Commandante Militar Senhor Arcadio Pinheiro Furtado de Mendonça, sua Excelencia o Senhor Governador

Civil do Distrito doutor José Joaquim de Oliveira, exmo Senhor Presidente da Camara Municipal doutor Alexandre Marques Chaves de Carneiro, Delegado do Ginasio Francisco Monteiro Fiscal, doutor Abel Pinheiro, Vereador Calais da Cunha, director do "O Barcelense", Antonio Fernandes Capelão, abade de Roriz Padre Manuel Feliz Ribeiro, Abade de Santa Maria de Galegos Padre Antonio Gomes da Costa, Abade de Alheira Padre Vilela da Mota, Reitor do Abadio (V. Pedro), Padre Domingos Rodrigues Maia Durante Pinheiro e Abade de S. Romão da Ucha Padre José da Silva Bastos.

E sob a égide do Estado Novo, se levantou este Cruzeiro, símbolo das crenças religiosas e do espírito português que, vencidos oito séculos de história, nos ensina Portugal ressurgido.

Monte do Padre no dia primeiro de Dezembro de mil novecentos e quarenta.

(Seguem-se inumeras assinaturas)

Este Cruzeiro foi derrubado pelo sismo que assolou o País em 1 de Janeiro de 1941.

A' esquerda:

O 1º Cruzeiro cuja inauguração teve logar no 1º de Dezembro de 1940.

83

11º Cruzeiro da Independencia

Monte do Facho

Ermida de Nossa Senhora do Facho

Citania de Briz

No 1º de Dezembro de 1940, por occasião das festas do tricentenario de 1640 inaugurou-se no Monte do Facho o "Cruzeiro da Independencia", assistindo muito povo e differentes auctoridades locaes e da séde do concelho.

Este cruzeiro devido ao grande fervor que estimula o Povo inteiro, (victoria que ocorreu em 18 de Fevereiro de 1941), derrim, fizando d'ele apenas as pedras do seu alicerce.

Por virtude desta victoria ter produzido enthusiasmo estrepitoso em todo o Povo, o Governo da Nação que concedeu grandes e valiosos donativos para despezas tão importantes, tambem concedeu a verba de 7.000$00 réis, para de novo se tornar a erguer um "Cruzeiro Monumento" que perpetuasse aquela data, o que se fez e teve a sua inauguração muito festiva em 30 de Novembro de 1941 com assistencia de muito elemento official e muitissimo povo de todo concelho e fóra d'ele.

×

Juntamente com esta inauguração, foi tambem inaugurada uma pequena ermida para veneração de Nossa Senhora, sob a invocação de Nossa Senhora do Facho, construida em terreno proximo do legendo "Monumento Cruzeiro". Festa esta a que concorreu e religiosamente se associou todo o povo circumstante, principiando-se, desde esta occasião, a peregrinar com uma constante direcção á Virgem do Facho, que tem augmentado dia a dia, por cujo motivo surgiu a ideia

ou antes, a necessidade de se erguer ali uma Ermida que fosse consentar as muitas romagens que ali vão amiudadas vezes em ardentes romagens.

Desta forma, pois, a Comissão encarregada da erecção do "Cruzeiro Commemorativo", constituída na maior parte pelos paroquianos das freguesias situadas nos arredores do histórico Monte de Sachos, resolveu promover a construção d'uma Ermida que condignamente possa satisfazer ás necessidades do culto católico, tão crescente e perseverante em favor de Nossa Senhora de Fátima.

Assim, tendo o arquitecto José Vilaça, de Braga, apresentado uma planta, cuidadosamente estudada a adaptar ao local e ao fim em vista, principiaram-se as obras de pedreira para a construção da referida Ermida.

Este Cruzeiro foi derrubado pelo ciclone que assolou Fátima e Reis em 15 de Fevereiro de 1941.

A' direita:

Uma fotografia do Cruzeiro-Commemorativo (2.º) mostrando-o ainda já de cruz de ferro (que substituiu a de madeira) e pouco depois de ser benzida a Imagem que ali foi colocada em dia 6 de Junho de 1952.

= 2º Lenzeiro Monumento =
no
= Monte de Facho =

= Cópia do auto da sua inauguração =

Aos trinta dias do mez de Dezembro de mil novecentos quarenta e um, no alto do Monte do Facho, do concelho de Barcellos, onde a Presidencia da Ex.ma Junta Provincial Alexandre Luiz Chaves Marques de Sá Carneiro, Presidente da Camara Municipal deste concelho e com a presença das autoridades militares, civis e ecclesiasticas e representantes dos organismos do Povo e concelho e ainda com a assistencia de muitas milhares de pessoas, procedeu-se á inauguração e benção do "Lenzeiro-Monumento", que a expensas do Governo da Nação, da Camara Municipal e de particulares, se levantou neste alto do Facho, em substituição do outro que, em igoaes solemidades, fora erguido neste mesmo logar e inaugurado em 1 de Dezembro de 1940, acto levado a effeito como marco commemorativo do duplo centenario de Portugal - 1140-1640, - e que foi derrubado em 15 de Janeiro do corrente anno, pelo violento furacão de Sul.

Esta grandiosa obra arquitectonica, agora erigida, foi projectada pela Repartição Technica da Camara Municipal de Barcellos, sob a direcção do Architecto Joaquim Monteiro Vieira, e executada pelo mestre pedreiro Manuel Linhares, residente em Barcellos.

E para que fique bem perpetuada este acto patriotico, levado a cabo pela Comissão composta pelos senhores:

Sr. Alexandre Luiz Chaves Marques de Sá Carneiro, Presidente da Camara; Sr. Benjamim Ferreira de Lacerda, Padre

de Oliveira; P.e João Alves Pereira, pároco de S. Martinho de Galegos; Padre Francisco Pereira Cardoso, pároco de Arcias S. Vicente; Abade António Gomes da Costa, pároco de Santa Maria de Galegos; Eugénio Cabral de Carvalho, Redactor do jornal "O Barcelense"; Arminda Fabião de Souza, Redactor do jornal "O Barcelense"; e Barros e presente auto que vae ser assinado pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da Camara Municipal de Barcellos, pelas autoridades referidas pela Comissão e pelos presentes que o desejem fazer, depois deste ser lido, em voz alta perante todos por mim Francisco Costa, 3.º oficial da Camara Municipal, servindo de Chefe de Secretaria da mesma Camara que o subscrevi.

(Seguem-se inumeras assinaturas)

Em cima:

Uma fotografia do Cruzeiro-Fronteira (2.º) tirada de frente que nos mostra nitidamente o escadorio de pedra que foi inaugurado por occasião da Peregrinação que teve logar no dia 6 de Julho de 1952.

= 2º. Cruzeiro Monumento =

no

= Monte do Facho =

= Inaugurado em 30 de Novembro de 1941 =

×

Foi erigido no mesmo local aonde estava o 1º Cruzeiro que foi derrubado pelo ciclone de 15 de Fevereiro de 1941. –

×

A construção deste Cruzeiro foi subsidiada pelo Estado.

×

Em Luiseu:

Uma fotografia do Cruzeiro - Fronteira (2) mostrando-nos o grande escadório de pedra (em substituição a de madeira) e que foi inaugurado por ocasião da Peregrinação que teve lugar no dia 6 de Julho de 1952. ——

—X—

Fotografias tiradas em Agosto de 1957 ——→

—X—

88

Palugães

N.a S.a da Aparecida

Portico de estilo romanico de grande valor, da matriz de Palugães, pela discreta ornamentação das suas archivoltas.

×

Balugães

Balugães, orago Sant'Iria Martinho, era uma abadia da apresentação da Mitra de Braga por concurso simoda.

Em uma baixa, no sopé da encosta do monte da Caramona, está a antiquíssima Igreja Matriz desta freguesia.

No centro de um pequeno adro, cercado por parede, ergue-se este pequeno templo, que deverá ser muito antiquissimo.

Na sua frontaria baixa, modesta encimada por uma cruz, abre-se uma pequena rosácea, dando entrada a este templo um belo portico romanico de tres arcos redondos, tendo no centro uma inscrição irremediável e da qual apenas se vêem as seguintes letras:

SA. CRA. VIRG. ACCLA.

Atravessa a frontaria em toda a sua largura, por baixo dos arcos do portico em que aqueles se apoiam, um belo friso de pedra lindamente lavrado.

Em frente ao portico estende-se um alpendre em talha, pela face interior e aos assentos de pedra, sustentado por dez colunas com base, fuste e capitel lisos.

Do lado direito ergue-se da fachada deste templo pequeno, por cima do telhado, uma pequena e esbelta torreira e correm nas paredes laterais do corpo da Igreja as cornijas sustentadas por filas de cachorros lisos.

×

Nossa Senhora da Aparecida

Santuário de Nossa Senhora da Aparecida

90

Santuario de "Nossa Senhora Aparecida" de Balsagães

Ao cimo da escadaria, distingue-se um frontão plano com a cruzinha primitiva, levantada sobre o vértice da composição.

Segue-se a capela mór, ao fundo um nicho de "Lenda Memoria", testemunho respeitavel da antiguidade edificativa, e pormenor de pura autenticidade do acontecimento milagroso de Balsagães.

Foi começado em 1703 por mandado do Padre Bartolomeu Pinheiro, P. Prior de Moura Telles; e concluido em 1720.

A escadaria foi lançada em fins do século XVII, assim como também o estilo gradeado do santuario, que hoje é estilo nacional do Braga. Visconde de Castelo.

A fragrancia deste santuario é dos mais belos deste valente Minho, especialmente no alto que fica para traz do Templo Memoria.

Balsagães — Capella do "Senhor dos Passos"

Esta capella foi a primeira consagrada a Nossa Senhora sob a invocação especial de "Aparecida", em memoria da aparição de 1702.

Está exactamente assinalada sobre rochedo saliente; e, de sublime inspiração, a maior dos penedos que existem sobre o cume da Cruz de manifestar, sente do altar, na parte oriental, abrigada pela ermidinha; sob a parte inferior, ainda de rocha a gruta do vidente, misteriosa, de muita devoção para os fiéis.

A designação de "Capela de Senhor dos Passos" data da ampliação da segunda capela, tendo em intuito de evitar a multiplicidade de capelas da mesma invocação.

Capela de Nossa Senhora Aparecida

Por ser demasiado pequena a primeira capela, edificaram os devotos uma e mais ampla construção sobre o mesmo sítio de rochedo.

É nesta capela que actualmente se encontra, de modo especial, a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Dentro, do lado do Evangelho, está a gruta do Vidente.

Templo-Memória

A fama estrondosa do acontecimento sobrenatural de Balugães entrou pelo Paço Arquiepiscopal de Braga e o próprio Prelado quis pessoalmente visitar o local da aparição; ali foi o interrogatório do Vidente, examinaram provas, aceitaram os factos;

91

manifestam os favores da Mãe de Deus aos devotos que aqui vêm em multidões, e impressionam-se pela autenticidade, apresentando o culto fervoroso de Nossa Senhora Aparecida de Balugães.

Para memória mandou erigir o templo maior, sendo de verdade da aparição.

É neste templo que se celebram as festividades, comemorando-se, entretanto, especial devoção pelas aparições.

×

×

×

Imagem de Nossa Senhora Aparecida de Balugães

Foi esta imagem a primeira que se venerou na ermidinha primitiva, sob o título de Nossa Senhora Aparecida de Balugães.

Feita em Braga, pode atender-se entre as três imagens da Senhora Aparecida, veneradas em ter-

trario, uma religiosa piedosissima, pelo seu rosto ortiano traiz a oferenda ainda em muito bom estado.

X

=A' segunda:=

Segunda Imagem

Esta imagem foi esculpida em Pinto de "madeira de excellente qualidade, ricamente entalhada" como diz Frei Agostinho de Santa Maria.

A' volta desta imagem, entronizada no altar da segunda capella, ha injustiça de se notar muito pouco tremlar a devoção dos fieis.

X

=A' direita:

Terceira Imagem

E a terceira e a mais bella das tres imagens da invocação de Nossa Senhora Apparecida de Baependy, que existem n'este Santuario.

Foi offerecida pela Senhora Dona Mariana, viuva de Antonio Rodrigues Carneiro do altar mór.

X

92

= Balugães =

= Altar da Senhora =

Este altar, em estilo renascença Manuelino D. João V, foi o primeiro que serviu de trono á Segunda Imagem da Senhora, na segunda capela.

Por primeiro deste altar foi substituido, mais foi debalde ele que foi mandado pintar de novo em bom estado e para primeiro altar, pois a segunda capela antiga e fundamento pelo mau estado.

×

×

= Á direita =

= Segundo Altar =

Este altar de valor ornamentado, foi offerecido por devoção para substituir o primeiro tendo sido os antigos mandados a Senhora Aparecida.

Assim engalanado á maneira imponente, mostra todo o seu Esplendor dos dias festivos da Senhora Aparecida.

×

Altar Mór do Templo

O Altar mor do Templo - mesmo tem um aspecto de grande imponencia e austera e dos fins do seculo XVIII, especialmente de talha, que é um documento precioso dos ultimos anos.

No centro um pequeno camarim, onde se firma a veneranda imagem de Nossa Senhora **Aparecida de Barbacena**; é reproducção de um formoso de Portugal, notando-se a falta de "anjinhos" da corôação, que levaram deliciosos.

Altar do Sagrado Coração de Jesus

No Templo - Modernia existem dois altares laterais dedicados respectivamente ao Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria.

Não ha nenhum estilo dos altares - Porém, distinguem-se um singular elegancia, a que a amplidão do Templo dá grande valor.

93

Querubim

De cada lado do Altar-Mór, levantam-se duas esbeltas figuras históricas em harmonia de estilo.

Ignoram nas mãos nos distintivos, onde está gravada, em latim, a antífona Jesus do Ofício Divino, tempo Pascal.

São das mais belas esculturas do genero.

Estátua Grande do Vidente

O vidente João Alves, representado nesta estátua grande, está vestido de monge.

Depois de mirar-se lado-fé, pelo Senhor Arcebispo Primaz D. Bedinje de Imaculada, nomeado ermitão do Santuário de Nossa Senhora Aparecida de Babylonia. Talvez por ser irmão Terceiro de S. Francisco, ou Oblato de S. Bento, chamou-se Frei João de Nossa Senhora Aparecida.

Sepultura do Vidente

Do lado do Evangelho, na segunda capela, existe uma lapide de marmore, onde se lê: "Aqui jaz o Padre Mendes a quem Nossa Senhora appareceu em 1.ª 8.ª 4.ª".

A meio metro, para o centro uma pedra tumular antiga assignala o verdadeiro logar da sepultura, com esta inscripção quasi apagada:

— "S. Padre Mendes" — devendo aquele S. abreviar a palavra "Sepultura".

A veneração pelo Vidente, levou os fieis a collocarem-lhe a nova pedra sepulchral; mas, por um gosto de bom gôsto, guardaram respeitosa a antiga, collocando a nova em uns poucos ao lado.

Estampa de Nossa Senhora Aparecida

Esta estampa é rara e antiga. Foi infelizmente estudada em 1755, segundo as indicações colhidas na sua exacta documentação histórica relacionada com aquela e confirmada pela tradição local. Para isso, foi preferida a fotografia, por ser a mais verosimil e de cujo valor artistico. Esta imagem foi encontrada em Braga, onde também floresceu os bons autores de Arte Sacra.

94

Aquela atitude acanhada, empresta certa originalidade, relativamente triste a duas madonas que tivemos a ventura ver nos montes do Monte do Cantos (ou dos Cantos).

Tem a menina nos braços, por distração da maternidade divina; e Jesus também retambem a costumada triste ideal cristão apoiando pela Mestre: —

"Se não vos fizerdes como os pequeninos, não entrareis no reino dos céus".

O Vicente Faja à maneira dos pastores do seu decisão: vieram e se ajoelharam: — o gorro usado no tempo; o cajado e a cabacinha, características ainda hoje identificadas nos costumes da vida pastoril.

×

Casa da Noviça

Ao lado do nicho da aparição existe uma casa muito chamada "Casa da Noviça" porque ali se abrigou nos dentes de lenha, durante a Guerra da Linha; esta era guardada pelos irmãos da Santinha, em desvantagem para a estética do conjunto.

Foi neste edifício que se deu a grande incêndio de 1879, no qual se queimaram preciosidades de Lagos e documentos valiosos para a história do Santuário.

A fotografia prova mostra um trecho da "Casa da Noviça" que ainda se conserva fronteiriça do Santuário.

×

= Cemiterio Parochial =

Desde inicio entenderam os devotos de Nossa Senhora Aparecida, de Batayães construir egualmente no Santuario; foi talvez este piedoso costume que levou a Junta da Freguezia a construir o "Cemiterio Parochial" junto do terreiro do Santuario, deixando as visinhanças da igreja Parochial, como geralmente se usa.

O Portão deste Cemiterio, apesar de ter sido mandado, é um dos mais bem trabalhados de serralheria, no genero, que tenho visto.

Á direita:

A primeira Imagem de Nossa Senhora Aparecida de

Batayães

95

96

= Apontamentos diversos =

- á toa -

- (Coligidos da imprensa local) -

BARCELOS

Também conhecido por "Passeio dos Ilustres"

"O Jardim das Barroias"

Apontamentos diversos

(A boa)

(Colegidos da imprensa local)

Ferreiro de espada

Realisou-se na Cerca do Hospital, fronteiro ao Sr. Rui Paes de Vilas-Boas, Avelino Afonso, e António de Lemos, um dos mais felizes numes das Festas das Cruzes de 1909.

O Sr. Ferreiro acaba ao Sr. Rui Paes de Vilas Boas - Um suporte-cartas, de prata e cristal.

×

Os Franceses em Barcellos

Entraram em Barcellos no dia 22 de Março de 1809 (4ª feira), tendo feito mil diabruras n'esta localidade, Carvalho (S. Paio) e Vila-Frescainha (S. Martinho) e outras freguesias deste concelho.

×

Musica Barcelense

Devidamente organisada e instruida pelo Mestre José Marcheiro (musico de 1ª classe reformado) apresentou-se pela primeira vez em publico no dia 2 de Maio de 1896.

×

Amigos da Musica Barcelense com a dos B.V. de Barcellos

Tendo como mestre José Marcheiro, foi-se em 3 de Maio de 1902.

O Mestre José Marcheiro, faleceu em 19 de Julho de 902 nas Necessidades, repentinamente.

O Mestre João Valongo, faleceu em 28 de Janeiro de 904.

×

Jeronimo Pires Moreira - o "Pepino"

Beberão sincregine e recolheu em 18 de Fevereiro de 1899 sem prender, foi-lhe applicada a pena de seis mezes de prisão com trabalho e multa de cem reis por dia em dois mezes.

Como malfeitor insolente foi condemnado em dois mezes para Fontelgas em 1897.

= Jornal - A Maria da Fonte - da Povoa do Lanhoso =

Em 6 de Janeiro de 1889 poz-se à venda o Numero Especial.

Vide - A Folha da Manhã, de Barcellos, n.º 494 de 17 d'aquelle mez.

- Aurora do Minho, de 9 de Dezembro de 1888.

- A Folha da Manhã, de Barcellos de 13 de Dezembro de 1889.

×

= Ginasio Barcelense =

Teve o seu 1.º Sarau de inauguração, sendo seu director Alfredo Braga, no dia 14 de Maio de 1889, a que assistiu Pedro Canito, de Pte.

×

= Conferencia pelo Padre Antonio Barroso =

Este missionario fez uma conferencia no theatro do Triumpho desta localidade no dia 12 de Maio de 1889, conferencia brilhante sobre colonisação agricola, a que assistiu tanto povo que encheu o theatro e até o largo da Camara.

×

= Centenario da Carta Constitucional =

Por D. Pedro IV em 29 de Abril de 1826.

×

= Antonio Fogaça =

Em 29 de Novembro de 1889 chegou á estação do Caminho de Ferro de Barcellos o cadaver deste poeta.

×

= Club Democratico Barcelense =

Fundou-se em Barcellos em 1 de Dezembro de 1883

×

= Prisão de um padre =

Em 20 de Dezembro de 1889, foi capturado o P.e Correia da Costa, Abade de Fregim, por entre nos paroquianos, fóra do acto ou cerimonia proximo, isto é, na igreja.

99

Vandalismo

Na noite de 5.ª feira dia 15 de Fevereiro de 1883, cometeu-se o vandalismo de partirem as caras e bocas de pedra dos chafarizes públicos de Barcelos, agora substituidas por bicas de metal.

×

Escola Municipal de ensino secundário

Foi aberta no dia 17 de Outubro de 1904, sob a direcção do Dr. Martins Lima, onde se leccionaram os cinco primeiros anos do Liceu.

Funcionou no edifício Torre da Barca.

×

Comissão Administrativa do Hospital da Misericórdia

Constituiu-se a 9 de Janeiro que presidiu aos destinos desta Casa durante os meses de Setembro e Outubro de 1888 cuja presidencia foi entregue ao Dr. Martins Lima.

×

"A Lapima" — "Suplemento semanal"

Publicou-se o seu primeiro número em 30 de Abril de 1899.

×

Regente do Recolhimento Menino Deus

Em 9 de Junho de 1880, foi eleita a Snr.ª D. Gertrudes Clementina Vilela Pinto.

×

Dr. Antonio do Rego de Faria Barbosa

Nasceu em Barcelos no dia 29 de Janeiro de 1800.
Faleceu em Barcelos em 17 de Julho de 1880.

×

Casa de Campo de Teotonio Lopes Monteiro em Arcozelo

Em 30 de Junho de 1880, foi lançada a primeira pedra para a construção desta grande Casa de Campo de que foi mestre pedreiro José Joaquim da Cunha.
Nesta predio está hoje (1944) instalada uma Congregação religiosa de irmãs Missionarias.

= Folha da Manhã =

Principiou a sua publicação em 5 de Agosto de 1880

×

= Construção do Asilo de Inválidos =

Em 1º de Agosto de 1880 (3ª feira) foi lançada a primeira pedra para a Edificação do Asilo nascente Asilo de Inválidos da Santa e Real Casa da Misericordia de Barcellos, assistindo a este acto as autoridades locaes.

×

= Regente do Recolhimento Menino-Deus =

No dia 20 de Julho de 1880 foi eleita regente do Recolhimento Menino Deus, a Exma Snr.ª D. Conceição da Cunha Soto Maior, que é jesuitista, não tem a idade legal e não sabe ler nem escrever.

Agora meninas que teem sua regente á medida do seu capricho, mudem o titulo do estabelecimento para outro mais pomposo.....

Sim?

Deixem lá entrar á vontade os amantes para brincar com as suas andorinhas.....

(Da "Folha da Manhã", nº 35 - 2º anno de 19 - 8º - 1880)

×

= Lyceu Municipal =

A Camara Municipal em sessão de 18 de Outubro de 1880, approvou unanimemente a ideia da creação de um Lyceu Municipal nesta localidade.

×

= Tremor de Terra =

Na 5ª feira 21 de Outubro de 1880 sentiu-se um violento tremor de terra em Barcellos, sendo 5 h 1/4 m da manhã que se repetiu com intervalos de alguns minutos, como não ha memoria.

Felizmente não houve nada a lamentar.

×

100

Associação Humanitaria de Socorros Barcelinense

Publicaram-se os estatutos desta Associação aprovados por Alvará Régio de 27 de Agosto de 1885.

×

Viéla de Traz do Muro

Havia na Rua Direita (hoje D. Antonio Barroso) uma porta que costumava estar sempre fechada á entrada desta Viéla que dava para a Largo da Praça.

Ainda existia em 16 de Agosto de 1885.

×

Roubo sacrilego na Collegiada

Foi praticado na noite de 6ª feira para sabbado (27 para 28 de Junho de 1884), noite de grande tempestade e trovoada.

Nossa Senhora das Dores ficou despojada das suas joias e em estado lastimoso!

Roubaram 2 vasos de prata, ficando as douradas pantanas espathadas pelo altar.

×

Á Camara Municipal - Viéla de Traz-do-Muro

Lembra costume estar sempre fechada á chave uma porta, na Rua Direita, (hoje D. Antonio Barroso), á entrada da Viéla de Traz do Muro, que conduz para o Largo da Praça.

Agora, porém, acha-se constantemente aberta sem necessidade alguma e talvez só por mero capricho d'alguem gratuitamente que se julga com direito de fazer mal aos moradores ali visinhos.

Chamamos para isto a attenção da Ex.ma Camara, pedindo-lhe que é de toda conveniencia e justiça e de justificar que ela esteja fechada como d'antes.

"Folha da Fronteira" n.º 72 de 16 de Agosto de 1884

Nota: Por informações que obtive, existia esta porta na Rua Di-

peita (hoje D. António Barroso) à entrada da Viéla que ainda hoje existe entre as traseiras das Casas desta rua e das da Rua Barjona de Freitas (com frente à Praça D. Pedro V).

A saida desta Viéla para aquela rua, fechada com a construcção do grande prédio que se encontra na entrada dela com frente para a Porta Nova e Barjona de Freitas, mas no entanto ainda se conserva a saida para o Largo da Praça D. Pedro V.

= Café do Teatro =

Abriu-se a Nova Sala de Leitura com destino a Café-Restaurante no dia 1 de Agosto de 1902.

= Colégio de Santo António =

Abriu no dia 2 de Outubro de 1902 na casa do Largo desta localidade cujo director era o snr. Manuel José Dias Pereira, tendo Luciano Pinto Vaz, António Adelino Francisco de Azevedo e outros.

= Festa antropometrica =

Por iniciativa do Dr. Alfredo Bernardo da Cunha Brito foi inaugurada em 26 de Dezembro de 1902 (4ª feira) - fi-cando a dirigir este posto o médico Dr. João Costa.

= João Valongo =

Mestre-director da Banda dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, falleceu em 28 de Janeiro de 1903.

= O Lavrador - "Regenerador Liberal" =

Publicou o seu primeiro numero no dia 21 de Junho de 1903.

= Fraternal Barcelense =

Abriu no 1º d'Outubro de 1903, na Egreja da Carmo Matriz, tendo como director o Dr. Francisco Lucio e professores João da Rocha, D. Antonia Soares, Luciano Pinto

Rôzas, D. Augusto Cunha, Dias Duarte, Antonio Alberto Marques d'Azevedo e Ernesto Pereira.

As aulas começaram no dia 12 deste mez.

= Deus e Patria =

Esta cartilha principiou-se a publicar nesta localidade, em principios de março de 1904.

= "Associação de Socorros Barcelinense" =

Foi fundada em 21 de Março de 1880.

= Bombeiros Voluntarios de Barcellinhos =

Havia-os já em 1880 e 1881.

Era seu comandante Bernardo José Soares.

Não tinham banda de musica.

= Conde de Almaster =

Foi concedido o titulo de Conde de Almaster ao Exmo. D. João Carlos Saldanha d'Oliveira Daun, alferes de Cavallaria N.º 4 e neto do fundador. Depois de Saldanha em abril de 1881. É barcellense. Foi baptisado na Freguezia de Santa Maria Magdalena de Lama.

= Demolição das ruinas do Palacio dos Duques de Barcellos =

Já deram principio á demolição das muralhas que cercam (existiam) o velho Palacio dos Duques de Barcellos para se fazerem as obras que a camara municipal tenciona levar a effeito.

— (Vide "Folha da Manhã" N.º 424 de 15 de Setembro de 1887). —

= Aspirante de Marinha =

Foi nomeado Aspirante de Marinha em Setembro de 1887 o Exmo. Antonio Maria Vieira Barros.

"O Pepino" — (Bebado inveterado)

Em fins do passado correccional foi destinado por 6 meses para Santa Cruz o celebre "Pepino" um marau de 1ª ordem mal educado, mistente e atrevido que negativa vai por essas ruas quasi sempre embriagado.

(Vide "Folha da Manhã" nº 435 de 1 de Dezembro de 1887).

Club Democratico

Foi definitivamente inaugurado, nesta localidade em 1 de Dezembro de 1883.

Intendente da Comarca

No 5ª feira — 8 de Dezembro de 1887 — ás onze horas — se reuniu a bordo do Brasileiro Voluntario desta Villa Nova Aguia bastante enfeitado e grande numero de convidados, a convite do Intendente Dr. Martins Lima que para isso fizera distribuir convites, tendo sido tambem convidados os Srs. Joaquim Antonio de Barros, Capitão Lopes, José Guimarães, Antonio Soares e outros.

Votos — de feliz creação de uma associação de resistencia que ficou assim constituida: Presidente e Chefe Commandante dos B. V. — Adjuntos Antonio Simões de Oliveira e Manoel Lopes, José Guimarães, Comendador Lopes Leite, Joaquim Vieira, Joaquim Soares, Antonio José Cardoso, José Duarte, José Lopes Vianna, Manoel Vieira e Antonio Soares.

Dr. Martins Lima

Foi presidente da nova Commissão Administrativa da Santa Casa da Misericordia desta localidade, em Dezembro de 1887.

Nesta altura já ele era o chefe do partido republicano local.

X

102

= Jornal de Barcellos =

Este jornal publicou o seu primeiro numero no dia 1 de Janeiro de 1888.

Interrompeu a sua publicação em Outubro de 1888.

Substituiu o Districto que tambem se publicava em Barcellos.

Veio á publicidade com a censura de imprensa correcta e independente.

= Grande Arruada =

Realisou-se no dia 22 de Janeiro de 1888 com Largo da Calçada, uma grande arruada promovida na qual concorreu grande quantidade de pessoas tanto da vila como das aldeias.

Tomou a presidencia o Snr. Dr. Francisco Ferreira da Fonte, servindo de secretarios os Srs. Manuel Diniz da Silva Fabião e Manuel Vianna.

Discursaram brilhantemente tratando de varios assumptos:— Dr. Araujo Abreu e Bernardino de Campos, de Braga; Dr. Martins Ferreira, Manuel Pizarro Leite Vianna, distincto artista e Francisco Ferreira de Faria, todos de Barcellos.

Foi objecto para estes ataques a questão da arrematação dos fundos das emfermarias com violencia uma vez que os Regedores.

Acabou a allocução tendo as cousas corrido muito em boa ordem.

= 2º Batalhão d'Infantaria nº 20 =

Entrou em Barcellos no dia 11 de Janeiro de 1888.

= Sebastião A. Gonçalves de Oliveira =

1º Commandante dos B. V. de Barcellos

Foi apresentado com o habito de Cavalleiro

de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, pela forma como tem desempenhado o cargo de Commandante d'aquela briosa Corpo de bemmeritos pela sua muita dedicação e abnegação com que tanto se ha distinguido n'aquela Associação.

Foi lhe dada esta graça em principios de Março de 1888.

= Reclame á venda da Estatua =

Foram vistos os já remediados e remediados os pobres, com a Grande Estatua. -(1888)-.

= Exposição agricola e flores =

Houve uma linda exposição agricola e de flores no Salão da Camara no dia 3 de Maio de 1888, tendo vindo visitar a mesma o Snr. Conselheiro Elvino de Brito, Ministro da Agricultura, chegando a esta vila no dia 6 do Maio de 1888, tendo feito uma conferencia na Camara Municipal, tendo havido uma "Soirée" na Assembleia Bambense na noite deste dia, retirando para Evora no dia 7-(2ª feira).

= Festas a Santo Antonio =

No dia 13 de Junho de 1888, na Praça de D. Pedro V estiveram as festas ao glorioso Santo Antonio, tão luzidas como outras ainda aqui não vimos.

Toda a Praça illuminada, foguetes com espalto; a Banda Bambense tocou ali em phalange sob a regencia do seu habil director Snr. Domingos Carreira.

= Dr. Mestre Lopes de Almeida =

Foi de 3º anno de Direito ficando approvado na

103

Universidade de Coimbra, no dia 19 de Junho de 1888 o Snr. Dr. Augusto Mattos Lopes de Almeida, de Cheias de Vilar.

= Cheias de Carvado =

Na casa de Galejo, ao lado de Barcellos, acha-se notada uma delas com a data de 15 de dezembro de 1868.

= Colégio de S. José =

Na rua da Estrada em Barcellos abriu em Outubro de 1880, tendo como diretor António José Alves do Vale.

= Alberto Pereira de Araujo =

Grande republicano. Faleceu em 19 de Janeiro de 1931, no Hospital da Misericordia de Barcellos.

= Luiz Cruz Faria Rego =

Alegre e folgazão, faleceu (3ª feira) 15 de Fevereiro de 1902. Era clarim do Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Barcellos.

= Escóla =

José Luiz Cardoso Reis, implantou na sua escóla d'instrucção primaria e cathequese o methodo do eminente poeta João de Deus que em 24 lições dadas pelo apparelho faz alcançar a intelligencia mais rude o processo de aprender a lêr.

Dá particularmente lições na escola ou fóra dela, a crianças e adultos de ambos os sexos.

("Folha da Manhã" d'Abril de 1880).

= Grande Lotaria de Madrid =

1º premio 25 contos

= Novissima Lotaria de dinheiro de Hamburgo =

1º premio 125 contos

= Grande e unica Lotaria feita pela Sociedade do Palacio de Cristal Portuense =

1º premio 50 contos

Extrahida em 24 de Junho de 1883.

= José Marcelino – Chefe da Banda dos B. Voluntarios de Barcellos =

Falleceu em Sabado 19 de Julho de 1902, repentinamente, no logar das Necessidades, freguezia de Barqueiros, concelho de Barcellos.

= Francisco Antonio de Brito Limpo =

= Coronel d'Engenharia =

Falleceu em Lisboa a 8 de Abril de 1891, sendo tirada dahi d'agonia cidade para o cemiterio de Remelhe, sua freguezia em 28 de Julho de 1892.

Nasceu a 7 de Dezembro de 1829.

= Aurora do Cavado =

Publicou o seu 1º numero em 22 de Março de 1902 inserindo na primeira pagina o retrato do Snr. Martins Leite.

Promette ser defensora de qualquer Freguezia Instituição e seguir sempre pela estrada da Verdade, Patriotismo e Rectidão.

= Commendador Francisco Antonio de Faria =

Em 20 de Março de 1904 falleceu repentinamente na sacristia da antiga Egreja dos Terceiros, em Campo da Feira, desta localidade, pelas 7½ horas da manhã quando se dispunha para assistir á missa.

= Padre Domingos Duarte Neiva Pinheiro =

Cantou a sua 1ª missa - Missa nova - em 14 de Agosto de 1904 (domingo), em S. Pedro de Alvito, comarca de Barcellos.

×

= Escolas Moveis - Agricolas - "Maria Cristina" =

Foram inauguradas em Barcellos na Camara Municipal em 28 de Agosto 1904.

×

= Escola Municipal =

Sob a direcção do Sr. Martins Lima, começou a funcionar esta escola no dia 17 de Outubro de 1904 no edificio da Camara Municipal.

×

= "A Aurora" = = "Fraternidade" =

Estes dois grupos escolares principiaram - de a publicar nesta vila no 2º quinzena de Outubro de 1904.

O 1º tem bandeira com o retrato do Sr. Martins Lima e o 2º com o retrato do Sr. Aurélio Ramos, sendo este, orgão dos Caixeiros e do Comercio em geral.

×

= Augusto Loncasaux e = Arnaldo Braz =

Embarcaram para o Brazil, o primeiro para Bello Horizonte e o segundo para o Rio de Janeiro, em 23 de Outubro de 1904.

×

= Bento Joaquim dos Santos - o "Bento Róda" =

Falleceu em 29 de Outubro de 1904.

Era official de diligencias do Tribunal desta comarca e musico da Banda Barcellense.

×

= Dr. Francisco Ferreira da Fonte =

Fallece na Guarda do Rio no domingo 2 de Abril de 1905 nesta villa.

Era natural da freguesia de Gouveia deste concelho.

= Grupo dramatico musical Gil Vicente =

Foi fundado em 1905

×

= Farmacia e Drogaria =

= Carlos Ramos e Dias Moreira =

Abriu as portas ao publico na Rua Bayssa de Guitas em 23 de Abril de 1905.

= Banda de Musica do 34 de Meneia =

Veio tocar nas Festas das Cruzes em Baiuca nos dias 2, 3 e 4 de Maio de 1905.

Veio acompanhada pelo Alferes de Viso D. Ramos Diogo dos Santos.

× = Visconde da Torrinha =

Por assinatura régia de 27 de Maio de 1905 houve por bem Sua Magestade El-Rei D. Carlos I agraciar com o titulo de Visconde da Torrinha o Exmo Sr. Carlos Alberto Machado Pires d'Araujo Telegreiras Gaio.

= Manoel Joaquim Coelho Gonçalves = Comendador =

Por assinatura régia de 27 de Maio de 1905, foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem de Nossa Senhora de Vila Viçosa.

= Pão de Santo Antonio =

Com a assistencia do Exmo e Revdmo Senhor Bispo Primaz, teve logar no domingo 20 de Fevereiro

de 1904 — a inauguração desta piedosa instituição no Templo da Veneranda Virgem Senhora (na Igreja da Feira — antiga Igreja), tocando a Banda do Regimento de Infantaria n.º 3 (Viana do Castelo).

= Conferencia democratica =

O dr. Dr. António Luiz Gomes, advogado em Porto fez uma conferencia democratica no Teatro S. Vicente ás 2 horas da tarde de domingo 8 de Janeiro de 1905.

Presidiu á sessão o Snr. Dr. Martins Lima e foi secretariado pelos Snrs. António Gonçalves da Cruz e Manuel J. Ferreira.

O conferente foi por vezes aplaudido e tirou por conclusões muito ligadas para aproveitar o seu ideal como unica manancial de felicidades para o nosso país. Modos de vêr. ("A Correcio de Barcellos" n.º 775 de domingo 8 de Janeiro de 1905).

= Grande incendio — Morte =

Na madrugada de 3.ª feira 14 de Janeiro de 1905, teve um grandioso incendio na Mercearia de Fernando José Dias, á Rua da Ponte, em Barcellinhos, tendo morrido queimado seu empregado de 15 anos, estando ali em serviço apenas ha oito dias!...

= Ciclone =

Na 2.ª feira — 10 de Abril de 1902 — junto á estrada que atravessa o Campo da Feira, formou-se um ciclone que desviou a sua trajectoria na linha mórte — indo até junto da Quinta do Snr. Gonçalo Pereira onde finalou.

Na sua passagem arrastou tudo o

que a sua força podia levar para os ares em meio de uma verdadeira nuvem de pó; tendas de louça, chapeus de palha, etc, etc.....

A enorme multidão que enchia o vasto Campo da Feira aterrorisada com o fenomeno corria desordenada em todas as direcções sem saber para onde nem que fazer.

= Aurora de Barcellos =

Com este titulo principiou a publicar-se um novo quinzenario que promette pugnar pelos interesses de Barcellos.

A sua primeira numero de 22 de Maio de 902 é illustrado com o retrato do Dr. Martins Lima.

= Teatro S. Vicente =

Foi inaugurado no dia 31 de Julho de 1902 com a Revista "Barcellos por dentro" em 3 actos com versos do Dr. Martins Lima, Arnaldo Braz e A. Vieira e musica do Augusto Lucas dos e musica original do Domingos Correia.

= Comercio de Barcellos =

Principiou-se a publicar em 1888.

= Abilio Azevedo =

Falleceu em 10 de Março de 1901

= Paços do Concelho =

Foi posta em arrematação a construcção da obra de predio na parte do Edificio dos Paços do Concelho com frente para a Rua Infante D. Henrique, sob a base de licitação de 3.200$000 reis.

Edital da Camara Municipal de 28 de Fevereiro

de 1902. Presidente o Dr. José Julio Vieira Ramos.

×

= Sempre =

Nem te vejo por entre a gedosia;
Nunca no teu olhar o meu reporisa;
Nunca te posso vêr; e todavia
Eu não vejo outra coisa!
(De "Versos de Deus" — dizem-me que allusivo a algum dos Barcellos).

×

= Escola Agricola "José de Bessa" =

Foi inaugurada na sala nobre da Camara Municipal, no domingo 22 de Outubro de 1905, com a assistencia do Director de "O Commercio do Porto" Snr. Bento Carqueija.

Nesta sessão discursaram os Exmos Snrs. Bento Carqueija — Antonio Alves Marques de Azevedo — Dr. Augusto Monteiro — D. Antonio Barroso, Bispo do Porto e Dr. José Julio Vieira Ramos.

×

= A Barcellinense =

Fabrica a vapor de serralharia, instalada em Barcellinhos, junto ao logar da Fonte de Cavaleiro.

Inaugurou-se em 12 de Novembro de 1903.

×

= Dr. José Gomes de Mattos Graça =

Abriu o seu consultorio em sua Farmacia de Barcellos nº 3 com todas as comodidades e requisitos em 1 de Novembro de 1905.

×

= Rapto de D. Laura Vessadas =

Foi no dia 2 de Fevereiro de 1902 por um fazendeiro D. Luiz de Tavora. Deu-se em Ponte.

×

= Conde de Azevedo =

Sua Magestade El-Rei D. Carlos I, agraciou em 20 de Junho de 1905 com este titulo o Ex.mo Sr. Pedro Bomtosa Bourbon Telles e Menezes.

= Restaurante Matos =

Foi inaugurado com uma instalação moderna e com as condições precisas a satisfazer os mais exigentes, na Rua Direita, no prédio contiguo ao Café Matos (em cuja casa ainda está hoje (1955) a Confeitaria Moderna) do qual é proprietario o Sr. Antonio Matos.

Foi aberto este Restaurante em Junho de 1905.

= Photo-Luiz =

Abriu este novo estabelecimento na Largo da Calçada, succursal da Casa Photo-Luiz do Porto (em 23 de Julho de 1905), vendendo diversos artigos, especialmente de photographia, pintura, bandas, etc...

A direcção desta casa foi confiada ao Sr. Delfim Esteves, farmaceutico em Barcellos.

= Dr. José Gomes de Matos Braga =

Chegou no comboio correio do dia 21 de Junho de 1905 a esta Vila este distincto e novel medico de geral nome para aqui exercer clinica.

= Dr. Joaquim Paes de Vilas-Boas =

Tomou posse do logar de sub-delegado desta comarca em 4 de Agosto de 1905.

= Mercearia =

Abriu em dia 10 d'Agosto de 1905 este novo estabelecimento no Campo da Feira de que são proprietarios os Srs. Antonio José d'Araujo, filho do Sr. Tomaz José d'Araujo e o Sr. Pedro da Vasconcellos.

107

= Escola Agrícola Maria Cristina =

Encerraram-se os trabalhos desta Escola com uma sessão no Salão Nobre da Camara Municipal em 30 de Agosto de 1905, tendo assistido o Snr. Bento Carqueja, do Porto.

= Jornal de Barcellos =

Reapareceu no domingo 23 de Dezembro de 1888.

= Club Ginasio Barcellense =

Foi inaugurado no domingo 20 de Janeiro de 1889 no Largo José Novaes, de que é Diretor o Snr. Alfredo Marinho.

Teve a sua 1ª Sessão em 12 de Maio (domingo) de 1889.

= Exposição Municipal =

A primeira foi feita por occasião das festas das Cruzes em Maio de 1888.

Repetiu-se de uma maneira notavel no vasto Edificio da Camara Municipal (baixos e altos) em Maio de 1889.

= Benção de Igreja =

Foi benzida a nova Egreja de S. Pedro de Abade e Grijo em 1 de Junho de 1889 (domingo).

= Torre Eifel de madeira =

Em Barcellinhos por occasião das festas a S. João em 24 de Junho de 1889 foi construida no sitio nova Torre Eifel onde na primeira tratanam tocou a musica dos Bombeiros Voluntarios de Barcellos.

= Antonio Maria do Amaral Ribeiro =

3ª feira, dia 8 de Setembro de 1879, falleceu em Bar-

deputado este anno-theiro que exerceu o cargo de Consul Portuguez na cidade de Portalegre, do Estado do Brazil.

Foi autor da "Noticia descriptiva da Antiga e Nobre Villa de Barcellos".

= João Baptista de Lima =

Capelão-Fidalgo, fundador e gerente director-proprietario do jornal "Folha da Manhã", falleceu em 15 de Outubro de 1893, em Barcellos.

= Folha da Manhã (Regenerador). =

Publicou o seu 1º numero em 7 de Agosto de 1878 (5ª feira).

= Associação dos Gemaes Artes =

Foi fundada em 11 de Janeiro de 1906 e os seus Corpos Gerentes em 18 do mesmo mez.

= Camilo Moreira =

Foi assassinado em Arozela na noite de 29 de Março de 1911.

= E ela a endrominar =

- A Republica quiz ha dias, festar os seus heroes do 5 d'outubro celebrando em Lisboa.

- A conta - dahiu-lhe errada.

E' ter paciencia. Por ora não.

("Folha da Manhã", nº 543 de 23 de Maio de 1889.

= 3º Batalhão d'Infantaria nº 3, em Barcellos =

Marchou para a fronteira - Geral, após a Proclamação da Republica para evitar a invasão Conservadora, em 9 de Janeiro de 1911, regressando a Barcellos em 7 de Agosto do mesmo anno.

= Barreiras de Barcélos =

Por determinação das Leis do País deixaram de existir desde 31 de Dezembro de 1937.

= As Muralhas da Antiga Vila, derruiram! =

No dia 29 de Dezembro de 1935, pela meia-dia, devido a um grande temporal que nos últimos dias vinha afligindo Barcélos, derruiu grande parte destas Muralhas, a minha cortina que no centro da cidade - á Porta Fernão Barbosa - atestava a grandeza da obra mandada construir ha mais de trezentos anos, pelo 3º Conde donatário da antiga Vila de Barcélos - D. Afonso, filho d'el-rei D. João II.

= Barcélos e as suas Muralhas =

De documentos autenticos guardados no Arquivo da Camara, sabe-se que no ano de 1635 estando em ruinas uma parte das muralhas - á Porta da Vila, - a Camara em sessão de 7 de Fevereiro d'aquele ano, mandou multar alguns lavradores destinados da Feira em dez cruzados por se recusarem a vir com carros e bois remover a pedra, conforme deliberação da Camara.

As muralhas de Barcélos mediam aproximadamente 2.m 80 de largura e eram constituidas de pedra solta e argamassa e limitavam a vila pelas ruas Fernão Barbosa, Largo da Porta Nova, ruas Barbosa de Freitas, Ferreira, Ferreiros, Largo da Porta de Braga e viela das Vigundeiras.

Tinha uma torre pequena ameiada no Largo. Tinha outra torre maior do que a da Porta, quadrangular coroada de ameias de defesa que foram substituidas por outras de adorno quando para ali mudaram a cadeia (1631-1636).

A cadeia estava nesta altura na casa que é

hoje da família Machado Carneiro, no Largo do Apoio.

A Porta Nova foi aberta na rua da Cima da Vila – hoje rua Direita – para dar saída para o vasto baldio do Campo do Salvador, hoje Campo da Feira.

Por cima desta Porta havia um oratório com a imagem de N.ª S.ª da Abadia que depois da demolição da Porta foi levada para a Capelinha de Sant'Iago hoje também demolida e que existia no sítio onde estão as Armazens Sant'Iago.

Na rua da Esperança havia outra pequena torre e porta a que davam o nome de Porta do Vale ou da Esperança, devido se venerava a imagem de Nossa Senhora da Esperança, que em 1689 passou para um pequeno oratório ou ermida no pavimento térreo desta torre, mandada construir por João de Carvalho, homem nobre de Barcelos e em 1730 foi colocada no Altar da Irmandade da Ordenada.

Primitivamente os muros de Barcelos só tinham três portas e quatro torres: – A da Porta – Portagem – Porta Nova e Vale.

No princípio parte do século XVII a Camara a pedido dos moradores da vila mandou abrir o postigo da Ferraria e o da rua das Vielas.

O 1º foi construido em 1631 e o segundo em 1635, tendo a Camara pedido a competente autorisação a D. João IV.

O Castelo da vila ficava junto da Torre da Porta. O Castelo era a residencia dos Condes de Barcelos quando aqui vinham de visita.

= Meinhôto =

Principiou – de a publicar na nossa antiga vila Real de N.ª 1 no dia 16 (domingo) de Junho de 1882.

= Dr. Sá Carneiro - (Advogado de grande nomeada) =

Foi nomeado Administrador do Concelho de Barcellos, por despacho de 29 de Julho de 1882.

Era formado em Direito e Philosophia pela Universidade de Coimbra.

Tomou posse em 3 d'Agosto de 1882 dada pelo Conselheiro José Novaes.

×

= Producções de Portugal =

Grata em" ..... e Concelho de Barcellos.

Sabrosas, perto de Barcellos.

- (No livro - Lições de Geographia, pelo Abade Gualtier, traduzido para portuguez por J. I. Roquete - Paris 1872 - pag. 195). -

×

= Incendio =

Pelas 11 horas e meia da noite do dia 18, deram os bombeiros signal de incendio na "Fabrica Industrial Barcellense" estabelecida no Campo de D. Carlos, nesta villa, propriedade dos Srs Ferreira & Gouveia.

Apenas os empregados no local do sinistro sentiram fogo e duas Bombas, as chamas tomaram tal incremento que foi tudo reduzido a cinzas, ardendo apenas algum - de grandes porções de cereaes - trigo e milho.

Neste arriscado combate com tão terrivel inimigo houve-se com bravura a Bomba dos Voluntarios de Barcellos.

Os dignos obreiros maiores do serviço dentro e fóra é que não se constituiram solidariamente.

Foram grandes os prejuizos soffridos pelos donos da fabrica, como se póde calcular.

- ("Folha da manhã", nº 60 do 2º anno - 3ª feira - 23 de Setembro de 1880). -

Em virtude do que acima se transcreve recordo-me que em antes de haver Bombeiros Voluntarios em Barcellos já os tinha havido em Barcellinhos.

×

= 2º Batalhão do Regimento d'Infantaria nº 20 =

Unidade militar colocada em Barcellos

Veio para Barcellos no dia 11 de Fevereiro de 1887.

×

= Asilo de Invalidos - (anexo ao Hospital da Misericordia) =

Foi lançada a 1ª pedra para a sua construcção (hoje nascente) na 3ª feira - dia 10 de Agosto de 1880, pelas 8 horas da manhã, assistindo toda a Irmandade da Misericordia e o Administrador do concelho.

×

Exposição de Photographias:

Teve-se por iniciativa da Camara Municipal de Barcellos, da Presidencia do Sr. Major Fontes, na Torre de Porta Nova, aonde estava instalada a Comissão de Iniciativa e Turismo, - por occasião das Festas das Cruzes no anno de 1951.

Repetiu-se este bello certamen por occasião das Festas das Cruzes do anno de 1952, por iniciativa das mesmas entidades.

×

= Velho Partido Republicano Portuguez - Antes da Proclamação da Republica =

De grupos de republicanos existente em Barcellos só existe uma Acta da reunião lavrada em 4 de Julho de 1909, em que foi eleita a seguinte Commissão Municipal Republicana:

Effectivos: - Dr. Antonio Martins de Souza Leite, Alberto Pereira d'Araujo - Francisco Xavier Alves Pereira - Manuel Gomes Ferreira da Costa e Antonio Castro de Albuquerque.

Substitutos: - Antonio Gonçalves da Cruz - Antonio de Souza Azevedo - Manuel Joaquim Moreira - Manuel José Ferreira e Placido Elias Barbosa Lameira.

Esta reunião foi realizada no Campo D. Manuel II (Campo da Feira) na casa dos velhos republicanos.

110

Gonçalo Alfredo Alves Pereira.

Consta deste acto que assistiram alem dos citados Artur Roriz Pereira - João Vieira da Cunha - Aparicio Gomes Pereira e Manuel José Gomes Pereira.

O livro acha-se rubricado neste acto estão os actos posteriores á Proclamação da Republica até 11 de Junho de 1913.

Está na posse de Artur Roriz Pereira.

Tomada de Cunha

Teve logar esta façanha militar no dia 21 de Agosto de 1895, ainda morreu heroicamente o Alferes Barcelense Gaspar Goes de Reis.

= Comissão republicana =

Entre outros e debaixo da presidencia do Dr. Martins Lima Jazia Jante o farmaceutico José Alves de Faria, de Barcellinhos, tomando posse na 4ª feira dia 6 de Março de 1895.

= O Minho =

Com o caracter de semanario independente fez-se a publicar em Barcellos nos fins de dias d'Agosto de 1891 sendo seu director Moraes Leite Sr. Candido de Carvalho.

= Padre Casemiro José Vieira - Revolucionario da Maria da Fonte

Falleceu em Junho de Julho de 1895.

= Agua Boa Boas =

O abastecimento desta agua a Barcellos inaugurou-se em 24 de Setembro de 1893, isto é, o seu reservatorio que abastece a Vila, sendo seu inspirador Manuel Vieira Borges da freguesia de Vila Boa (V. Jovim) deste concelho.

Hospital da Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz

Abriu na 5.ª feira 11 de Abril de 1889 na casa do Snr. Candido na Campa da Feira — (Hoje 1938 - Pensão Grantes).

Foi inaugurado em Maio de 1889. Recebia doentes pertencentes e em especial irmãos da Empreza.

A Meza comprou em arrematação pertencia em hasta publica em 18 de Agosto de 1890 para instalação do seu Hospital a casa nova então estava o Hotel Barcellense (hoje pertence á Familia Martins em frente ao Largo da Porta Nova e á Rua da Antiga Cadeia.

Em 2 de Novembro do mesmo ano comprou a casa nobre então o Hotel Candido por pertencia a José Antonio Fernandes.

Este edificio foi recebido vendedor-se, em Assembleia Geral de 4 de Março de 1894.

Numeração dos Predios da Vila

No dia 22 de Novembro de 1890 foi posta em arrematação a numeração dos predios e Ruas da Vila e Barcellinhos.

A Portugueza

Appareceu á luz da publicidade em Barcellos a 1.ª Empreza em Fevereiro de 1891 sendo seu director e Snr. José Ferreira da Silva Soares, tendo por seu ideal a moralidade.

Caldas de Vizella

Foi inaugurado este magnifico estabelecimento termal pertencente ao Snr. Visconde Alberto de Souza Correia, no dia 31 de Maio de 1891 (domingo).

Camilo Castelo Branco

Falleceu em Junho de 1890.

Padre Casemiro - Revelações da Maria da Fonte (1846)

O povo cantava-lhe

"Viva o padre Casemiro
Que é mesmo um anjo do céu
Pois traz sempre o crucifixo
No forro do seu chapéu."

Segundo verbas o fanatico revelacionario trazia sempre no forro do chapeu, frase que Deus o inspirasse e guardasse contra ataques dos seus inimigos.

× × ×

O Passeio dos Alistados

"Barcelos"

→ O Jardim das Barracas ←

Geral será mais honroso dizer-se:

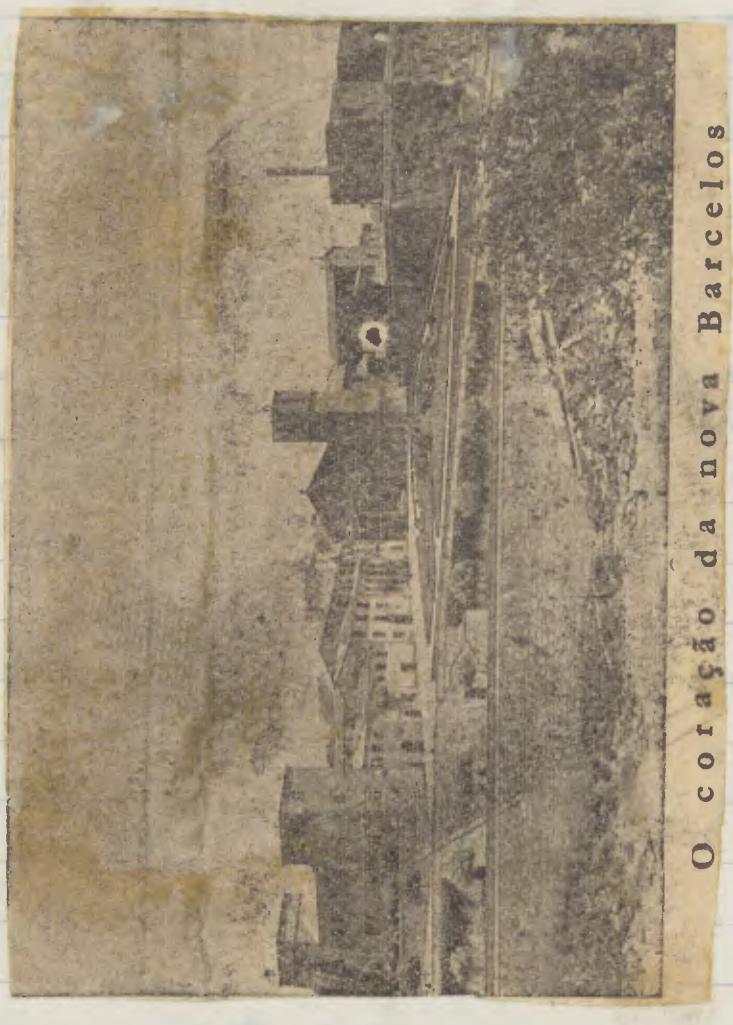
Barcélos
é a
Rainha do Cavádo
ou é a
Dóna do Cavádo?

— Inquérito feito em "A Barcelense" em 1940 e inserido na secção "Intra-Muros" — "Reflexo de Sombras" — sob a responsabilidade do colaborador Francisco Caldeira e Silva (Z). —

— x —

A Rainha do Cavado

– Barcelos –



O coração da nova Barcelos

113

Em 1927 José Manuel Sampaio, publicou um livro sobre Barcelos, intitulado "Resenha Histórica Pitoresca-Artística", no qual referindo-se em especial a Barcelos, chamou-lhe "Dona do Cavado".

Pessoas outras de barcelenses mais finas quiseram, pois sempre desviam chamar à sua terra, por cima "Princesa do Cavado" e por outros muitos, a mais fina "Rainha do Cavado".

Tendo eu lugar a que o autor destes finos apontamentos, pronunciasse n'"O Barcelense", a seguinte ingenuidade pessoal, favorecido, confiando para a sua:

Qual será a mais honesta diga-se:

Barcelos é a Rainha do Cavado

ou

Barcelos é a a dona do Cavado?

Querendo ouvir opiniões de ilustres amigos e conterrâneos meus, sobre a crédito que formam referentemente a uma ou outra expressão, peço àqueles que queiram ter a gentileza de exprimir a sua franca, e enviam a esta redação para ser inserida no meu Reflexo de Arcelos. - Z.

Agueiras 18-VIII-1940

... Snr. Tenente Francisco Cardoso e Lobo (Z)

Peço a gentil bondade de V... honrar-me com a prestimosa opinião sem valor acerca de que frases redactoriamente é empregues: Barcelos é a rainha do Cavado ou Barcelos é a dona do Cavado; agradecendo a oferecida amizade que V... me destina pede, dizer, na minha opinião, que para mim a expressão "Barcelos é a rainha do Cavado".

Barcelos não é a dona do Cavado.

Para que a frase, neste sentido filosófico e literário em que se usa ou pode usar a expressão, seria necessário que o rio Cavado se contivesse, totalmente, nos limites territoriais de Barcelos, e que se não dá, pois entrando o Cavado pertence a muitas freguesias e, todas legitimamente como Barcelos, podem reivindicar a sua frase, como donas, as vilas de Fontelaça, Vila Verde e de Prozende.

Creio, mesmo, que do ponto de vista jurídico, Barreto não é; segue-se muito, dona do Hotel e que atende a área do evento: de fato, sabe-se, pertencem ao Hotel e de a Câmara Municipal, representada Barreto, é que pertencem os Serviços Hidráulicos que representa o Cavado; e como Barreto (Câmara) não é superior hierárquico da dita repartição hidráulica, também de nada pode arrogar o domínio do Cavado.

Ora se dona Anna acha que não me pertence não é título que me sustente; e se Barreto de nada tem desse título, arrisca-se a ser decapitado dela na praça, porque, quem o alheio veste, na praça o despe.

De Barreto não é dona do Cavado, resta-lhe a alternativa de ser Rainha do Cavado.

Será-lhe dá?

Fora de conceito político de ter uma rainha, desta vega-se para indicar que a entidade, humana ou moral, que o ocupe, reúne em superlativo absoluto das qualidades específicas da classe ou do conjunto a que pertence.

De uma rapariga é a Rainha da Beleza, dum cavalo, para isso dizer que entre os restantes concorrentes (conjunto ou classe), reunia ela o superlativo absoluto, o máximo das qualidades que as tornavam belas, a todas; da mesma forma, de uma rapariga é a rainha das Cábulas, é porque entre todas as alunas cábulas d'uma escola ela reúne o máximo de qualidades que caracterizam a cabulice.

Claro está que a expressão rainha só de usa no sentido pejorativo quando este é expresso; foi é o caso da rainha das Cábulas, mas sem qualificativo pejorativo forma-se sempre no melhor sentido.

Fora mesma escola, quando digo que tal rapariga é a rainha da escola, quero dizer que é a aluna mais distinta, embora outra aluna possa ter realeza das cabulas.

Pereira, quando se diz que Viana é a rainha do Lima, Ferreira a rainha do Douro e Estrela a rainha do Vouga, que estas expressões querem, entre todas as forragens ribeirinhas de cada um d'aquelles rios, Viana, Ferreira e Estrela reconhecem a maxima de qualidades superiores que caracterizam as forragens ribeirinhas.

Porem, parece-me mais correcta e mais exacta a expressão — Barcellos é a Rainha do Cavado.

Nos termos que acabo de expôr, entre as forragens ribeirinhas do Cavado, deve Barcellos ter um conjuncto de qualidades superiores e eleitas superior ao que os restantes forragens podem apresentar.

— Odivellas, em urbanidade, cortezia, profundeza, miudezas, vida cultural e moral, Barcellos tem, sem favor, incontestavel primazia sobre os restantes centros ribeirinhos do Cavado.

Mas não basta.

Não basta porque a emeita vulgar de rainha de qualquer rio é a posse d'um conjuncto de qualidades estheticas superiores relacionadas com o rio.

Barcellos possue-o; o seu rio é extincto como caracter nem acidentado como torrente, nem lago como ria ou lagoa; portanto, não ha pompa de composição; é rão.

A paisagem não é dominada pela magestade de serranias, nem se esvae a fundo de vista, pela monotonia de gandaras ou valgeas; é o vale escavado pelo rio, aqui, o agente activo que modelou a paisagem e não é só de agua que, mediante, fugidas montanhas, se levantam divaga pelas planicies.

A vegetação é, bem a orla de arvores que marginam os rios, choupos, vimeiros, não sei de salgueiros e outras especies; não é o pinheiro ou carvalho das regiões acidentadas de relêvo, nem a murraça e a tamargueira proprias dos paúes ou charcos marginaes nas zonas pluviaes, nem, tão pouco, a taboa, a espadana ou a junça das valas.

Tem obras de arte notabilíssimas como a sua, basta olhar o cabeçalho do hospitaleiro jornal "O Barcelense"; a grandiosa e bela fonte, os palácios, a agência, os cais, moto, enfim, grande significação do aproveitamento da água fluvial como força motriz ou elemento de depuração climatérica, como estrada ou elemento de transporte ou modo grande significativo triunfo do engenho humano sobre os obstáculos naturais: a ponte.

E, agora, resta-me falar, em discurso ilustrativo, do cabeçalho do "O Barcelense" mas baseo.

Mas perdoe-se-me a falta pela sinceridade absoluta - do discurso do G. Fines.

Por este singelo conjunto de qualidades estéticas e as mais que enumerei, entendo que, Barcelos é a Rainha do Cavado.

Sei que, talvez, não satisfaça a expectativa de V... ao dar-me a honra de me solicitar a minha opinião.

Peço-lhe que me desculpe.

Se entender que deve publicar esta carta, pode V.. fazê-lo livremente e com plena liberdade de lhe eliminar o que entender, desde que não altere o seu sentido.

Agradecendo, muito penhoradamente, a gentileza de V.... e oferecendo os meus fracos e limitados préstimos, sou de V....

(a) Fernando Fabião Machado.

Barcelos é a Rainha do Cavado

11-8-940 (a) Manuel Maria Fernandes de Sousa

Barcelos tem já direito à honra de ser a Rainha do Cavado

A sul Cavado nasce na encosta da serra do Larouco, em Faz-os-Fiéis, precipita-se no vale, onde banha as vilas de Montalegre e Boticas e a cidade de Barcelos.

Separa o concelho de Vieira do de Amares e Terras de Bouro e o de Braga do de Vila Verde.

115

São duas vilas e uma só cidade
Que todas traz o Cavado embeleza,
Encantador entre si diversidade
No comercio, na industria e na riqueza,
E as aguas que correm cristalinas
Regam seus campos, prados e boninas.

•

Montalegre na terra barrosã
Que do Barroso traz o senhorio
Cabendo á transmontana negrura
Num variavel clima, mas sadio;
As mãos erguidas para o Céu levanta
Pra ser do Cavado a serrana Infanta.

•

Responde, a marinja, á beira-mar
Do litoral, do minho encantador,
Nos seus barcos de vela vae pescar
E regressa contente o pescador;
Tem atractivos, graça e tem beleza
Pra ser da foz do Cavado a Princeza.

•

Mas está minha Terra sempre linda
A' beira do seu rio de cristal,
E mais do que elas, amiúde mais ainda.
Pela historia e valor comercial;
Berço de heroes, de Santos, Patria minha
O' Barcelos do Cavado a Rainha!

•

B. 14-VIII-940 (a) Beata Mutas da Cruz

Data 20/8/940

Meu distinto Camarada:

Saudações!

Devido aos meus afazeres profissionais, só hoje posso responder á estimada carta de V... datada de 17 do ar-

sente mez.

É com o maior prazer que lhe envio a minha humilde opinião sobre a pregunta da sua interessante secção de "O Barcelense", "Entre-Irmãos"

— Qual será mais bonito dizer-se: "Barcellos é a Rainha do Cavado ou Barcellos é a dona do Cavado?"

Opto pela expressão feminina.
Literalmente, o termo é mais sugestivo.

Este anoitar define, melhor, a razão justificativa da opinião — porque haja a devida tolerancia para com a força literaria...

Rainha, diz — ainda da sua beleza, dos seus encantos, a flanar-se nesse estio sereno e encantador, onde podiam desfilar grandezas de sino...

O Cavado, que murmura ante ela, suaves e harmoniosas endeixas e palmas de enlevo, grande e rei absoluto n'ele se reflete, é mais bela e atraente quando a sua Rainha — Barcellos — se espelha, fascinante, nas aguas cristalinas.

Eis a minha opinião feminina e despretenciosa.

É provavel que não falte quem apresente opinião antagónica, justificando-a mais interessante.

A minha está esclarecida, embora em síntese.
Creia na Camaradagem leal de sincera admiração

(a) João de Souza Machado

— Barcellos e o Rio Cavado —

Tivera eu Valentia, ó meu Rio!
Para cantar-te, assim, Teus reclamos
E aos Heroicos, aos Bravos Lusitanos
Que ao pé de ti ganharam honra e Brio;

E as amenas belezas deste lugar sombrio
Nas tuas margens de frondosos ramos:
— À sombra delas, abrigar-nos vamos
Do grande ardor do Sol em pleno estio.

Os dotes que um grande engenho tenha
A' volta d'uma cousa bem insignificante,
Tudo, tudo daria que lhe empanduiga!....
E á fidalga Barcellos, tua rainha,
Gloria e'roa de louros na cabeça
Pedia pra sempre de ti rainha!

Chaves 20 de Agosto de 1940

(a) Alcipe Neves

Amiga e Snr. Tenente:

Na minha opinião a palavra rainha encerra ideia de posse, senhora, dona, mandataria.

Barcellos deve ter a rainha do Cavado, por nenhuma outra jamais a suceder em belezas naturaes, nem na grandeza do seu passado, porque nenhuma outra terra como Barcellos é banhada pelo nosso formosissimo rio.

16-8.º-940

(a) Narciso Ramilha

Meu Exmo Amigo:

A carta de V... veio encontrar-me aborrentado na Terra do Vazeiro, onde tenho estado com a familia.

Por este facto, só posso dizer-lhe neste momento que as expressões "Barcellos Rainha do Cavado" e "Barcellos Dona do Cavado" satisfazem minhas e meu apaixonado bairrismo e minhas as ansiedades honrosas para a nossa muito amada terrinha.

Depois, de Deus me deixar dois dos meninos ámpuados sobre a interessante secção "Entre-Linhas" que V..., tem mantido com "O Barcellense".

Amo de V...

(a) João Carlos Coelho da Cruz

Terra do Vazeiro

17-8-940

Hino a Barcélos

Ó cidade altaneira portuguesa
dona de velhos paços solares,
quem poderá cantar tua beleza
ou bendizer-te em limpidos cantares?

Nos teus encantos a alma fica presa!
Ha lá céu mais azul!? Mais puros ares!?
Mais frescos arvoredos!? Que riqueza
de horizontes! Que prantos singulares!

Onde tens claro sol, doce paisagem,
ri mais sonhador, que, em vassalagem,
se prosta todo a teus divinos pés?

Ó visão irreal, deslumbradora!
Chamam-te flor do Cavado ou senhora!
rainha eu te chamo! Rainha é que tu és!

Agosto de 1940

(a) Matias Lima

×

Dona ou Rainha?

Eu carta amavel e dando-me uma honra que não mereço, o Snr. Cardoso e Silva pede a minha humilde opinião sobre a sua escolha. Qual será mais honroso dizer-se: — "Barcélos é a rainha do Cavado" ou "Barcelos é a dona do Cavado?"

Peço desculpa se não corresponder na opinião que passo a dar mas acho melhor não posso nem a tanto chegam os meus modestos conhecimentos. Rainha do Cavado, porque é ela a mais imponente de todas as terras a que esse famoso rio, na sua lon-

117

da perspinação, vae render muito.

Dona, fosse com Dmaiusculo, fosse com d minusculo não se ajustaria com tanta propriedade, saber-mesmo opinião, a ideia que se pretende traduzir.

Se feminino com, querer-se-ia dar a Baroeta a preeminencia dum titulo honorifico outr'ora concedido às damas de alta linhagem, mas, assim apenas se lhe concederia um privilegio de nobreza e não o logar de soberano a que tem jus pela sua posição hierarquica, visto que esse titulo honorifico pode ser concedido a todas as damas que a munificencia real entender merecer-os.

No segundo caso, haveria a errada pretensão de atribuir a Baroeta foros de senhora de toda a extensão do Cavado e cumpria portanto a receber a sua vassalagem.

D Baroeta pode honrar-se com o seu Cavado, como o Cavado se pode orgulhar por — beijar esta cidade de nobres tradições, de gathanha fidalguia, de valor aquilatado e comercial de certa importancia, de belezas naturaes inegualaveis, emfim conjunto de valores que a elevam a consideração de uma das mais belas e nobres cidades de Portugal.

Rainha sim, porque é a feminina em valor immenso.

Querem percorrer o Cavado desde a serra do Larouco até á sua foz, notará uma supremacia de encantos ao aproximar-se desta cidade de noiva e feiticeira e prender-se-á enlevado e embevecido, tal a fascinação do bello que as margens apresentam.

E sem duvida, sem lisonja nem vaidade a Rainha porque nenhuma se lhe compara.

Baroeta ignora sómente que a sua edilidade saiba tirar partido do bem que a Natureza a dotou.

embelezando com avenidas e ruas novas e limpas e assi-
so ar viv.

Os baianenses pécam pela inércia e, se alguns hou-
mens bem intencionados e de iniciativa de arrojam,
hoje o maior numero critica, jagando desmoronar tudo
o começo de qualquer obra.

Veja-se a Jangueira, as Caldas do Jorge, etc.
Como seria bela se, em lugar de mandarins mise-
raveis que se debruçam em enfiteuse sobre o rio,
existissem avenidas amplas e arejadas, mostran-
do ao turista um dos mais lindos panoramas que
lhe seria dado contemplar!

Se assim mesmo se pode crear a cidade
de Barueri de Rainha do Cavado, com melhora-
mentos a' beira rio, dotou-se-lhe com diade-
ma de ametistas, como corôa preciosa maxima
de verdadeira Rainha.

(a) A. Rego

Torre de Vargem 31.8.40

... Snr. Tenente Cardoso e Silva

Cumprimentos.

Recebi a sua prezada carta de 2 c, a que só agora respon-
do por causa dos muitos trabalhos; desculpe-me.

Ao ler a sua apreciada secção "Luta-Firme," no estimado
"Barueriense", pensei logo em comunicar-lhe, mas depois aguar-
dei o seu dever.

Quanto a Barueri ser dona ou rainha do Cavado, dis-
cordo e sustento a primeira.

Dona, é de facto, soberana, podendo também ser Rainha;
mas dona tem conotações diferentes e rainha parece mais
expressivo.

É esta a minha opinião, humilde e desautorizada,
por sinal.

Tudo Barueri a teria mais categorizada das

118

margens do Cavado, está acêrca que dela seja rainha, como Viana será a Rainha do Lima e Ponte de Lima a Rainha, será verdade?

Sem mais mando sempre o seu é, com muita consideração e estima para V.ª Ex.ª a grata Rainha do Cavado,

Amigo e Obrigado

(a) Batista de Lima

× × ×

Mais uma opinião

Barcelos é a Rainha do Cavado, porque é a povoação mais distinta e sobre este Velas as destacadas nas margens do fraticoso rio.

Barcelos também tem Dona, é a Dona do Cavado, dama sobre e elegante, que, debruçada sobre os seus vastos muros casa as suas belezas com as do Cavado, de cujo consórcio resulta um panorama belo, sempre imponente.

Esta Dona é digna merecedora e galardão, porque opta pelo feminino — Rainha.

(a) José Humberto de Sousa

× × ×

Capela 30.8.940

... Barcelense Cardoso e Silva (L)

Pergunta-se "O Barcelense" de 24 de Agosto de 1940, n.º 1534 na sua "Volta ao mundo" Barcelos é a Rainha do Cavado ou Barcelos é a Dona do Cavado?

Para mim é mais honroso para quem ama a sua terra ouvir dizer: Barcelos é a Rainha do Cavado.

Esta minha opinião é apoiada nas opiniões de visitantes ilustres à nossa linda terra e ainda pelas proclamações feitas por sábios e academias a quem dou de passeio e excursões a Barcelos, servindo-me de todos eles (como homenagem ao nosso acolhimento) dizer:— Barcelos é a Rainha do Cavado.

Desde que me entrego numa funda consideração Barcelos por outro título.

A minha opinião é que Barcelos é a rainha do Cavado.

Acia-me amiga certa

(a) Germana Pires de Lima

Rainha do Cavado

Rainha significa tanto quanto traduz a palavra pela sua excelência e pela bondade da Imperatriz Nossa Senhora, a Égua representa a Mãe das Mães e é bendita entre todas as mulheres.

Se a natureza é obra do Altíssimo Senhor não pode nem deve o Cavado, belíssimo rio por todos os seus aspectos, deixar de ser escolhido soberbo de tão escolha Rainha.

Nossa Senhora é a Rainha dos Céus, da Terra e dos Mares, da glória de Portugal, Terra de Santa Maria.

D. Inês é Rei Beata Inês de Santa Maria.

Barcelos é um título, de todos os modos merecidíssimo, de sétimo Conde de Barcelos.

Sendo D. Inês de Santa Maria não significam o profundo Rome grande amor para com Nossa Senhora? Não é a Rainha o amor e a bondade de todos aqueles que mantêm a tradição das alminhas e o amor pela Rainha?

A palavra dona significa pomo para quanto traduz a Rainha.

A significado tem de ser mais elevado e justa apreciada.

Cantemos e nosso hino em louvor, feito de confortante agradecimento e de acalorada quanto fiel oração, à Nossa Senhora, Rainha do Cavado.

Barcelos é a Barca de Deus abençoada pela Mãe das Mães.

119

Leia-se que significa a palavra Rainha.

Humildemente-ora aí vai a minha pobre explicação da nobilíssima Rainha para que seja dada a Barcelos a maravilhosa joia do colar de Maria.

Queira aceitar o Conselho de Barcelos minha amiga e esposa: Terra de Saudade.

(a) D. Alberto Faria

Meu... Camarada:

Pudesse mais cedo ter respondido ao seu atencioso convite, mas a aglomeração dos serviços oficiais e particulares, de que tive de cumprir-me após a minha regressa desse Minho tão cheio de encanto e beleza, só agora, me permitiram pensar na resposta ao ingenuo de V...

Desnecessario, será explicar-me em explicação pois, meu assunto já foi tratado largamente nas colunas do simpatico "Barcelense".

Concordo com a interessante resposta do meu amigo e distinto confrade Dr. Fernando Fabião Fernandes, e como ele, entendo que a cidade de Barcelos é a Rainha do Cavado.

E é-o por direito proprio.

A humaniste negação que a embeleza, o encanto dos seus monumentos, o valor historico do seu passado, bastam para a consagrar e lhe dar o justo titulo de Rainha.

Sem mais, com as cordiaes saudações

Queira-me de V...

Att.ª Vist.ª e M.to Obg.do

Lis.ª 10-5-940

(a) Jorge das Neves Sanches

"Do florido e ridente Minho, Barcelos merece ser considerada sem favor, como Rainha e Senhora do mais lindo rincão."

"Abraçada à cabeça de uma região infinitamente pequena, e fabulosa, rica de encantadoras paisagens, a cidade dormia e encanta, e ao de margens de ambos, debruadas pela mais caprichosas grandes massas de arvores, e ao pitorescos, artisticos, aqui e ali, pelos aguados, onde fluiam, ora tranquilas, as aguas tranquilas pelas aguas mansas e murmurantes."

. . . . . .

Aracajú 10-7-928

(a) Luiz Antonio

(Publicação feita em "O Primeiro de Janeiro" sob a epigrafe "De Barueri e sua Região")

× ×

..... Mas ainda de ir a Barueri, mesta época da adolescencia, me fascinou de quem não conhecia a pitoresca e velha cidade encantada — vila feia e horrida pela rainha do Cavado — ... (Do livro "Flores, Santos e Pescadores", de Souza Costa).

× ×

— Dona ou Rainha? —

Em "A Barueriense" fez o Snr. X, há tempos, a seguinte: — Qual será mais honroso dizer-se: "Barueri é a rainha do Cavado" ou "Barueri é a dona do Cavado?"

As inquiritas, com as de esperar, responderam muitas pessoas, umas delicadamente cultas e elegantemente autorizadas a darem a sua opinião, outras — no mesmo dias que nos entramos — breves e sem aquele conjunto de conhecimentos necessarios a uma resposta formal, categorica e convincente.

As respostas, na sua quasi totalidade, foram: é mais honroso dizer-se Barueri é a Rainha do Cavado.

No final "Noticias de Barueri" o Snr. X. apresentou a advogar que era mais honroso dizer-se: Barueri é a Dona do Cavado com O maiusculo.

Consideramos o Snr. X. pessoa autorizada do que nós para emitir tal opinião, todavia, neste caso, folgamos havar em erro.

1º — Dona pode significar senhora, possuidora, proprietaria,

120

Ora Barreto não é dona do Cavado, como muito bem o provou, na sua resposta, o ilustre dentista Fernando Salazar Macedo e outros.

Alguns não pertencem a esta ou àquela cidade, mas sim ao povinho; pertencem ao Estado.

3º — Dona é o título honorífico quando antecede nome próprio, quer de pessoa Dona (por extenso) ou simplesmente D. (D maiúsculo com um ponto à direita).

Como tal não pode ser admitida neste caso, pois dever-se-ia dizer Dona Barreto e não Barreto é a Dona do Cavado — expressões diferentes.

3º — Dona também é diminutivo de dama, senhora de alcunha, que tem direito a usar o título honorífico "Dona".

Com esta significação foi usada noutros tempos, mas caiu em desuso, e portanto, é considerada hoje um arcaismo.

Como dissemos que é com este significado que o dist. Mo. J. Eduardo a causa de se poder chamar Barreto Dona do Cavado, vamos dar mais os seguintes esclarecimentos.

Por mais extenso que seja o nosso vocabulário, não possui tantas palavras quantas as coisas materiais e ideias abstratas existentes.

Daí vem a necessidade de atribuir ao vocábulo diferentes significações, o que equivale à criação de outras tantas palavras.

Quando a um termo já existente na nossa língua dá-se nova significação é o mesmo que ter criado uma palavra nova chama-se a este facto neologismo de significação.

Se, pelo contrário, uma significação das que palavra tem cai em desuso, embora continue a usar-se nas outras acepções, este facto corresponde à eliminação de uma palavra e chama-se arcaismo.

Desde que uma palavra ou significação cai em desuso é considerado êrro usá-lo.

Este facto deu-se com a palavra dona, e, por tanto, só impropriamente se podia chamar a Barreta Dona do Cavado.

Citamos nos versos de Antonio de Pontalegre, extraídos do Auto dos Passos da Paixão, em que se vê a palavra "dona" com este significado:

"Mas este mortal desmaio
"Tem cortados o coração
"De tam forçada paixão
"Que se quer ir andar caio
"Lamarcida no chão.
"Oh donas encaminhai
"Esta mais triste das tristes;
"De meus males cá ouvistes,
"Dizei-me por onde vai
"O meu filho, se o vistes?

Com facilidade poderíamos apresentar outros trechos de escritores do século XVII e XVIII em que palavra "dona" (ou donas) aparece tomada no mesmo sentido, e que faz não duvidar de ler os escritores contemporaneos.

A melhor prova de que "dona" significando senhora mulher, é um arcaismo é que todas as pessoas que responderam ao inquérito nenhuma a tomou nesse sentido.

Chamar hoje a Barreta Dona do Cavado é querer ressuscitar o significado duma terma que só á história compete registar.

Dona com D maiusculo e dona com d minusculo

Encontra-se Dona com D maiusculo ou dona com d minusculo mada prova para o que se pretende, pois as duas formas podem ser admitidas, quer "dona" signifique posse que indique nobreza.

Se dissermos: — Barreta é a dona (ou a rainha) do Cavado — podemos escrever dona com "d" e rainha com "r" sem receio de errar.

Se dissermos: — Vamos hoje ao Dona do Cavado

121

e chegaram amanhã á Rainha do Tejo - temos de comer Dona e Rainha, respectivamente com D e D maiúsculo, para comer isto.

Quando digamos:- Tem nossa casa uma cadela chamada Dorinha, temos de escrever Dorinha com D maiúsculo e, para não nos pressupormos com a alta estirpe ou nobreza da cadela nem tão pouco com a de pequena criança "Dorinha".

O que chega a escrever-se palavras com a letra inicial maiúscula não é significarem coisas grandiosas ou ideias elevadas, mas sim designarem individualmente uma pessoa, um animal ou uma coisa - segundo o que aprendemos nas primeiras lições de gramática quando frequentávamos a escola primária pela.

Poderíamos justificar com provas este assunto, pois temos provas, mais do que suficientes das estirpes e das hierarquias de um alto nível qualquer, escrever:- Capitão Fulano de Tal e Cabo ou Soldado Fulano, Padre Cicrano ou qualquer coisa e Sacristão Cicrano, Socio da Empreza Beltrano, e simplesmente Ajunair ou ajudante Beltrano; assim como escrever indistintamente Rio Tejo ou rio Tejo; Serra da Estrela ou Serra da Estrela, Mar Mediterraneo ou mar Mediterraneo, Janeiro ou janeiro; Primavera ou primavera, Terra ou terra, etc.

Mas como isso seria aborrecido e não nos permite o espaço de que dispomos, fiquemos mesmo por aqui....

Gomes come a sua merenda e não deixa nem migalhas nem um elefante; deixa o que era justo que deixasse.

Barreto, desde-sempre, ficará a chamar-se

a Rainha do Canadá

e não

a Dona do Canadá

(a) Linotipia.

"Do Jornal das Casas do Povo - Ano VII - Nº 33 -"

"Março de 1949" - "A Voz e a Língua", por Vasco

Botelho de Amaral.

. . . . . .

— O "Dom"; a "Dona" e a "Senhora" —

De latim dominus, a dom exprimia e explicava, pois, ou superioridade.

Mas foi preciso que surgisse a forma abreviada, isto é, dom, para que o dominus ou dono readquirisse, ao empregar-se, o valor especial de respeito e de nobreza.

Na sequência das considerações deste estudo reuni muito a propósito repetir o que escrevi no meu Glossário Crítico de Dificuldades da Língua Portuguesa.

Léio nesse para transcrever o seguinte: —

"Se bem que, a princípio, o título de Dom e de Dona fosse privilégio de alta nobreza, já em tempos Garcia de Rezende escrita a ansia e, por tanto, a generalização desse tratamento:

"Toma o dom quem o quer
e as armas nobres também;
Toma quem armas não tem
e dá o dom à mulher".

Atualmente, repara-se que, dizendo a gente "Dona Gertrudes", usa-se expressão de tratamento superior ao de "Senhora Gertrudes". Dona vale, aqui, muito mais que Senhora.

A culpa destas andanças significativas pertence ao despotismo de usos e costumes.

. . . . . .

Dona e Senhora surgem com graduação significativa. Em Senhora há ideia de reforço do respeito devido à dona. E porquê? Senior em latim significava mais velho ou mais velha. Ora o que é mais velho é mais venerando.

Desta ideia de respeito nasce-se senior como termo de tratamento respeitoso.

Querendo, pois, se diz Senhora Dona, a expressão redundante explica-se pela intenção de exprimir

122

intensidade respeitosa.

A tom de reverencia, nas orações ou em qualquer trabalho está garantido em formulas como esta de Minha Senhora, em que se mantem a expressão de respeito dominador, ou cerado na palavra."

Curioso é que, enquanto os homens em Portugal (ao contrario do que succede em Inglaterra onde as Donas esnobam...), presumidiram do Tom, as mulheres não se desfazem desse tratamento, o que prova mais uma vez, que elas são mais cioso da nobreza do que os homens.

Este artigo já vai longo. Continuarei em proximo numero a estudar outros aspectos do problema do tratamento.

× × ×

123

124

Suplemento para vir á "Memoria Historica de Barcellos Barcellinhos e Famelicão"

por

Pe. Domingos Joaquim Pereira

(abade do Louro)

1867

×

A quem interessar

×

125

A quem interessar

O Pe Domingos Joaquim Pereira, Abade de Lamas, (Famalicão), em 1867 publicou a sua "Memoria Historica de Barcellos, Barcellinhos e Famalicão" cuja publicação deu origem a que, como sempre acontece, certos criticos mordazes, lhe fizessem na imprensa, alguns comentarios.

De uns e brincaram pela sua iniciativa, outros criticaram - não por, em certos pontos, ter sido bastante obscuro e lacunoso.

O que é certo, é que esta obra, embora não agradasse tanto por não se lhe dêsse o devido valor, hoje é bastante apreciada e dificilmente se arranja alguem exemplares para enriquecer qualquer bibliotéca, outro tanto acontecendo com o "Supplemento para mais á Memoria Historica de Barcellos, Barcellinhos e Famalicão" publicado em 1872, no geral, o mesmo Abade de Lamas, se justifica das lacunas de que o acusaram e amplia interessantemente a sua "Memoria Historica".

Como não é facil haver á mão qualquer exemplar d'aquelle "Supplemento" procurei encontrar-os, que, por emprestimo, me confiaram e que eu agradeci, agradecendo-me a obsequiosa diligencia.

Assim poderá ser consultado brevemente este opusculo mais esclarecimentos sobre a Historia da Rainha de Cavado - Barcellos.

Barcellos 1947. — Francisco Simões e Silva

Tenente

126

Cópia

Supplemento
para unir
á
Memoria Historica
de
Barcellos, Barcellinhos e Famelicão

(impresso em Vianna do Castello em 1867)

por

Domingos Joaquim Pereira

abbade do Lanhe

×

Vianna do Castello

Typ. de André J. Pereira Filho

40 - Rua de D. Luiz - 42

1872

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.
Onde quer que eu viver, com fama e glória
Viverão teus louvores em memória.

(Camões, cant. 1º, est. 3ª, cant. 2º, est. 10ª)

127

= Prevenção aos leitores =

Tendo eu, em 31 de dezembro de 1867, dado á luz da imprensa, em Vianna do Castello, a minha "Memoria Historica de Barcellos, Barcellinhos e Famelicão", logo, em dous principios, prevenii os leitores de que a historia era maior do que o historiador e segunda vez os precavi, no fim d'ella, com estes versos:

"Se da satyra ella é merecedora,
"Por estropiada e mal fallada emfim;
"Eu, eu sou o auctor de tantos males,
"Vosso furor cravai sómente em mim;
"Logo entregai-me á sorte impropria e mesta;
"Escreva a vossa mão quanto vos rétia."

Não foi todavia bastante esta sincera prevenção.

No Jornal do Commercio, nº 4.338, de 14 d'abril de 1868, appareceu um correspondente anonymo, dizendo-se meu conterraneo, que, não tropeçando o seu patricio, nem escorregando nobre Memoria Historica, que é a minha, gratuitamente annunciando ter sahido á luz a minha Memoria Historica, disse d'ella "Não é de todo mal escripta; e se não fossem estas palavras improprias e faltas de sentido, não duvidaria dizer, que o auctor merecia geraes elogios".

Ha chinfadissimo, Sr. correspondente anonymo e meu conterraneo! Se me apontasse geraes taes essas céus palavras improprias e faltas de sentido, eu as emendaria, confessando a sua exactidão, como fiel discipulo de tão bom mestre, ou as refutaria, se me mostrasse assim me assignasse.

Como porém o não fez, nem teve o gosto de dar seu genuino e illustrado conterraneo (o que deixo asseverantemente) prova do seu apeadouro pessoal serbanamente a prolixa que me atroou, escondendo cobardemente a mão; permitta-me dizer-lhe que, sem o querer, atropellou a minha obra; pois segundo as regras de criterio de seu juizo, que, se de todo não é mal escripta a minha Memoria Historica, e é da maior parte...

Bem disseram graves mestres:

"Os escriptores anonymos são, como os mascarados andages por desconhecidos".

"Se parecem duvidas o que és, falla;
"Se parecem mais generes o que és, calla.
"De condição humana é mãe ver trunfos
"Em outros intrigas olhos, nos alheios
"Defeitos leves nos parecem graves."

"Temos olhos de agoia para descobrir os defeitos alheios, e de toupeira para ver os proprios".

"A critica é ordinariamente um fructo de inveja, ou o effeito d'uma ridicula presumpção da propria capacidade; assim não é para admirar que o critico maligno seja aborrecido por todos os homens de bem, e desprezado pelos sabios."

"Lembra-me, de vêr outros estudos para magnefar, ou para desprezar trabalhos".

O sñr. Innocencio Francisco da Silva (um auctor mais illustrado e versado nas lettras e na censura) no seu Diccionario bibliographico portuguez, tomo 1.º, pag. 141, lettra D, disse:- "Que a minha Memoria Historica é muito mais ampla e noticiosa, que a Noticia descriptiva de Barcellos, escripta pelo snr. Antonio Maria do Amaral Ribeiro; da qual a minha Memoria discrepa em alguns pontos".

Agradeço e elogio, mas não acceito, porque, ao reconhecer-me, elogiar-me é' magoar-me.

O sñr. Pereira Caldas, professor de Mathematica em Braga, na sua Revista bibliographica, etc., impressa em Braga, em março d'este anno de 1871, pag. 15, fallando da minha Memoria Historica, disse-se disse delle: - "É escripto ampla e mesmo, que o illustrado auctor não deixará d'ampliar ainda e corrigir em nova edição, dando-nos a noticia completa das provações que descreve".

Egualmente agradeço e dispenso o elogio, porque com prova de reconhecimento, é mais avaro de louvores.

128

De contudo a minha Memoria Historica ainda precisa de ser ampliada e corrigida em nova edição, é uma felicidade e não haver no mundo cousa alguma perfeita, pois homem feita; não fôde pois o homem fazer obras perfeitas.

O Snr. Francisco Antonio Rodrigues de Guimarães, litterato escriptor publico de Portalegre, no seu illustrado escripto, publicado no jornal A Nação, n.º 6980 de 11 de Maio deste anno de 1871, queixa-se de que, nem o Snr. Amaral Ribeiro na sua Noticia de Barcellos nem eu na minha Memoria Historica, e nem o Snr. Pereira Caldas na sua Raridade, escrevessemos siquer uma linha a respeito do Dr. Frei José da Cruz Taurisia, nascido em S. Miguel de Urgeiriz, como auctora de escrevia, ou de Argivai, como ha muito se escreve, outr'ora freguezia até 1834 pertencia ao antigo termo de Barcellos, e depois tem pertencido ao concelho da Povoa de Varzim.

Quanto a minha pessoa desculpa d'essa minha tão involuntaria, pois não fallia, e só agora sei a sua naturalidade.

Desconsolar-te-hei, pois, neste Supplemento entre os ramos de lithas; bem como o licenciado Manoel da Rocha Freire, como filho de Barcellos, pois tambem ainda agora sei a sua naturalidade, que não era desconhecida do Snr. Guimarães e do Snr. Pereira Caldas; e aproz estes meus ajuntei mais algumas varias assignaladas em santidade, no episcopado, nas lithas e nas armas.

Instruido com as illustrações do Snr. Pereira Caldas, do Snr. Guimarães e de outros auctores, indagadores das antiguidades, vou procurar por ampliar e corrigir, quanto for possivel me for, neste Supplemento a minha "Memoria Historica".

Dito ahi vai portanto esporar-se aos escolhos da publicidade e ás amarguras da critica.

Sede pois indulgentes com elle, lembrados de que respeitar alguem que na sua Memoria Historica disse: — "Não ha livro tão mau que não seja d'alguma parte proveitoso; nem tão bom que não seja dos malévolos defeituoso."

Santa Catharina de Lages 31 de Dezembro de 1871.

(a) Domingos Joaquim Pereira

129

Nas erratas da Memoria Historica

emendai assim:

Pagina	Linha	Erratas	Emendas	Obs.
5	3	Enocides	Enocidios	
8	3	Portaleza	Fronteleza	
18	23	hiss	loiss	
21	1	Cap. 44	Cap. 47, pag. 160	
27	24	Cap. 44		
33	26	viveret	vivèrent	
34	29	dangas;	dangas.	
37	9	na esquina	nas esquinas	
43	23	dos Calvathos	dos Laureios	
46	17	regen	a regen	
52	8	as faces banhadas	a face banhada	
54	20	entié	entre	
60	5	8 de outubro	6 de outubro	
64	23	desde do	desde o	
76	15	Companhuias	Companarios	
91	19	offerta	offerecida	
102	23	1640	1649	
123	13	Motta	Mótta	
132	24	elles	ellas	
137	4	3.º conde	9.º conde	
139	26	Contubro	Custodio	
162	13	Capitaf	Capitão	
"	16	com elle	contra elle	
176	9	193	195	
"	"	27:145	27:274	
"	"	113:003	113:485	
177	5	280	210	
193	27	Cheiroz	Queiroz	
223	11	tendo	tendo	
228	23	280	210	
"	25	— —	A esta freguesia das Aves estão annexadas a de S. Lourenço de Pomar e de Santo André de Lobrado.	
231	5	53	5-3	

= Na "Memoria Historica" acrescei
ou emendai assim:

No 5º. Conde D. Joaõ Affonso Telles de Menezes, a pag. 14 acrescei:
O Snr. Pereira Caldas, na sua Raridade bibliographica, etc, pag. 7 segunda de Dª Pedro de Araujo no Livro 3º, cap. 2º, e a Nobiliarchia Portugueza de Antonio de Villas-boas e Sampaio, edição de 1727, pag. 79, diz desta maneira: — "Com honras honorarias, como as outrem feitas no reino, o investira no condado o rei D. Pedro.

Foi entre estes mil homens com trahas acesas, que trabou de noite nas ruas de Lisboa, desde o convento de S. Domingos até os paços reaes do Limoeiro, dando o rei com os mores toda a noite, no meio do povo que alli estava, vra ao conde e velar as armas, conforme o costume da época".

No 8º. conde D. Nuno Alvares Pereira
a pag. 20, depois da linha 20, acrescei:
Disse na Memoria Historica, que D. Nuno fôra nomeado conde de Barcellos (Taboz) em 8 de outubro de 1385, e não de 1385, como disse o Dr. Carvalho na sua Corographia, cap. 2, nem de 1485, como disse Villas-boas e Sampaio na sua Nobiliarchia, edição de 1727, pag. 80, dando as minhas razões, pelas quaes me não conformava na data de quem com agudas conjecturas, e apresentando a minha opinião, todos porém nos enganamos.

— Ora pois mais instruido a este respeito, vou apresentar a verdade sobre a data da homenagem do Conde de Barcellos D. Nuno Alvares Pereira, sem que se me possa replicar nem replicar.

Eis a verdade.

D. Nuno foi nomeado conde de Barcellos em 8 de outubro sim, mas de anno de 1423.

Assim legalmente consta d'uma authentica car-

130

tidão, que tenho presente, passada pela Grande-Mrê da Torre do Tombo, extrahida do livro 1º das doações d'el-rei D. João 1º, folhas 76.

Fei-la, ipsis verbis:

"Dom João por graça de Deos Rei de Portugal e do Algarve. A quantos esta Carta virem fazemos saber que Nós attendendo, e considerando os muitos e grandes estimados serviços que a nós e a estes regnos recebemos, e entendemos de receber de mmr Alvaro Pireira nosso Conde estabre prendo por nós, e por elles muitas vezes o seu corpo em grandes aventuras - lhe querendo-lhe nós galardoar, e conhecer como merece, como cada hum Rei he theudo de fazer a aquelles que o fazem, e lealmente o serviram. E querendo-lhe nós fazer graça e mercê ao dito mmr alvaro da nossa livre vontade, e certa sciencia, e poder absoluto o fazemos Conde de Barcellos. E mandamos que aja a dita Villa de Barcellos, e seu termo com todos seus direitos, e jurisdição, coreu, e mixto imperio. E mandamos que elle per si, ou per quem lhe poder, possa poer, e ponha Juiz, e Justiça, e Vereadores, e Procurador, e Tabaliães, e Scprivão da dita Villa de Barcellos, e de seu termo, e de todolos Direitos, e rendas, e jurisdições d'ella. E mandamos aos do dito lugar, e seu termo que o ajão por seu Conde e Senhor, e lhe obedeção, como devem, sem nenhum embargo, que lhe sobre ello seja posto em nenhuma guisa; onde al non façam. E em testemunho desto lhe mandamos esta Carta assignada per nossa mão, e dante na cidade do Porto, vinte dias de Outubro, el-rei o mandou. — gonçallo Lourenço a fez — Era de mil quatro centos e vinte e hum annos. —

Em 5 de Janeiro de 1423 - D. João 1º fez doação dos Padroados e apresentações das Igrejas das suas terras de Barcellos, em favor do primeiro Conde D. Affonso Alvares Pereira, como também consta da Carta Regia que tenho presente, passada emartidão, e extrahida pela Grande-Mrê da Torre do Tombo, do referido livro 1º, folhas 176 verso, columna segunda; cujo theor é o seguinte: —

"Dom João por Graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve.
A quantos esta Carta virem fazemos saber, que nós queremos fazer graça e mercê a mmr alvares pireira, nosso Conde estabre, Teemos por bem, e outorgamos-lhe, e mandamos que elle aja os Padroados, e as apresentações de todas Igrejas, que som nas suas terras de que lhe houvemos feito mercê assy como nós avemos, e de direito devemos d'aver os ditos Padroados, e apre-

sentações sem outro embargo nenhum que lhe sobrello seja posto. E em testemunho desto lhe mandamos dar esta nossa Carta assinada por nossa mão, e sellada do nosso sello, dante na cidade do Porto cinco dias de Fevereiro — el-rey o mandou — aprovo Gonçalo a fez — era de mil quatro centos e vinte e cinco annos."

Tambem da entidade, que tenho á vista, consta, que el-rei D. João 1º, em Lisboa, em 30 de março de 1427, segundo se acha registado no livro 2º, folhas 15, confirmára todas as doações, que fizéra a D. Inez Alvares Pereira, assim de Villas, Castellos, Reguengos, Terras, Julgados, quintãas, casaes, herdades; como outros quaesquer bens, rendas, direitos, etc.

No 9º Conde D. Affonso

a pag. 23, depois da linha 2ª, accrescei;

Diz porém a Chronica da Soledade, tomo 1º, pag. 215, nº 12, que a mãe de D. Affonso se chamára D. Inez Pires, que o houvera no castello de Veiros, no Alemtejo, onde nascera em 1378.

E dizem os Estrangeiros de Lima, tomo 1º, pag. 367:

"Quasi no tempo d'el-rei D. Fernando houve no lugar de Veiros um homem honrado e rico, segundo o estado da terra, chamado Fernão; ou Gil Esteves, ou segundo outros, Mem da Ynada, ou de Agueda (castelhano) por alcunha o Barbadão.

"Deste este, contam alguns, tanto se anojou de sua filha Inez Peres ter de el-rei D. João 1º., sendo ainda mestre d'Aviz, um filho, que chamaram D. Affonso e foi duque de Bragança, que nunca mais cortou a barba, e nem sendo o mestre d'Aviz já rei, lhe apparecesse, nem lhe beijasse a mão.

"Do facto de nunca mais cortar a barba, e a trazer muito comprida, lhe veio a alcunha de Barbadão."

Pergunto eu agora: — Este Barbadão (que era o avô materno do conde de Barcellos e duque de Bragança D. Affonso) será o esculpido na pedra que está por baixo da cornija do telhado da casa solar dos Pinheiros de

131

Barcellos, ou seja Fristão Lynes Pinheiro, do geral de Jattou na Memoria Historica, cap. 16, pag. 51?.... Isto sei, mas as historias o explicam.

D. Inno Alvares Pereira (por doação feita em Evellas no 1º de novembro de 1433, que depois confirmou), deu e deu, para o casamento de sua filha a condessa e duqueza D. Brites Pereira com o conde e duque D. Affonso, as granjas e rendas em seus termos e terra do julgado de Montemayor: A Castello e Fortaleza de Montalegre; A terra de Barroso, Baltar, Paços e Barcellos, com seus termos, honras, jurisdições civis e criminaes, padroados, direitos e portagens; As granjas da Carvalhoza, de Covas, Caniço, Varzea, Golinhães, S. Fins, Lamprão, Cazaes, Pretello, Fraueza e Lauzada.

Leg.-se, emfim doação da maior parte de seus bens, honras, direitos e rendimentos.

Possuo, a melhor copia da carta régia de 18 de junho de 1496, passada em Setubal contendo na certidão que tenho á vista, extrahida da Torre do Tombo, do livro 2º de Misticos, folhas 228.

No 11º Conde D. Fernando 2º

a pag. 23, acrescei:

O Snr. Pereira Caldas, na sua Banidade, pag. 8, diz:-

"Este D. Fernando 2º era Alcaide mór d'Entre-Douro e Minho; que foi casado, em segundas nupcias com D. Izabel de Portugal, irmã d'el-rei D. Manoel e da rainha D. Leonor, mulher do rei D. João 2º. e filha do infante D. Fernando, duque de Viseu e Beja, Condestavel do reino, mestre das ordens de Christo e Santiago, e filho do rei D. Duarte."

"Este o este Conde de Barcellos e duque de Bragança, conde e duque de Guimarães, conde de Neiva, Arraiolos e Ourém, e marquez de Villa-Viçosa, foi o rei D. João 2º justo innocente em 1483, sobre uma cadafalso, em meio da praça d'Evora; e assistiu em pessoa no acto do julgamento, com manifesta má vontade contra D. Fernando, seu primo segundo e cunhado, para assim influir com os juizes da magestade

de ao animo dos julgadores;

"Contra este acto do rei, que por suas mãos tirára a vida ao duque de Vizeu D. Diogo, seu primo coirmão e cunhado, protestou silenciosamente um filho de Bareillos! Protestou no mesmo acto do julgamento, na sala do senado, deante do mesmo rei, que de cognominou o principe perfeito!

"Foi D. Diogo Pinheiro, descendente da Pinheiro Lopes Pinheiro, nomeado procurador do innocente D. Fernando, e um dos maiores jurisconsultos d'entre, douto em todo o genero de lettras. Foi o famoso capellão e fidalgo da casa de Bragança, 1º. Commendatario do mosteiro de S. Thiago da Espoeira, Conselheiro de estado, e desembargador do paço, juiz de Thomar, como bigario do mestrado da ordem de Christo, 35º. donatario da egreja de Guimarães, e 1º. bispo do Funchal na Madeira em 1514, falleceu em Thomar em 1526."

"Foi o escriptor consciencioso, que ligára á posteridade, como documento inconcusso, o Manifesto em que se mostra a innocencia do duque de Bragança D. Fernando 2º., a falta de provas da sua accusação, e a nullidade de sua sentença condemnatoria."

"Dictou escriptos valiosos, Lembranças historicas do reinado de D. João 2º., documento original inteiro D. Antonio Caetano de Sousa nas Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, Tom. 3º., livro 6, nº. 85."

"Faz menção do manifesto, no nº. 123, o Snr. José Cesar de Figaniere, na Bibliographia Historica Portugueza".

O Snr. Lucio Caldas assim ha historiado a defesa e a morte do infeliz duque D. Fernando 2º.

Eu omitti na minha Memoria Historica essas provas por não aggravar a memoria de D. João 2º., agora porém as descrevo:

D. Fernando 2º nasceu em 1430, e era um Snr. muito illustre por seus antepassados, como por suas grandes rendas; mas a traição de um criado infiel o poz á disposição d'el-rei D. João 2º.

Logo de lá sua sentença, que o condemnou á morte, foi acusado de tentar commetter traição e deslealdade contra el-rei D. João 2º, em damno e prejuizo de seus reinos. Foi preso em 29 de Maio de 1483, em Evora, nos paços do Castello - vedor da Fazenda, conde de

Chinunga.

sua mulher, a duqueza de Bragança, sinão da rainha retirou-se para Castella, com seus tres filhos; e D. Fernando foi emfim degolado (sinocente!) na praça d'Elvas em 20 de junho do dito anno de 1483, tendo sido primeiro atormentado e justiçado em huma praça de 22 dias!!!...

Foram-lhe confiscados e applicados para a coroa todos os seus bens moveis e de raiz, tanto os que tinha da coroa, como os seus patrimoniaes.

A margem de Monte-Mór e a conde de Faro sinão ao duque D. Fernando 2.º, tambem frei declarados traidores, e lhes foram confiscados todos os seus bens; mas estes escaparam á morte porque emigraram.

Acerca de tão in Portugal - pittoresco de M. Fernando Diniz, vol. 1, pag. 226 e no Diccionario abreviado de Chorographia, Topographia e Archeologia das cidades, villas e aldeias de Portugal, por M. A. d'Almeida, vol. 1º pag. 407, onde uma especiada tradicção a sentença condemnatoria do conde, duque e marquez D. Fernando 2.º,

×

= Esquadra de D. Jayme =

a pag. 28, depois da linha 4, accrescii:

Dizem antigos — "Esta esquadra em armada levava 400 navios, 18:000 infantes, e 2:500 cavallos!...

E apromptou-se em 135 dias!...

×

= Palacio dos condes e duques de Barcellos =

a pag. 35, no fim do Cap. 4, accrescii:

Este palacio foi ornado com um grande numero de columnas de marmore e alabastro, que o conde de Barcellos e duque de Bragança D. Affonso trouxe da conquista de Ceuta, e n'elle mandou collocar; bem como um thesouro integro de uma grande esmeralda lavrada a torno-rondo, que tambem d'ali trouxe, e mandou collocar antigamente em mesmo palacio.

- Ruas -

a pag. 39, em fim do Cap. 9, acrescei:

A rua da Fraga ou do Meio, ainda em 1518 se chamava a rua da Fripuria, segundo se lê na instituição do morgado da capella de S. Francisco.

×

- Sangue da rua das Velhas -

a pag. 48, em fim do Cap. 12, acrescei:

Este tanque foi ali edificado em 1628, "expensis publicis" e arrimado ao lado nascente das casas das senhoras do Sangue, em cima virada ao lado norte.

Em 1869 porém foi removido para mais acima da mesma rua, n'um logar, que hoje fica na mesma rua, ao pé d'ella para a rua das Fontainhas, onde se edificou n'uma chafariz semelhante ao da Praça de D. Pedro V.º, em memoria de que, n'uma pedra embutida em meio da face das ditas senhoras do Sangue se gravou esta inscripção:

Expensis publicis
Anno M.D.C.C.X.X.V.I.I.I
Reformatus
Anno M.D.C.C.C.L.X.I.X

×

- Industria -

a pag. 48, em fim do Cap. 15, acrescei:

Hoje nas casas que foram dos Gafo, ao sahir da ponte e ao entrar na villa, á mão direita), ha uma fabrica de tecidos de lã e algodão, montada em 8 teares, por Joaquim Pereira, viuvo e seu genro Manoel Antonio Esteves, mercador na Calçada.

×

- Casa Solar dos Pinheiros -

a pag. 52, em fim do cap. 16, acrescei:

Este anno o Solar dos Pinheiros, de Barcellos, e suas pertenças, é hoje da Ex.ma D. Maria Julia Falcão de Azevedo Pinheiro da Cunha e Menezes, filha da Ex.ma D.

133

Maria José de Lisboa, neto de Azevedo Velho da Fonseca e do snr. Estevão Falcão Côrte de Menezes, senhores da casa do Palácio de Braga; casado segundamente com a snr. José de Azevedo Menezes Cardoso Barreto, meu fidalgo em especial, senhor da Casa do Vinhal, subúrbios de Vila Nova de Famalicão, onde nasceu, e da casa da Portela, em Guimarães, freguesia de S. Jorge de Pinha de Esther; filho do snr. Manuel Carlos de Menezes, natural de Guimarães, e da snr.ª D. Theresa de Azevedo Queiroz, natural da dita Casa do Vinhal.

É sem dúvida a mencionada casa solar dos Pinheiros de Barcellos da snr.ª D. Maria Julia, porque lá deram sem dúvida com terras e snr. Visconde de Azevedo.

Veja-se este Supplemento a pag. 258 e digam-me depois se a Barbadas, de que ali falla, será Custodia Gomes Pinheiro, ou a avó materna de D. Affonso?...

×

= Cruzes no Campo da Feira =

a pag. 91, no fim do cap. 23, acrescente:

Foi em 1870, que o mencionado, natural de Barcellos, trouxe de Flandres a devota Imagem do Senhor com a Cruz às costas, emquanto disse o Chantre Manuel Severino de Faria no Prompturio no Supplemento, cap. 28, no art.º consagrado aos Milagres das Cruzes de Barcellos.

Celebrando com fé as cruzes da villa de Barcellos, seja fonte de muitos a cidade Ambrazia dos antigos, descanta assim a villa de Padre Francisco do Nascimento Silveira no Poema o Senhor dos Mongas, part. 1, cit. 26.

"Ambrazia ou Barcellos é adornada
De portentos da Graça magestosa"

Assim me diz o snr. Pereira Caldas, na sua Raridade, pag. 14.

×

= Templo dos Terceiros de S. Francisco =

a pag. 111, no fim do Cap. 27, acrescente:

A nova torre de grandioso e formoso templo da ordem

Freguesia de S. Francisco já se acha franqueada e embellezada com um camarim de 3 varas novas e apuradas, pau, á custa da meza, irmãos da ordem, e d'outros fieis devotos, franqueadas em Lisboa, pelo mestre que fundiu os da Trindade do Porto; offerece, a compasso harmonico, agrada e encanta a quantos os ouvem tocar, por serem os primeiros e os unicos sinos deste arte, que até hoje teem apparecido em Barcellos e fóra a sua comarca.

Custaram 1:600$00 rs, e foram collocados na torre em 31 de dezembro de 1868.

Capella de S. Francisco

a pag. 130, depois da linha 3, accrescente:

Fernão Annes da Costa, irmão da instituidora Ignez Annes da Costa, era escudeiro do duque de Barcellos e de Bragança D. Fernando 1º, e seu sobrinho Diogo da Costa era muito honrado escudeiro fidalgo que, no seu testamento de 16 d'agosto de 1518, se refere á instituição da capella de S. Francisco, feita pelos ditos seus tios Ignez e Fernão.

A esta capella foram dotados todos os bens pela dita Ignez Annes da Costa com as condições seguintes: que na capella annualmente em dia de S. Francisco a 4 de d'outubro, se cantasse uma missa solemne, com diacono e subdiacono; que semanalmente aos sabbados se rezasse uma missa de N.ª Senhora ao Salvador; que para cantar e dizer estas missas, fosse capellão seu sobrinho Pe Duarte da Costa que por cada missa rezada haveria quinze reis, e por cada missa cantada quarenta reis!... que o dito seu sobrinho Diogo da Costa, por morte d'ella, fosse o administrador da capella; e por morte d'elle fosse um filho varão; mas se o não houvesse, que fosse o varão mais chegado ao tronco da familia Ignez; e succedendo que o não houvesse, então

134

que a Junta e Collegio da Collegiada da villa de Barcellos dissessem uma missa cantada ao Espirito Santo, e se désse a elles sessenta reis.....

Que pedia ao dito Junta e Collegio, que juntos em cabido, elegessem uma pessoa de toda a confiança e de virtuosos costumes da dita villa, que tomasse de administrar e governar a dita capella e hospedaria, segundo a forma da sua vontade; e isto quando a sua linhagem masculina estivesse extinta.

Que fallecendo esse eleito, por essa mesma guisa obrigada o Junta e Collegio dissessem a dita missa ao louvor do Espirito Santo dentro da dita capella, e em seu cabido fizessem outra seme-lhante eleição.

Que dos bens da dita capella, annualmente, se tirassem em arca da capella quatro centos mil reis, os quaes fossem distribuidos pelos frades de S. Francisco da Observancia, que viessem pousar á hospedaria da dita capella, e se lhes daria para a primeira refeição doze reis para pão e vinho (?) e se fossem mais de dous, se lhes daria segunda esmola.

Que á custa dos ditos bens, se fizessem nas casas da dita capella duas camas para sempre para os ditos frades, e tudo o mais necessario para os taes bens hospedados.

Que, se for finda de tempo, os ditos administradores não consentissem, que pessoa alguma se apresentasse na dita casa da hospedaria, senão que dormisse nas camas, não sendo frade de S. Francisco da Observancia.

Querendo se instituir este legado, as casas da hospedaria eram as da Rua de Traz ou do Mico, sendo então se chamava a Rua da Fripperia, cujas casas foram da familia dos Farias e hoje são

da fradeira José Bento; e não as casas juntas à dita, do lado do poente, na rua de S. Francisco, que então se chamava a Rua dos Mercadores.

Em cima da porta d'esta capella estão pintadas em pedra suas armas com essa divisão em volta, da qual somente se pode ler: "Para Cemiterio dos duques".

Estas mesmas armas (pintadas n'um escudo, tendo d'um lado pintadas cinco chaves, e do outro seis estas, e que teem emblemas heraldicos) tambem estão pintadas na abobada da capella.

N'esta abobada (alem d'outras que se ignoram) foram depositados Senhor da Boa de Carvalho em 1665.

José da Costa Mendanha em Janeiro de 1829, e ultimamente em 24 de Janeiro de 1863 Antonio da Costa Mendanha Pereira de Vasconcellos, senhores dos morgados da capella de S. Francisco, e da de N.ª Senhora da Abbadia, na quinta da Cazal de Nf.

Esta capella de S. Francisco é hoje do snr. Antonio de Mendanha Arriscado, descendente das nobres familias dos Costas Chaves e Arriscados, cavalleiro da ordem de Christo por decreto de 30 de Junho de 1862, commendador de N.ª Senhora da Conceição de Villa Viçosa por diploma de 5 d'outubro de 1865, e nosso fidalgo por Sua Magestade por alvará de 10 de Janeiro de 1866.

O snr. Antonio de Mendanha Arriscado, mandou reedificar com todo o asseio e grandeza, não só a casa da hospedaria, mas tambem a mesma capella, acrescendo a esta sua sumptuosidade e asseio.

A capella foi benzida no 1.º d'outubro de 1870 com toda a solemnidade.

Em 8 de dezembro do dito anno houve na collegiada uma solemne festividade em S. S. Francisco

do Coração de Maria, na qual prégou o sapientissimo missionario Reverendo Carlos João Rodamacher; e no fim d'ella uma procissão com a Imagem da mesma Senhora, seguindo-se as ruas do costume as pessoas mais graduadas, e acompanhando-a todas as irmandades da villa, desde a collegiada até a' capella de S. Francisco, na qual se celebrou outra a referida Imagem, tudo á controle e direcção do Snr. Antonio de Mendanha Azevedo.

E no dia 7 do dito mez e anno o Reverendo Pe. Rodamacher fez na capella uma practica ás filhas de Maria.

Capella de S. Sebastião

A pag. 130, no fim do cap. 38, accresci:

Esta capella tambem pertence ao Snr. Antonio de Mendanha Azevedo, porque a houve de seus paes.

Outr'ora esta capella era situada no ádro, que hoje é o é da egreja-matriz de Barreiros, onde estava arruinadissima, e d'onde em 1736 foi mudada para junto das casas do Snr. Mendanha Azevedo, a requerimento e expensas de seus visavós Manuel da Costa Carvalho Chaves e D. Maria Izabel de Mendanha.

Rio Cavado

A pag. 133, no fim do Cap. 40, accresci:

Este rio é navegavel desde Esposende até a agua de de Marésdes, pouco abaixo da ponte de Barreiros, até onde chega o resto do mar nas marés; e porisso (outr'ora) os Romanos por ahi conduziam suas frotas para Roma, não só as mercadorias que extrahiam das minas do norte do reino, mas tambem o mais que o paiz lhes subministrava.

Abaixo da ponte nova fazem, na

direita do Cavado está no leito do rio um grande penedo de granito porphyroide, accentuando-se estar, onde rebenta ao pé um pequeno manancial d'agua sulphurea.

N'esta estação, abaixo esta agua e areaes de sedimento abundão, a que a sciencia dá os nomes vulgares de clarina e baregina.

É analoga este manancial ás aguas sulphurosas de Lisé e Gatheyx, ambas contiguas umas das outras no concelho da Vidla, e afamadissimas, com justissimo resultado, nas affecções herpeticas.

Tem estas aguas uma temperatura fixa de 19 grãos centigrados no thermometro de Celsio, que são equivalentes a 15,20 grãos de Reaumur, e a 66,20 grãos de Fahrenheit, com temperatura pouco superior na athmosphera.

Esta analyse, feita em 1000 grammas d'agua, 0,0080 grammas d'acido sulphydrico, e 0,473 grammas de residuo fixo, composto de sulphatos e chloretos alcalinos, carbonatos de cal e magnesia, e pequenissimas porções de silica, alumina e ferro.

Cabe-nos a satisfação de tornar conhecida officialmente estas aguas, graças á amizade do Exmo. Snr. João Baptista Henriques de Azevedo, distincto engenheiro e naturalista observador.

Correspondem estas aguas ás enviadas á exposição nacional de Paris de 1867, e que foram, naquella epocha, estudadas como convinha, debaixo da influencia dos mesmos principios.

O resto falta-lhe um dia a tornar-se de Barcellos. É d'esta sorte, que o Snr. Pereira Caldas de esperança para a navegação do rio Cavado, e sobre as aguas sulphureas d'elle e de Lisé, na sua Raridade pag. 11 e 12.

Em preenchimento:- Ainda hoje as fontes d'Espozende e Fão, quando o rio mais abunda em agua, nascem por elle em bancas sem ponta até a agoa da praia de

136

Barcellos, conduzindo-os, que foi amargurado em Barcellinhos e Barcellos, donde tem estrangeiro para tudo o concelho, e até para Guimarães e outras partes; levando nos bancos para sepultura e tão varias mantimentos necessarios á vida.

×

Pessoas em Santidade

a pag. 137, no fim do cap. 42, ainda:

O Dr. Vasco Gonçalves, era filho de Gonçalo Dominguez de Vilas-boas, Snr. avô do Diogo de Vilas-boas, e foi varão de heroica virtude.

D. Constancia Dias de Vilas-boas, era filha de Diogo Gomes de Vilas-boas, senhor e morgado da casa solar de Vilas-boas de Agrá.

Foi casada com Lemão Machado da Maia, irmão dos Machados de Basto.

Viveu na sua quinta de S. Clemente de tanta pureza de vida e, exemplo de Guimarães, tão santamente, que, (apregoa a constante tradição) muitas vezes lhe crescera na cama e pão, com que sustentava os pobres, que a ella hiam a sua boa mãi da caridade; e que no dia do seu obito, os dias da sua piedade lhe cessaram de per si, sem que algum se tocasse, testificando a sua distra morte.

D. Brigida da Cunha, tambem era filha do mesmo Diogo Gomes de Vilas-boas, e foi freira no convento de N. S. de Pereiras, arrabaldes de Ponte de Lima.

Tambem viveu tão santamente, que (tambem apregoa a constante tradição) na sepultura em que foi sepultada no referido convento, algumas noites se viam luzes ardendo.

Estas duas irmãs viveram em 1571 ou 1572, diz D. Pedro de Azevedo, no seu "Panegyrico em louvor de Barcellos", pag. 74.

×

— Pessoas no Episcopado —

A pag. 138, depois da linha 12, acrescente:

D. Diogo Pinheiro foi aquelle grande fidalgo de Barcellos, de quem já se deram muitas noticias neste Supplemento a pag. 260, como sabem e exaltam diffusamente os chronistas de D. Fernando 2.º, 11.º conde de Barcellos e 3.º duque de Bragança, etc.

D. Diogo Pinheiro foi bispo de Funchal em 1514, apresentado pelo Papa Leão X; falleceu em Roma em 1526 e foi sepultado na Egreja de Santa Maria dos Anjos de Roma.

Era filho do dr. Pedro Esteves Cogominho, instituidor do morgado dos Pinheiros em Barcellos, e de sua mulher D. Izabel Pinheiro, filha de Gaetão Gomes Pinheiro.

Um frei Pedro Esteves era auctor das terras do duque de Bragança, e foi a quem deu commissão a torre dos sinos da collegiada de Guimarães, (gerando em 1513 a 3.ª-feira de mandada a antiga torre, que havia sido arrasada ao chão pelo mestre d'Aviz D. João 1.º.

D. Diogo, sendo abbade-prior da collegiada de Guimarães, e fallecendo seu frei, mandou concluir aquella torre; em memoria do seu, sobre a porta da torre se poem as armas dos Cogominhos; e no meio da empena da torre se collocaram os mausoleus do fundador Pedro Esteves Cogominho, e de sua mulher D. Izabel Pinheiro.

Tambem a pag. 138, depois da linha 25, acrescente:

D. Rodrigo Pinheiro era natural de Lamego, auctor do ramo 2.º bispo d'Angra em 1548, e depois 3.º do Porto em 1552; neto de Pedro Esteves Cogominho, e instituidor do morgado dos Pinheiros de Barcellos. Falleceu em 1572 com 70 annos d'idade.

Foi ornamento do reinado de D. João 3.º e conhecedor consumado da lingua latina que fallava e escrevia com elegancia.

A prima collega D. Rodrigo no Funchal foi Francisca Coutinho, filha de Simão Coutinho, 2.º conde de Redondo, não inferior a D. Leonor Pereira Coutinho, sua bisneta de 5 fins, em Algarve, esplendendo o Cisne portuguez.

137

Nasceu em D. Rodrigo ainda de menor idade, como latinista. Barbosa testemunha. Ha a famosa poesia de Pero Cabeça de Vaca, autor da sanguinosa destruição da quinta ephemera de Santa Cruz da Maia da minha terra, em versos latinos, reabilitada impressão pela mesma poesia em Lisboa em 1568, na officina de Antonio Gonçalves, em 4.º mediano.

Sobre dizer-se a consumada latinista e professora das antigas escholares de S. Thiago em Braga, de quem refere Manoel de Faria e Sousa nas Rimas de Camões commentadas, tomo 2.º Centur. 2 ad fin. f.º.

"em formas exquisitissimas el Latin
canta despante com latino Labio"

Por pena D. Rodrigo ficou em romance, resta-nos apenas uma d'elle.

É a carta á rainha D. Catharina, viuva de rei D. João 3.º, escripta no Porto a 13 de janeiro de 1581, para pedir-lhe a regencia do reino, na menoridade de seu neto D. Sebastião.

Vem transcripta em Diogo Barbosa Machado, nas Memorias historicas do reinado de D. Sebastião, tomo 1.º, liv. 2.º, cap. 3.º, S.º 3 n.º 3; e em Bento José de Souza Farinha na Philosophia de Principes, tomo 2.º pag. 9a pag. 27.

Poderia ser curiosa a noticia de Pereira Caldas na sua Raridade, pag. 18a 19, a mesma hipotese D. Rodrigo Pinheiro, se pag. me não tivesse dado largas noticias Fei Pedro de Poyares, no seu Panegyrico em louvor de Barcellos, cap. 16.º, S.º 1.º, pag. 2 a 9.

×

A pag. 139, depois da linha 6, accrescente:

3.º filho D. Fulgencio Pinheiro Gayo, filho de Antonio Alvares Pinheiro e de D. Filippa Martins Gayo, parente da antiga e illustre Casa da Feiteira, da freguezia de Fiscoude, concelho de Barcellos, foi bispo de Malaca em 1578.

Tendo duas legitimas na freguezia de Malaca, nos apertos do epiconpraio em 8 de novembro de 1600 em favor dos filhos

de Luiz Brandão e de Joan Fernandes por nota.

Governou a dita diocese 30 annos, e era a mais antiga, foi presidente da Justiça em Goa; e falleceu em 1601.

8º bispo D. Jorge Pinheiro de Abreu, tambem parente da familia da casa da Feiteira, foi bispo de Angra.

Falleceu em 12 de dezembro de 1632 nas casas de sua morada, na cidade de Ponta Delgada, da ilha de S. Miguel e deixou herdeiras de seus bens suas filhas D. Catharina e D. Ignez, filhas de dr. Jeronymo Pinheiro, cavalleiro da ordem de Christo na egreja matriz de S. Sebastião.

9º bispo D. Fr. Manoel de Faria, filho de Antonio Martins Fajo filho 2º de André Martins Fajo e de D. Aurora de Figueiredo e Faria, tambem parente da casa da Feiteira, pela segunda da dita sua avó André Martins Fajo era a dita sua avó D. Anna de Figueiredo e Faria, que era da mesma familia dos Condes de Faria, parte da casa da Feiteira, de cujo Conde se dão noticia na Memoria historica a pag. 161; foi bispo de Targa.

10º bispo D. Balthazar de Faria Vilhas-boas, filho de Antonio de Vilhas-boas e Sampaio e de D. Maria Ferraz de Almeida, senhores da casa solar de Agrã; de cujo frei a casa se dão noticia na Memoria historica a pag. 146; nasceu em 23 de setembro de 1688, foi dr. em canones, deputado e procurador do Santo Officio na Inquisição de Coimbra prelado da Patriarchal e bispo de Elvas.

11º bispo D. Pedro de Vilhas-boas e Sampaio irmão do bispo antecessor D. Balthazar, nasceu em 26 de Abril de 1691; foi conego de S. Pedro; doutor e lente da faculdade de leis na Universidade de Coimbra; deputado do Santo Officio; desembargador titular do Porto e da Supplicação; e tambem foi prelado da Patriarchal e bispo de Elvas, onde falleceu em 18 de junho de 1743.

X

Ao pag. 139, depois do que fica dito, lê-se assim:

12º bispo D. Jorge da Cunha Ferreira, etc, até pag. 146

138

linha 4 inabusivé, antão faltando.

Deverá continuar assim:

Egreando D. João governava a Diocese do Porto (segundo se lê em differentes obras dantão) nova apostolica diocese, impetrou em 1873) deu ella uma pastoral em 12 de abril de 1753), sobre a abstorigão fraqueza na hora da morte; e deu outra em 26 de março e outra em 24 de junho de 1754, prohibindo n'essas uma cadeira de Lendas obrigatorias, e mestrigando outro, porque aquella tinha erros e abusos.

Este bispo era filho do grai do snr. visconde da Torre, e do snr. Barão de Lordello, do snr. João Teixeira e Antonio Teixeira

×

A pag. 141, na linha 5, Lede assim:

13º bispo. O snr. e rev.mo snr. D. Joaquim Pereira Teixeira, a quem de adoentado, ainda vive em Barcellos, é filho legitimo, etc, etc. ... Lembrai exemplo.

×

Pessoas nas letras

A pag. 146, depois da linha 22, acrescei:

Coutei Antonio de Vilhas-Boas e Sampaio, como filho de Barcellos, porque alguns auctores assim o contavam também.

Mas o snr. Pereira Caldas, que authorisou-se da sua naturalidade, na sua Raridade pag. 27, confessa que era natural da freguesia de S. Martinho de Sanfins, antão de termo de Guimarães, e hoje do concelho de Vieira, onde nasceu em 2 de agosto de 1622 e este antonio antonio com casado e jurisconsulto famoso, filho de Diogo de Vilhas-Boas Carminha e de D. Anna de Carvalho e Sampaio, de-nobres de solar de Vilhas-Boas, na freguesia de Argivé, concelho de Barcellos.

Este falleceu em Barcellos em 26 de novembro de 1701; Seus pais foram recebidos na mesma freguesia de Sanfins em 24 de dezembro de 1622. E para prova

visto (emenda a fls. Pereira Caldas) Barcellos, a rainha do Canado, só lhe foi pátria adoptiva.

Eu, porém, só pude encontrar que Antonio de Villas-boas e Sampaio foi sepultado na egreja do seu convento da Agrá.

×

A pag. 147, depois da linha 21, acrescei:

D. Faustina dal Borro Manzini. Se porem, saber mais das minhas obras Faustina escreveu indigna, a quem o papa Bento XIV dera a mão esposa em Roma, leia a Planidade de fls. Pereira Caldas a pag. 22, Cap. 21.

×

A pag. 148, depois da linha 19, acrescei:

Hedwiges Teresa d'Almeida Portugal, passou seu primeiro tempo na cidade do Porto, e de suas desgraças saber d'ella, leia a Planidade de fls. Pereira Caldas, pag. 23, Cap. 22.

×

A pag. 149, em fim do Cap. 44, acrescei:

Emanuel da Rocha Freire (feliz e famoso a fls. Pereira Caldas, na sua Planidade a pag. 21, Cap. 24 e seguintes) foi um dos antigos fidalgos de Barcellos, contemporaneo de Bartas.

Foi baptisado em direito civil pela Universidade de Coimbra, juiz dos orphãos na cidade do Porto e procurador da camara de Vianna da Foz do Lima, (hoje Vianna do Castello) onde foi egualmente superintendente das alcavalas.

"Nasceu em Barcellos em 30 de junho de 1586, filho de Melchior Freire e de Antonia da Rocha e foi baptisado pela baptisado Manuel Vallejo, vigario da egreja da de Barcellos.

"Falleceu na villa do Porto, em 14 de dezembro de 1668, aos 82 annos de sua idade; e foi enterrado em Barcellos, amortalhado em habito de S. Francisco, na egreja da Misericordia, por ser então onde hoje é a dita

das sortes da Camara Municipal.

"A trez clerigos que d'uma vez vão ao auto, na distancia de 15 kilometros acompanharam a cadaver, deram-se-lhes de esmola 600 reis a cada um.

"A Irmandade teve trez clerigos de missas cantadas; e um Padre um Diacono com officio de sete lições, com acompanhamento geral de clerezia, dando-se de esmola a cada clerigo 30 reis!

"Assim consta do respectivo livro dos fallecimentos da villa de Barcellos, a fls 52, hoje archivado no Seminario de S. Pedro em Braga.

"Em abril de 11 de março de 1665, era pago á mesmo Procurador da camara de Vianna, antes de e dos seus superintendentes das obras da mesma camara, declara-se, haver elle servido unicamente a contento dos jurados, na loja da fabrica dos orphãos de Porto.

"Manoel da Rocha Freire esteve em Barcellos, em 1 de Janeiro de 1642, e officiou directamente a D. Theodosio de Bragança, solicitando por Lourenço de Figueiró, livreiro da caza de Bragança em trez pragmas e meia de impressão a Relação dos que fizeram os moradores de Barcellos, desde o dia em que na villa acclamaram D. João 4º hoje que foi acclamado em Lisboa em 1 de dezembro de 1640 até o ultimo de janeiro de 1642, Cujo Rol ainda não estava (diz elle) copiada na sua da Rainha de Luiz Pereira Caldas, e estava (diz elle) esquecida ou ignorada; mas que em 1870 veio este manifesto ao mercado dos livros antigos em França, e se vendeu na afamada livraria Frossard de Paris, por 720 reis!

Comtudo, diz o Snr Francisco Antonio Rodrigues de Guimarães, bibliophilo manifesto publico de Portalegre, no Alemtejo, (em seu artigo de 4 de Maio do corrente anno de 1871, publicado no periodico "A Nação" nº 6.980, de 11 do dito mez e anno); "obtenha o Snr. Pereira Caldas esse manifesto d'esta Relação, comprando-o na afamada livraria Frossard de Paris; e venda-o então

em Portugal, procurou-se com bastante diligencia dal-a ao prelo em segunda edição, illustrando-a com a maior somma de noticias, que póde accordar-se com a natureza, e extensão da obra de Barbosa.

"Inventou Diogo Barbosa Machado na Bibliotheca Lusitana, tom. 3.º, pag. 353, que não veio a apparecer, citando apenas a patria do Licenciado Manuel da Rocha Freire; seguio-o o Sr. Innocencio Francisco da Silva no Diccionario Bibliographico Portuguez, tom. 5.º pag. 92.

"Não tivera, em verdade o Sr. do Diccionario Bibliographico outras noticias deste escripto até á' impressão do tom. 5.º citado, alem da escassissima noticia transcripta por abbade de Sever; porém, depois da publicação do volume a opportunidade de examinar um exemplar da Relação por mercê do Sr. Figanière, e a' vista d'elle rectificou as inexactidões de Barbosa, expondo por extenso o titulo de apparato, mas correcções e additamentos, em que terminou.

"E por não haver lido estas correcções e additamentos, augou-se e deo-se como nunca provado o Sr. Pereira Caldas, que não conhece a Relação e o Sr. Innocencio e por isso suppõe noticia diversa da mencionada o Sr. Figanière na sua Bibliographia Historica Portugueza.

"E' certo que depois da publicação desta obra inestimavel, onde devia figurar entre os n.os 229 e 230, é por descuido adquirio a rarissima apparato.

"Confessou, por ventura, este confessou as circumstancias o Sr. Pereira Caldas na carta de que fazemos tão rara bibliographica de maneira vaga.

"Levanto-lhe, felizmente, os exemplares que hoje se conhecem da Relação.

1.º - o do Sr. Figanière, sobremaneira abreviado no Diccionario Bibliographico;

2.º - o do Sr. Pereira Caldas, comprado em 1870 na livraria Ewes de Paris;

140

3.º um da bibliotheca da Universidade de Coimbra, que se acha na 1.ª Casa, 6.º estante, 1.ª tabella, do que me deu noticia o Snr. Joaquim Martins de Carvalho em Coimbra no 17 de abril ultimo.
4.º outro em poder do Snr. Antonio Lopes Fernandes Pinto de Queiroz, segundo testemunho, do mesmo Snr. Martins de Carvalho.

Sem embargo da existencia bem averiguada d'estes quatro exemplares, nem por isso deixou de guardar bom serviço ás minhas Lettras, com a minha publicação, o Snr. Garcia Peres.

D. José Pereira Leite bispo de Malaca, noticiado n'este augmento a pag. 273, exercem as mui celebres expedições das armas da nação.

D. Fr. Thomé de Jesus, bispo de Targa, noticiado n'este supplemento a pag. 274, traduzio o Camões em latim.

Fr. José da Sua Familia, quando regular, ou José da Silva Soares, quando secular, não foi lembrado na minha Memoria historica, porque não sabia da sua natural bondade.

Agora, mais, que a sei, por ter lido o Diccionario Bibliographico Portuguez, do Snr. Innocencio Francisco da Silva tomo 5.º pags. 133, e o já citado escripto do Snr. Francisco Gomes Rodrigues de Gusmão, publicado no periodico a Nação, n.º 6.980 de 11 de maio do corrente anno de 1871; confesso-me em estes dous mesmos escriptores publicados, direi eu com elles, que não só houveram as lettras patrias, mas que foi um dos mais distinctos cultores, celebrados em França, Inglaterra e Allemanha.

É fundador José da Silva Soares, era natural da freguezia de S. Miguel outr'ora Arpinar, e depois de Arpinar, mas nunca de Arpinal, como alguns erradamente teem escripto, como escreveu Pedro José Marques, no seu Diccionario Abreviado, impresso em 1853, pags. 26.

Arpinar outr'ora era do termo de Barcellos, e hoje é do concelho da Povoa de Varzim.

Foi dito n'essa freguezia, que nasceu esse varão illustre, esse portuguez de tão fino trigue que honrára a patria dentro e fóra do paiz.

O Snr. Antonio Rodrigues Sampaio nasceu em S. Bartholomeu do Mar, arredores de Leyrosa e comarca de Buarcos, em 23 de Julho de 1806, e que hoje é o ministro secretario d'estado dos negocios do reino; segundo noticia o Snr. Innocencio Francisco da Silva no seu Diccionario Bibliographico, tomo 1.º pag. 261, é antigo empregado em cargos de magistratura, sendo primeiramente secretario geral no districto de Bragança, e depois administrador geral em Castello Branco.
Deputado ás Côrtes nas legislaturas successivas de 1837 a 1857. Presidente do centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas, etc.

Ha d'elle um retrato, assaz bem lithographado, em fórma ellyptica, tirado em pequeno formato, e destinado especialmente para brinde aos seus amigos, mas de que se esgotaram as tiragens.

Tem sido desde 1844 até hoje redactor principal do Portugal de Setembro de que já antes era collaborador.

É este a mais antiga de todas as folhas politicas, que actualmente se publicam em Lisboa, pois conta mais de 18 annos de existencia, interrompida apenas pelas suspensões temporarias, a que deram logar as leis eleitoraes de 1844 e 1846.

O primeiro numero sahiu em 22 de junho de 1840. Redigiu-o tambem, durante a segunda época, cujo, isto é, desde 16 de dezembro de 1846 até 13 de julho de 1847 o Redactor, segundo folha no formato de 4.º e de 4 pag., da qual sahiram 69 numeros. O ultimo traz no rosto já as iniciaes A. R. S. que indicam o nome do seu auctor.

As circumstancias da epocha deram outra grande voga a estes escriptos clandestinos, que eram procurados com empenho e lidos com sofreguidão, já em razão das noticias que embrulhavam aos successos correntes, já pelos assumptos e reflexões picantes e bem adequadas de que o auctor, com fino tacto que o caracterisa, sabia tirar todo o partido possivel a favor da causa que defendia.

O reverendo dr. José Vieira de Sousa Cantinho meu patrício, nasceu-me na Ribeira de Barcellos, em 14 de setembro de 1832; cursou em Braga os preparatorios e as aulas menores; foi ordenado presbytero em 1856; apresentado parocho da egreja de Requião, concelho de Famalicão, por decreto de 12 de junho de 1860; aprestado d'ella, por ceia, em 28 de outubro do mesmo anno; dispachado prior nel foi em março do dito anno; nomeado conselheiro da ordem da Conceição de Villa Viçosa em junho de 1864; e em maio do presente anno de 1871, por obito do dr. Bruno Joaquim Gomes Cardoso, chantre da Sé do Porto, foi nomeado deputado da casa real, e effectivo com residencia na patriarchal do Porto.

Tendo ainda diz-se: já prégava em 1855; e tem continuado a prégar em cathedraes e sagradas em Braga, Guimarães, Porto, Povoa de Varzim, Vianna do Castello, Barcellos, Famalicão, etc.

Entre os seus sermões do dr. Abbade de Requião, são dignos de memoria os seus, que, nos annos de 1854 e 1855, prégou na capella real da Capa do Porto, nas exequias d'el-rei D. Pedro 4.º, que subsequentemente foram mandados imprimir pela rainha a Capella real Capella; e das exequias da rainha D. Estephania que em 1857, prégou na capella do Paço archiepiscopal de Braga e na cathedral de Barcellos; e das exequias do mesmo soberano, mas depois chamado el-rei D. Pedro 5.º, que em 1861, prégou em Barcellos, em Famalicão e na Sé de Braga; e o da sua proclamação em Lamego, em presença do Sr. Santa da Dia 9.º, que em 1871, prégou no templo do Bom Jesus do Monte.

É tambem digno de memoria a carta que em 1 de setembro de 1867, publicou na União Catholica, no Imparcial de Barcellos e n'outros jornaes, escrevendo de Lugar de Lamé, então presidente do ministerio, Mine

as relações do Estado e da Egreja em Portugal; e a outra carta, que logo depois d'aquella enviou a José Luciano de Castro, sobre desamortisação, bens da Coroa, e os chamados direitos e prerogativas da corôa, etc.

×

Pessoas nas Armas

a pag. 152, depois da linha 11ª, accresce

Da Casa da Feiteira

Entre outros:

Martim Gomes Gafo, primeiro d'este appellido, de que ha noticia, serviu a D. Affonso 3.º, a D. Diniz e a D. Affonso 4.º acompanhando este na batalha do Salado, e morreu n'ella.

Lourenço Martins Gafo, filho do antecedente, que se appellidava de Leiria, por ser algum tempo alcaide-mór de Leiria, tanto serviu a el-rei D. Pedro 1.º e tanto significou lhe mereceu, por el-rei lhe entregar a educação do seu filho D. João, mestre de Aviz, e depois el-rei D. João 1.º, no qual teve bem serviu e acompanhou, quando matou o conde Andeiro na batalha d'Aljubarrota, e em outras occasiões, pelo que lhe deu a alcaidaria-mór de Leiria e o foi thesoureiro da sua casa.

Estevão Lourenço Gafo, filho do antecedente, foi armado cavalleiro por el-rei D. João 1.º antes da entrar na batalha de Aljubarrota, e era casado com D. Theresa de Magalhães Faria, filha do grande Nuno Gonçalves de Faria, do conselho de Affonso, parte da casa da Feiteira, de que faz menção a Chronica Historica a pag. 161.

João Gomes Gafo, ou com desalho matou a filho da sua Dona Constança, por ambos pretenderem a guarda do castello de Beneví.

Porém, tudo lhe foi confiscado por el-rei D. João 1.º; mas João Gomes Gafo, n'esses apuros, ia uma noite arrojar-se ao mar com navio em alto, e tantas promessas deram contra os inimigos de Portugal e do Papa, que el-rei D. Manuel lhe perdoou, mandando entregar-lhe os

142

dos os seus bens, e fazendo-lhe muitas mercês; e o Papa lhe concedeu graças e um Breve, para ter na sua capella da Madre de Deus, da Serra de Varzim, o Santissimo Sacramento.

Joam Martins Gafo, que assistiu em Villa do Conde e foi senhor da Casa da Feitoria e do conto de Borgo em 1534, foi armado Cavalleiro na cidade de Safim, ganhada a Xarife rei de Marrocos essa nobre aguerrida cidade; em cuja guerra serviu com valor. Foi casado com sua prima Branca Affonso da Maia e em 1542, instituiram a vinculo da capella da Madre de Deus da Serra de Varzim, onde já o Santissimo Sacramento, por graça do Pontifice, concedida a seu primo Joam Gafo, em cuja capella tinha sepultura para si e seus descendentes, em que foi ultimamente sepultado. Pedio o arcebispo de Braga D. Barbosa de Soutomaior mandou mudar o Santissimo Sacramento para a Egreja Matriz da Serra.

Antonio Martins Gafo, que assistiu em Villa do Conde e foi senhor da Casa da Feitoria e do conto de Borgo em 1534, foi armado Cavalleiro na cidade de Safim, ganhada a Xarife rei de Marrocos nessa nobre aguerrida cidade, em cuja guerra serviu com valor. Foi casado com sua prima Branca Affonso da Maia, e em 1542, instituiram o vinculo da Capella da Madre de Deus da Serra de Varzim, onde já o Santissimo Sacramento, por graça do Pontifice, concedida a seu primo Joam Gafo, em cuja capella tinha sepultura para si e seus descendentes, em que foi ultimamente sepultado.

Pedio o arcebispo de Braga D. Barbosa de Soutomaior mandou mudar o Santissimo Sacramento para a egreja matriz da Serra.

Antonio Martins Gafo, filho do antecedente, foi capitão-mór de Villa do Conde, por graça de D. Manoel, e tanto se adiantou em merecimentos guerreiros nos estados da India, que foi armado cavalleiro em Safim, pelo capitão Luiz Lameiro, cuja graça foi confirmada por el-rei D. João 3.º em 1546.

Foi senhor da casa da Feitoria e da torre de Padronello da Foz; serviu a el-rei D. Sebastião em alguma ja-

lés, cravel e artilharia, á sua custa; foi nomeado capitão de galés, e teve tenças dos Gajos e Moiras, por decreto de 2 de abril de 1578.

Manuel Gajo, filho do antecedente, foi moço da camara e fidalgo da casa real; serviu os seus oito annos em varias occasiões, em Marrocos e a final foi captivo na batalha de Alcacer.

Viveu em Lisboa, onde teve casas na rua da Palma, com armas dos Gajos.

Pedro Carneiro Gajo, cavalleiro fidalgo, commendador de Cermelhe, serviu muitos annos a el-rei D. João 4.º.

No anno de 1648, indo como capitão de mar e guerra d'hum dos galeões d'armada real, que foi a restauração do Brazil, pelejou tão valorosamente contra 8 fragatas Hollandezas, que mettendo a fundo duas, desmantelou uma.

Vendo-se, porém, com a maior parte da sua gente ferida na sua náo do Pernam, na qual já havia morrido seu irmão Bartholomeu Falcão Gajo, senhor da casa da Lameira, e commendador d'aquella freguezia dos Hollandezes, tendo-a por mais gloria morrer ahi, do que ser prisioneiro; e foi com effeito - se lhe poz com huma pistola na bocca, e elle mesmo, pegando-lhe fogo, poz-se a si e a toda a náo; mas resam tiros e foi arder duas náos dos inimigos!...

"Antes morrer do que ser prisioneiro": Assim gritava Pedro Carneiro Gajo a toda a sua gente, em taes aperros e desgraça, porque morrer pela patria é honra e obrigação:

Assim morreu Pedro Carneiro Gajo, porque era parente dos Freires de Castella de Faria; isto é, de Gonçalo Gonçalves de Faria, d'esses mayores fidalgos da lealdade portugueza, dos quaes se fez Historia e diz huma memoria manuscripta, que em 1611, assi foi dizer ao Filho:

"Avinda do que Jesus contrario hauvia
"Aqui fazer pedaços me cuidais,
"Estae firme, constante, estai seguro;
"Que antes é morrer, que ser prisioneiro."

143

"Passarei livremente a morte e a dor,
"Pois a immortal a fama ha de ficar."

Em memoria d'este grande feito de Pedro Carneiro Pegado os seus reis patronymicos tinham no braço esquerdo um retrato d'este grande heroe, segundo consta d'um authentico alvará passado em Lisboa em 8 de junho de 1647, e registado na Chancellaria mór das mercês, liv.º 2.º nesse; emfim a casa ainda que tirada, de ouro esquiçada em Portugal restaurado, liv.º 2.º fol.º 646.

Manoel Pegado Carneiro, senhor da casa da Feiteira e da Torre e morgados de Pedreira de Faro, foi capitão d'infantaria, commendador de Lafrancos na Ordem de Christo, serviu el-rei D. João 4.º na guerra da Catalunha de Villa do Conde, sendo d'elle primeiro governador, e ajudante n'elle a celebrar a feliz acclamação d'el-rei por ser a pessoa mais nova d'aquella villa.

Depois foi capitão de espadachins volantes, que fez vender a casa de Villa de S. João da Foz, acompanhado de seus mesmos e d'alguma gente, praça á sua custa, fazendo tambem grande despeza na fortificação do seu castello de Villa do Conde.

João Pedreira Pegado, senhor da casa da Feiteira, commendador de S. Facundo na Ordem de Christo, foi mestre de campo d'infantaria na provincia do Minho e governador das armas do Porto e da mesma provincia, nas ausencias do marquez de Arnias, por sua conta; e serviu aos reis D. João 4.º, D. Affonso 6.º e D. Pedro 2.º

João Rodrigues de Lago, filho de Rui Gomes, descendentes dos primeiros senhores de Castello de Cumbalhe, serviu ao conde de Barcellos e duque de Bragança D. Jayme, primeiro assento na jornada e conquista de Azamor.

João Rodrigues de Lago, filho de Branca Rodrigues, de Cumbalhe, serviu em Africa, e se achou na tomada de Azamor com D. Affonso 5.º.

Das Casas dos Costas, Chaves, Mendanhas e Arriscados

Senhor antigo

Lemaio da Costa de Carvalho, serviu na guerra dos res-

tauração de 1640, na patente de capitão, e o foi mais de 13 annos, servindo sempre á sua custa.

Duas vezes foi eleito provedor dos cofres e n'ellas foi definidor; sendo a primeira eleição em 29 d'Agosto de 1642, tempo em que só se elegiam 4 mais nobres.

Manuel da Costa de Carvalho Chaves Borges e Vasconcellos, cavalleiro professo na ordem de Christo, apresentou-se, á sua custa, no serviço do estado com seu cavallo e armas em defeza da Villa de Loulé, quando em 1663 navios inimigos infestavam aquella costa.

Foi soldado coronel e de cavallos que assistiu na campanha de 1665 e na entrada no reino da Galliza, no cerco e assalto do Forte de Santa-Luzia da Villa da Granja e na gente ma e destruição de muitos logares, servindo na vida militar sem nota.

Francisco Xavier de Mendanha, em 1777 organisou á sua custa uma companhia de cavallaria, no regimento de Miranda, sendo capitão d'ella e sendo seu tenente seu irmão José Bernardino de Mendanha.

José da Costa Mendanha, fallecido em 1829, foi tenente coronel das milicias de Barcellos e condecorado com a cruz militar nº 2.

João Arriscado de Bivar, como alguns escriptores dizem, foi cavalleiro distincto valor, um dos mais valentes cavalleiros do seu tempo, que se arremessou a intrepidas e arriscadissimas empresas, em serviço do reino no grande cerco de Mazagão, na menoridade d'elrei D. Sebastião.

Tambem eram grandes destas cousas (segundo dizem escriptor nos livros genealogicos Manuel José de Faria Lopes de Barcellos) os seguintes:

João Bamba, homem muito honrado de Loulé, que servia em Africa, onde el-rei D. Affonso V o armou cavalleiro;

Lancaste Ferreira de Azevedo, que serviu 9 annos em Ceuta.

Francisco de Figueira Sampaio, que serviu

144

em Africa em algumas campanhas, d'uma escrita, e que com sua mulher Izabel Teresa, mandou edificar a capella de Jesus, de Granja, na freguezia de S. Jorge de Vila Boa, arredores de Barcellos.

X

Dos militares de Barcellos

entre outros devemos contar mais estes:

O Snr. Antonio José Ferreira de Souza, nascido em Barcellos em 6 de Junho de 1824, é mais um benemerito barcellense, bravo na defeza da patria, e firme sempre no campo da honra.

Assentou praça voluntariamente no regimento de infantaria nº 8, de guarnição em Braga, em 10 de Janeiro de 1843, e sendo no mesmo anno promovido a anspeçada e a cabo; em Janeiro de 1844 a furriel; em 1845 a segundo sargento; e em 7 de Janeiro de 1847 a primeiro sargento; em 29 de Abril de 1851 foi destacado alguns annos para o regimento de infantaria nº 12, donde passou ao regimento de infantaria nº 5, e deste voltou ao nº 8 em Abril de 1854.

Em 15 de Abril de 1863 foi despachado tenente para o regimento de infantaria 11, e em maio regressou ao seu antigo corpo, donde foi despachado capitão para o batalhão de caçadores nº 9, em 28 de Janeiro de 1871, passando em Janeiro do mesmo anno a caçadores nº 9.

Em 11 de Janeiro de 1844, acompanhou o seu regimento para a côrte de Alcantara, regressando ao seu guarnição em Braga em maio do mesmo anno; em Julho de 1846 embarcou com o dito corpo para Setuval; e em outubro do mesmo anno para Lisboa, a reunir ás forças cartistas, para rebater a rebellião, regressando a Braga em Julho de 1847.

E finalmente em outubro de 1860 embarcou no referido corpo para as ilhas dos Açores, aonde foi a guarnição das mesmas até novembro de 1862, tendo desembarcado na praia de Carreiros na costa da foz de Douro no dia 14 de dezembro.

Este esperançoso militar, que acompanhou sempre o seu glorioso corpo, modelo de bravura e disciplina, que combateu sempre pela boa causa, emitte se distinguiu nas acções e combates na defeza de Braga em abril de maio de 1846; na acção de Torres Vedras em 22 de dezembro do mesmo anno; e na defeza de Candaes em 27 de junho de 1847.

Pela segunda vez, foi condecorado com o glorioso grau de Cavalleiro da Torre e Espada, por decreto de 3 de novembro de 1846, e, diz o respectivo diploma referir-se ao distincto comportamento durante os ultimos acontecimentos que tiveram logar na provincia do Minho: em 1847 com as medalhas de prata de Valor militar e bons serviços; e em maio de 1871 com o habito de cavalleiro de S. Bento d'Aviz.

Eis a biographia authentica deste honrado militar que, na sua brilhante carreira das armas, teve occasião differentes serviços de trabalho e responsabilidade.

O snr. Fernando de Magalhães Villas-Boas, assentou praça em Braga em 3 de janeiro de 1839, tendo 15 annos de idade, foi promovido a alferes em 26 de novembro de 1840, a tenente em 24 de setembro de 1843, a capitão em 19 de novembro de 1849 e a major em 29 de abril de 1871.

É condecorado com o habito de S. Bento d'Aviz e com as medalhas de prata de bons serviços e de comportamento exemplar.

Pertence ao corpo d'estado maior e já foi diplomado com côres.

O snr. Fernando de Magalhães Moraes de Villas-Boas, sobrinho do major antecedente, assentou praça em 19 de junho de 1862, tendo 14 annos de idade.

Foi promovido a alferes em 3 de janeiro de 1866, a tenente em 21 de janeiro de 1868 e a capitão em 24 de abril do mesmo anno.

Pertence ao corpo de estado maior.

145

Finalmente, o snr. Fernando de Magalhães e Menezes de Villas-Boas, é o actual senhor da Casa Solar dos Villas-Boas d'Airó e dos Magalhães da villa de Barcellos, onde nasceu filho de José de Magalhães e Menezes Junior, hoje falleido, que foi coronel das milicias da dita villa.

×

Algumas moradas de casas distinctas de Barcellos e de seu termo.

A pag. 175, no fim do cap. 51, accrescei:

Do morgado de Diogo de Villas-Boas Carvalho, e de sua illustre descendencia já se deram noticias na Memoria historica a pag. 146, 149 e 171 e n'este supplemento a pag. 270, 274 e 275.

Agora accrescei:

Esta casa ultimamente pertenceu a José de Magalhães e Menezes Junior casado com a snr.ª D. Anna Adelaide Ferreira d'Araújo Lourenço, filha de José de Magalhães e Menezes Junior e de D. Maria Julia de Villas-Boas Sampaio, ambos já fallecidos, e actualmente são residentes nas suas obras e aprazadas, casas de Barcellos.

Hoje porém pertence ao snr. Fernando de Magalhães Menezes de Villas-Boas, capitão do corpo do estado maior do exercito, filho dos predictos snr.s José de Magalhães e Menezes Junior e de D. Anna Adelaide; casado recentemente com a snr.ª D. Adelaide Hermínia Teixeira de Moura, filha do barão de Vilanova Guilherme Teixeira de Moura.

E pertence ao snr. capitão Fernando por fallecimento do dito sempre, que em 23 de outubro de 1870 falleceu na Foz do Douro, onde estava a tomar os banhos do mar, e d'onde foi a sepultar na campa da capella da sua Casa Solar de Airó, na qual, já em 27 de novembro de 1701, fora sepultado seu avoengo Antonio Antunes de Villas-Boas e Sampaio.

O morgado de Manuel da Costa de Carvalho e seus antecessores já se deram algumas noticias na Memoria Historica a pag. 71, linha 28; a pag. 114, linha 13; e a pag. 129, cap. 37; e n'este Supplemento a pag. 265, linha 17; 268, linha 22; e 288 linha 12.

Agora accrescei:

Este morgado ultimamente pertenceu a Antonio da Costa de Mendanha Bruna de Vasconcellos e depois d'elle a seu irmão Agres de Mendanha da Costa, que pouco tempo o possuiu; ambos filhos do desembargador da relação do Porto Henrique de Mendanha da Costa Benevides, fallecido em 1808, ambos senhores dos vinculos dos Costas Chaves; e, segundo deixou escripto e confirmado em seus livros genealogicos Manuel José de Faria Goyo, da villa de Barcellos, ambos da principal nobreza da mesma villa e aparentados com toda a nobreza e com muitas casas distinctas d'esta provincia do Minho, e de fóra d'elle.

O vinculo, que foi instituido por Manuel da Costa de Carvalho Borges e Vasconcellos, na egreja e capella de N. S.ª da Oliveira, de Casal de Mil, com obrigação d'uma missa, por alma d'elle e de seus pães, em todos os domingos e dias santos (que eram no tempo da instituição d'este vinculo) por obito do predito Agres de Mendanha, e por transacção que houve com o dr. Antonio de Mendanha Arriscado, ficou pertencendo ás filhas legitimadas do mesmo Agres de Mendanha, as snr.as D. Maria Amalia da Costa Mendanha e D. Adelaide da Costa Pinheiro Bruna de Vasconcellos.

O vinculo porém da capella de S. Francisco ficou pertencendo ao dr. Antonio de Mendanha Arriscado, como legitimo successor e parente em linha recta dos Costas Chaves, assim como o é dos Arriscados; pois o dr. Antonio de Mendanha Arriscado é filho legitimo de D. Gracia Pinto Arriscado de Lacerda, casada em Santarem de Men-

146

dunha Benevides Cárne, senhor da caza e quinta da Torre; 8º neto de D. Anna Joaquina de Mendanha da Costa, casada com Manuel da Costa Arriscado de Lacerda, senhor da caza dos Arriscados de Boriz; 2º neto de Manuel da Costa de Carvalho Chaves, senhor dos morgados Capellas de Casal de Rij e S. Francisco, cavalleiro da ordem de Christo e familiar do Santo Officio, casado com D. Maria Ignacia de Mendanha; 3º neto de André da Costa de Carvalho Pinheiro, senhor dos ditos morgados e familiar do Santo Officio; 4º neto de Manuel da Costa Carvalho Chaves Borges e Vasconcellos, cavalleiro da ordem de Christo, instituidor do morgado da Capella de Casal de Rij, e senhor deste e do da capella de S. Francisco; 5º neto de Francisco Pinheiro de Carvalho, licenciado em canones pela Universidade de Salamanca e depois incorporado na de Coimbra, onde se formou em 20 de junho de 1634; o qual foi cavalleiro da ordem de Christo e senhor do morgado de S. Francisco; 6º neto de Melchior Arriscado, que tinha fôro de fidalgo, como já o tinham seus antepassados; casado com D. Christina da Fonseca e Prado, etc.

§ 3º

Os Arriscados (ou Riscados, como alguns auctores escreveram) segundo nos dizem os Estrangeiros no Lima, tomo 2º, dial. 6º, nº 49, pag. 322, é gente nobilissima; e entre ella foi Rui Riscado, cavalleiro de muito valor, um dos mais verdadeiros cavalleiros do seu tempo, arremessou-se a muitas e arriscadissimas emprezas, em serviço do reino, no grande anno de Malajoar, na menoridade d'el-rei D. Sebastião, como se notou n'este Supplemento a pag. 288.

Suas armas são: em campo vermelho, cinco quadrados de ouro e azul em xadrez.

Sua caza solar, outr'ora, foi na cidade do Porto n'uma torre fronteira á do marquez de Fontes, e depois a teve sita na freguezia de Boriz, termo de Barcellos, on-

sua casa e quintã de Barris, onde na capella de N. S.ª da Esperança, foi instituido e dem morgado em 1634, pela dita D. Christina da Gama e Brado, mulher do dito Melchior Arriscado; cuja casa, quintã e capella são muito antigas.

N'essa capella foi depositado o predito Melchior Arriscado; sua mulher porém o foi no cemiterio de Villar de Frades, n'uma sepultura ao dadir da capella, com um letreiro que diz: - "AQVI.JAZ.D.CHRIS-TINA.DA.GAMA.MVLHER.DE.MELCHIOR.AR-RISCADO."

Esta casa dos Arriscados tinha no cemiterio de Villar de Frades uma lapida de 3 missas rezadas annualmente em dia de Natal; e na capella de Boiz tinha outra d'uma missa tambem rezada semanalmente, e outra d'uma cantada annualmente em 8 de septembro, dia da Natividade de N. Snr.ª

Aquella capella de Boiz foi reedificada em 1869; a expensas do seu honrado, zeloso e religioso administrador, o Snr. Antonio de Mendonça Arriscado; celebrando-se depois na egreja parochial de Boiz, em 8 de septembro do dito anno, uma solemne festividade com missa cantada pela seu reverendo parocho e com um brilhante sermão, que proferiu o Snr. padre Antonio Martins de Faria, da villa de Barcellos.

Depois d'essa festividade, houve uma solemne procissão da egreja parochial á dita capella, na qual foram em andores N. S.ª da Esperança, imagem grande; S.ta Luzia e outra imagem de N. Snr.ª, pertencentes á capella, onde foram novamente e com decencia collocadas no fim da procissão, á qual concorreram as irmandades da freguezia e varias pessoas distinctas, que o Snr. Antonio de Mendonça Arriscado houve convidado, e muito povo, que alegremente concorreu á festividade, procissão e collocação d'aquellas imagens

147

S.º 4.º

Do morgado dos Lemgas da freguesia de S. Julião de Cattendaire da Silva, concelho de Barcellos, e dos Alcaides-móres da Torre d'Alcaidaria da freguesia de Carvalho, extinctiva d'Aguiar de Lemga, e hoje de Barcellos, districto e bispado do Porto, já se fallou na Memoria Historica, pag. 147, linha 6, e d'elles fallam os Inéditos ou Lima, Tomo 1.º, Liv. 6.º, n.º 26, a pag. 420.

S.º 5.º

Do morgado dos Pinheiros de Barcellos já se deram algumas noticias na Memoria Historica, pag. 48, cap. 16, pag. 75, linha 4ª; e n'este Supplemento pag. 263, 264, 271, 272 e 273.

S.º 6.º

Dos morgados e familias das Casas da Feiteira, Vide do Conde, Barca d'Alpaga e Cunhedo, já se trata na Memoria Historica, pag. 174, e n'este Supplemento, pag. 273, 274, 280, 283 e seguintes:

Agora accrescei mais isto:

A caza e antiga quinta de Cunhedo, sita na freguesia de S. Julião de Freiro, extinctiva do concelho de Barcellos e hoje do de Ponte de Lima, em fogo de Fiaes Novos, cazal em Ribeira Freira, onde chamam Cunhedo, em tempo d'elrei D. Fernando o Magno, que pousou Corinha nos Fiaes e teve ali a sua côrte, como quer persuadir Fabio Machado, marquez de Monte Bello, nas notas ao conde D. Pedro, no titulo d'esta familia; em fogo fundado pelo fidalgo Asturiano Alarico, grande e poderoso senhor descendente dos Godos, pouco mais ou menos depois da entrada dos mouros na Hespanha, os quaes pozeram o territorio de Ribeira Freira, de que se fizera senhor, e ali se fortificara, fundando o castello, a qual se conservára em seus descendentes até ao juiz de D. Ermesenda Landulfes, que se diz chamára Landulfo Ordonhes, e que casára a dita sua filha com o Infante

Fernão Mendes, e seus filhos, netos e descendentes se conservára a sucessão d'elle até á morte de Fernão Vieira, que se diz chamar-se Ruy Gomes de Carvalho, e que de dita maneira tinha e pôde Fernão Vieira, o moço, mineiro-mór de Entre-os-Montes, o qual casou com Ignez de Reges, filha herdeira de Ruy Dias de Reges, senhor da V. Mantinhas de Fermoso e de Pedro de Regalados, de quem nasceu filha unica Leonor Vieira em quem seus pais instituiram a morgada das quintas de Carvoeira e Carvalho, a qual casou com Diogo Gomes d'Abreu senhor d'Abreu e Moreira, que depois possuiram seus descendentes, como me diz o dr. Frei Joaquim Salgado de Araujo, abbade de Pera, quando indagador das antiguidades d'esta provincia; mas fui eu posse como me quer persuadir o Marquez de Montebello ou como me diz o abbade de Pera, é certo que o duque de Barcellos e de Braganza D. Jayme, em 1532 estava de senhor e possuidor da dita caza, castello e quinta de Carvalho e que tinha esta empraza ao fidalgo João Rodrigues de Sá-por, filho de Ruy Gomes, pelos bons que a tinha servido, principalmente na jornada e conquista d'Azamor, e por ser descendente dos primeiros senhores d'aquella castello, caza e quinta.

D'esta caza me deram noticias mais do que dita acima D. Pedro, no livro de Linhagens, tomo 4.º; o marquez de Montebello, nas suas Notas ao dito D. Pedro em seu Memorial a Filippe 4.º; e o dito abbade de Pera; mas tambem a Monarchia Portugueza, tom. 1.º na vida d'elrei D. João 1.º; a Chorographia Portugueza, tom. 1.º no tratado da Ouvidoria de Barcellos; e os manuscriptos de Christovão Adão de Moraes, de Manoel de Souza da Silva e do Abbade de Ermeiz, nos seus livros familiares.

Esta caza porem e seu castello, com os bens pertencentes ao dito prazo, hoje pertence ao Sr. Bonifacio Bom Jesus Cerqueira Vieira, advogado em Barcellos, e natural da Ponte da Barca, por ter sido casado com D. Maria Isabel Pereira Goes, filha legitimada do commendador João Jacome da Cruz Pereira Goes, ultimo, a quem deste seu casamento não deixou filhos e falleceu na Caza da Torre em

148

nomeando a dita praça em seu marido, por lhe ter sido dotada por seu pae a dita commenda.

Ahi a dizia a esta praça homem rendido pleito, mas ainda julgou-se em favor do Snr. Bernardo Augusto Cerqueira Velloso, que está de posse d'ella, e de mais alguma terra, que não era da praça, que comprara aos herdeiros do referido commendador.

D. Maria Telgueira Gayo era neta paterna de Antonio Joaquim de Lapa da Silva Gayo Rosado, natural e senhor da Casa de Carvalho, casado, em primeiras nupcias com D. Clara Perez de Leão e Arathes, ou, como alguns dizem, D. Clara Maria Michaella Antonia, da caza de Leão em Freitada da Gastiza; bisneta de José Jacome de Lapa da Silva Gayo; terceiro natural e senhor da caza de Carvalho, casado com D. Antonia Leonilia de Castro Mattos Maia e Moreira, de Moreira, etc.

Foi pois D. Maria Telgueira Gayo a ultima senhora e possuidora da praça, caza e castello de Lamelhe, como fazendeiro de seus netos avoengos, e por seu fallecimento passou a outra familia, como fica dito.

As cazas, porém, e bens da Favenga, Barca de Lapa e Villa de Conde, ainda pertenceram á Snr.ª D. Rosa Maria Telgueira Gayo, casada com o Snr. José Machado Paes de Araujo Telgueira Gayo seu parente em 7.º gráu; filho de Melchior Machado Paes de Araujo Telgueira Gayo e de D. Anna Joaquina de Queiroz, de Vallença do Minho; 1.º neto de Alexandre Machado Paes de Araujo Gayo, casado com D. Roza Angelina Guimarães; 2.º neto de Melchior Machado Paes de Araujo Gayo, casado com D. Antonia Gonçalves de Faria, etc.

A Snr.ª D. Roza herdou estas cazas de seu pae, e José as havia herdado de seu dito avô paterno e este de seu parente José de Vasconcellos e Mello, que foi casado, mas que falleceu em Lisboa, sem filhos, e que era filho de José Manuel Vasconcellos Telgueira Gayo e de Anna de Lá; e neto de Melchior Antonio de Vasconcellos Telgueira Gayo e de sua mulher

D. Anna Joaquina de Menezes, filha do senhor da casa de Cêvras, etc.

As armas dos Gapis, por parte da bisav.ª D. Brizida, são: - "Leva campo de prata, três grandes arruelas, postas em faxa e um chefe partido em prata; a 1ª de Castella e a 2ª d'Aragão; Timbre o castello das armas com um estandarte de arruelas, que sahe do centro com haste de ouro."

El-rei D. Manuel assim as mandou lançar no livro da Nobreza dos Brazões e armas, que mandou fazer no seu tempo; e estas armas assim foram descriptas na Nobiliarchia Portugueza, de Vilas-boas Sampaio, edição de 1727, pag. 283.

E as armas, por parte da familia do bisav. José Machado, são estas: - "Um escudo esquartellado; no 1º quartel as armas dos Machados, que são, em campo vermelho 5 machados de prata em os cabos d'ouro postos em sautor; no 2º as dos Paes, que são, em campo de prata 9 bezantes vasiados de azul e vermelho em 3 palas; no 3º as dos Araujos, em campo de prata, uma aspa azul, formada e carregada de 5 bezantes de ouro; no 4º as dos Gapis, que são, em campo de prata, 3 arruelas negras em faxa, com um chefe partido em prata; na 1ª em campo vermelho, uma cavalla de ouro; na 2ª em campo de ouro, 4 palas vermelhas; Elmo de prata aberto, guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas: Timbre dos Machados, que é 2 machados de ouro postos em aspa, atados com um trazel vermelho, e por diferença uma luva de prata, com um A - de preto."

Estas armas foram assim concedidas a Alexandre Machado Paes de Araujo Gapi, 1º avô do bisav. José Machado Paes d'Araujo Gutierrez Gapi, sendo elle seu avô alferes de granadeiros d'infantaria do regimento de Valença dos Minhos, por carta regia da rainha D. Maria 1ª em 19 de Dezembro de 1787; em cuja carta foi expedida em Lisboa em 29 do dito mez e anno; no livro

149

4º do registo dos brazões e armas da nobreza e fidalguia destes reinos e conquistas, a folhas 35.

E diz a citada carta régia, fram. lhe concedidas estas armas, por ter mostrado ser descendente de pessoas distinctas, que foram fidalgos da caza real, alcaides-móres e commendadores descendentes das familias dos appellidos de Machados, Paes, Araujó, e Gafó dittos reinos, e apresentados com as armas da primeira do timbre, que como taes, se trataram assim da nobreza, com armas, cavallo, e toda a mais ostentação pertencia da mesma nobreza, confirmando tudo com a dita Alexandre Machado Paes de Araujo Gafó:

Finalmente, prova por fim dita e letra mais que authenticamente consta, de Dor. José Machado Paes de Araujo Pelgueira Gafó e sua esposa a Snr.ª D. Roza Maria Pelgueira Gafó, bem como seus descendentes, sam aparentados, antes só com as nobres familias dos Pelgueiras Gafós, dos Maias, dos Farias de Castello de Paiva, dos Vasconcellos e Mattos, dos Silvas, dos Peres de Lião, dos Menezes, dos Rosciros, dos Machados, dos Paes, dos Araujós, etc, mas tambem com Rui Mendes de Vasconcellos que foi avo d'el-rei D. João 4º e até aparentados com D. Ramiro, 3º rei de Leão.

Parecellos justificados
Dos aleives do Pe. Antonio Carvalho da Costa
A pag. 197, depois do Cap. 57 acrescei:

Capitulo LVIII

Porque sem amante da verdade, possam os aleives da calumnia, que se publicam, vem por isso desagravar a illustrada memoria dos fidalgos de Barcellos. Vem patrocinar a Victor quando o Pe. Carvalho na sua Chorographia Portugueza com a mesma illusão da sua fantazia, vede contos fabulosos, quaes deslustrar os illustrados Barcellenses e seus Vereadores.

Lê-se no Aphorismo ou Diccionario abreviado de J. A. d'Almeida, pag. 150.: "Gente o Pe. Carvalho não deveria

cousita á' natureza, pois que diz respeito aos dotes physicos, foi todos os biographos mal-o pintam de pequena estatura, coroado e disforme, mas armado de muito talento."

Eu porém (salvo melhor asserto) affirmo que o P.e Carvalho muito deveu á' mentira, e que n'elle foi de pouca estatura, bem desempenado e direito, era bem apresentado, sirvendo de pretos e armado de muito talento para enganar, pois não ha Portuguez, que tanto sagasse denegrir e deshumanisar os Barretteiros!!!

Para tanto basta mais falso, nem infame, mais cruel nem mais sinistro de se publicar, do que os alludidos escriptos pelo P.e Carvalho na referida Chorographia, tom. 1.º, liv. 1.º, trat. 1.º, cap. 11, pag. 103 da edição de 1706.

É' com alleive dizer-se, que os Vereadores de Barcellos eram obrigados a ir varrer a praça e arruamentos de Guimarães!!! É' outra alleive muito maior, tresloucada, alterar e falsificar as historias!!! São pois estas alleives as que vem refutar com toda a clareza e imparcialidade. Bem darguem e attendam todos.

Diz o P.e Carvalho na citada Chorographia! - "Estando em Guimarães houve uma provisão d'elrei D. João 1.º ordenando n'ella que os Vereadores da camara de Barcellos (com um barrete vermelho na cabeça, uma banda da mesma côr ao hombro, espada á' cinta, um fré' adiante e o outro detraz, e vassoura de giesta) fossem varrer a praça e arruamentos de Guimarães, nas vesperas das festas da Natividade de N. Senhor, da sua Resurreição, do Espirito Santo, do Corpo de Deus, de S. João Baptista, da Visitação de Sta Izabel, de S. Ignacio, de N. tio? d'Assumpção e S. Miguel o Anjo"; e isto porque tendo elrei D. João 1.º tomado, com tomou, a cidade de Ceuta, em 21 de agosto de 1414, repartindo depois os mistanios das mouras pelos moradores das terras d'este reino, que com elle foram; refazendo-se os mouros e voltando com grande força, pois restaurarem a perdida cidade, e vendo-

tirem com grande furia e alardo d'essa; Bem os de Barcellos desampararam a dita instancia, e que os de Guimarães, dividindo-se em dous Frades, defenderam ambas. Bem, em castigo d'esta fraqueza e pouco de valentia dos Vimaranenses, imporia a sei esta servidão aos Vereadores de Barcellos, que continuaram n'ella mais de 70 annos; Bem esta jurisdicção durara até o tempo do Conde de Barcellos D. Jayme, a cuja instancia se transmittio para os moradores das freguezias de Lemba e Ruivães, que sendo então termo de Barcellos, estavão as ditas freguezias e de Guimarães, com a obrigação de cumprirem a quita servidão aos Vereadores de Barcellos."

A mesma P.e Carvalho na mesma Chorographia e no mesmo tomo 1.o cap. 21, fol. 113 e 114, fallando das freguezias de Lemba e Ruivães, como já pertencentes a Guimarães, nada nos diz a respeito d'esta servidão ter passado dos Vereadores de Barcellos para os moradores de Lemba e Ruivães como affirmou na sua Historia de Guimarães.

A mesma P.e Carvalho no mesmo tomo 1.o cap. 3.o, fol. 215, fallando da freguezia de S.ta Eugenia, como pertencente ao termo de Barcellos, nos diz:-

"Bem S.ta Eugenia fôra antigamente annexa de Guimarães e que por privilegios que tinham os moradores de S.ta Eugenia, eram esses moradores obrigados a ir varrer a Guimarães; mas porque devia muito incommodar a Barcellos haver ali em S.ta Eugenia uns dentes tantos moradores de Barcellos, aos quaes se recolhiam seus criminosos, d'onde sahiam a roubal-os, os de Barcellos, deram aos de Guimarães as duas freguezias de Lemba e Ruivães, com a obrigação da quita servidão de ir varrer a Guimarães."

Tambem o P.e Carvalho, copiando a sua Historia da villa de Barcellos, em pouco alguma d'ella disse que dous Vereadores eram obrigados a semelhante servidão.

Ora eis aqui como o P.e Carvalho é inexa-

rente na sua (e dê sua) historieta da servidão!!!

Os servidores seriam os Vereadores de Barcellos?...

Não; pois tendo elle dito, que essa servidão fôra imposta aos Vereadores de Barcellos, e que d'ahi passára para os moradores de Carvalhos e Penella; disse depois que fôra imposta aos moradores de S.ta Eugenia, que formavam um canto de Guimarães, e que d'este passára aos de Carvalhos e Penella!!!

Querem de boa fé, póde entender-se com estas contradicções de P.e Carvalhos?!... Como é que os Vereadores de Barcellos poderiam ir a Guimarães no dia da procissão de Natal com as melhores das suas festividades, principalmente das festas da Ressurreição, do Corpo de Deus, e de S.ta Isabel andando doze jornadas legoas, na ida e na vinda, pelas péssimas estradas, que então havia de Barcellos a Guimarães, subindo e descendo a montanha da Falperra?!... Como poderiam fazer esse serviço em Guimarães nas vesperas d'essas festas, e nos dias d'ellas, e de manhã, estarem em Barcellos, para assistirem ás festas e provisões reaes, a que todas as camaras do reino eram obrigadas a assistir e acompanhar?

Não sei como se poderiam combinar os tempos d'essas obrigações; mas é certo que o serviço do dever religioso prejudica ao profano.

Em data tem, onde existe, ou onde foi registada essa provisão d'El-rei D. João 1.º, que dá o P.e Carvalho a prega?!... Quem são, quem assignou, onde existem e onde estão registados os documentos de transacção d'essa servidão dos Vereadores de Barcellos para os moradores de Carvalhos e Penella ou dos de S.ta Eugenia para os de Carvalhos e Penella?!...

Nada disse nos disse o P.e Carvalho; por isso podemos dizer: - Mais de pressa se prende um mentiroso, do que um coxo.

Querem mais um? pois desde já, como me dão

em defensa, n'estas visiveis contradicções e faltas de provas a falsidade d'este conto de velhas?! Quem não adivinha a mentira, com que o P.e Carvalho veio a publico com semelhante patranha, sem a precisa averiguação, como em varias partes da sua obra, movido unicamente de respeito humano e de informações de embusteiros, pois é constante tradição, que um clerigo visionario de Guimarães fora o que, entre outros sonhos, introduzio este na cabeça do P.e Carvalho, que tambem muitas vezes sonhava, como quem a inventou?!..

Como é visivel que os Vereadores da Villa de Barcellos, que sempre eram dos prestimosos filhos d'aquella villa, onde é tanto mórbega se suspeitassem a tão mil servidão e por 70 annos?!.. E é certo, que antes queriam voluntariamente desterrar-se da sua patria, do que mudar de domicilio, do que soffrer semelhante servidão e produzir tal ignominia; pois que ninguem que se ja sensato se produzirá persuadir, que aquelles mesmos que tanto trabalharam em adquirir, conservar e adiantar a honra, que gloriosamente lhe proveram tão justos motivos.

Estas unicas considerações bastavam para se entender a falsidade do conto fabuloso do P.e Carvalho, mas não faltam outras razões, com que ella evidentemente se convence.

A que ferir é talvez tira bôla a duvida, é vêr quanto é dissemelhante da verdade a narração d'este successo, que nos contam as nossas Historias, gerando-nos raiva a indignação e a anciedade de tanto.

Dizem ellas, que desembarcando os nossos em terra, depois embarque da esquadra dos Mouros, se travaram com elles, e depois de algum tempo de conflicto, fugiram os nossos inimigos, retirando-se para a cidade, entrando n'ella os Portuguezes de mistura, onde, continuando a estrage e a victoria, os nossos se fizeram inteiramente senhores d'ella, fugindo de noite os Mouros que não

tinham sido mortos na pendencia; que, pela manhã, alguns d'aquelles que se tinham retirado á montanha com suas mulheres e filhos, baixaram ao extremo da cidade, visitando os nossos a escaramuças, mais com desejo de vingança, que com esperanças de restauração; e que da praça sahiram os nossos a aguental-os, e os fizeram recolher ás mesmas montanhas; que a 15 d'agosto de 1415 el-rei ouviu missa na egreja a que se tinha reduzido a mesquita dos Mouros; que ahi armou cavalleiros os infantes, e estes a alguns fidalgos, e que, deixando por capitão d'aquella praça a D. Pedro de Menezes, com 2:500 homens de reconhecido valor, embarcou para o reino em 2 de septembro do dito anno de 1415.

Eis a verdade que contam as nossas chronicas. Onde acham a D. Leonarda aquelle assalto, que deram os Mouros, com grande furia e alacridade á escala, em que os Barcellenses desampararam, a sua vista, a cidade, grandes os inimigos e mais que figuram por haverem alguns dos nossos a algumas lijerias escaramugas, em que foram rechaçados e postos em fuga para as montanhas?!..

Deixem-se pois as historias, que n'esta conquista os insulanos que saltaram em terra e se travaram valorosamente com os Mouros, foram os que capitaneava o infante D. Henrique, os seus mesmos aquelles que o mesmo infante tinha reunido na cidade do Porto, d'onde tinham navegado para Lisboa a encorporar-se com a armada, em que sahiram para a Ceuta, sendo capitão d'uma das galés, em que embarcaram, o conde de Barcellos e 1.º duque de Bragança D. Affonso, filho legitimado d'el-rei D. João 1.º.

É evidente, que entre estes andassem os de Barcellos, assim porque juntando o infante a gente no Porto, é certo que havia de juntar ahi tambem os Barcellenses, por ter ficado visinhos e na mesma provin-

cia; como porque é de crer, que fossem capitaneados pelo delito onde e daquem, de quem eram vassallos.

De mais essa gente de homens com tanto valor em abandonar e marinada de Lamego; de tanto se confiar nella, que se lhe commettesse a pessima e mais arriscada acção da empreza; como é portanto que, pouco depois, desampararia, com temor a sustancia de que fôra encarregada?...!

Ainda que succedesse alguma infelicidade (ao dominio na guerra, ainda mesmo entre os mais valorosos guerreiros) como se havia de castigar assim tão severamente essa deslealdade desattendendo-se os precisos e valiosos merecimentos?!..

Porque se haviam de castigar os Vereadores de Barcellos que não foram a marinada de Lamego, e os seus procuradores, que foram Vereadores mais de 30 annos, em que (obij. do Dr. Carvalho) deveria essa imaginativa servidão?!...

E porque se não castigaram os que lá foram e commetteram essa falta, se é certo que a homens é prejudicial de tão severo castigo?! É pois certo que tal fraqueza e tal castigo só existiram na exacerbada cabeça do Dr. Carvalho, que deu escrito e ao dito tantas patranhas!

Supponhamos comtudo, que foi verdadeira essa fraqueza; mas dizem-me os sensatos:- Quem viu semelhante modo de castigar, em tal especie de castigo?!..

A delito foi dos soldados, e a prova devia ser imputada aos Vereadores?

Quem desamparou a dita foram os que estavam nas instancias de Lamego, ou foram os Vereadores, que não foram a Lamego?

Porque não foram castigados os que desamparáram as instancias e foram todos os Vereadores que o foram da Camara de Barcellos mais de 30 annos, que se disse deviam

essa servidão?

A culpa consistiu n'uma acção de prazer, e o castigo devia tocar a tantos que não haviam concorrido para ella, nem d'ella tiveram noticia, porque não foram, nem estiveram em Cantá?

O castigo emfim devia ser imposto sem restricção de pessoas, e sem limite de annos?

Dado que houvesse de haver castigo, (julgo eu, e comnigo muitos outros) não deveria ser um castigo com tantas circumstancias de ridiculo, porque aquelles tempos já não eram tão barbaros, que admittissem semelhante barbaridade, nem que deixassem de observar as regras da justiça e errassem tanto a applicação do castigo.

Além d'isto, não é de crer, que á vista do conde e duque D. Affonso, filho legitimado d'el-rei D. João 1º capitão e principe d'aquelles soldados, se lhe impingisse este seu vassallo semelhante infamia; nem que elle deixasse d'intender com el-rei seu pae, para que o livrasse d'ella; e que não condescendesse assi ao ger d'este filho, que tanto amava, e que tanto o foi exaltar na conquista de Ceuta.

D. Affonso queria tanto á sua villa de Barcellos, que não só a enobreceu com as obras publicas de seu trabalho, com que cercou a villa, todo feito á sua custa; mas com a creação da insigne e real Collegiada da mesma villa, e com um grande numero de columnas de marmore e alabastro, que trouxe da tomada de Ceuta, e mandou collocar no seu palacio de Barcellos, bem como trouxe o texto integro d'um grande manuscripto excellentemente lavrado e doirado, com que mandou obrar outro no seu mesmo trabalho; e uma moça de finissimo jaspe, na qual escrevia (escrevem uns) Catholicamente, atendido e temido de Ceuta, e (escrevem outros) Ceuta bem Gada, o famigerado Xégue, que defendia Ceuta; cuja moça deu para a capella de N. Snr.ª da Franqueira, onde ainda existe e serve de

ara de altar mór da mesma capella.

Em fins el-rei D. João 1º tanto reconheceu os serviços prestados em Ceuta por D. Affonso e por seus vassallos de Barcellos, que, não só lhe concedeu estas armas preciosidades da conquista de Ceuta, depois da sua tomada, e concedeu, que D. Affonso usasse nas suas armas de 5 escudetes de reino; com orladura de castellos sobre uma aspa, vermelha, symbolo d'afflicção, em que D. Affonso se viu na tomada de Ceuta. E que suas armas tivessem por timbre um cavallo branco com uma banda vermelha ao pescoço e 3 lançadas, em memoria das 3 lançadas, que na sua cavalgadura deram os Mouros, quando D. Affonso se recompunham em fuga, na tomada de Ceuta.

Assim se lê em Gomes Eanes na Chronica d'el-rei D. João 1º; em Francisco Brandão, na Dedicatoria de seus Sonetos; e em Fr. Pedro de Poyares, no seu Panegyrico em louvor de Barcellos, pag. 15 e na Nota no fim d'este.

Cuem portanto, que ahi sentado, podia persuadir-se que um Principe tão empunhado em sustentar a sua vitta, e tão zeloso e arriscado na conquista de Ceuta, se desmidasse tanto dos Barcellenses, e que, diante dos seus olhos, consentisse, que seus vassallos fossem reduzidos a tanto abatimento, por uma occasião, em que o mesmo D. Affonso os acompanhára, com risco da sua vida; em que sem paz, agradecendo-o e endeosando-o mais, como filho demonstrado, castigasse tão ridiculamente os seus Barcellenses?!...

A Ceuta chegou, n'este particular, a lenga e imprudente asserção de Fr. Carvalho, affirmando: - "Que na casa da Camara de Lyzimaco havia uma tabua da memoria das sentenças, provisões, e outras cousas; na qual tabua se escrevêra uma verba, contando o successo de Ceuta e o castigo aos Vereadores de Barcellos; mas que por intervenção do conde de Barcellos, duque de Bragança D. Jayme, e pela grandes fogueiras de lenha e Brilha, esse as-

fixo só durára 7 annos."

Bem pela leitura!... Quem estraiçoou era o P.e Cunhado!... E ahi fóra aquelle João Fernandes, de que falla o Padre-mestre, seu velho e experimentado frade e mandára tractar d'outro officio, ou guardar cabras ou ir á Tabúa, ou Lupion: Mendavit guardare cabras, atque ire Tabuam.

E porque? Porque ha uma authentica certidão, passada por Domingos dos Annaes Barboza, escrivão da Camara de Guimarães, em 2 de Maio de 1671, em cumprimento de despacho do dr. João Cardoso Leitão, juiz de fóra de Guimarães, cuja certidão affirma, que já então não existia tal velha, e só constava vagamente, que ella não fallava nos Vereadores, mas sim nos moradores de Barcellos e que tambem não fallava nas ridiculas ceremonias do barrete, etc.

Quem descobriu pois a mentira do D. João 1.º e a fabula d'essa velha, em onde isso está registado, ingrato essa servidão aos Vereadores de Barcellos, tamanha grande mentira. Mãos á obra, porque a pratinha não é de fóra.

Mas nada de esmorecer, nada de semelhante trabalho, porque certamente os antigos Vimaranenses serviam essa velha, que, reconhecendo talvez por muito infinissa lhes era dar credito a essa velha que, com grandes reflexões de consciencia de falsa, e porque não se acreditaram; pois a serviu por modo ridiculo nem é signal de grande respeito á pessoa a quem se serve, nem nunca póde ser acertado retribuir com tributo a um serviço, por mais humilde que seja.

O mesmo P.e Calvatho, quando escreveu a Historia de Barcellos, noticiando a freguezia de S.ta Eugenia, diz: Fornos, que eram os moradores desta freguezia, e, por consequencia, não os Vereadores, nem os moradores de Barcellos, nem os de Cambeses Pinhe eram os obrigados a ir varrer a Guimarães como mostra fóra de

154

1 mostrador aos juizes desta questão:

A edificação da Igreja foi em 1448, e a P.e Carvalho publicou a sua Chorographia em 1706; logo 258 annos depois d'aquella singela.

Geral é portanto a razão porque os Historiadores destes 258 annos não fallaram em semelhante servidão, e sómente o P.e Carvalho veio a publicar com essa reconhecida fraqueza?!..

Quanto aos juizes do P.e Carvalho com esta fabula da minha da camara de Guimarães, desapparecem ha escuro, por ter o grande defeito de conter uma falsidade, uma peta, um conto de velhas, ou calumnias no malheiro ou na borracheira; e não foi capaz de (ao menos) citar a data da tal fun. visão do B. Joam 1.º.

Eia juizes agora justificando Barcellos aos aleives do P.e Carvalho, e demonstrando, que elle nos contou uma fabula, que mal intencionados lhe meteram na cabeça.

Contou-nos pois uma verdade, sem reflexão, mas reflexão, quando na Historia de Guimarães nos disse:- "Que em Guimarães ha estas variedades: Ponte sem rio, fralaria sem reis, relação sem desembargadores, dé sem bispo, misericordia sem torre e sinos, quando as Misericordias não devem ter torre, mas apenas um torreão com um dé sino, e esse pregueur."

Quando nos disse:- "Que a torre dos sinos da collegiada de Guimarães não era agulha, que mandou fazer o mestre d'Aviz, porque essa fôra demolida em 1515 e em seu lugar deu começo a outra o dr. Pedro Esteves Lagominho, servidor das terras do duque de Bragança (que então era o conde de Barcellos D. Jorge); e que por fallecimento do dito dr. a mandou acabar seu filho o dr. Diogo Pinheiro, commendador de diversos mosteiros, prelado de Thomar, juiz da mesma collegiada e depois bispo de Funchal; Que sobre a porta da torre estava o brazão dos Lagominhos; E que em cima do

aspetto da torre se viam os mausoleos do fundador Pedro Esteves Cogominho e de sua mulher Izabel Pinheira".

N'este logar, n'este de P.e Carvalho conteu-nos uma verdade, e, talvez, sem o querer, elogiou os feitos de Barcellos com esses honrosos monumentos existentes em Guimarães porque D. Diogo Pinheiro era descendente dos Pinheiros de Barcellos, noticiados na Memoria historica, pag. 138, linha 5, e n'este Supplemento a pag. 271.

Tão abstinente foi, verdade seja, tudo quanto aqui fica demonstrado, o Snr. Pereira Caldas, professor de Mathematica na cidade de Braga, escrevendo e dando á luz em março do corrente anno de 1871, a sua Raridade bibliographica, noticiando n'ella os feitos patrioticos dos Barcellenses, na restauração de 1640, relacionados pelo desembargador Manuel da Rocha Freire, natural de Barcellos; depois de ter principiado a sua obra com este elogio da Descripção chorog. de Portugal, de Ant.o de Oliv.a Freire.

Não é Barcellos menos illustre
pela antiguidade, do que o é
pelo Amor aos seus Soberanos:

Depois, na sua Raridade, pag. 28, noticiando aquella rara fabula do P.e Carvalho, e tão rara, que estive por noticiar 2 ou 3 annos até ao P.e Carvalho e 165 até ao Snr. Pereira Caldas; pretendeu este, com aquelles feitos patrioticos esquecer de todo esse fabuloso successo de Lenta, de que só o P.e Carvalho fallou; mas parece-me que não esqueceu, segundo elle diz, esse desaire, nem a honra de meus antigos conterraneos d'essa Juga, nem lhes esqueceu esse favor, e nem lhes relevou esse labéo; antes avivou ou acclarou o que estava esquecido ha seculos, e que melhor seria não fallar n'isso.

Eu porém, pelo que me respeita como filho de Barcellos, muitissimo agradeço ao Snr. Pereira Caldas os seus desejos em querer esquecer isso; e, de não

10-5

me engano, melhor seria nenhuma a sua obra, sustentando os Barcellenses aquelle logar d'amor aos seus Soberanos, com o que devidamente a premiaram.

Os Barcellenses não premiaram de novo aquelles feitos gloriosos de 1640, porque esses lhes foram devidamente endereçados pelo mesmo el-rei D. João 4.º como se lê na carta regia, assignada por sua propria mão e guardada e archivada na Camara de Barcellos, cujo theor é o seguinte: —

"Juiz e Vereadores e Procurador da Camara da Villa de Barcellos. Eu El-Rei vos envio muito saudar. D. Agostinho Coutinho, meu Capitão Geral d'essa Provincia, me deo conta do amor e fidelidade, com que os moradores d'essa Villa acodem a meu serviço do que estou com a devida satisfação e pareceo-me dizer-vo-lo por esta carta, para o que tendes entendido, e o significueis a todos da minha parte, e que hei de ter viva lembrança, de taes bons vassallos, que estimo tanto para folgar de vos fazer favor e mercê em commum, e em particular nas occasiões que se offerecerem, conforme aos merecimentos de cada um. Escripta em Lisboa a 4 de Fevereiro de 1641.

"Rei".

Comfim, os moradores de Barcellos e do seu antigo e dilatado termo sempre mostraram e obraram com resolução valor nas acções militares, e com honrado zêlo no serviço de seus Soberanos e da honra da sua patria.

Se quereis alcançar com verdade sabeis dos Barcellenses, illustres em armas e fieis aos seus Soberanos e ao serviço da sua patria, alem d'outros muitos, lêde Fr. Pedro da Soledade, no seu Panegyrico; Antonio de Vilhena e Sampaio, na sua Bibliotheca Portugueza; o mesmo Dr. Carvalho, na sua Chorographia Portugueza; e Chrispiniano Correia Caldas na sua Raridade Bibliographica; e ultimamente a minha Memoria historica e este Supplemento.

Dixi pois de Barcellos n'esta Historia,
com verdade e sem fingir de mais gloria:
"Onde quer que eu viver, com fama e gloria

"Vivirão Seus louvores em memoria."
Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.
Eneida de Virg. lib. 1. vrs. 613.

Vipóe portanto a elogio d'Santarem d'aqui: Eram, pois aos Barcellenses, recordados pelo Snr. Rainha Calolas, e era, repetido por cada um, com festas e alegres palmas.

Não é Barcellos menos illustre pela antiguidade, do que o é pelo amôr aos seus Soberanos.

Fim

Nota:
Vide pag. 177 v.º deste volume.

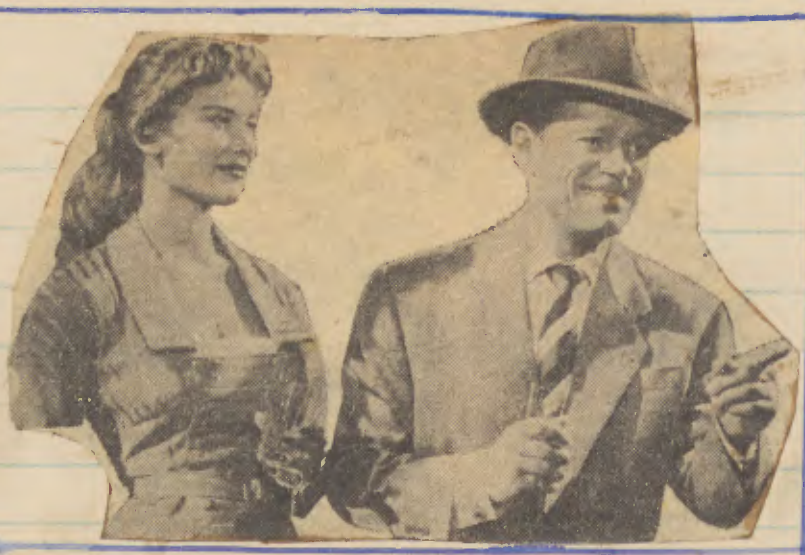
x — x — x

156

BARCELOS NA FEIRA

Costumes e Trajes antigos

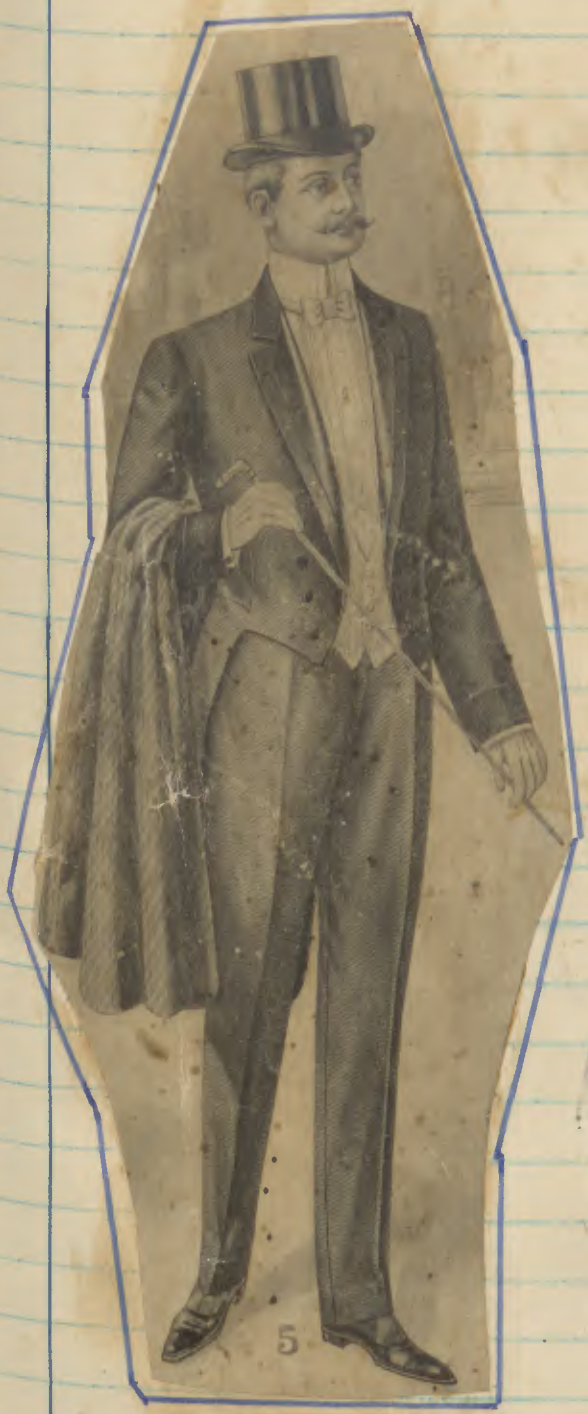
— Vide 4 paginas 2114 do 3.º Volume —

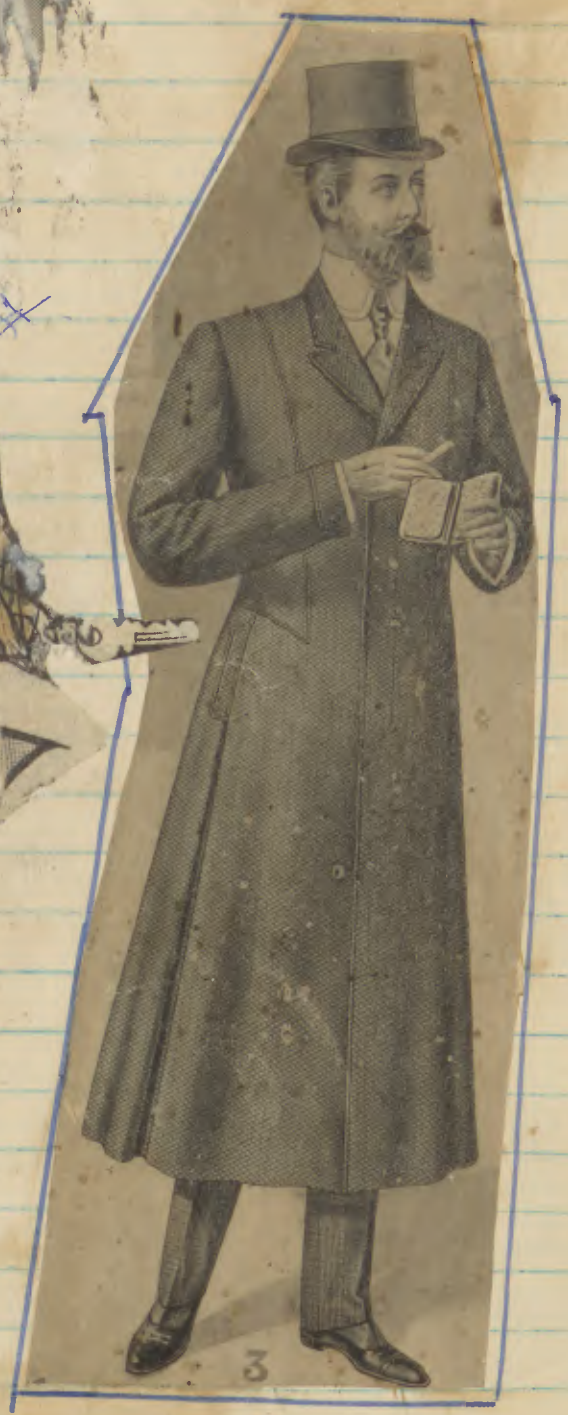


158

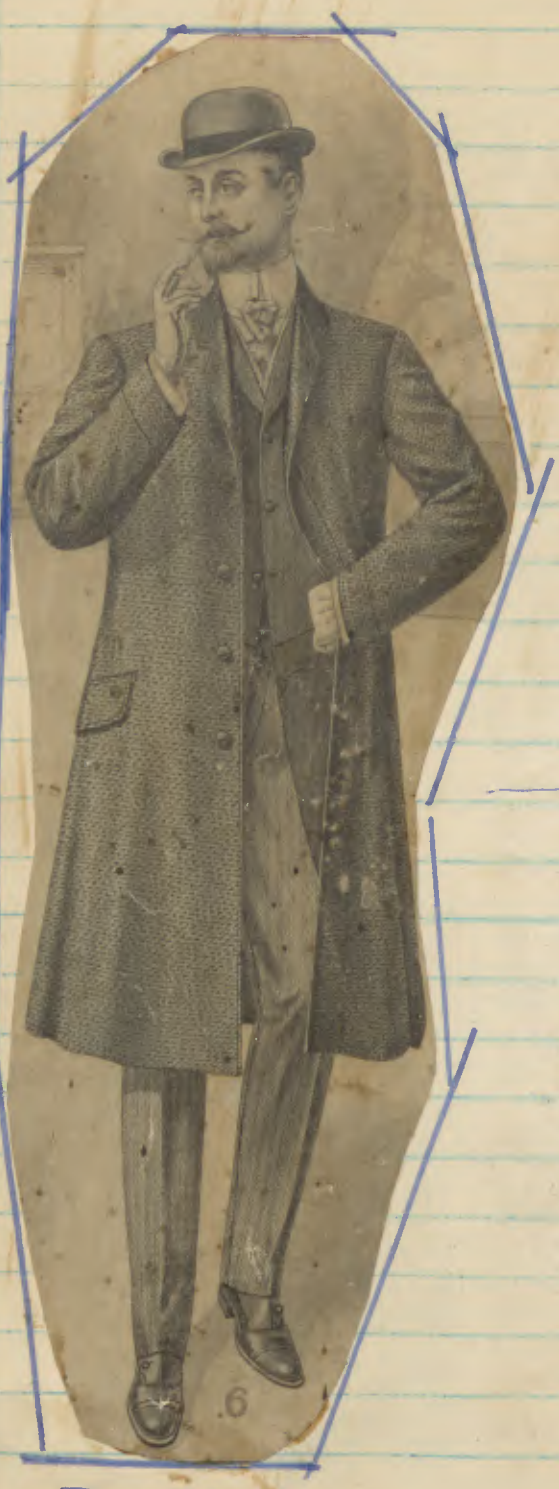
Trajes antigos da alta aristocracia

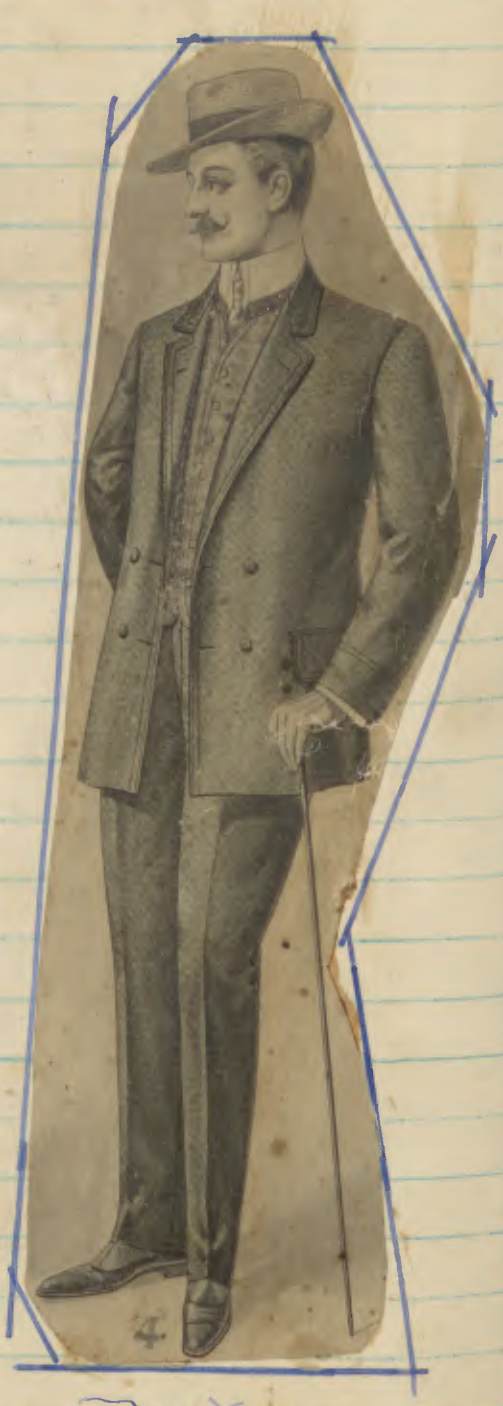
159



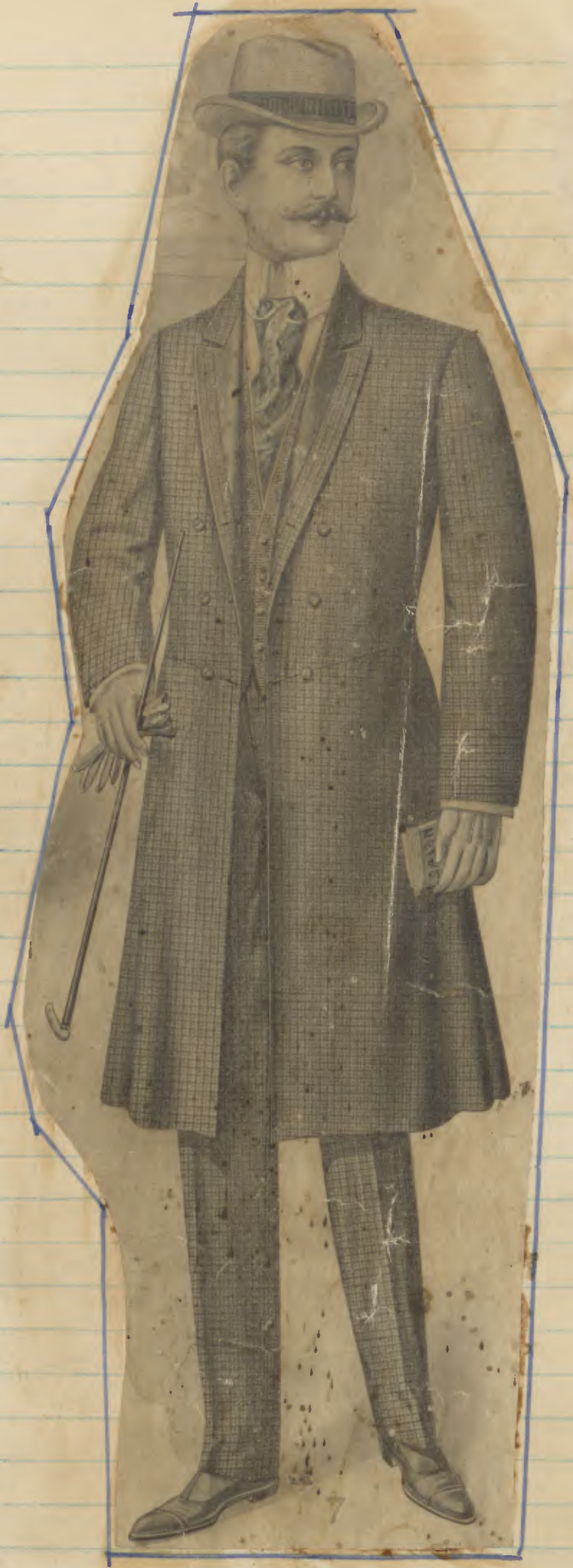


160


6


4

161



Tipos de malaga

163

Traje real

Traços de inverno rigoroso

164

Comitiva real

Saia e espartilho de 1900, sobre desenho do pintor d'Aljourdain, um dos modelos da retrospectiva «Froufrous d'hier et d'aujourd'hui»

Modas femininas

165

Traje regional de Barcelos

Foi com este traje que um grupo numeroso tomou parte numa grande Parada Folclórica realizada em Lisboa no ano de 1934 sob a protecção da nossa Camara Municipal. —

— x —

Traje regional de Barcelos

x

Traje masculino
fins do século XIX

166

A' esquerda
Traje de cerimonia

—X—

Tipo aldeão
lavrador

A' direita
Traje feminino
— tipo transtagano

—X—

167

Um grupo de barcelenses com os seus característicos trajes, junto à cruz do Senhor do Galo e torre da igreja matriz

A' direita
Verdadeiro traje regional barcelense — —

— X —

BARCELOS — Reconstituindo o vistoso traje regional

— Boneca com traje regional —

Barcelos - Gente desta localidade - (Extracto
sinha Historica de J. Barcelos e A. Lucasdause - 1º
....." Produtos autenticos da região sem data
de classe e tambem sem a descrição/ escolha
trajes que não usam".

— x — x —

← Vide paginas 214 do 3.º Volume →

Ai Vizeu

Tipo aldeão — Recadeira —

— Criada de servir —

MODELO MAIS RECENTE DE CAPUCHA «DE LUXO», com a feição inicial, todavia adaptada ao conjunto com a saia, quer no tecido comum, quer na repetição dos adornos. Traje de festa. Do Minho.

Rendeira aldeã

— Jornaleiro —

Tipo aldeão —

— Lavrador —

Tipo aldeão; Lavrador —

Ciclónes e outras tempestades e desastres

O Passeio dos Ausentes

x

Navio atingido

= O Largo da Calçada – Não atingido pelos incêndios de Abril de 1902. =

Ciclónes, outras tempestades e desastres

Na 5ª Feira 10 d'Abril de 1902, junto á estrada que atravessa o Campo da Feira, formou-se um ciclóne que depois a sua trajectória, na linha norte - sul, até junto da Quinta do Snr. Senador Pereira, acabou findou. (Quinta da Pagoeira).

Na sua passagem arrastou tudo o que a sua força podia levar para o ar; em meio de uma verdadeira nuvem de pó; tendas de lonaria, chapeus de palha, etc, etc...

A enorme multidão que enchia o vasto Campo da Feira, atemorisada com o fenomeno, corria desordenada em todas as direcções sem saber para onde nem que fazer.

× × ×

Na noite de 15 de Fevereiro de 1941, houve um ciclóne que assolou todo o País, tendo produzido estragos enormissimos; tendo sido derrubadas muitas arvores e postes telegraficos, telhados, chaminés, clarabóias etc, etc, aqui em Barreiro.

Os estragos foram de tal sorte, que a Camara da Vila teve de conceder muitos e elevados subsidios.

Além dos estragos materiais, houve muitos lastimosos desastres pessoais.

Não ha memoria de tamanha calamidade.

× × ×

Nos anaes da historia de Barreiro regista-se tambem um grande ciclóne que produzio enormissimos prejuizos locaes, no dia 20 de Janeiro de 1616.

× × ×

Nos nossos dias, infelizmente, tambem nós pudemos registar aquele cataclismo que assolou o País inteiro na noite de Sabado 15 de Fevereiro de 1941, (eram 6½ da tarde), aquele tremendo ciclónico não produziu um só telhado, nem uma só chaminé, derrubando

ao mesmo tempo pinheiras e muros, calamidade que atemorisou todo o País, causando-lhe grandes e graviss. mos prejuízos, pelo que o Estado acorreu com elevadi. simas somas para os sinistrados pelos grandes prejuízos causados.

×

Tremor de Terra

No 5.ª feira 21 d'Outubro de 1880, sentiu-se na vila um violento tremor de terra, serião 6h 40m da manhã que se repetiu com intervalo de alguns minutos, como nada ha memoria.

Felizmente nada houve a lamentar.

Assim o regista a imprensa da época.

×

Grande e horrivel desastre

Tendo o "Governo do Estado Novo" inaugurado uma festa do Trabalho em diversos distritos, convidando, do o povo de todas as freguesias, juntando-lhes comunhões ás ordens, — nem nada fugiram, — coube em 1938 a vez ao distrito de Vianna do Castello, passa onde a vasta emenda de Barcellos, fronteiriça imediatamente.

Na noite de 1 para 2 de Maio de 1938, já ao fim da festa — foi atacada em Vianna do Castello, nessa passagem de nível, por um comboio, essa damisela com gente das freguesias de Geraz, Chavão, Chorente e Macieira, deste concelho, tendo ficado boa tenda dos 21 passageiros e 17 empregados feridos e alguns em perigo de vida, que faleceram depois.

Este grande e horrivel desastre entristeceu e enlutou todas aquelas freguesias.

×

Tremor de Terra

"Dos "Dicionario Geografico de Portugal" — (Memorias Paroquiaes — Leonardo XVIII — (1758) — Volume 6º — Documento 33 fl. 211 — Torre do Tombo) —

"..... Foi sempre memorando, e fatal o dia, de todos os Santos

171

de 1755 caíram com o tremor de terra algumas ameias da Muralha para a parte do Norte, e o mesmo succedeu na Torre da Cadeia onde caíram algumas ameias, das que corrão esta Torre, para a parte de dentro, e no Templo do Bom Jesus, caíram duas cordas das feitas miudas; e dé as da muralha se vão reparando de agora, e nenhuma destas ruinas faz prejuizo."

×

Ciclone

Pelas oito horas da manhã do dia 29 de Janeiro de 1948, desencadeou-se um violentíssimo ciclone nesta cidade, felizmente de pouca duração, mas que causou grandes estragos a esta localidade, tendo atingido pelo ar quasi todos os telhados, incluindo os pedaços dos frontispícios do Cemitério Municipal e danificando enormemente todas as fabricas aqui em elaboração.

×

Tremor de Terra

Na 5ª Feira dia 18 de Fevereiro de 1948, pelas 3, 3h30 da madrugada foi Barcelos surpreendido com um som semelhante de terra desmoronando de um penedo e extraordinario ruido, como não ha memoria de por aqui se ter presentido.

Este abalo sísmico foi de insignificancia de registar, tendo-se verificado que a sua rota foi mais acentuada aqui para o Norte.

×

Grande desastre sofrido pela Corporação dos Bombeiros Voluntarios de Barcelinhos

No dia 27 de Abril (4ª Feira) de 1949, estando a lavrar um grande incendio em Esposende, pelas pouco mais ou menos, pelas 11, 3h30m foram mais ou menos, pelas 11, 3h30m foram mais ou menos, pelas 11, 3h30m foram

bombeiros, esbarrou-se contra um forte telegrafo-portal, tendo morrido dois bombeiros e ficando gravemente alguns em estado desesperado, tendo recebido um Sacerdote da Misericordia de Barcellos.

Este grande e horroroso desastre consternou toda a população.

A funeral dos dois bombeiros, realizou-se em Barcellinhos pelas 9 horas do dia immediato, tomando grande numero pessoas dignas representações de differentes freguezias de Riz e muitissimas de pessoas de todas as outras freguezias, bem como todas as auctoridades locaes com a presença do Governador Civil do Districto.

— — — × — — —

Incendio no Casal dos Pintos em 6 de Maio de 1852 =

(Da "Memoria Historica", do Abade de Louro - 1867 -)

"..... Mas que sinistro successo! que horrorosa catastrophe!

Na noite desse mesmo Festival dia 6 para 7, quando os Barcellenses, depois de fervidas saudações e folgue dos uns, estavam gosando os doces suppleres do Morpheo, para continuar a evolução á familia de seus desgostos e assim a seus custos soffres (funesta decisão! terrivel evento!) imprevisto incendio desastrosamente pela falta de precaução dos donos de palha e feno pouco só de Deus ás 10 horas da noite d'aquelle dia 6, foi desapparecer este edificio, comprado as chamas! A 1ª vista de abrazador a vista; os ares de fumo se converteram em fumo de tristeza e dor; e as pessoas reaes evadiram-se do incendio não só de precipitação ou anciosa, fugindo para casa do Snr. Barão da Retorta, onde estava hospedado o Snr. Duque da Terceira, e onde ficaram desde então até ao dia 8, em que se dirigiram a Vianna do Castello, voltando depois a Barcellos no dia 11, fazendo no seguinte para Braga.

172

El-Rei D. Fernando e seus filhos D. Pedro e D. Luiz assistiram, no templo do Senhor da Cruz á festividade das Cruzes, pela primeira vez no dito dia 3 de maio, porque, sendo el-rei D. Fernando juiz, como ainda é, da irmandade do mesmo Senhor, se transferio a festividade de fora aquelle dia, para elle assistir a ella, como era da sua real vontade, manifestada á mesa, antes de sahir de Cintra; a esta festividade assistiu tambem a sua comitiva real, composta de duques de Palmella, duque da Terceira, conde da Carreira, e outras grandes personagens, todos em grande uniforme.

Sua Magestade mandou depois readificar a egreja sua, aquella casa incendiada ao pé, segundo consta, dispendendo 2:748$000 reis.

Com tudo, os donos da casa soffreram grandes prejuizos, porque lhes foram derradas pelas chammas, roupas e fazendas, que tinham em baixo nos altos do edificio.

Nesse proximo incendio os Bombeiros deram provas de heroicidade para salvar a fumilia real e extinguir o incendio.

A Côrte e dedicação, com que se houveram nessa dolorosa occorrencia e costumam, á porfia, estender sempre, em casos identicos, effectivamente comprovaram sua fidelidade.

×

Este incendio deu-se por occasião da visita de sua Magestade a Rainha D. Maria II a Cintra em 6 de Maio de 1851 acompanhada de seu marido el-rei D. Fernando e seus filhos o Principe D. Pedro, que depois foi Senhor El-Rei D. Pedro V e seu irmão D. Luiz que mais tarde foi tambem Snr. El-Rei D. Luiz I.

174

Curiosidades históricas

×

Migalhas do passado barcellense

×

BARCELOS

Cuestionario

Diversidad

Miopatías de Duchenne

Inmunológicas

"O Alferes Barcelense"

(Publicação de A. Tenaz)

A pag. 317 do livro, já hoje raro "Tratado panegyrico em louvor da Villa de Barcellos" (1672) de Fr. Pedro de Poyares, diz o seu autor:

"— E já que falley na honrada morte de Nuno Gonçalves (referencia ao famoso alcaide do Castello de Faria), he bem dar aqui a outra e generosa morte de hum Barcellense, que indo por soldado, e Alferes no exercito del Rey D. Sebastião, quando passou a Africa, o qual defendeo com valor sua bandeira até lhe cortassem as mãos, e sendo-lhe cortadas, pegou com os dentes na bandeira, e não a largou, sem primeiro largar a vida.... Este valente Alferes não somente era de Barcellos, como vi provados em autos, que se processaram na Villa de Vianna, entre dous homens nobres, hum nascido em Vianna, outro nascido em Barcellos, mas casado, e morador em Vianna".

A mesma refere, entre outros autores, o Abade de Tamel a pag. 51 da sua "Memoria Historica de Barcellos".

Feito identico relatam as nossas chronicas, succedido na batalha de Toro (Maio de 1476) em a celebre defesa de D. Afonso V, Duarte de Almeida — o "Decepado".

Infelizmente, nenhum dos autores acima citados nos revelou o nome do heroico barcelense, nem mesmo nos deixou qualquer pequena indicação pela qual fosse possivel descobri-lo.

É certo que Fr. Pedro de Poyares, dizendo que o Alferes barcelense pertencia á familia dos Barrêtos, como ele proprio veio provado em documentos de toda a autenticidade, ha receio ter iniciado o caminho mais seguro e mais directo para a averiguação de seu nome.

A verdade, porém, é que, consultados por nós alguns dos mais conceituados nobiliarios, onde a familia dos Barrêtos vem tratada com grande desenvolvimento, nada conseguimos saber, porque em nenhum se nos deparou a mais ligeira referencia ao Alferes barcelense.

Não desistimos, comtudo, do intento, que para

nós tinha o maximo interesse, e investigamos com perseverança nas nossas investigações.

Na listas dos fidalgos portuguezes mortos em Alcacer-Kebir, fornecida por Diogo Barbosa Machado, nas "Memorias de El-Rey D. Sebastião" - Liv. 2º, Cap. XVII, nº 107 e 108, não vem mencionado o nome de nenhum baracluse; mas attendendo a que este autor, fornecendo aquela relação, nada mais pretendia do que salvar do esquecimento os nomes dos principaes fidalgos portuguezes falecidos nesta batalha e pensou acompanha a corte Marrocos, é claro que outros lá deviam ter perecido, cujos nomes, por menos conhecidos na côrte não foram n'ella incluidos.

É positivo que em Africa estiveram n'esta occasião alguns baraclusos, muito illustres e conhecidos na provincia do Minho, e que todos, ali perderam a vida em defesa da patria, como vemos confirmado não só em documentos de irrecusavel autenticidade, mas até pelo testemunho de escritores respeitaveis.

São seguintes nossos conhecimentos:

Henrique Pinheiro Lobo de Lacerda, senhor da Casa dos Pinheiros de Barcellos e casado com D. Izabel Azevedo e Atayde.

Manuel Pelgueira Gayo senhor da Casa da Terrenha e commendeiro de el-rei D. Sebastião na infeliz jornada de Africa, como consta de documentos pertencentes ao archivo da mesma Casa da Terrenha.

É certo que nestes documentos, que examinamos, não se diz que Manuel Pelgueira Gayo, morrêra, mas sim que ficára captivo na batalha de Alcacer; é todavia, improbabilissimo que não obtivesse da Terrenha desde, porque sendo o filho primogenito de Antonio Martins Gayo e de sua mulher D. Maria Pelgueiras Valadares, e devendo, por este motivo, suceder em toda a casa vinculada de seus pais, não foi elle o successor, mas sim seu irmão immediato Joze Pelgueiras

176

Gaya.

Também lá falecem Gaspar Gois de Rêga, natural da villa de Barcellos, senhor dos morgados de Meicãe e Gois, cavaleiro da casa de Bragança, a cujo serviço estava.

E, finalmente Estevam Pinheiro Leite, e seu irmão Christovam Pinheiro, filhos de Simão Pinheiro Leite, 1º alcaide mór do morgado de Pindela, e de sua mulher D. Leonor de Almeida Benevides de Mendanha.

Tinhamos as mais fundadas esperanças nestes nomes porque um delles devia ser, fundadamente, o celebre alferes de que nos fala o auctor do "Tratado panegyrico".

E, como Gaspar de Gois de Rêga residia por esse tempo em Vila Viçosa, era quasi certo, pelo seu casamento, dos duques de Bragança e estava ao serviço, sendo delles muito estimado, para ele era especialmente solicitada a nossa attenção.

Falta-nos, porem, uma prova de que Gaspar Rêga fosse o alferes das boas que, sob o commando de D. Jaime, filho dos duques de Bragança, acompanharam el-rei D. Sebastião á Africa.

Nos pendemos de vista o interessante assumpto e esperamos confiados em que o tempo nos descubrirá de o mysterio, tornando conhecido esse nome glorioso.

Effectivamente, decorridos alguns annos, tivemos a confirmação, plena de nosso pensamento.

Lendo casualmente um velho manuscripto, que foi do falecido 1º Conde de Azevedo e hoje pertence a seu primo e nosso querido amigo Fré de Azevedo e Menezes, distincto homem de lettras, lá encontramos a almejada resposta.

Esse manuscripto é a "Nobiliario do Abade de Jazmeiro" em seis volumes in-fol., que no tit.º de Rêgos Barretos de Barcellos, falando de Gaspar de Goes de Rêga diz:— Foi cavaleiro da Casa do Duque de Bragança e seu alferes da bandeira em Alcacer, onde morreu, tendo-lhe o Duque dado a Comenda

da de Stª Maria, desmembrada da do Rabal em terra de Bragança, a 26 de Março de 1577."

Esta laconica mas precisa nota do "Nobiliario de Esmeriz" iluminou de tal modo o nosso espirito, que desde logo ficamos sabendo que o Alferes barcellense, era nem mais nem menos do que o Gaspar de Goes do Rêgo, casado com D. Maria Tavares, filha natural de D. Filipe de Bragança.

Conhecido o nome do esforçado barcellense, é empreza facil agora precisar-lhe a naturalidade e filiação, porque todos os nobiliarios o dizem.

— Nasceu em Barcellos e foi o filho primogenito de Antonio de Rêgo Barreto, almoxarife e juiz dos direitos da mesma vila e de sua mulher D. Rosa (ou Maria) Tenaz.

Vivendo durante muitos annos em os dominios de Bragança em Vila Viçosa, ahi casou com D. Maria Tavares a quem a duqueza D. Catarina, sua tia deu como prenda de mercê um bom dote e a comenda de Stª Maria, na ordem de Christo.

Gaspar de Goes do Rêgo foi, por successão a seus paes, senhor da Casa de Mereze, na freguezia de S. Pedro de Balugães, da antiga Comarca de Barcellos, e do morgado de Goes, em Stª Eugenia de Rio Covo, do actual concelho de Barcellos.

A casa em que nasceu e habitou em Barcellos, ainda existe n'esta vila, no largo do Arroio; é a que fica entre a actualmente aos Srs. Filipes e faz esquina para as ruas do Visconde de Faria e da Esperança em frente do Arroio.

A confirmar o que dissémos, lá está sobre a porta principal da referida casa — modesta e illustre ao mesmo tempo — o brazão dos Rêgos, que era de seus maiores.

E do exposto se vê quanta razão tinha o nosso grande amigo e inimitavel Conego grande dizer, não sei onde:— "os que desprezam os manuscritos genealogicos atiram fóra o melhor cirio da historia civil, politica e religiosa da sua terra."—

X

177

A esquerda:

A Bandeira que heroicamente foi defendida em Alcácer pelos Alferes Barcelense Gaspar de Goes de Rego.

×

Em baixo:

Uma fotografia que nos mostra a casa do referido Alferes Barcelense. É a que se vê em frente indicada por uma seta.

×

×

O espirito guerreiro portuguez. Tomada de Ceuta.

× × × × ×

=Largo do Anjo=

A direita →

A Casa do alferes Barcelense.

← A' esquerda

A pedra de armas da Casa do Alferes.

× × ×

178

Curiosidades historicas

Migalhas do passado barcellense

Copia de um documento encontrado nas escavações das casas que se edificaram abaixo na Loja da Camara Segundo sitio para este Loja, mas constituindo parte da Rua Direita da Misericordia, hoje Rua Visconde de S. Joanninha.

Em o dia 10 do mez de Março de 1826 pelas 4 horas e 40 minutos da tarde, foi Deus Senhor chamar á Sua presença o muito alto e poderoso Rei, o Senhor Dom João 6º.

Rendeu este com effeito os Reinos Portuguezes a Coroa mais brilhante de que ostenta. Todo o Universo acompanha a Corte afflicta os Portuguezes dignos deste nome.

×

Logo no dia 19 Sendo nesta villa a annunciar a morte do Mesmo Senhor, mandando que todos mostrassem sentimento por tão consideravel falta, sentindo de facto geralmente todos e com especialidade as pessoas de mais graduação e tocando os sinos de todas as Igrejas por espaço de hum dias e hum quarto annunciando egualmente este dia de Luto.

Juntos 6 mezes passados e 6 alvoroços.

Em 4 ou 5 de Junho 29 de mesmo foi o dia em que se quebraram os Estendes de suas Armas nesta villa para este fim se juntou na Casa do Conselho e sahio em Procissão os Magistrados, Vereadores, Officiaes, Ordenanças e Thesoureiro das Ordenanças em ordem com capas de Seda, bacathas, espadins e cha-peu de armas grande com plumas que trazia atraz seu Pagem e os primeiros Thea-tros pertence á Casa de José de Magalhaens quebrou o Juiz de Fora o seu Estendo de Armas Reaes que minha vontade de fazer quero dizendo as palavras que o Juiz disse de memoria escreverei; o segundo Theatro á Porta Nova quebrou o Vereador 2º José de Moura o seu Estendo dizendo o mesmo, o terceiro Theatro o Procurador Geral quebrou o Vereador mais moço José Maria de Sá e seu Estendo e logo o Vereador mais velho José Gui-lhado a cavallo com seu Estendo sentido de luto com outro Estendo de Armas Reaes com muita brandura ás portas da Igreja. Constava este Prestito de oitenta e tantos homens encorporados como já fica dito alem de immenso Povo que acompanhava, ainda tambem acompanha-do de duas companhias de Soldados Milicianos com Armas e Tambores

Obstáculos entre os traidores pretos e que tendo influência Política para evadir dos circunstantes."

×

Dirigiam nos quebrar do Grande - Ismael Portes e Ismael Pinto a comitiva do Fundador do Império e Rei o Sr. D. Jorge 6º que nos governou com Justiça, aquelles serão as suas Armas.

Quebras disse do Theatro a mais repindo.

Alguem dizia as palavras acima ao visinho ao mais outro José Luiz que ouvia a anedota e quebrou-se os Viradores que os traziam e seus homens pedem dito.

Em 16 de Junho figurão versões e no dia seguinte Opinião do Collegio com uma pomposa oração istando para tender pedindo uma boa Armação na mesma Egreja Collegiada Cathedral com Padroeira de Meninos!

Desta maneira, segundo diz a observante - (segundo diz a Sr. Senhora da Fonte), - se mantem officialmente em Bananeiras a morte do Imperador Rei, o inesquecivel (me) amador Fund. D. Jorge 6º..

Bão palavras se foi esta a ultima gentileza do escondido meio-vivo por falecimento do reis.

Em alguns terras, porém, do paiz ainda é morto do Sr. D. Luiz 1º se realisam este espectaculo e tradicional cerimonia.

×

Como interessante tambem, transcrevo do Jornal "Gazeta" a folha 7, a seguinte referente a Bananeiras:

— Carta de Bonito da Barra do Lobo Botelho, datada desta vila em 7 de Janeiro de 1845. — "Comunico a chegada de um proprio trazendo as minhas informações que remeto. A portador conta que em Viruna de Sta Isabel que era de toda a diversidade a aproximação de Praya desde que homens embarcação delas.

— Portanto se é preciso que a Barra da Fonte apareça, entende que é conveniente que de nova apparecer, visitada e que convem de força para a defesa e animar.

Alta a disposição da Barra da Fonte acha que deve haver combinação prudente."

Em vista do aviso cumulo da entusiasta adesão Victoria parece que a Barra da Fonte não apparecem em Bananeiras, talvez por não encontrar força que a defenda e

179

animasse.

Do mesmo livro a folha 256, transcrevo o seguinte: — Ofício de 20 de Junho de 1847 — do David de Barros e Sousa Botelho ao ministro do reino, enviando um auto respeitante a uma ação, que correu e onde se mostram a diminuir encontrados nas ruas da casa do Antonio José Gomes Rodrigues, destruída por um incendio.

Esta casa entulha uma área pequena 30 varatas e outra 5 varatas com 15 varatas menos uma quarta, sendo a sua avaliação por metade mais ou menos um conto de reis. Havia diminuir avaliado, tanto em obra como em prata.

Querendo a rainha D. Maria II com D. Fernando vir em visita ao Minho hospedou-se em Barcelos na casa de Bragança, pertencente aqui Gomes, havendo nessa ocasião, como de Outubro e Setembro, uma grande incendio que a destruiu por completo.

A ofício acima refiro-me aos jornais, sabendo desse incendio.

×

Casa de Ninães (Barcelinhos) e as invasões francesas

Os franceses na segunda invasão de Portugal passaram fisicamente a sua passagem n'esta freguesia de Barcelinhos, com o assassinato, em 9 de Abril de 1809, no local, do General Bilheiro Paes, da casa de Ninães, deixando-o ficar insepulto durante três dias!

Os Franceses em Barcelos (invasões)

Seguindo da invasão a Portugal de 1809, os franceses invadiram este País, tomando Braga a 20 de Março.

Para Barcelos veio a divisão de Loyes, entrando aqui n'uma 4ª feira — 22 seguinte — e foi aquartelada pelas ruinas das casas em ruínas de Barcelinhos.

O Quartel-general estabeleceu-se na casa da Ponte e os regimentos dos invasores acampavam e bivacavam no Campo da Feira, Campo de S. José, Paços do Concelho, Ter

tes da Senhora do Ó e da Granja, intitulando-se da Liga do Sacramento dos Fiadeiros Capuchos - (hoje Hospital da Misericórdia), para guardar os seus cavalos.

Deixaram Barcelos no dia 25 marchando para a Póvoa.

Pernoitaram num Alqueire em Campos da Feira por ter rachado uma palmilha no hyan do Cavaleiro, em Vila Frescainha (S. Martinho).

×

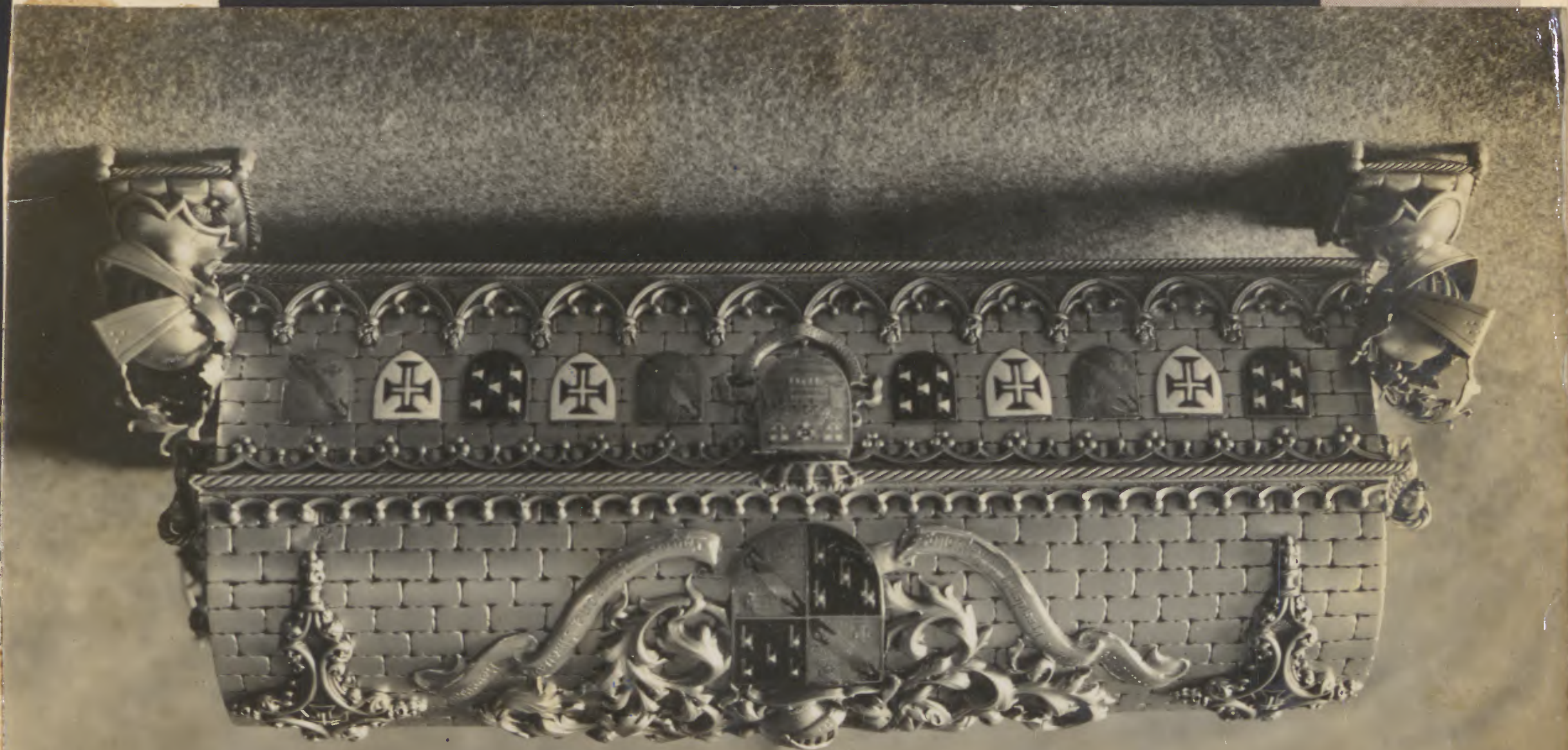
Como acima se diz, os Franceses entraram em Barcelos no dia 21 de Março de 1809 (4.ª feira), tendo feito mil diabruras nesta localidade, Carvalha (S. Paio), Vilar de Frescainha (S. Martinho) e outras freguesias.

×

Ermitão de S. Lourenço da Ataveira

Em Maio de 1892 foram distribuidos uns folhetos que diziam (referencia feita pelo jornal Comercio de Barcellos de 18 de Maio) — "Annuncio = A ermitão de S. Lourenço bem a Carapuços no juradeiro dar uma Falla á porta no dia 25 do corrente desde até a 2 hora quem quizer ouvir". —

× ×



Pertence ao Sr. Tenente do Q. R.
Francisco Cardoso e Silva

= ARCA. DE. BARCELOS =

—

Em prata cinzelada, com iluminuras, obra primorosa do Comendador Filipe Bandeira.

Contendo a admiravel cópia artistica, iluminada, Trabalho das "Irmãs Missionárias de Maria", sobe esbôço e redacção do Major Marcelos Sampaio, da Acta de adamação de Cidadão de Honra de Barcelos do senhor general Carmona, oriundo barcelense. Entregue a Sua Excelencia o Presidente da Republica, então General, em Braga na sua visita ao novo Casino do Bom Jesus

= Janeiro de 1937 =

Extracto
da
Acta da Sessão da Câmara Municipal de Barcelos
de
28 de Dezembro de 1936

Pelo presidente Snr Miguel Gomes Miranda foi lida uma Proposta nos seguintes termos:

É tempo, meus senhores, de cumprirmos um dever. O periodo decorrente de renovação nacional procurando se o quasi perdido rumo da prosperidade e da grandeza da nossa Patria, este pequeno Portugal que descubriu mundos grandes deluminou se valores, em energicas afirmações de eternidade e de alta beleza moral, que por si sós exprimem uma época são o simbolo de uma idea, de um movimento, de uma realidade forte. E esta transparece no quadro social e politico do nosso tempo a nobilissima e veneranda figura de Sua Excelencia o Presidente da Republica Senhor General Antonio Oscar de Fragoso Carmona. É a unidade, sempre equilibrada, de sua acção é bem o ponto de apoio da nova organica do Estado, da reconstrução espiritual e material do País. É como por longe que se procurem os fundamentos

Pertence ao Snr. Tenente do Q.R.
Francisco Cardoso e Silva

Primeira folha (anverso) da admiravel
cópia iluminada da Acta da Sessão de Acla
mação de Cidadão de Honra de Barcelos do
Senhor General Carmona, oriundo Barcelense,
e Exmo Presidente da Republica.

—

Orientação, redacção e esbôço do Major
Marcelos Sampaio, execução primorosa
das Irmãs Missionárias de Maria.

—

Janeiro de 1937

= Documento curioso, sobre a Procissão de Corpus Christi =

Ill.mos Snr.s do Senado:- Dizem o Juiz e Officiaes das Esquinas de V.s Sen.a e Governança como representantes dos moradores dellas, q.e elles todos os annos promptificão com Limpeza e asseio na Procissão do Corpo de Deos o Bri-vente e Carro das Envas, era Lua, era outra Sup.ca, e q.e lhe he constante jamais prato ingrato: assim m.to nunca recusarão, nem recusão; porem em attenção nisto, pretendem q.e V.as S.as dellibrão Privilegiados naquillo q.e esta Camara pode, etem Jurisdição; pois parece ehe de razão e justiça, q.e quem deve tal determinado, tambem deve gozar de alguma emolumento

P.e V. S.as deferir e mand.ar
E. Es. M.ce

"Despacho ao Margem":-
Informe o Escr.am da Camara sobre o Contheudo neste req.to e com resposta do P.or do Cm.o volte Jr.a sobre deferir. Para.a em Camara 15 de Junho de 1826. Costa Mend.a Faraj - Pacheco - Mend.a

Por Informação:
Existe nesta contenda Hum Livro de Vereas antigas, e declaraçoens das Obrigações dos Juizes dos Mesteres, que Juiz ejurou em 1721, e nelle a Fl. 30, debaixo do titulo - Forma da Procissão do dia de corpus christi - este o seguinte: - Hade a Carro das Envas, e Bri-Bento, que dão os sobreditos da Gibanda, e Vitta Lua, hum atraz outro Seguindo, e sempre a outro.
E abundo - se ahi explicando muito ao meudo que devem Jurar todos os Capateiros, Surradores, alfaiates, Moleiros, Carniceiros, Padeiros, Sapateiros, Ferradores, e Trapeiros, em razão de seus Lugares e interesses, sem q.e gozem de privilegio algum, por ser Procissão Real, e dando os Sup.es o Bri Bento, e carro das Envas pelo seu Lugar, de Traz dos debaixo como os outros Juramentos ficarão a pelle esta duvida

nado, fazer q.e lhe não compete prerogativa, fez
a mulher tambem deve competir aos outros, e dessa
sorte gente prerogativa. Isto é o que parece
forman. Baixeth 18 de Julho de 1845.

×

Epigrafia barcelense

Braga, 8 - VIII - 947

Exmo Snr Tenente.

Com os meus melhores cumprimentos, permita que lhe diga desde já: Bateu a fraca porta; pois que sinceramente lhe confesso a minha incompetência para decifrar inscrições do jaez desta do penedo encontrado nos alicerces do palácio dos Condes de Barcelos.

Além de bárbara que parte (a inscrição), receio muito que a cópia que me mandou não seja exata e, mesmo que o fôra, um decalque perfeito haveria a defrontar-se ainda com incisões posteriores, como é freqüente dar-se. No entanto vou ver se consigo evidenciar mais uma vez a minha incompetência em assuntos desta ordem, de

que tanto alheado tenho andado:

E(ra) M(ilesima) cc 2 X 5. In d(i)e pr(imo) C(alenda-
rum) j(unii, ou ulii) (obiit) P.....(Petrus?) P....(Palmeirim?)
An(i)m(a) C(larissima) j(uvenis) (in) pa(ce) v(ivat)
um(amen) _____

Na era de 1265, no primeiro dia das kalendas de Junho (ou Julho)
morreu Pedro(?) Palmeirim(?). Que a alma preclarissima d'este
jovem viva em paz. Amen.

Será isto?

Desculpe-me, por quem é, esta trapalhada; que
não dá mais quem não o tem para dar, e creia-
-me sempre dedº e amº

C. Manuel de Aguiar Barreiros

E. C. — 1265

a. D. — 1227

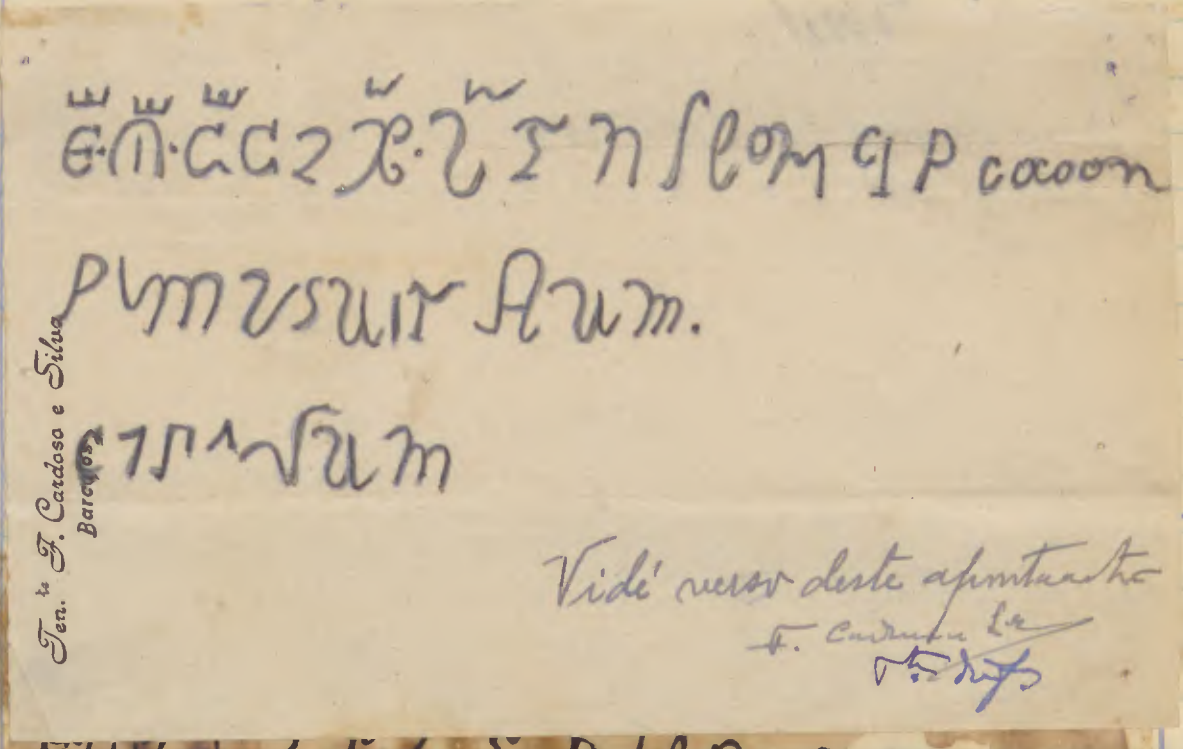
D. Sancho 2.º — 1223 a 1245

Decerto memória de desastre com
algum jovem. Caída do penêdo
para o lado do rio, ou coisa parecida,
q o vitimou.

Palacio Duques de Bragança:

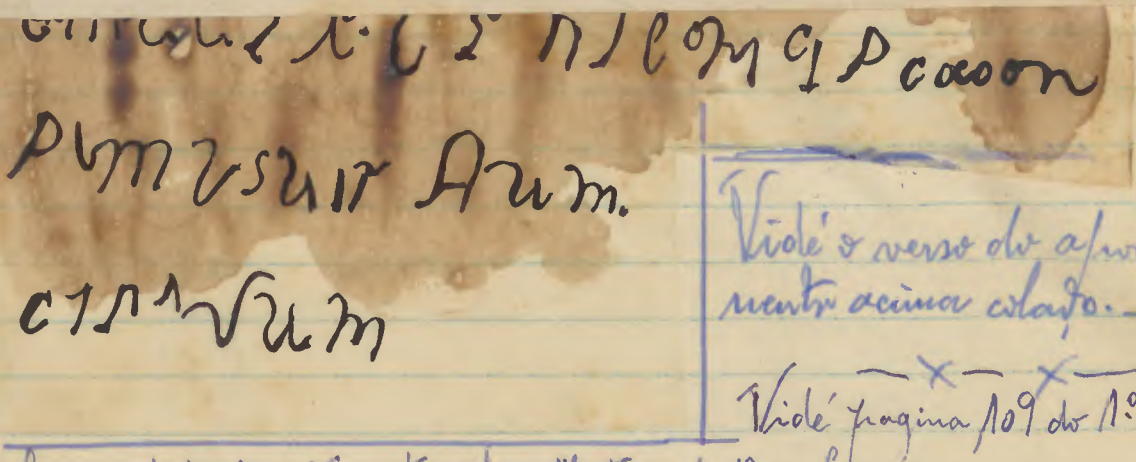
Vidé páginas 109 e seguintes do 1º Volume destes apontamentos.

É escusado dizer-se a tradução da seguinte inscrição



Ten.te F. Cardoso e Silva
Barcellos

Vidé verso deste apontamento
F. Cardoso e Silva



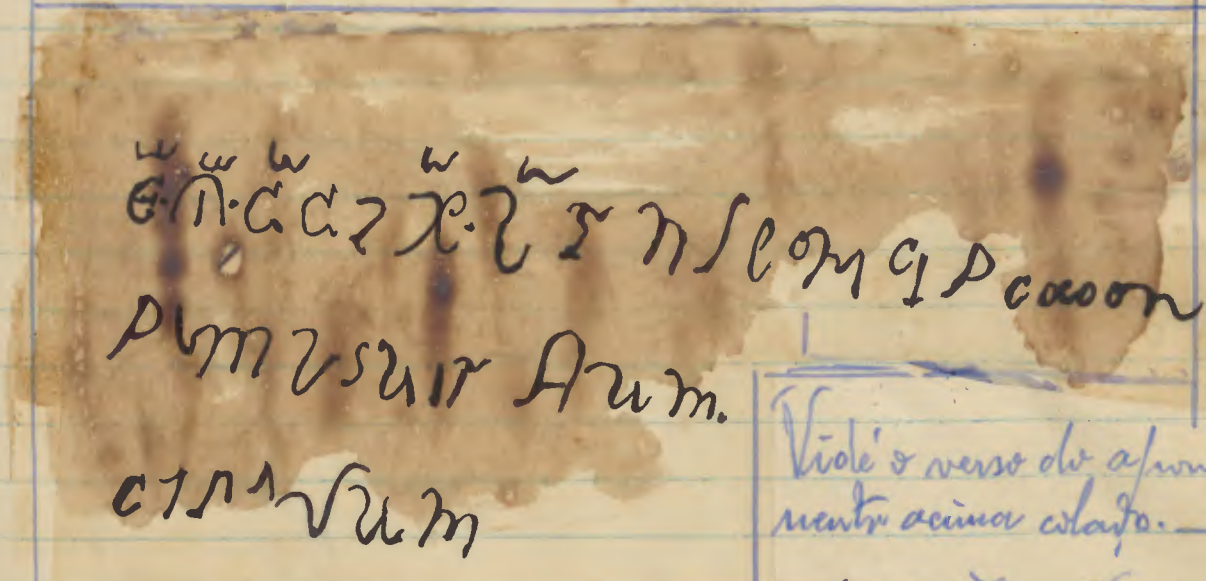
Vidé o verso do apontamento acima citado.

— x — x —

Vidé pagina 109 do 1º Volume destes Apontamentos sobre a Historia de Barcellos.

"Existem estas letras em um Pinedo p.º traz do Logar, na Torre da Ponte desta Villa de Barcellos escriptas por mim em 20 de Ag.to de 1845".

Antonio da Silveira



Vide o verso do apontamento acima citado.

— X — X —

Vide pagina 109 do 1.º Volume destes Apontamentos sobre a Historia de Barcellos.

Rancho Infantil Barcelense

Monumentos medievais

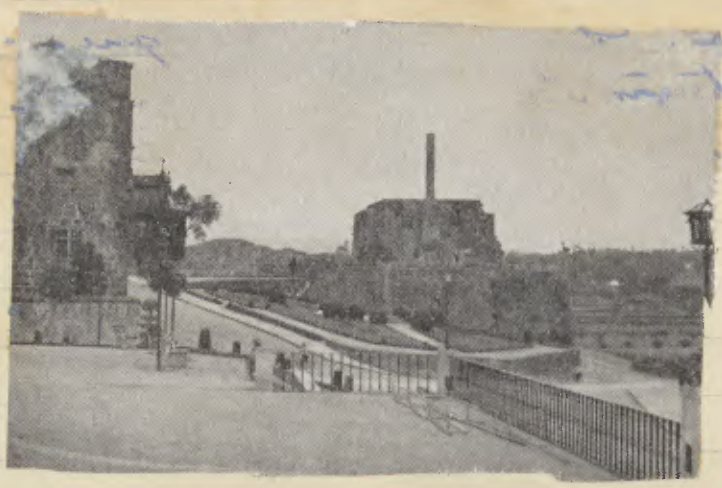
Em cima: — A Torre da Porta Nova.

X

BARCELOS — O antigo paço-solar de Azevedo, na freguesia da Lama

Esta casa está situada no Largo Dr. José Novais.—

BARCELOS — Uma curiosíssima fachada quinhentista, na cidade



Barcelos e os seus monumentos medievais

por Luiz Fernanda

(Correio do Minho, de Braga, de 4 d'Agosto de 1932)

Barcelos conserva da velha urbe medieval alguns monumentos e muitas arquitecturas e das épocas posteriores diversas casas fidalgas e edifícios civis e religiosos de boa traça e sugestiva construção a permitir conjecturar o que era a vida feminina condado estabelecido em Entre-Lima.

A burga medieval foi reconstruída e ulteriormente ampliada no século XV por D. Afonso, 8º Conde de Barcelos e 1º Duque de Bragança, e depois beneficiada pelos sucessivos donatários. Esse mesmo senhor de Barcelos, filho bastardo de rei D. João I, mandou construir com magnificência, como se pressupõe, o Paço dos Duques agora em ruínas, e cujas grandes levantadas e traça das juntas, deixam ver arquitectura semelhante à dos Paços de Guimarães, edificados pelo mesmo donatário, e à da Casa dos Condes de Vianna do Castelo, mandada erguer por João Velho, armador dessa família senhorial. A velho paço ducal ligava-se a ponte por um passadiço lançado à torre que a defendia por norte. A ponte, antiga construção romana, foi também reconstruída por D. Afonso e é possível que fosse ainda torreada na outra extremidade, como seria lógico e já por sua similitude com a de Cabeça, em Torre de Juramenha [illegible] arquitecto da Casa [illegible] dos Paços de Guimarães [illegible] Antonio assim aparece um nome a sugerir procedência francesa — o fosse também das obras de Barcelos e da casa de João Velho. Derruiu por 1800, após ficar abalada no terramoto de 1755, essa enfezada torre, e ponte já em ruínas, decerto ameiadas, a que ainda conserva sua feição medieval com

os cinco grandes arcos ligeiramente apontados e, nos intervalos destes, pesados pregões - enfiadas de agulas.
Das muralhas, que cingiam a antiga vila, restam apenas a Torre da Porta Nova, que não deve ter sido de menagem e pregueiro e meros vestígios.
As outras torres - do Vale e a citada da Ponte - e portões - Apuir e Pregaf - desapareceram bem como as respectivas portas. Abaixo - se altaneira a Torre da Porta Nova e mediante escadas de madeira, recentemente feitas, proporciona miranda sobre a cidade. Quadrada, com portas e janelas ogivais é bom exemplar de arquitectura militar medieval.
Teve obras por quinhentos, por quanto de cima de ameias estilizadas a lembrar outras decorativas que rematam construções minhotas da época.
Ao mesmo 8.º Conde deve reconstituir, prolonga-da por largo espaço, a Matriz, de fundações romanas e que havia de haver novas obras, designadamente no período quinhentista como se sabe da sua abside, cuja abobada da capela-mór ostenta a data de 1504 e revela os últimos fulgores do gótico. N'essa instituição reflete-se o nome de Gil da Costa, juiz de então, a que juntamente não se deve esta obra aos donatários de Barcelos.
Pela época e de se saber da abobada da capela-mór da Matriz de Viana, mandada fazer pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, pode concluir - se que seja obra-lho dos artistas bracarenses disseminados desde Caminha a Braga. A Matriz bracarense, que foi sagrada desde 1464, possue três naves, mais alta e de mais largura a central - com largos arcos ogivais, denotando, pelas colunas e capitéis, que fora abobadas, desde há muito substituídas por tectos de madeira; e recebe luz por janelas - frestas de arco redondo ou levemente apontado.

e uma notícia, confirmando reminiscencias romanicas.

A sua frontaria em empena angular tem altaneira torre à direita, quadrada e sem cúpula ou ameias, tem portão ogival de arquivoltas e curiosos capiteis alguns historiados que em jeito de botareus cinge. A porta fronteira é já renascentista e a porta travessa sul foi entaipada para estabelecer altar. No interior existem varios altares e capelas laterais, algumas abobadadas em caixotões e em trambos lacunatives de familias do concelho. A transeptia no lado da Epistola portuga-se em grande capela e o do Evangelho foi cortado para alargar e regular a frontaria da igreja do Principio e um seu sitio ocupado o orgão com grande revestimento de talha. Como a fonte e Paço dotal, o pelourinho e o solar de Barbadão nas suas imediações, está a Matriz classificada de monumento nacional e recentemente teve obras de reintegração.

Em estilo gotico é a porta da capela de S. Francisco, na antiga rua dos Mercadores, instituida em virtude de Inês Anes da Costa, no ano de 1509, e cuja primeira traça está alterada. E da época medieval é o solar dos Pinheiros ou de Barbadão, contemporaneo do seculo XV pelo Dr. Pero Botaves - primeiro casado a Inês Pires, a mãe do bastardo de D. João I, a filha deste Barbadão?! - e da traça absolutamente medieval na primitiva construção, virada a sul, e, no seculo seguinte, acrescentado pelo Poente com um largo corpo de mais um pavimento a todo o correr e com duas torres, talvez muitos tempos ameiadas.

Na fronte quinhentista apresenta lindas janelas. É um dos mais interessantes solares da época no País.

À esquerda:
O Solar de Barbadão.

BARCELOS—Casa que foi de D. Nuno Alvares Pereira

Esta casa está situada na Rua de S. Francisco fazendo frente para o Largo do Arquivo.

× ×

À esquerda

Porta típica quatrocentista de um prédio em frente ao Teatro Gil Vicente — antigo Largo de S. Francisco e hoje (1927) Largo Dr. Martins Lima.

× × ×

O BOMJESUS DACRUZ

ILUMINADO

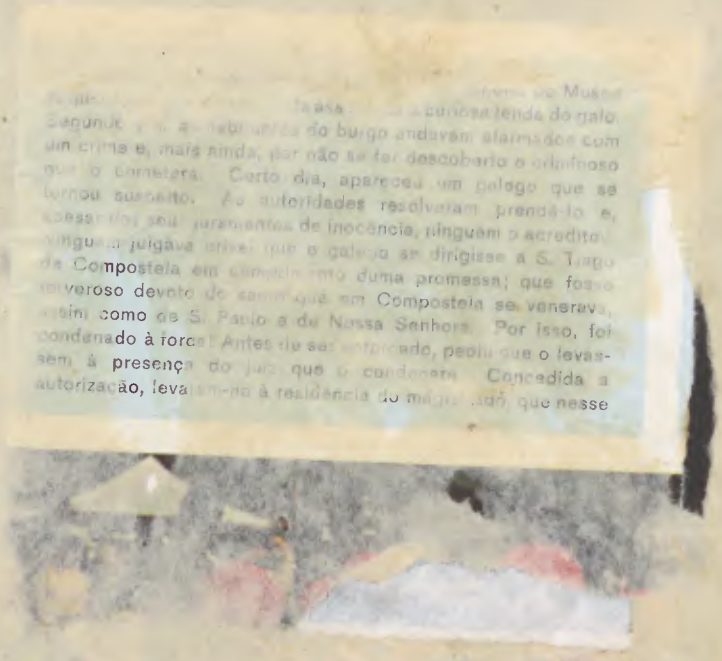
— Posto Medico da Federação das Caixas de Previdencia —

Foi inaugurado solenemente na presença do Chefe do Estado Almirante Americo Tomaz e todas as autoridades do Distrito em 12 de Junho de 1967.

Vista parcial da fachada principal do novo Posto Clínico de BARCELOS

Está situado no Campo 1 de Maio, antigo Campo de D. Carlos.

Hotel



Aspectos da Feira que se rea

Apuntamiento
de Barcelona